

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**  
**CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ELSA RAMOS PAIM***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História

Entrevistada – Elsa Ramos Paim (EP)

Entrevistadores – Cristina Fonseca (CF) e Verônica Brito (VB)

Data – 27/04 a 17/06/2004

Duração – 7h26min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PAIM, Elsa Ramos. *Elsa Ramos Paim. Entrevista de história oral concedida ao projeto Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. p. 239.

Data: 27/04/2004

### Fita 1 - Lado A

CF – Então vamos dar início, hoje, estamos no dia 27 de abril de 2004. Vamos dar início à entrevista com a dra. Elza Paim. Os pesquisadores da Casa de Oswaldo Cruz: Cristina Fonseca e Verônica Brito. Bom, dra. Elza, vamos começar desde o começo mesmo, né? (*ri*) A gente queria que a senhora falasse um pouquinho de onde a senhora nasceu, como é que era a sua família, seu pai, sua mãe, seus primeiros estudos, né, pra gente começar a acompanhar um pouquinho sua trajetória.

EP – Bom, eu nasci em Belém do Pará em 20 de julho 1919, uma senhora idade, né?! O meu pai ele era (*Eliezer?*) de França Ramos e a minha mãe Felicidade Rodrigues Ramos. O meu pai... eu nasci em Belém, mas o meu pai veio da Paraíba em busca de melhores condições de trabalho em Belém, né? Engraçado, naquela época... hoje em dia as pessoas vêm do Nordeste pra o Sul, naquela época não sei por quê, o deslocamento era do Nordeste pra Belém.

VB – Pra o Norte, né?

EP – Pra o Norte. Devia haver alguma razão. E ele veio pra Belém e a minha mãe veio da Galícia na Espanha. Ela veio como emigrante, né, ela, a mãe dela e mais duas irmãs. Eles se encontraram, se casaram e eu nasci.

CF – A sua mãe foi direto pra Belém... veio da Espanha direto pra Belém?

EP – Veio direto pra Belém. Tinha uma coisa também, a migração era muito pra o Norte, principalmente da Espanha, né? Espanha, Portugal, (?) minha mãe pra lá. Bom, então esses dois que não são paraenses, não eram paraenses, né, se juntaram em Belém, se casaram. O que o meu pai fazia? O meu pai era músico. Músico, professor de música. Ele fazia parte de uma... uma banda, né? – hoje em dia se chama conjunto, né? – uma banda e eles tocavam, porque naquela época em Belém havia muito... eu não sei bem se era cassino, mas havia uns lugares que as pessoas tocavam e dançavam. Aí o meu pai fazia parte de uma banda... que trabalhava nessa coisa de tocar nesses ambientes, né? Além disso ele tinha alunos. Ele era um excelente músico!

CF – Ele tocava que instrumento?

EP – Ele tocava uns sete instrumentos. Ele tocava violoncelo, tocava trombone, tocava saxofone, tocava trompete... Era uma coisa impressionante o meu pai!

CF – Que maravilha!

EP – E eu me lembro muito do meu pai tocando saxofone, porque eu adorava o som do saxofone. Bom, a minha mãe era doméstica, como quase todas as mulheres naquela época, ela era doméstica. Onde começaram as minhas...

CF – Aí senhora fez, a senhora nasceu em Belém e começou os estudos lá... fez todos os estudos lá.

EP – Nasci em Belém. Em Belém, em Belém. Nós morávamos num bairro meio afastado e não havia... Grupo Escolar por perto. Então os meus primeiros estudos foram com uma professora particular, acho que isso ainda existe no Brasil. A gente, elas tinham uma mesa... uma mesa como essa, então ela reunia os alunos de várias séries num mesmo – eu não sei como ela conseguiu – num mesmo ambiente, né? O nome dela era professora Isaura Darcy Souza, eu me lembro disso até hoje. E eu fiz todo o meu curso primário com ela, né? Quando terminou o curso primário, a minha família já tinha se mudado pra um... pra um outro local, outro bairro... (*CF fala algo*). Mais no centro... mais no centro de Belém, na Avenida... hoje em dia é Brás de Aguiar, que fica atrás da Avenida Nazaré. Tem três grandes avenidas em Belém, tem: São Jerônimo, Nazaré e São Brás; que eram... que são paralelas. Conhece Belém?

CF – Não conheço.

EP – Ah, minha filha, tem que conhecer! Aquilo é uma terra maravilhosa!

CF – Tenho muita vontade de conhecer.

EP – É. Então (*VB fala algo*) eu já estava (?). Aí eu fiz prova pra o... para o... para a Escola Normal e passei. Apesar de ter feito o meu curso primário todo com professor particular, uma professora só pra não sei quantos alunos! (*ri*) eu passei muito bem.

CF – Aí era direto, não tinha o que a gente tem hoje de secundário, curso secundário, era só o primário?

EP – Secundário era primário... Não, era diferente o esquema, né? Do primário você passava pra o Curso Normal ou pra o Ginásio. Entendeu? Você tinha... diferente.

CF – Ah! Porque hoje em dia o Normal vem depois do Ginásio.

EP – É, mas agora..., mas naquela época não. Você entrava direto ou pra o Instituto... – o que hoje seria mais ou menos o Instituto de educação, né, naquela época – ou pra o Ginásio. Bom, aí eu fiz a minha prova, fiz o Curso Normal todo, né?

CF – Por que é que a senhora escolheu fazer o Curso Normal? A senhora já tinha idéia...

EP – Não, minha filha. É porque naquela época você tinha opção de ser professora.

CF – E a senhora já queria ser professora, já era uma coisa...?

EP – Eu queria trabalhar, a minha ambição era trabalhar. Então eu tinha que procurar uma coisa que me desse uma profissão. E eu gostava também um pouco de ensinar, né? Depois fiz o Curso Normal...

CF – E por que tão nova a senhora já tinha essa vontade de querer trabalhar? Era uma coisa... não era uma coisa comum na época não, né?

EP – Não, não era. Eu acho que isso aí foi uma coisa bastante importante na minha vida porque eu tinha uns amigos, rapazes, meu pai sempre dizia que nunca viu, a filha dele só tinha amigos rapazes. Isso era muito bom porque as moças naquela época eram mais limitadas, né? Eu acho. E eles eram mais abertos, politicamente até. E a gente começou... a gente teria naquela época. Se eu ficar com muito detalhe, depois vocês cortam.

CF – Não, não tem problema.

EP – A gente lia muito o quê? (??), (*Ardel?*), (*Green?*), que eram autores água-com-açúcar, mas era o que a gente tinha pra ler. Eu gostava muito de ler. e um dos meus amigos, chamado Carneiro, carneiro era muito politizado e falava: “Mas você tá lendo essas coisas?! Eu vou te dar uns livros.” Aí, minha filha, foi que abriu minha cabeça. Ele me deu um livro, não sei se vocês conhecem... uma... a primeira cronista brasileira, uma das primeiras, chamada... tô até com o nome dela aqui... Maria Lacerda de Moura?

CF – Não.

EP – Nunca ouviram falar dessa mulher?! Precisa...

CF – Deve estar, tem... tem... duas pesquisadoras aqui da Casa, a Bianca e a (*Nádia?*), elas estão começando a fazer um trabalho de pesquisa sobre cientistas...

EP – Maria Lacerda de Moura. Eu peguei até na Internet porque eu não me lembrava bem como é que era ela na época...

CF – Maria Lacerda...?

EP – Maria Lacerda de Moura. Ela... Se você quiser ficar com esse papel aqui eu deixo, eu tenho...

CF – Ah, ótimo! Eu acho que elas vão querer.

EP – Né? Então ela... (*ri*) eu comecei a ler uns livros...

CF – Aí, quer dizer, teve esse seu amigo Carneiro...

EP – Carneiro quem me ajudou, quem...

CF – ...foi quem deu o livro dela.

EP – ...me deu os livros dela, né? Então era, entre os livros tinha um chamado “Em torno da educação, a mulher moderna e seu papel na sociedade atual” Isso, olha... né?!

VB – É.

EP – Né?!

CF – Isso era em que ano? 1900 e...

EP – 1900 e...

CF – 35?

EP – Por aí, por aí. Mas ela nasceu... 1887 e já em 1904 ela começou a lecionar. E ela foi uma mulher formidável! Eu acho que ela foi a primeira ativista política, era meio anarquista. Então os livros dela abriram muito a minha cabeça. Eu comecei (*ri*)... a querer ser uma pessoa independente, né? Eu comecei a achar que não ia me casar, que era besteira esse negócio de casamento... O que eu queria era estudar, né, e trabalhar pra ser uma pessoa independente. Outros autores também que me influenciaram muito foram: Madame Curry, (??); Isadora Duncan... Eu comecei a ler o que se tinha de melhor nessa época. E depois ele começou a me dar pra ler Jorge Amado... então todo esse pessoal me influenciou...

CF – ...a sua formação.

EP – ...a minha formação. Jorge Amado, primeiro que eu li dele foi Capitães de Areia, depois eu li Mar Morto e outros. Graciliano Ramos, José Lins do Rego... de modo que as minhas leituras eram muito diferentes das leituras das moças da minha época, né? Porque... Bom, e com isso...

CF – E sua família, seu pai, sua mãe, não se opunham a essa...

EP – Não, de jeito nenhum! Meu pai era muito aberto, meu pai era muito aberto. E minha mãe só ficava zangada porque ela achava que eu lia demais e estudava de menos. (*risos*) “Essa menina só vive com livro na mão, só vive...”, mas o livro me ajudou muito.

CF – A senhora teve irmãos ou era filha única?

EP – Eu tenho, não, eu tive, cinco irmãos...

CF – Cinco.

EP – Cinco comigo, né? Éramos cinco. Eu; Eliezer, que foi contador, depois foi até gerente do Banco da Amazônia... Orlando, que foi da Aeronáutica, morreu de um desastre; e duas irmãs que moram ainda aqui, que são domésticas, as duas.

CF – E suas irmãs não tinham esse mesmo interesse como a senhora pela leitura? Não, a senhora...

EP – Não, coisa nenhuma! Era eu na família e estamos conversados. (*risos*) Bom, então com isso...

CF – Isso influenciou muito, né?

EP – ...eu comecei a achar que aquele negócio de ser professora, né, não ia... não ia responder ao que eu queria. Aí termina o curso... a gente quando terminava o curso naquela época, a gente tinha... – não sei se é ainda assim – a gente tinha que primeiro trabalhar no interior, né?

VB – Curso Normal.

EP – Depois é que a gente vinha... Curso Normal. Depois é que a gente vinha chegando pra capital. É uma das minhas experiências mais engraçadas...

CF – É porque a senhora fala... desculpa, só um minuto. A senhora terminou o curso em 39, não é isso?

EP – 39.

CF – Em 1939 que a senhora se formou, né?

EP – É, exato. Aí...

CF – Quer dizer, em pleno Estado Novo, né?

EP – Em pleno Estado Novo. Naquela época a gente participava das... das passeatas, né? Passeatas patrióticas, a gente participava. Foi na época do Getúlio esse negócio, não foi?

CF – Foi! Pois é... (*falam ao mesmo tempo*)

EP – Pois é, quando Getúlio foi a Belém a gente foi recebê-lo... Então aquela coisa, eu acho que o negócio era meio... Bom. Então, terminei o curso, eu tive uma experiência muito engraçada fazendo o estágio de professora, de aluna ainda. A gente ensinava, fazia parte prática nas escolas do município, ainda. E uma das coisas que mais me marcou, me deu medo de ser professora, era a atitude dos alunos. Os alunos eram terríveis! Dizem que os alunos dessa época são terríveis, naquela época eram terríveis! Eles brigavam na sala de aula, era uma coisa horrível! Eu falei: “Eu não quero essa profissão pra mim. Não quero mesmo.”

CF – Quer dizer, a experiência do estágio foi uma coisa ruim, né?

EP – Foi. Desastrosa. Pra mim não foi bom. Os outros... as pessoas se... acostumavam e tal, né?

CF – Mas isso era uma coisa assim, regra geral, de um modo geral todos os alunos eram assim? Todas as turmas...

EP – A turma que eu peguei era uma turma terrível. Deve ter sido meu azar. Bom, a essa época, estava meio perdida assim, e aí um dia deu no jornal, eu vi, um edital de concurso pra fazer um curso de visitadora sanitária. Foi logo em seguida que eu me formei, né? Aí me formei em 39, o curso de visitadora sanitária foi em 1940. Nessa época as enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde, elas saíam por esse Brasil afora preparando pessoal pra as secretarias de Saúde. Preparava o pessoal, organizava os serviços, depois elas iam pra os outros estados, né? Esse curso que eu fiz era d. Leontina Gomes. Uma mulher extraordinária...

CF – Era uma enfermeira.

EP – D. Leontina Gomes. É. Uma mulher extraordinária, que conseguiu passar toda essa coisa, todo esse fascínio da Saúde Pública pra gente, né?

CF – Ela era de lá do Pará, de Belém do Pará? Não...

EP – Não, ela era enfermeira do Departamento Nacional de Saúde.

CF – Daqui do Rio.

EP – Do Rio.

CF – Estava lotada aqui no Rio.

EP – Aqui no Rio. E como eu estava dizendo, as enfermeiras desse departamento saíam pra dar os cursos, preparar pessoal nos estados...

CF – É na época do João de Barros Barreto, era o diretor.

EP – Exatamente! É isso aí! Na gestão do...

CF – João de Barros Barreto. E o Gustavo Capanema era ministro da Educação e Saúde Pública...

EP – Isso! Exatamente. Então eu me encantei com o curso, me inscrevi, fiz a...

CF – Fala um pouquinho sobre o curso. A senhora lembra um pouco como é que era esse curso, quais eram as disciplinas...?

EP – Olha, o curso era um curso de um ano... tinha... Engraçado, ele copiava um pouco o 4º ano de Enfermagem de Saúde Pública nas escolas de Enfermagem.

CF – Ah, é?! Depois a senhora foi ver isso, mais tarde.



EP – Mais tarde eu fui ver. Mas quando eu vi o... Mas a gente tinha, por exemplo: microbiologia, parasitologia, anatomia, fisiologia... A gente fez um cursinho, não era nem só o curso de ... a parte de Saúde Pública. Era um curso de enfermagem (?), né? E depois tinha a parte técnica, né, que era muito boa. Ia gente do Rio de Janeiro, do Departamento, pra dar aula pra gente.

CF – Cada, quer dizer, cada curso desse era uma pessoa que dava? Microbiologia era um professor...

EP – Era um professor. Parasitologia era outro... Um curso muito bem estruturado.

CF – E a parte técnica era o quê, dra. Elza?

EP – Quem dava a parte técnica era a Leontina.

CF – E o que é que ela ensinava?

EP – Era a parte de enfermagem em Saúde Pública.

CF – Ela era o quê? Pra gente ter uma noção...

EP – Vamos chegar lá, vamos chegar lá.

CF – Tá, vamos lá.

EP – Bom. O curso se destinava a preparar visitadoras mais ou menos como essa coisa do agente de Saúde de hoje.

CF – Saúde da família.

EP – Saúde... agente de Saúde. Só que era muito mais, o curso era muito mais profundo, dava muito mais base pra gente. E eu me encantei com o curso. Fiquei assim deslumbrada e fiz o curso muito bem... Quando o curso terminava, a gente era lotada nos centros de Saúde. A gente começava a trabalhar imediatamente, né?

CF – Fazia algum estágio antes de começar a trabalhar, durante o curso tinha estágio?

EP – Não. Não tinha porque estavam em formação os serviços de lá. A gente já começava a trabalhar.

CF – Mas deixa eu lhe perguntar só mais uma coisa, não era muito difícil não, a senhora saindo de um curso Normal entrar num curso assim... não foi...?

EP – Pra mim não era mesmo. Eu, sei lá, não sei se era porque eu estava muito entusiasmada com o curso, porque pra mim foi fácil, foi muito bom. Eu gostei muito.

CF – Quantas pessoas fizeram o curso com a senhora? A senhora lembra?

EP – Nesse que eu fiz eram cerca de 10 alunas. Mas houve outros cursos depois.

CF – E como é que era essa seleção? Como é que... A senhora viu o anúncio no jornal...

EP – Vi o edital, fui lá, fiz uma entrevista com a Leontina... Tinha uma entrevista. Seleção era entrevista. Ela queria professoras. Porque na parte de visitação tem muita parte educativa, né? Muita parte educativa. Bom, então eu fui lotada...

CF – Mas todas as pessoas que fizeram o curso eram professoras.

EP – Todas eram professoras.

CF – As 10 alunas.

EP – Eram professoras. Bom, então eu fui lotada num centro de saúde que ficava no centro da cidade. Uma coisa muito interessante, porque apesar de eu ser de Belém eu conhecia muito pouco a área, os arredores, não conhecia. E quando a gente se... terminava o curso, a gente podia escolher o local pra onde a gente ia trabalhar. E eu achei um... uma área muito bonita, o nome “Pedreira” ... “Pedreira, eu vou pedir a Pedreira.”

CF – A senhora não tinha nem noção onde era. (*ri*)

EP – Não tinha a menor noção! Aí pedi a Pedreira, a d. Leontina riu: “Você quer ir pra Pedreira, minha filha? Vai pra Pedreira.” Bom, então o trabalho era o seguinte: você saía de manhã... uma parte técnica você aprendia inclusive a prestar cuidado em casa, sabe, não é só a parte educativa não, você prestava cuidado. Então a gente tinha uma maleta com material pra prestar cuidado, né? Era pinça, era algodão, era... aqueles cuidados mais simples...

CF – Material de fazer curativo, essas coisas.

EP – É, curativo de criança principalmente. Naquele tempo nascia muita criança em casa com curiosa. Então a gente chegava de manhã no centro de saúde, pegava a maletinha da gente, pegava o plano de serviço, que no princípio era feito por d. Leontina, depois era feito por nós, pegava um bonde... pegava um bonde e me largava na Pedreira.

VB – E como era a Pedreira?

EP – Era no fim do mundo! (*risos*) Uma área paupérrima, né?! Só de gente... mas isso foi bom pra mim pra chuchu, porque me deu um conhecimento de um tipo de população que eu não conhecia, né? As necessidades deles... Então, em Belém...

CF – A senhora foi sozinha? Cada uma ia pra um centro de saúde diferente...

EP – Cada uma ia pra o seu... recebia um mapa, né? E cada uma ia pra o seu... pra o seu...

VB – Pra o seu bairro.

EP – Seu bairro.

EP – Quer dizer, a senhora fez esse trabalho, chegou em Pedreira sozinha, não tinha outra colega do curso...

EP – Sozinha! Não tinha ninguém pra nada! E o mais engraçado era que eu era muito tímida. Então pra mim foi um negócio, uma experiência incrível, eu ter que chegar na casa das pessoas, bater... né?...

VB – Superar a timidez.

EP – Pedir pra entrar porque tem criança... primeiro foi assim: porque tem criança, tem gestante... primeiro a gente estava levantando o que tinha. Em Belém nessa época, ainda tem (?), tinha muito caso de Hanseníase, mas muito. E essas regiões mais pobres eram onde havia maior. Porque a lepra é muito em função de falta de higiene, essas coisas, né? Então eu tive (?), o que é que a gente fazia? A gente descobria... – a gente chamava de “Descoberta”, né? – descoberta encaminhamento de gestante e de crianças para o centro de saúde. Descoberta de casos de doenças transmissíveis: hanseníase, tuberculose... Descoberta de outros casos de doenças transmissíveis mais raras: sarampo, essas coisas. Fazia notificação pra o centro de saúde, né, dessas coisas que a gente encontrava. E tinha uma coisa muito interessante naquela época, que a gente, a orientação da saúde pública era não tratar as crianças doenças – Já pensou que maluquice?! – A gente visitava as crianças, fazia puericultura. Tinha um Departamento Nacional da criança que a gente fazia puericultura. Aquele negócio me dava uma revolta! Porque eu encaminhava as crianças que estavam sadias pra o centro de saúde pra pesar, pra medir, pra esse tipo de orientação... E as crianças que estavam doentes, o que é que eu fazia com elas?! Aí...

CF – Não podia encaminhar pra o centro de saúde pra ser tratada lá?

EP – Não, no centro de saúde você fazia puericultura. Teve uma época, depois essa coisa mudou.

CF – Ah! Aí tinha que encaminhar pra o Departamento Nacional da Criança. (??)

EP – O centro de saúde onde tinha um serviço. Não é? Porque o Departamento Nacional de Saúde era aqui no Rio! (*falam algo*)

EP – Mas cada centro de saúde tinha... tinha materno-infantil, tinha tuberculose, tinha lepra, né? – Desculpe eu falar lepra, mas eu...

CF – Não tem problema!

EP – ...não sou do tempo da hanseníase não.

CF – Não tem problema nenhum! (*ri*)

EP – Era lepra mesmo!

CF – Tinha Serviço Nacional da Lepra (?)...

EP – Tinha Serviço Nacional da Lepra. Bom, então a gente trabalhava esses programas todos que vinham do Ministério, né, que orientavam o trabalho dos centros de saúde.

CF – Hum, hum. Mas aí o que é que fazia então com essa pessoa doente? Ela ia pra onde?

EP – Ela não ia pra lugar nenhum. Porque a gente não tinha...

CF – Não era tratada?

EP – Não, ela não tinha... Naquele tempo não tinha tratamento de lepra.

CF – Sim, mas se fosse uma pessoa com tuberculose?

EP – Não tinha tratamento de tuberculose específico. Bom, mas na tuberculose ainda tinha o que fazer. Na tuberculose tinha um tratamento chamado “Pneumotórax” ... – Vocês nunca ouviram falar nisso, né?

CF – Já.

EP – Pneumotórax. Então a gente encaminhava os pacientes para os centros de saúde e lá eles recebiam orientação, faziam pneumotórax, recebiam umas vitaminas... recebiam orientação pra fazer repouso e boa alimentação... Um bando de gente pobre, como é que podia fazer boa alimentação?! Aquele negócio que estava mexendo na minha cabeça, né? E os casos de hanseníase ou a gente encaminhava o paciente pra o Leprosário... – em Belém tem um enorme Leprosário ou – as famílias não gostavam que mandasse pra o leprosário. Então as famílias construíram atrás das casas – nos casos de lepra – uma espécie de puxadinha, se chamava “Puxadinhas”. E o doente morava lá, entendeu? Então o pessoal já tinha uma noção de contágio, de que não podia ter um contato muito demorado, né, com aquelas pessoas. As pessoas eram mais ou menos segregadas, os doentes.

VB – (*Ficavam separadas?*), né?

EP – Eram segregadas mesmo. E isso era uma coisa terrível porque havia casos de hanseníase que não eram transmissíveis. Há um tipo de lepra que não é transmissível, né? E ninguém sabia disso, então o pobre do paciente que não era transmissível, também ficava... ficava confinado.

CF – Ou ia pra o leprosário ou ficava separado nessas...

EP – Ficava confinado. Mas o povo tinha pavor de leprosário. Pavor. Então pra gente entrar numa casa, as vizinhas é que avisavam: “Ali tem um leproso.” Aí a gente ia na casa (??). Eu dizia logo: “Olha, não vim buscar pra o leprosário. Só vim conversar, saber como é que ele está...”. Então a gente visitava esses doentes, né, regularmente. Os tuberculosos a gente fazia esse encaminhamento pra os centros de saúde, depois fazia... fazia o acompanhamento em casa, né? Pra ver a questão de higiene, tentar separar alguma coisa... Morava todo mundo num cômodo só. Então como é que você fazia aquela coisa de...

CF – Transmissão...

EP – Era uma barbaridade! Tuberculose era uma barbaridade! Bom, então...

CF – E o que mais, que outras doenças? A senhora lembra assim de doenças que tenham uma incidência maior naquela época (??)?

EP – Naquela época não. Me lembro dessas duas que me marcaram muito, né, porque era... as que tinham mais.... Tinha o quê? Muita diarreia! Muita diarreia infantil. Esse negócio é que me machucava muito. Não tinha pra onde mandar as crianças com diarreia.

CF – Não tinha, não podia mandar pra o centro de saúde.

EP – Pra o centro de saúde não. Então eu tinha que conseguir mandar pra o hospital, né? Aí eu comecei a... a diversificar os meus encaminhamentos. Já tinha uma Santa casa, encaminhava pra Santa Casa, né, os casos que precisavam ser...

CF – ...tratados.

EP – ...atendidos. E a gente...

CF – Isso não gerava muito conflito não? Porque (?) é uma coisa complicada, né? A pessoa ter... a senhora diagnosticar que precisa de um tratamento médico, o centro de saúde não faz (??)...

EP – Não. Naquela época não fazia, depois mudou. Mas naquela época era puericultura.

CF – E só, né?

EP – E puericultura cuida de criança sadia. A criança leva todo mês pra pesar...

CF – Qual era o argumento, d. Elza? Eu quero saber, porque eles achavam o quê, que tinham que encaminhar pra o hospital? Isso não era...?

EP – Olha, o argumento era quê... Eu não sei qual era o argumento, eu sei que a orientação era que puericultura era pra cuidar de criança sadia, né, e o posto de saúde não era pra cuidar de criança doente. Na minha época. Depois, felizmente, esse negócio mudou.

CF – E o posto médico não fazia assistência médica.

EP – Não, não fazia assistência médica.

CF – Era só de saúde pública.

EP – Não fazia assistência médica, fazia orientação de gestante, a gente fazia todo o pré-natal, né, a gente tinha outra coisa também, controle de curiosas, que a gente já tinha desde aquela época. Você sabe o que é curiosas, parteira...

CF – Sei! As parteiras.

EP – É. Eu visitava... (*ri*) eu tinha várias curiosas, as curiosas trabalhavam nesses bairros mais pobres, porque nos outros tinha parteira formada, tinha médicos...

VB – Controle de curiosas, vocês tinham o nome de todas elas, né? Vocês faziam, vocês tinham o quê? A lista das curiosas (??)...

EP – Não, a gente, um dos trabalhos da gente, era descobrir as curiosas da área da gente, né? Então até a procuração, avisava, a gente dizia assim: “Olha, quem foi que fez o parto da senhora?” “Foi a d. Maria.” “Onde é que mora a d. Maria?” Aí a gente procurava a d. Maria, né, e começou um trabalho com a d. Maria. Porque havia uma porção de práticas de... cuidado de umbigo, por exemplo, o que morria de criança de tétano (*umbilical?*) era uma barbaridade! Por quê? Porque elas usavam as coisas mais malucas do mundo pra... pra ferida umbilical. Olha, eu vi coisas do arco-da-velha. Tinha um negócio que fica... chama, lá no Pará se chama (*Picumã?*), não sei como é que chama aqui.

CF – Picumã?

EP – É. Picumã é um negócio, por exemplo, você... uma cozinha muito velha, que fica pendurado aquele negócio de fumaça, não fica?

CF – Ah, defumado, né?!

EP – É. Tirava aquele negócio, botava no umbigo. Botava...

VB – Eram as coisas mais loucas, né?!

EP – As coisas mais loucas. Botavam fezes de vaca...

CF – Nossa!

EP – ...que era assim, era levar o bacilo pra ferida, né? Então um dos trabalhos que eu acho que era mais importante da gente, era o trabalho de orientação da curiosa. A gente conversava com ela, levava material, ensinava como é que ela devia tratar a criança, ensinava como é que elas podiam... por exemplo: se elas tinham uma mulher em trabalho de parto, até aonde

elas podiam chegar. Quando era necessário chamar o médico ou chamar a (*ambulância?*). Era isso, era o controle do tétano, que a gente fez muitas vezes e a gente estabeleceu uma relação tão boa com essas curiosas, tão boa, pelo menos na minha área era uma maravilha!

CF – É que elas receberam bem.

EP – Muito bem!

CF – Elas não se sentiram invadidas...

EP – Sentiram que... eu dizia pra elas: “Por que é que a criança...?” “A criança morreu de mal de 7 dias.” Mas o que é que é o mal de 7 dias? A senhora sabe? 7 dias depois que a criança nascia, cortava o umbigo, botava aquele troço, a criança estava morta, né? Aí a gente começou a mostrar que havia uma forma de acabar com isso e a forma era simplesmente lavar as mãos, a parteira cortar as unhas, lavar as mãos, né, fazer a higiene da mulher na hora do parto e ter maior cuidado com o cordão umbilical. Tesoura... a gente levava a tesoura! Dava tesoura fervida pra ela, tinha que ferver a tesoura, aprendia a ferver... dava os curativos, né, prontinhos para usar, e elas entregavam pra gente a notificação do nascimento. Então havia uma troca, né, a gente recebia a notificação do nascimento dado pela curiosa, isso a gente levava pra o posto e pra o registro civil, entendeu? Era um trabalho bem...

CF – Tudo bem coordenado.

EP – Tudo bem coordenado.

CF – Quer dizer que então elas recebiam bem isso. Elas não...

EP – Muito bem! Elas...

CF – Elas nunca resistiam aos ensinamentos não, né?

EP – Eu nunca tive nenhum problema com curiosa em nenhum lugar do Brasil. Trabalhei com curiosas em vários lugares. Elas geralmente recebiam muito bem a gente. Agora, tinha uma abordagem, né, muito favorável, que não chegava: “A senhora...” não.

CF – De uma forma autoritária.

EP – Não. A gente começava a conversar e tal: “A senhora não acha que podia ser melhor... as suas crianças estão morrendo muito, né, as suas mulheres estão morrendo de parto... Então na hora em que a senhora vir que não está caminhando o parto, a senhora tem de chamar a ambulância.” Parece uma coisa tão simples, né? Mas ainda hoje, nesse país, ainda tem isso aqui. Bom, então era basicamente isso: doenças transmissíveis, materno-infantil... (*interrupção da fita*)

CF – ...doenças transmissíveis: esquistossomose, doença de chagas...

EP – Não, lá no Pará não.

CF – Não tinha nada disso não.

EP – Esquistossomose era uma coisa que tinha, pelo menos não naquela época, nem descoberto, né? Esquistossomose tinha muito no Nordeste.

CF – Doença de chagas...

EP – Malária! Puxa, eu ia me esquecendo da malária! Malária...

CF – Tinha muito, né?

EP – Tinha muita malária. Muita malária mesmo naquela época. Mas a malária não era trabalho pra gente, eram os guardas do DENERu que cuidavam da malária, né?

CF – Mas aí o DENERu é mais tarde, né, nessa época ainda era Serviço... década de 40, 41 ainda era Serviço Nacional da Malária.

EP – Mas tinha algum serviço que cuidava. Não sei se era o DENERu...

CF – Serviço Nacional da Malária, né? Quer dizer os guardas da malária, né?

EP – Serviço Nacional da Malária, os guardas da malária. E eles faziam um trabalho muito bom, eles iam de casa em casa, borrifavam... Olha, eu tinha a maior admiração pelo trabalho deles.

CF – Mas havia alguma colaboração entre o trabalho das visitadoras com os guardas?

EP – Havia muito! Quando a gente sabia que tinha um caso a gente avisava pra eles, né? Então a gente trabalhava muito entrosado.

CF – Peste tinha lá no Pará? Não, né? Peste?

EP – Não. Na minha época não tinha peste não.

CF – Peste era mais no Nordeste.

EP – Mais no Nordeste. Bom, o que mais? Bom, naquela época tinha uma coisa interessante que a gente tinha que distribuir BCG, vacina contra tuberculose. BCG já tinha naquela época. Só que o BCG daquela época era BCG... não era (*liofilizada?*) como é hoje, era BCG líquido. E ele tinha prazo de validade. Bom, a gente estava lá no Pará, o BCG vinha aqui do Rio, né,



quando chegava lá às vezes, a gente recebia o BCG no dia que a validade estava vencida. Olha, mas a gente ficava desesperada! E aí você saía do trabalho de tarde, porque à tarde a gente tinha, à tarde a gente ficava no posto pra trabalhar nos ambulatórios e pra fazer o serviço escrito. Quando eu chegava no posto, que tinha chegado BCG “Eu tenho... eu tenho que levar esse BCG, meu Deus do céu, porque amanhã não vale mais!” Aí, minha filha, a gente viu várias experiências de sair às 4 horas da tarde do centro de saúde, pegar o bonde, ir lá na casa da criança pra dar o BCG. Às 4 horas da tarde. E voltava às 5, 6 horas da tarde. A minha família já tinha até mobilizado a polícia pra saber aonde é que eu andava, né? (*risos*) Então a gente fazia muito disso. Todas, não era só eu. Quer dizer, havia uma dedicação enorme de todas as pessoas que trabalhavam e a gente realmente... eu acho, por mim eu adorava o meu trabalho.

CF – Quanto tempo a senhora ficou nesse trabalho?

EP – Visitadora eu fiquei...

CF – Quer dizer, a senhora fez o curso...

EP – Uns dois anos.

CF – ...terminou o curso em 1940 e em 41 a senhora começou a trabalhar mesmo como visitadora.

EP – Eu comecei a trabalhar. Mas aí aconteceu o seguinte, como eu tinha sido uma das melhores alunas do curso, ganhei uma bolsa pra fazer enfermagem aqui no Rio de Janeiro. E devo ter trabalhado como visitadora uns dois anos.

CF – Quer dizer, 41 e 42.

EP – 41 e 42. Exatamente. 42 eu vim pra o Rio... foi em 42 que eu vim pra o Rio... 41... 41 que eu vim pra o Rio.

CF – É, porque a senhora veio, de 41 a 45 a senhora ficou aqui.

EP – É, 41 e 45. Eu trabalhei um ano, um ano e pouco.

CF – Um ano mais ou menos como visitadora.

EP – Aí a gente ganhou a bolsa, né? O governo dava, a gente mantinha o salário da gente... – um salário como visitadora, naturalmente, trabalhava... – o governo mantinha o salário da gente, mas não dava a passagem. “E agora, como é que eu vinha pra o Rio de Janeiro sem passagem?” Meu pai não tinha dinheiro pra me pagar passagem pra eu vir pra o Rio de Janeiro, aí... eu e uma outra colega chamada Laura, também que fez o curso comigo. E a gente ficou “Bom, como é que a gente pode arranjar dinheiro pra passagem...?” Naquela época a passagem era de navio, né? No Ita. No Ita. Já ouviram falar: “Peguei meu Ita no Norte...”? (*ri*) Aí, felizmente, a Nestlé estava lançando um leite novo, não me lembro bem o nome do

leite, e precisava de pessoas pra serem demonstradoras dos leites nas casas das famílias. Aí eu pedi pra minha chefe se ela deixava eu, num horário qualquer, fazer isso pra ganhar um dinheirinho. Bom, aí consegui o dinheiro da passagem...

CF – Aí com isso a senhora conseguiu pagar a passagem.

EP – ...comprei a passagem. E vim pra o Rio de Janeiro. A gente mantinha o salário de visitadora (*falam ao mesmo tempo*). Hein?

VB – E a senhora veio de navio, veio no Ita.

EP – Vim no Ita.

VB – É? Quanto tempo demorava essa viagem?

EP – Olha, se não me engano demorava uns 15 dias a viagem. Ah, mas era ótimo, foi ótimo!

VB – É?! Gostou.

EP – Eu nunca tinha saído da minha casa, né? Foi uma viagem maravilhosa! Adorei, não enjoei, foi uma beleza a viagem! Aí chegamos aqui, pra Escola de Enfermagem Ana Néri...

CF – E aqui a senhora aqui ficou onde? Tinha parente aqui...?

EP – Não, minha filha! Antigamente a Escola de Enfermagem Ana Néri, tinha... – como é que diz? – internato. Você sabe onde é o Fernandes Figueira?

CF – Sei.

EP – Ao lado do Fernandes Figueira tem um prédio enorme, na época que eu vim, aquele prédio era um internato da Escola de Enfermagem Ana Néri.

CF – Ah, tá!

VB – Aquele que está sendo restaurado...

CF – Que é da UNE...

EP – É. Depois que entregaram, depois que a Escola passou pra o Fundão, né? – eu nunca me conformo de terem acabado com aquilo ali porque realmente era uma coisa maravilhosa – a gente ficava internado lá, né, (*VB fala algo*). É, daqui a pouco (??) ... .. a gente ficava internada, mas era um internato muito bom. O pessoal diz que eu sempre fui muito otimista, mas eu adorei o meu curso de enfermagem mesmo em regime de internato. Por quê? Porque a Escola tinha um esquema de muita recreação pra gente, uma sala... – eu estou entrando em muito detalhe? (??)...

CF – Não! Tá ótimo, que é isso!

EP – Então o... tinha um salão enorme embaixo, um piano... e as alunas que tocavam, tocavam de noite, a gente dançava... Tinha uma belíssima biblioteca ali naquele internato... e os quartos da gente eram quartos muito bons. O meu quarto dava pra o Fernandes Figueira. Nós éramos três alunas em cada quarto.

CF – Tinha muitas alunas?

EP – Tinha. Nessa época tinha muita gente. Tinha o seguinte, olhe, entrava... Só havia essa Escola de Enfermagem no Brasil, então ela recebia gente do Brasil inteiro. Alguns anos depois foi que abriram a Escola de São Paulo, que depois começou a se disseminar, né? Bom, então a gente ficava lá...

CF – Então vinha gente do Brasil inteiro.

EP – Do Brasil inteiro.

CF – Mais ou menos quantos alunas, assim, pra ter noção? Umas 40, 60...?

EP – Não... ah, tinha muito mais! Na minha turma... tinha uma coisa curiosa. Entraram 40 alunas... Porque o curso era assim: tinha o Preliminar, depois tinha o 1º ano, 2º ano, 3º ano, né? Eram 4 anos de curso. Aí entrava uma quantidade enorme de gente, só que o preliminar durava seis meses. Quando acabava o preliminar a gente fazia uma prova e a maioria ia embora. Era muito duro...! tinha muita gente...

CF – Ah! Era só quem passasse nessa prova preliminar que continuava o curso.

EP – É. O preliminar era o seguinte, a gente tinha um período em que a gente não ia ainda no hospital, né? A gente tinha uma série de matérias teóricas de Microbiologia, Paleontologia, Anatomia, Psicologia... e... Bom, então a gente não ia pra hospital nessa época. Tinha aula, aula, aula. Depois que a gente fazia as provas, uma vez aprovada é que a gente ia pra o hospital. E o nosso hospital de treinamento, de estágio, era o hospital chamado São Francisco de Assis.

CF – Hum. Na Presidente Vargas.

EP – Que ainda existe, né? Caindo aos pedaços! Naquela época ele já estava caindo aos pedaços.

CF – É mesmo?!

EP – Era um horror aquele hospital! E vocês sabem que ali naquela região era zona do meretrício, né?

VB – É.

EP – Bom, então a gente tinha (*VB fala algo*) o Pavilhão de aulas, que existe até hoje, fica na frente e o hospital fica atrás. O hospital fica bem na Presidente Vargas, né? E o...

VB – (??) lá atrás.

EP – É. Agora, pra gente passar da... da escola pra o hospital, a gente não ia pela rua, tinha um túnel.

VB – Ah, é?!

EP – Tinha um túnel ligando a escola ao hospital. Então... aí a gente ia pra o hospital. Tinha... o primeiro impacto meu no hospital foi uma coisa terrível! Porque as enfermeiras, as enfermarias eram enormes, velha que não acabava mais, tinha muito paciente crônico, muito paciente crônico, muita velha... e pra mim foi um choque tão grande o primeiro dia, que eu cheguei de volta na escola e falei: “Eu vou embora de volta pra minha terra! Eu não fico aqui!” (*risos*) Porque eu via as pobres daquelas mulheres...

CF – Por quê?

EP – ...mulheres tão sofridas ali. Bom, mas aí eu tinha uma chefe muito boa, conversei com ela, ela falou: “Que é isso, Elza?! É o primeiro dia! Você vai se acostumar.” Bom, eu me acostumei de tal forma...

CF – Mas a senhora ficou assustada pelo tipo de doença ou pelas condições do hospital...?

EP – Pelas condições! Olha, você imagina como a gente fazia serviço da noite, ... você via percevejo subindo pela parede! Aquilo ali era a sucursal do inferno! Sabe? Bom, mas aí eu me adaptei, comecei a gostar das minhas velhas, né? As velhas de quem tratava... fiz o preliminar todo, depois eu passei o 1º ano, 2º ano, 3º ano, né, aí acaba o curso de Enfermagem.

CF – Quantas... eu perguntei mais ou menos à senhora, quantas pessoas tinha mais ou menos nesse 1º ano...

EP – O 1º ano, minha filha, ...

CF – A senhora acha que passaram nessa prova...

EP – Passaram 12 ou 13.

CF – As turmas eram pequenas.

EP – As turmas eram muito pequenas. Porque havia uma seleção muito rigorosa. Eles deixavam entrar...

CF – E aí depois do preliminar...

EP – ...experimentavam, né, e depois te mandavam pra casa tranqüilamente. Ou então a própria pessoa desistia.

CF – Porque via que era muito difícil.

EP – Porque o trabalho era duro. Olha, você tinha, depois que a gente passava pra o hospital, a gente tinha necessariamente estágio no hospital, todo dia. E à tarde a gente tinha aula. Então era um negócio muito pesado, né? Você acordava cedíssimo, ia pra o hospital, voltava, almoçava, ia pra aula. Às vezes até 4, 5 horas. Olha, pra estudar de noite, de noite no quarto.

CF – Vivia em função do curso, né?

EP – Vivia... Mas totalmente em função do curso! Bom,...

CF – Quem eram os professores? A senhora lembra? Alguém que dava aula pra senhora...

EP – Ah, (??) meu Deus do céu! Paulo de Góis, professor de Microbiologia...

CF – Ah, é?! O acervo dele está aqui com a gente.

EP – Ah, é?!

CF – É. A família doou.

EP – Tinha um outro de Parasitologia que eu não consigo me lembrar do nome, mas era fantástico. Tinha... sei lá! A hora que eu me lembrar eu... Bom, então nós passamos por esses professores todos que eram gente que vinha da Faculdade de medicina dar aula pra gente.

CF – A cadeira de Saúde Pública tinha, quem dava...?

EP – Só, isso era só no final do curso. Saúde Pública era o último período do curso de Enfermagem. Primeiro você tinha que ter toda essa passagem pelo hospital, né?

CF – Ah, entendi!

EP – Então a gente fez estágio em vários hospitais, não foi só lá não.

CF – Ah, não foi só no São Francisco não.

EP – Não! São Francisco foi uma fase. Depois nós fizemos estágio no Miguel Couto. O Miguel Couto foi entregue pra escola, né, pra escola organizar e tudo. E a gente foi fazer estágio no Miguel Couto. Era outro ambiente, né? Era assim... como é que a gente ia pra o hospital? Tinha um ônibus que levava a gente e que trazia, né, pra o hospital. Bom, então...

VB – O Miguel Couto era onde hoje é o Miguel Couto?

EP – Ainda é o Miguel Couto de hoje. Depois nós fizemos estágio, já mais tarde, a gente fazia estágio de cirurgia, fazia instrumentação, né,... e tinha um negócio que fazia o trabalho da noite, trabalho noturno. Trabalho noturno naquela época, a gente fazia... cinco noites seguidas. Você trabalhava, chegava às 7 da noite no hospital... ficava até às 7 horas da manhã quando chegava a nova turma, né? Você não podia dormir em hora nenhuma.

CF – E ia pra aula direto? Não, né?

EP – Às vezes ia, às vezes não ia. Dependendo dos horários que a gente organizava.

VB – Muito puxado!

EP – Era pesado, mas era muito bom. Bom, aí...

CF – A senhora lembra de outros hospitais além do Miguel Couto (??)?

EP – Me lembro do Hospital Central da Aeronáutica, depois a gente... na época da guerra, aquele negócio, a gente ficou lá uma temporada e foi muito bom o estágio lá, era outro ambiente, né? E...

CF – Era um hospital mais bem equipado.

EP – Muito bem equipado. Me lembro bem da comida de lá que era excelente! (*risos*) Muito bem equipado. A gente tinha, aonde a gente fazia... a parte de cirurgia, instrumentação, a gente tinha um quarto pra gente esperar porque cirurgia, tinha cirurgia de emergência, você não ia ficar acordado a noite inteira, né? Então você tinha quarto pra ficar... Muito bom mesmo. Fizemos estágio no Hospital São Sebastião, que é de doenças transmissíveis como é até hoje. Né? O que mais? Que eu me lembre, basicamente foi isso.

CF – Esses estágios duravam o quê? Um mês? Dois meses, seis meses? Como era o período?

EP – Olha, dependia muito das disciplinas que a gente estava dando. Né?

CF – Ah, ia acompanhando (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Era ligado às disciplinas.

CF – Ah, tá, entendi!

EP – Então você tinha enfermagem médico-cirúrgico, você tinha enfermagem clínica-médica, você tinha enfermagem pediátrica... Ó, eu fiz estágio no Fernandes Figueira! Na parte de maternidade, fiz estágio no Fernandes Figueira...

CF – Não chamava Fernandes Figueira ainda nessa época.

EP – Não, chamava... – como é eu chamava, meu Deus do céu? Eu vou me lembrar do nome.

VB – Esqueci. Era o nome de um diretor...

CF – Era Olinto? Olinto de Oliveira? Não.

EP – Não.

CF – Porque Olinto de Oliveira era diretor do Departamento Nacional da Criança nessa época.

EP – Não me lembro não. É, mas não me lembro... (*falam ao mesmo tempo*) e lá eu fiz (??)...

CF – Aí então ia acompanhando...

EP – Acompanhando a disciplina.

CF – Mas o São Francisco de Assis era o quê? Era a disciplina de que, que fazia lá?...

EP – O quê?

CF – O... não...

EP – Puericultura... não, pediatria a gente fez no Fernandes Figueira. Maternidade a gente fez na Maternidade Fernandes Figueira. Quer dizer, a gente tinha aula teórica e tinha a parte prática, né? Então a gente assistia parto, algumas vezes a gente fazia... se bem que naquela época enfermeira não fazia parto, depois é que passou a fazer parte do currículo.

CF – E no São Francisco de Assis era o quê? Clínica médica. Era estágio em clínica médica.

EP – Clínica médica, clínica médica... clínica cirúrgica... e depois no São Sebastião, doenças transmissíveis.

CF – A senhora lembra do São Sebastião nessa época assim, quais as doenças que eram...?

EP – Lembro, eu lembro bem! O hospital era exatamente o que era hoje. Ele não mudou, a estrutura é a mesma e tinha aquelas... os pacientes eram separados por... – como é que chama?... – uma espécie de uma cortina. Os pacientes mais graves ficavam no quarto. A gente tinha meningite, tudo quanto é doença que você podia pensar! Quando você ia pra lá você fazia todas as vacinas existentes na época.

CF – Pra prevenir...

EP – Pra evitar de se contaminar. A gente usava máscara, né, e tinha uma técnica muito especial pra lidar com doenças transmissíveis. A gente aprendia como lavava a mão, como é que vestia o capote, né, aquele negócio todo, né, pra gente ter uma idéia. E no final do curso

é que a gente tinha saúde pública. Que aí eu fui me reencontrar com meu trabalho de visitadora sanitária, né?

CF – Quem dava aula de saúde pública?

EP – Quem dava era uma enfermeira chamada Rosaly Taborda...

CF – Rosaly...

EP – Rosaly Taborda. Que já morreu, foi... eu não sei se tem algum registro da d. Rosaly. A d. Rosaly foi uma mulher, uma enfermeira que trabalhou muito nesse país. Ela começou a organização do Hospital dos Servidores do Estado, ela também ia nesses grupos que davam cursos... D. Rosaly Taborda, ela morreu já, ela era bem velhinha.

CF – Ela era do Departamento Nacional de Saúde?

EP – Nacional da Saúde. Depois ela foi ser professora da Escola, né? Tinha outra lá... Bom, a matéria que a gente tinha nos cursos eram muito interessantes. A gente... antigamente não tinha o curso de Nutricionista – não sei se vocês sabem disso – então a gente dava, o nosso curso era muito amplo pra suprir uma porção de coisa. Você imagine, a gente tinha Nutrição porque não tinha nutricionista, então a gente é que orientava as dietas, sabe? Não era uma coisa engraçada isso?! Não tinha Nutrição. Não tinha pessoa pra fazer fisioterapia, a gente aprendia massagem. (??) O curso era muito amplo! Hoje em dia...

CF – Muito abrangente, né?

EP – Muito abrangente. Dava um trabalho danado, mas era muito abrangente. Eu me lembro quando eu fazia serviço da noite no Miguel Couto, os doentes esperavam eu chegar pra fazer massagem nas costas deles. (*risos*) Ah, mas era tão gostoso aquele negócio! Chegava: “D. Elza chegou, d. Elza chegou!” (??) Bom, e tem um bando de coisa pitoresca que não vale a pena...

CF – Ah, pode contar! (???)

EP – Ah, mas é muita coisa, muita coisa, não acaba mais! A gente tinha uma enfermaria no Miguel Couto de diabetes, o Hospital Moncorvo Filho tinha uma boa clínica de diabetes. Pegou fogo, não sei por que uma época lá... e eles levaram a clínica lá pra o Miguel Couto. Essa história é muito engraçada. E fiquei responsável – era aluna ainda, hein?! – pela enfermaria de diabéticos. O professor era o professor (*Anis Dias?*).

CF – Anis Dias.

EP – É, Anis Dias. E... aquele negócio de diabete, você tem de medir (*urina?*) todo o dia, você tem que tirar sangue, você tem que controlar a dieta... tem que ver isso, tem que ver aquilo. Eu tinha o maior cuidado com aquele negócio. Quando era de manhã que a gente chagava, alguns pacientes tinham que tomar suco de laranja rápido, porque estava entrando



em glicemia... “O que é que isso?” Aí o dr. Anis Dias me chamou e disse: “Olha, que é que está acontecendo? A prescrição está toda certa, né? Que é que está acontecendo?” Aí eu disse: “É porque à noite...” – eu me lembrei, à noite ficava uma atendente do estado, do município – aí eu digo: “Vai ver que ela está mudando a medicação, né?” Aí eu chamei a senhora e disse assim: “Olha, você está seguindo direito...?”, porque quase todo dia o médico mudava. Porque diabéticos graves tinham de ser bem controlados. Havia um controle terrível. “Você tem olhado as prescrições diariamente?” Ela disse: “Nem preciso!” (*risos*) “Nem preciso! Porque desde que eles vieram aqui eu copiei a prescrição e todo dia eu faço como naquele dia.” Aí eu caí sentada! (*risos*) Falei: “Dr. Anis Dias, olha aqui, ...” chamei, falei pra ele: “Aconteceu isso, assim, assim ...” Aí sabe qual foi a resposta dele? “A senhora ao pode ficar dia e noite?” “Olha aqui, doutor, eu sou aluna, eu estou aprendendo, né? Não pode.” Aí foi aquela confusão, tiveram de arranjar uma outra pessoa... Mas você já pensou o que se pode acontecer?!

CF – As conseqüências, né?

VB – As pessoas podem (!)?

EP – É. Mas nesse negócio tinha uma coisa muito engraçada. Tinha uma diabética moça, bonita e ela ficava na janela... o Miguel Couto tem uma espécie de varandinhas, né, ali por... Tinha, não sei se ainda tem. E ela costumava ficar na janela e o nosso motorista começou a ficar encantado com ela, né? E um dia ele me perguntou: “D. Elza, eu soube que amanhã é o aniversário da d. fulana, queria que a senhora levasse um presente meu pra ela, tá?” “Pois não.” E me dá um pacote desse tamanho. Eu digo: “Meu Deus, o que será isso?” Quando a gente abre o pacote é um belíssimo bolo confeitado! (*risos*) E agora, como é que eu ia falar pra o seu Miguel que a namorada dele não podia comer aquilo?! E tem uma porção de coisas assim, pontuais, né? Que a gente lembra ainda, até hoje.

CF – Bom, mas voltando ao período de saúde pública, a senhora fala então que o final do curso foi um curso feito, foi a disciplina de saúde pública, né?

VB – Saúde pública, quer dizer, de alguma forma a senhora se reencontrou com sua experiência.

EP – E o meu trabalho de visitadora. Pra mim foi fácil fazer saúde pública porque eu já tinha experiência, as outras minhas colegas não tinham, né? Então a gente fazia... a (??) tinha uma disciplina chamada Saúde Pública que era a versão mais apurada do que a gente fazia lá. E a gente visitava, fazia visita aqui nos morros. Imagine se hoje em dia isso seria possível, hein?! Fazia visita nos morros...aquela região ali da Leopoldina, né? Que era mais perto da escola. Trabalhava no centro de saúde, a mesma coisa que a gente fazia lá em Belém, só que era um trabalho mais aprimorado, a gente já tinha outra experiência..., mas tinha a mesma coisa: controle de curiosa, tinha pré-natal, tinha... Mas aí já tinha mudado o negócio que você já podia encaminhar a criança doente. Quer dizer, em 5 anos tinha havido uma mudança no conceito de atenção integral à criança, não era só a criança sadia pra ver se estava gordinha, bonitinha, não era isso, né? Bom, aí eu fiquei muito contente com esse negócio.

CF – Qual era o centro de saúde, d. Elza?

EP – Esse centro que eu fiquei... sabe aquele da Praça da Bandeira?

CF – Sei.

EP – Aquele centro de saúde da Praça da Bandeira. Foi lá que eu fiquei. Cada uma ficava...

CF – ...num centro, né?

EP – Fiquei lá.

CF – Agora, deixa eu lhe perguntar uma outra coisa, esse trabalho de visitação, ele era concentrado sobre a mãe, sobre a criança ou era pra família...?

EP – Pra família de um modo geral.

CF – Se o pai estivesse com alguma doença também encaminhava...?

EP – Não, a gente encaminhava. Já nesse segundo... já nesse negócio, né, a gente já podia encaminhar o pai, pelo menos, os outros irmãos...

CF – Quer dizer, era pra toda família.

EP – Lá já tinha o programa do pré-escolar, que lá não tinha.

CF – Como é que é isso?

EP – Já tinha higiene escolar... Pré-escolar, o trabalho a gente fazia na escola, né? na escola que tinha pré-escolar. E o trabalho de higiene escolar também que era feito nas escolas, também fazia. Que era o quê? Vacinações, orientações... sobre higiene, sobre isso... as crianças adoraram porque fazia uma parte do trabalho delas, né?

CF – Quer dizer, as enfermeiras iam às escolas...

EP – Isso. Íamos às escolas.

CF – ...fazer vacinação, orientar as pessoas...

EP – Exatamente. Orientava o professor e os alunos, né?

CF – Sei. E isso era dentro, ainda como um desdobramento do curso de saúde pública.

EP – Do curso de saúde pública. (?) enfermagem e saúde pública. (??) saúde pública e enfermagem exercem fora dos muros do hospital. É a enfermagem que vai, né, ao domicílio, né, que vai à escola... Bom.

CF – E aí então... porque tem uma coisa, a senhora está chamando atenção pra uma coisa importante, d. Elza, quer dizer... já tem uma distinção e uma especialização dentro do próprio curso de enfermagem então, né?

EP – Ah, sim!

CF – Quer dizer, ao longo do curso. Você passa, a enfermeira passava por um processo de formação geral, mas depois ela teria de se especializar dentro de uma área ou ela ia atuar na área de saúde pública...?

EP – Não, ela tem que fazer saúde pública, mas ela não é obrigada a trabalhar depois em saúde pública.

CF – Ela podia ir pra o hospital, trabalhar no hospital.

EP – Podia trabalhar no hospital, né? Podia trabalhar em escola, não é? E ela podia ficar em saúde pública. Né? havia um leque enorme, por exemplo: maternidade, ... né? E aí de acordo, até com a tendência de cada uma, né, as pessoas se dirigiam pra onde, depois que a gente se formava, ou pra onde arranjava um emprego, né? (ri) Porque tem mais essa: onde tinha emprego.

CF – A senhora já tinha na época assim noção do que a senhora ia se encaminhar pra área de saúde pública nisso?

EP – Sim. Desde que eu fiz o curso de visitadora...

CF – Desde aquela época.

EP – Eu vim fazer enfermagem pra fazer saúde pública. Era a minha direção. Eu tinha uma direção, eu acho, muito... muito boa desde esse início. Eu fiz, eu gostei muito do curso de enfermagem de um modo geral, aprendi uma porção de coisa, ajudei muita gente. Mas a minha... a minha finalidade básica era voltar a trabalhar em saúde pública. Bom. Terminei o curso de enfermagem...

CF – Em 45, né?

EP – 1ª Guerra, né?...

CF – É, porque a guerra acaba em 45. Já tinha terminado a guerra...

EP – É. Acontece uma coisa muito interessante, a escola entra num pós-guerra pra mandar enfermeiras pra... pra Itália, pra fazer transporte de paciente da Itália pra... da (África?) pra Itália (?). Mandou o primeiro grupo de enfermeiras já formadas. E o meu grupo estava terminando. Já tinha terminado o estágio e a (??) tinha pedido pra eu ficar na escola mais um tempo...

CF – Quem?

EP – A d. Laís que era diretora.

CF – D. Laís.

EP – É Laís Neto dos Reis. Tinha pedido pra eu ficar na escola mais um pouco, pra dar umas aulas sobre primeiros-socorros. Ela achava que eu dava muito bem, então eu fiquei. Escrevi pra Belém dizendo que eu não podia voltar ainda, que ia ficar na escola. Nesse meio tempo a escola resolve... o primeiro grupo de enfermeiras pra ir pra... pra ir primeiro pra os Estados Unidos, fazer treinamento especializado...

CF – Ah, é?! Aonde?

EP – ...depois pra Itália.

CF – Fazia aonde?

EP – Nos Estados Unidos.

CF – A senhora não sabe aonde.

EP – (??). Bom. Foi a Regina (*Bordal?*), foi uma porção de gente... já ‘top’, né, já enfermeira formada. E aí surgiu a necessidade de um segundo grupo. E a d. Laís consultou a minha turma que estava terminando... se a gente gostaria de fazer. Bem, eu sempre gostei de fazer coisas novas, fiquei entusiasmadíssima: “Então vamos fazer o curso pra ir pra guerra...!” – Nessa hora eu já estava até noiva, você imagina! (*risos*) – aí...

CF – A senhora ficou noiva aqui, no Rio?

EP – O meu marido foi meu paciente. (*risos*) mas isso é outro papo. Mas aí... – onde é que eu estava?

CF – Aí ela lhe perguntou se a senhora queria fazer o curso...

EP – Se a gente queria. Minha turma topou totalmente. Nós éramos 12 ou 13. Aí nós fizemos o curso aqui. E era muito engraçado porque a gente fazia o curso sabe aonde? No Campo dos Afonsos. A caminhonete pegava a gente de manhã, né, na escola que era lá, no internato... a gente ia pra o Campo dos Afonsos e lá a gente tinha natação... – imagine que curso maravilhoso?! – Natação, exercício físico e treinamento pra transporte de paciente, né, em avião, aprender os cuidados com o paciente em um vôo, os doentes, aquele negócio todo...

CF – E quem dava esse curso, quem...?

EP – Eram duas enfermeiras americanas. Elas vieram especialmente pra dar o curso pra gente. Graças a Deus que elas falavam português, porque naquela época eu não falava inglês! (*risos*) Então a gente fez o curso durante três meses, gostei muito do curso... Eu acho que eu gosto de tudo que eu faço, sabe? Eu acho que a minha vantagem é essa. Gostei muito do curso. Quando..., mas aí quando acabou o curso, acabou a guerra! (*risos*) Aí, né, aí a gente recebeu uma medalha, recebeu não sei quê, mas infelizmente a gente não...

CF – Não precisou ir pra Itália, né?

EP – Infelizmente ou não, felizmente, a gente não precisou ir pra Itália. E tem um episódio muito engraçado nesse negócio que a gente teria de ser treinado pra pular de pára-quedas... (*interrupção da fita*)

## Fita 2 - Lado A

CF – A senhora estava falando da... do...

EP – ...do treinamento pra pára-quedista.

CF – É, quando acabou o treinamento... assim...

VB – Não, ela contou a história (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP – Isso é só uma anedotazinha que se vocês quiserem (??) com o avião, não? (*risos*)

VB – Ela... (*falam ao mesmo tempo*).

EP – É por aí. Bom, durante o treinamento a gente fez alguns vôos aqui, né, (*por cima?*). E os... Isso não precisa entrar não, mas pode tirar que isso é só recordação.

CF – Não, mas é interessante.

EP - E o... Como é? Os aviadores que (?) avião de (*looping?*), aquele... (?) formidável. A gente (*falam ao mesmo tempo*).

CF – E a senhora não tinha medo não?

EP – Hein?

CF – Não tinha medo não?

EP – Naquele tempo eu não tinha medo de nada, eu acho (*risos*). Bom, aí... bom, vamos negócio do (?). (?) todo o treinamento, aprendi a saltar, vestir aquele negócio todo. E estava marcado o dia para a gente saltar de pára-quedas. Aí, a d. Laís, que era uma mulher muito

sensata, disse assim: “Eu vou assistir esse negócio.” (?) acabou, não vai ter coisa nenhuma, (??). (*risos*) Dona Laís chegou lá no Campo dos Afonsos. Quando ela viu a gente toda empetecada, com aquele negócio nas costas, ela disse: “Primeiro, eu sou responsável por todos vocês, não é? Vocês vieram das suas casas, eu não permito que vocês pulem (?). Em segundo lugar, por que é que enfermeira precisa saltar de pára-quadras? Ela vai deixar o paciente lá em cima e vai saltar pra se salvar?” Acabou a festa (*risos*) para a gente, acabou a festa! Aí não houve mais nada, bom, aí acabou o curso, aquele negócio todo, e aí eu voltei pra Belém.

CF – Quando terminou esse curso terminou a guerra...

EP – Terminou a guerra.

CF – ...e aí a senhora volta para Belém.

EP – Eu voltei para Belém.

CF – Aí a senhora vai para a Escola de Enfermagem Magalhães (*Barata?*)?

EP – É.

CF – Isso em Belém, em 45, né?

EP – É, exatamente. Aí...

CF – Quer dizer, então já tinha uma escola de Enfermagem (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Já tinha, estava recém... recém-formada, recém-inaugurada. E a gente foi, quer dizer, quando eu cheguei lá o meu trabalho foi esse, foi organizar centro de treinamento para as alunas da escola de...

CF - ... de Enfermagem?

EP - ... (*de Belém de Pará?*). Aí a gente começou a organizar, éramos eu e mais uma outra enfermeira chamada Ana Clara.

CF – Também veio daqui, (?)? Também fez o...

EP – Ana Clara também era enfermeira da Saúde Pública...

CF - ... fez o curso aqui?

EP - ... era enfermeira da Escola Ana Néri, da Escola Ana Néri. Aí a gente recebeu uma aula da Santa Casa pra transformar, pra poder servir de estágio pra as alunas, né? Aí foi uma trabalhadeira infernal.

CF – Essa escola era uma escola pública ou era particular?

EP – Não, era pública.

CF – Era do DNES, vinculada...?

EP – Escola... Escola de Enfermagem Magalhães Barata que chamava.

CF – E era vinculada ao Departamento Nacional de Saúde?

EP – (*tosse*) Era uma escola vinculada à universidade, né?

CF – Ah, tá!

EP – Você me arranja mais um pouco d'água? Acho que... não, ainda tem aqui, (?) (*tosse*).

VB – Mas eu vou pegar. Aqui tem, eu pego pra a senhora.

EP – Só um pouquinho. ... ..

CF – Aí traz e deixa aqui.

EP – Aí a gente... a gente... quer dizer, esse trabalho lá... Nessa época Belém saía daquela confusão da guerra, né? Não tinha nada em Belém, era uma pobreza! Não tinha nem o que comer direito... E eu fiquei lá o quê? Uns 6 meses.

CF – Mas a senhora era contratada (*pela Escola?*)?

EP – É, eu voltei... é, quando eu voltei eles reformaram o meu contrato, de visitadora pra enfermeira.

CF – Mas a senhora era, então, funcionária do estado ou do Departamento Nacional de Saúde?

EP – Eu fui funcionária do Estado....

CF – Ah, tá.

EP - ... do Estado do Pará.

CF – Entendi.

EP – Bom, aí, nessa época. Aí...

CF – Aí a senhora trabalhou esses 6 meses nesse treinamento pra a Escola de Enfermagem...

EP – Preparando o pessoal, treinando as alunas, né? Nessa época a gente tinha um diretor lá de... diretor de Saúde Pública, que era um cara muito... muito bom, muito legal, e ele descobriu, não sei como, que eu estava noiva no Rio. E falou: “D. Elza, a senhora vai ficar dois anos aqui! A senhora vai acabar perdendo seu noivo, o noivo vai arranjar outra... *(risos)*. Eu vou liberar a senhora. A senhora já trabalhou 6 meses, eu vou liberar a senhora.” E liberou.

CF – Quem era esse diretor? A senhora lembra o nome dele?

EP – Eu não me lembro o nome dele, fazia um esforço, se eu me lembrar ainda digo para vocês o nome.

CF – É como se fosse um secretário de Saúde do estado?

EP – É, secretário de Saúde do estado, naquela época. Aí, (?), então, tudo bem. Aí eu vim embora, casei por procuração, vim para o Rio de Janeiro.

CF – Ah, casou por procuração? *(rindo)*

EP – É, porque meu pai falou: “Não vai daqui sem casar não!” *(risos)* E aí casei por procuração, vim pra o Rio. Aí, meu marido era baiano, né...

CF – Ele trabalhava em quê?

EP – Ele é jornalista.

CF – Jornalista? Qual o nome dele, dona...?

EP – É Gilberto Paim.

CF – Gilberto Paim?

EP – Aí, começou a falar que... Ele disse... Cheguei aqui disse: “Eu quero começar a trabalhar, né?” “Não, mulher minha não trabalha, (?).” *(risos)* “Mulher minha não usa calça comprida.” Olha! Aí eu fiquei quieta. “O que é que eu vou fazer? Não posso ficar dentro de casa, né, afinal de contas eu fiz um curso sério, eu gosto da minha profissão...”

CF – E ele conheceu a senhora trabalhando, né?

EP – Trabalhando! *(risos)* Mas aí aquela besteira: “Não, o que eu ganho dá, não sei o quê...” Aí eu resolvi fazer... procurar alguma coisa pra fazer, não é? Nessa época tinha um curso no SAPS. Sabe o que é o SAPS?

CF – Serviço de Assistência...

EP – Serviço de Assistência ao Trabalhador, né, naquela época. Eles tinham um bom curso de Nutrição, excelente! O diretor era o Dante Costa, que era uma grande autoridade em



Nutrição. Era na Praça da Bandeira, eu morava lá na Rui Barbosa. Aí eu comecei a fazer o curso, fiz o ano todinho. Adorei o curso de Nutrição, muito bom. E o ano seguinte seria o quê? Seria a prática, né? Mas aí a d. Elza engravidou (*rindo*). Aí não deu para fazer a prática porque... Aí eu fiquei sem o curso, né?

CF – Ah, porque aí, sem a prática, não tem... não... a senhora não podia pegar o diploma do curso.

EP – Não tinha com quem deixar minha filha, né, não tinha. Bom, outra coisa que eu fiz foi... Escola... Bom, nesse período.

CF – Aí a senhora ficou, então, a sua filha nasceu, a senhora ficou um tempo sem trabalhar.

EP – Eu fiquei um tempo sem trabalhar. Mas eu tinha 3 colegas. Uma chamava Doralice Aires, que... Não sei se vocês já ouviram falar em Doralice Aires, ela até já morreu. Essa moça fez um trabalho muito bom no serviço do professor... – Como é o nome dele? Foi professor de Doenças Transmissíveis. Não lembro o nome dele. – e Ester Moraes. Elas conseguiram... Estamos começando a Universidade Rural, no Km 47 da estrada Rio – São Paulo. Eles queriam organizar um serviço de... médico, de Enfermagem. Aí nós 3 fomos trabalhar. Eu digo: “Gilberto, é um dia só na semana.” Aí, é dois dias a Ester, dois dias eu, e dois dias a ... A gente organizou um hospitalzinho lá, né, para atender o povo, começou a fazer um trabalho de... de comunidade, né, que lá tinha muita gente morando perto, aquele negócio. Fiquei lá algum tempo, não sei exatamente quanto tempo. (*vocês levam?*), deve estar por aqui.

CF – Ah, está aqui: 1º (*Serviço? do Ministério?*) da Agricultura, Universidade Rural do Rio de Janeiro, de 46 a 49.

EP – Está vendo? Está vendo? Três anos fiquei lá. Quando chegou em 49... Era engraçado esse curso, a gente ia de trem até Campo Grande, depois pegava uma caminhonete, ia pra lá. Às vezes chegava em casa 11 horas da noite, era (?), mas era muito bom. Depois... depois do... Bom, aí aconteceu uma coisa na minha vida que me obrigava a ir, a sair do Rio. É coisa particular, vale a pena falar?

CF – Vale, d. Elza, porque a gente (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP – Depois você tira.

CF – ... a gente... para entender, né, para a gente poder entender (?) (*falam ao mesmo tempo*).

EP – O meu marido, Gilberto, era membro do Partido Comunista. Naquela época da perseguição ao partido ele foi preso. Foi preso, perdeu o emprego, e aí ele teve que sair do Rio. E o pai dele morava na Bahia, interior da Bahia. Ele falou: “Olha, Elza, eu vou ter que passar um tempo fora porque aqui não tem a menor condição. Eu vou pra a Bahia.” “Então, faço o que aqui? Eu morava no Jardim Botânico nessa época. Bom, o que eu ganho lá não dá para manter a família, né? Ele estava desempregado. Eu tinha uma amiga chamada Júlia

(Facó?), que era mulher do Rui Facó, que eram os dirigentes do Partido Comunista no Brasil, e ela era funcionária da Fundação SESP. Isso é pra ver como é que eu entrei no SESP.

CF – Júlia Facó?

EP – Júlia Facó, era mulher de Rui Facó.

CF – Rui Facó.

EP – Mas já morreram. Eles foram para a União Soviética depois. Ele morreu num desastre de avião. Aí eu falei com a Júlia: “Você trabalha no SESP?” “Trabalho.” “Tem como a gente trabalhar no SESP?” – Olha só a minha pretensão! – Ela falou: “Bom, você vai lá fazer uma entrevista e vê, né?” Aí eu fui. Pedi uma entrevista lá com a Miss Curtis, que era quem coordenava esse negócio, falei: “Miss Curtis, eu preciso sair do Rio por isso, por isso, por isso.”

CF – A senhora contou tudo?

EP – Conteí tudo. O SESP era uma... naquela época, tinha muita influência americana ainda, depois acabou, né? Conteí tudo: “Então, essa situação assim, assim, preciso sair do Rio. Eu quero saber onde que a senhora podia me... me colocar, em qualquer lugar aí pelo Interior.” Aí ela disse: “Você tinha alguma preferência?” Eu falei: Ah, eu gostaria... não sei, meu marido está na Bahia. “Ela... eles iam começar um programa do SESP na Bahia...”

CF – Olha só!

EP – ... e estavam recrutando pessoal para ir pra lá, né?

CF – Que coincidência (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP – Incrível!

VB – Incrível!

EP – Incrível! Aí foram admitidas também mais 4 enfermeiras de São Paulo, eu, e mais 3 daqui do Rio. Primeiro, a gente tinha que fazer um estágio em Aimorés. Aimorés é no interior de Minas Gerais. Então, nós fizemos 3 meses de estágio. Eu levei meus filhos lá pra a Bahia...

CF – Ah, a senhora já tinha mais de um filho nessa época?

EP – Já tinha dois, tinha a Alice e tinha o... tinha dois. Trabalhando desse jeito ainda tinha tempo pra ter filho. Aí...

CF – A senhora deixou seus filhos na Bahia, com os avós?

EP – Fui lá levar pra a casa do meu sogro, né? Fui para Aimorés, fiz 3 meses de estágio. Foi ótimo, aprendi tudo sobre a estrutura do SESP, os programas que o SESP desenvolvia, né? E aí, quando terminou o estágio, eu fui pra a Bahia. Ficou mais uma enfermeira chamada Nadir Moura, que trabalhava já no SESP, e uma enfermeira húngara cujo nome eu não consigo me lembrar. E nós fomos exatamente começar o trabalho lá na Bahia, como organizar serviço...

CF – O estágio em Aimorés foi pra a senhora preparar o trabalho que a senhora ia começar a executar, né...

EP – Não, primeiro pra me familiarizar com a estrutura do SESP, com o tipo de programa que o SESP desenvolvia, né, pra depois a gente poder ir pra lá.

CF – Como é que foi? A senhora pode falar um pouquinho desse...

EP - ... estágio?

CF - ... estágio em Aimorés, como é que foi isso, a senhora lembra?

EP – Olha, o estágio foi... foram 3 meses. A gente tinha a parte teórica com os dirigentes do SESP, não é...

CF – Quem era nessa época?

EP – Naquela época... acho que era o dr. Penido, dr. Plínio...

CF – Henrique Mário Penido.

EP – É, Henrique Mário Penido, Plínio Gastão de Andrade. Isso são sanitaristas que já morreram, né, acabou essa geração toda. E enfermeiras, tinha a Miss Willians, Miss Curtis, e uma miss muito engraçada, como é? Miss (*Glade?*), que era gozadíssima. Então, a gente...

CF – Quer dizer, na parte de Enfermagem eram todas estrangeiras, né, as...

EP – Naquela época eram.

CF - ... as enfermeiras todas eram americanas, né?

EP – É, naquela época eram. As que deram estágio para a gente, né? Aí nós fomos... Bom, aí terminou o estágio...

CF – Aí a senhora faz o quê? Visita domiciliar também?

EP – A gente fazia tudo, é, fazia tudo que tinha que fazer depois, né, orientar serviço e tudo. Mas...

CF – Era semelhante com o que a senhora tinha feito na (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Não, o SESP...

CF – ... de visitadora?

EP – ... o SESP era uma instituição, é, era uma instituição que tinha uma proposta de trabalho muito interessante, sabe, muito boa. Você tinha a parte de visitação, você tinha a parte de cuidados, né? E o que é que a gente foi fazer na Bahia? A gente foi organizar o serviço na Bahia, não tinha nada, fomos organizar o serviço na Bahia. E aí a gente pára por aqui, né? Na próxima vez a gente *(falam ao mesmo tempo)*.

CF – ... a gente retoma disso, né?

EP – É.

CF – Está cansada, né, d. Elza?

EP – Eu estou cansada. Olha, não é brincadeira não!

CF – Então vamos dar uma paradinha, e na próxima...

EP – Uma hora e quarenta e cinco.

CF – A gente já retoma a partir daí, da sua...

EP – É, pois é.

CF – ... entrada na Bahia, tá bom?

EP – Toma nota aqui, a gente parou...

CF – Obrigada, d. Elza.

EP – Mas não foi muita... *(interrupção na fita)*

\*A Fita 02 não foi gravada integralmente (aproximadamente 13 minutos do Lado A)

Data: 30/04/2004

### Fita 3 - Lado A

CF - ... dia 29 de abril de 2004. Vamos iniciar nossa 2ª entrevista com a dra. Elza Paim, com as pesquisadoras da Casa de Oswaldo Cruz, Cristina Fonseca e Verônica Brito. Bom, dra. Elza, a gente tinha parado na nossa última conversa, exatamente, no seu... a senhora contou como é que foi sua ida para o SESP.

EP – Para o SESP.

CF - Então, a gente tinha parado exatamente aí, no seu ingresso no SESP.

EP – Parou aí, é, exato.

CF – A senhora ia começar a falar como é que foi seu trabalho lá, o que a senhora...

EP - ... *(falam ao mesmo tempo)* (Bahia?), né?

CF - ... né, o que é que a senhora... Porque a senhora contou para a gente como é que a senhora foi para lá.

EP – Sei.

CF – E aí a gente ainda não sabe... (?) a gente queria conversar um pouquinho agora sobre isso, né, o que a senhora fez lá, como é que foi esse trabalho, como é que foi essa experiência, né, esse contato com... com o SESP, né?

EP – Que o problema da Bahia, inicialmente, como qualquer... qualquer programa do SESP, foi uma equipe de pesquisadores para fazer um estudo sobre as condições sócio-econômicas, sanitárias, de toda a área. A partir daí é que, realmente, se... se delineava o programa a ser seguido, entendeu, sempre teve isso.

CF – Primeiro, fazia o mapeamento da região?

EP – O mapeamento da região, o levantamento dos principais problemas, né, das dificuldades e tudo.

CF – Quem fazia esse mapeamento? Eram as próprias pessoas... quer dizer, a senhora participou disso, desse mapeamento?

EP – Não, eu não. Quando eu cheguei isso já estava pronto. Geralmente era uma equipe que tinha epidemiologista, né, tinha engenheiro de Saneamento para a parte de Saneamento, né? Então, era... Aqui a gente está até falando nisso. Então, você tinha uma equipe responsável

para fazer esse levantamento, né, conhecer profundamente as condições sócio-econômicas e sanitárias de cada região. A partir daí, então, era delineado um programa, né, para ser desenvolvido pelas unidades. Nós tivemos o quê? Espera aí, nós trabalhamos, começamos em Ilhéus, a nossa sede era Ilhéus, mas você tinha Itabuna, que fica mais para o Interior, vocês devem conhecer, não é, essa região. Depois tinha Ibicaraí, Boerarema, então, não era só Ilhéus, era Ilhéus e todo o sul da Bahia, entendeu, era todo o sul da Bahia. Agora, a sede era Ilhéus. Então, em Ilhéus, a gente desenvolveu... a gente instalou um centro de Saúde precário, né? Era uma casa que foi adaptada para servir de centro de Saúde ali, e...

CF – Só um instantinho, d. Elza, por que Ilhéus? A senhora sabe por que o SESP escolheu essa...?

EP – É um programa de proteção, eu acho que à lavoura cacaueteira, era qualquer coisa ligada à lavoura cacaueteira, né, na minha cabeça, eu acho. Então...

CF – Aí, então, a senhora foi para Ilhéus e começaram... montaram um centro de Saúde, mesmo que precário...

EP – É, a partir desse levantamento, né, do... do... do... da identificação dos principais problemas, foi montado um... o... um centro, o primeiro centro de Saúde de Ilhéus, não é? E (?), você tinha que organizar o serviço, né, quer dizer, organizar significa o quê? Você tinha que treinar pessoal, você tinha que ver a parte de material e equipamento, né, você tinha que ver a parte de rotinas, instruções para o serviço, e toda essa coisa que envolve a parte de organização.

CF – E quem trabalhava com a senhora? Eram várias enfermeiras ou era só...?

EP – Não, eu... já tínhamos uma enfermeira que, por sinal, era uma enfermeira muito antiga do SESP, que me ajudou muito, que chamava Nadir Moura. Nadir Moura era capixaba, né, do Espírito Santo, e ela tinha uma larga experiência de trabalho no SESP, inclusive no Amazonas. Então, ela veio para aí, porque eu era (?), né, eu estava entrando, eu ia começar a exercer a minha vida ali. E tinha essa... uma enfermeira húngara, eu acho...

CF – Húngara?

EP - ... cujo nome eu não me lembro, engraçadíssima, que não sei a troco de que ela veio parar no SESP e foi com a gente para lá. Falava um Português arrevesado. Você imagina trabalhar com o povo falando um Português totalmente arrevesado (*risos*), mas, enfim, era o que tinha que fazer. Bom, então, o que a gente fez? Instalou-se o centro de Saúde, não era centro, era um posto, na Rua Conselheiro Saraiva... Eu até falei para você que tinha... eu morava na mesma rua, né, e tinha uma saída para a praia, era pertinho da praia. E a gente começou a fazer o recrutamento de pessoal para trabalhar na unidade, entendeu? Então, a gente tinha uma... uma filosofia de trabalho de treinar o próprio pessoal da gente, né? Então, nós tínhamos que treinar o quê? Nós tínhamos que treinar atendentes, né, aquela época tinha atendentes, para fazer o trabalho interno da unidade, né, para atender os pacientes, para fazer curativo, né, um trabalho...

CF – Atendente era o quê? Era uma auxiliar de Enfermagem, é o que seria hoje?

EP – Não, era... não seria hoje porque é uma etapa anterior, né, quer dizer, uma pessoa que é treinada em menos tempo. Auxiliar de Enfermagem, hoje em dia, é uma profissão, né, muito conhecida e tal. Não, atendente era um elemento de Enfermagem, a gente achava na época, que era encarregado das tarefas mais... mais simples, não é, da parte de Enfermagem. Então, ela... Nós recrutamos pessoal, treinamos as atendentes...

CF – Elas faziam... Só um instante, d. Elza, quer dizer, elas que recebiam pacientes...

EP – Elas recebiam...

CF - ... elas faziam o primeiro contato...

EP – Exatamente, faziam...

CF - ... as anamneses, essas coisas?

EP – Não, anamneses quem fazia era o médico.

CF – Era o médico?

EP – Era, nessa época era o médico. Elas recebiam... Por exemplo, tinha uma atendente que trabalhava no arquivo, né, toda unidade tinha um arquivo. E na época que eu comecei a trabalhar, a gente trabalhava por família, entendeu, a unidade de trabalho da gente era a família. Então, havia uma pasta, cada família tinha uma pasta onde a gente ia arquivando as fichas dos vários elementos da família, não é, o atendimento era (?) por família. Então, você tinha o arquivo, né, nessa unidade, que tinha uma moça que tinha sido treinada para ser arquivista. Essa não era atendente, ela foi treinada para ser arquivista, aprender como colocava as fichas, (?). E tínhamos uma sala de curativo com uma atendente, tinha uma sala do atendimento. A pessoa que recebia os pacientes, encaminhava... alguém, uma pessoa que recebia os pacientes e encaminhava e que ajudava, ajudava o médico no atendimento, né, e outra que distribuía os medicamentos. A gente tinha uma pequena farmácia lá, quer dizer, o SESP dava a consulta e dava o medicamento. Não tinha... Então, as atendentes faziam basicamente o quê? Atendimento a paciente, né, direto, quando ele chegava, mas trabalhavam dentro da unidade, né, assistiam o médico nas consultas, (?) uma ficha, etc., preparavam os pacientes, distribuía medicamentos. Era basicamente esse o trabalho da atendente. Elas não tinham nada a ver com trabalho externo. O trabalho externo era de outro grupo chamado “visitadora sanitária”, que eu já falei também. Bom, então, treinaram as atendentes, começa a funcionar o posto, e a gente começa a fazer recrutamento para visitadora, que era um outro nível melhor, entendeu? Atendente, a pessoa precisava ter apenas o curso primário, saber ler e escrever, (?). A visitadora não, a visitadora, a gente pegava uma pessoa que tivesse, ou o curso Normal, ou Ginásio, porque era muito fácil, na época, porque tinha Escola Normal lá e não tinha onde as pessoas trabalhassem. Então, nós conseguimos fazer um recrutamento, conseguimos todos os nossos... Todas as nossas visitadoras eram professoras, ou, pelo menos,

tinham o Curso Normal. Talvez não tivessem chegado nem a... a exercer, né, mas tinham o Curso Normal. Bom, o curso de atendente demorava uns 2 ou 3 meses, essa que era a mais simples. O curso de visitadora levava 6 meses.

CF – Era bem mais complexo.

EP – Muito mais complexo. Então, tinha uma parte teórica, né, e tinha uma parte prática, que era a parte de visitação de Enfermagem em Saúde Pública, esse negócio.

CF – Vou lhe perguntar uma coisa: a senhora começou também assim, quer dizer, a senhora também fez...

EP – Eu fui visitadora.

CF - ... o curso de visitadora do Departamento Nacional de Saúde?

EP – Exatamente, eu fui visitadora.

CF – A senhora via diferença no curso, no trabalho e na preparação da visitadora do SESP e da visitadora do Departamento Nacional de Saúde...

EP – Olha...

CF - ... ou o trabalho era a mesma coisa (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Não, o trabalho era basicamente o mesmo, mas o preparo nosso, a que eu me referi anteriormente, teve um curso de um ano.

CF – Lá... lá...

EP – Lá em Belém do Pará, né?

CF – Em Belém, né?

EP – Bom, esse não, esse curso era de 6 meses, mais concentrado, mas tinha... tinha várias disciplinas que havia nos outros cursos, não é? Bem, então... E tinha a parte de Enfermagem de Saúde Pública, que era a prática, a prática de Enfermagem nos domicílios, né? Então, essas visitadoras, depois que elas eram preparadas, elas trabalhavam fora do posto, não é? Elas iam ao posto, pegavam as suas... suas fichas, seu plano de trabalho, e iam visitar, né? Ilhéus era uma área extensa, né, muito extensa. Não sei se vocês conhecem Ilhéus.

CF – Não, (*não conheço não?*).

EP – Então, cada... a mesma aqui no outro, cada menina recebia uma área de trabalho, né, e elas iam... Isso era muito bom, que a gente trabalhasse com o pessoal da própria comunidade, porque elas conheciam a comunidade, né?



CF – Ah, sim. A relação (*entre as pessoas?*) ...

EP – A relação era ótima, a linguagem, né, que elas falavam era a mesma, então...

VB – Tinha aquelas fazendas, né?

EP – Ham?

VB – Tinha as fazendas de cacau né?

EP – Tinha, tinha, tinha as fazendas, tinha... tinha... De frente de Ilhéus tem uma localidade chamada Pontal. Você conhece aquela região?

VB – Conheço.

EP – Pontal. Então, Pontal tinha uma... a gente visitava o pessoal lá para dentro, né, do Pontal. Bom, então, você começa um trabalho de... de captação da população para vir para o posto, não é...

VB - ... através (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP - ... e esse era um trabalho que a visitadora fazia muito. Ela ia... a mesma coisa que lá, ela ia nas casas, né, identificava onde é que tinha gestante, criança, pessoas doentes, não é, e encaminhava ao posto. Esse era o sistema. E depois dava seguimento, o acompanhamento do tratamento que ela estivesse fazendo. Por exemplo: você agendava uma gestante, depois você seguia... todo mês você visitava a gestante para ver se ela estava, realmente, né, realizando as coisas que ela tinha aprendido, não é? Então, havia um acompanhamento, tanto da gestante, como da mãe que tinha criança pequena, como dos... das pessoas doentes, (?) tuberculose lá. Lá, eu só não me lembro de lepra, eu sei que tuberculose tinha bastante em Ilhéus. Ilhéus era (*falam ao mesmo tempo*) muito pobre...

CF – Então, ela ficava acompanhando, ela ficava acompanhando...

EP – Ficava acompanhando.

CF - ... se a pessoa tuberculosa estava fazendo tratamento, estava...

EP – Exatamente, ela ficava acompanhando o tratamento para impedir que... se bem que naquela época o tratamento de tuberculose era uma coisa muito... elementar, né, a gente não tinha os medicamentos que tem hoje. Mas (*falam ao mesmo tempo*) ...

VB – (*falam ao mesmo tempo*) (*atendimento?*) médico era feito em que circunstâncias? O médico entrava nessa história...

EP – Olha... por onde é que entra o médico? Todo centro de Saúde tinha um médico, um ou dois. O SESP não trabalhava com especialista nessa época. Você tinha um médico que era um generalista, que ele atendia a gestante, atendia... né, a criança, atendia a pessoa que estava doente. Então, era esse o tipo de atendimento que a gente tinha, nessa época, era só um... era só um médico em cada... na nossa unidade, chamava até dr. Cajueiro, me lembro muito bem, magro, magro.

CF – Cajueiro?

EP – Dr. Cajueiro.

CF – Ele era de lá mesmo, d. Elza?

EP – Ele vinha do... do Norte, ele tinha trabalhado no Norte.

CF – Ah, é?

EP – E (?) também tinha assistência odontológica. Tinha um dentista, que, por sinal, era um dentista da cidade, que a gente havia... que o serviço havia feito contato, e ele atendia também, né, Odontologia.

CF – E engenheiro, tinha engenheiro...?

EP – Não, tinha engenheiro, mas o engenheiro não trabalhava dentro do posto, o engenheiro trabalhava na parte de abastecimento d'água, né?

CF – Mas não tinha relação... trabalho...

EP – Não, não.

CF – Por exemplo, o trabalho da visitadora era...

EP – Tinha muita relação...

CF - ... próximo do guarda...

EP - ... tinha muita relação...

CF - ... do guarda sanitário?

EP - ... muita relação. Eles trocavam muito as informações, né, a visitadora. O guarda, quando sabia que tinha uma mulher grávida, ele avisava à visitadora, né? E quem treinava o guarda era o próprio engenheiro. Então, era um outro tipo de...

CF - ... de treinamento.

EP - ... de treinamento. Bom, então...

CF – A senhora estava falando, que a Verônica perguntou, do médico, né, quer dizer, então, o médico...

EP – *(falam ao mesmo tempo)* era um médico...

VB – *(falam ao mesmo tempo)* *(momento?)* em que o médico...

EP - ... era um médico generalista, ele atendia...

VB - ... (??).

EP - ... os pacientes, né? Bem, e depois do atendimento tinha medicação, né, que era distribuída, e as visitadoras também tinham a responsabilidade de observar se as pessoas estavam tomando a medicação.

CF – Deixe eu só lhe fazer mais uma pergunta, d. Elza...

EP – Faça.

CF - ... que isso para mim é importante, eu queria entender, quer dizer... O posto de Saúde do SESP, ele prestava assistência médica?

EP – Médica, prestava.

CF – O posto de Saúde do Departamento Nacional de Saúde não?

EP – No tempo em que eu trabalhei.

CF – Que a senhora fez o curso lá?

EP – Mil novecentos e não sei *(das quantas?)*.

CF – Tá. *(falam ao mesmo tempo)* ...

EP – *(falam ao mesmo tempo)* época não.

CF – ... 39, né?

EP – Não, o SESP sempre teve assistência médica, sempre foi política do SESP ter assistência médica.

CF – Agora, no Departamento Nacional de Saúde houve uma certa resistência a isso, né...

EP – Houve.

CF - ... o Departamento Nacional de Saúde não fazia assistência médica?

EP – Não, não fazia, era Puericultura só. Aliás, é por isso que eu queria ver o livro porque o negócio (*do Departamento Nacional de Saúde?*) ...

CF - ... do livro... (*Tratado?*) de Higiene, né...

EP – ... era Puericultura...

CF - ... tinha uma parte (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... era Puericultura, já (?) Puericultura. Puericultura é o cuidado com a criança sadia para impedir que a criança adoeca, né?

VB – Pois é.

EP - Então, a gente não fazia Pediatria.

CF – Não, porque eu estou lembrando que a senhora...

VB - ... que a senhora disse que isso depois mudou e que eles passaram a interferir, né?

EP – Mudou, não, isso mudou muito, mudou, graças a Deus, mudou. Mas no SESP não, a gente atendia criança doente, criança sadia, né, gestante, pessoas doentes. Ah, e tinha outra coisa, era uma região que tinha muita gente, por isso que a gente tinha uma sala de curativos, uma região que tinha muita... Aquela época do cacau, o pessoal trabalhava nos cacauzeiros, nos cacauais, né, então, tinha muita lesão de pele, cada ferida enorme. Então, as nossas atendedoras que faziam curativo cuidavam dessa parte, entendeu? Então, a gente encontrava uma pessoa na roça com uma ferida grande, a gente encaminhava para o posto, o médico passava (?), era uma coisa que a gente procurava fazer atendendo as reais necessidades daquela população.

CF – E por que é que tinha tanta ferida assim? Era uma coisa específica da...?

EP – Porque... Olha, o cacau, lá, tem muito mosquito, né, tem muito inseto, tem muito bicho que pica. E outra coisa que tinha muito em Ilhéus, aliás, tinha mais em Itabuna, era picada de cobra.

CF – Ah, é?

EP - Depois eu vou falar nisso, quando chegar em Itabuna. Então, bom, então, isso é em Ilhéus. Você tem esse trabalho lá, começa o trabalho, as visitadoras vão visitar. E quando a visitadora tinha qualquer problema a gente ia junto, entendeu, quer dizer, ela tinha autonomia para resolver as coisas mais simples. Quando ela tinha dificuldade ela pedia para a gente, a enfermeira ia junto, né? Então, a gente tinha casos assim, incríveis. Eu me lembro... depois, se você quiser, você tira, um caso muito pitoresco de visitação com as visitadoras. Nós

encontramos uma criança tão grave, tão grave, que ela estava deitada numa rede, num casebre, né, coberta de moscas da cabeça aos pés...

CF – Nossa!

EP – ... magra feito não sei o quê! Ai a gente... digo: “A gente não pode tratar essa criança aqui (*falam ao mesmo tempo*).”

CF – O que é que ela tinha?

EP – Desnutrição, basicamente, né, verminose, desnutrição, uma coisa pequena.

CF – E por que mosca, tinha que ter tanta mosca assim?

EP – Porque aquela região é uma região que não tinha saneamento básico, não tinha nada, tinha muito bicho, tinha muita mosca! “Bom, então, vamos trazer... vamos levar essa criança para o posto.” Falamos com a mãe, a mãe... a mãe: “Não, não vai levar meu filho.” “Mas seu filho vai morrer aqui, minha filha, não tem como não morrer.” Depois de muita luta ela foi ao posto com ele, (?) levou. E aí, lá, a gente deu banho no guri, né, trocou a roupinha e tal, o médico passou a medicação, passou a alimentação, e... e eu vi que o guri não tinha condição de voltar para a casa dele. Agora, você vê, o que é que eu fiz? Eu levei essa criança para onde eu morava, na minha casa.

CF – A sua casa.

EP – E, nessa época, o meu filho, o Luís Carlos, era pequeno, esse que agora é engenheiro. E ele ficou, o gurizinho, ficou lá em casa por uns dias, né, até ficar um pouco melhor. As visitantes iam lá, ajudavam...

CF – Quantos anos tinha a criança, a senhora lembra? Pequeninha?

EP – Pequeninha, devia ter um ano, mas era um esqueleto, sabe? Você nunca trabalhou no Interior não, né? Tem casos, assim, de desnutrição...

VB - ... graves.

EP - ... extrema, né, uma coisa terrível. E eu, muito engraçado, eu me lembrei disso agora porque meu filho, uma vez, ele disse assim: “Mãe, nós tínhamos um outro irmãozinho, não tínhamos?” (*risos*) Eu falei: “Não.” “Tínhamos sim, nós tínhamos um irmãozinho magrinho!” (*risos*)

VB – Se lembrou, né?

EP – “O que aconteceu com ele?” Ele guardou aquela criança magrela dentro de casa, a gente cuidando dela. Bom, mas isso é só um detalhe.

CF – Mas aí a mãe concordou que a senhora levasse para lá...?

EP – Concordou, *(falam ao mesmo tempo)* louca da vida que alguém cuidasse do filho dela, né? Depois que ele estava melhorzinho a gente levou, continuou dando orientação para ela e tal...

CF – E o menino ficou bom?

EP – Até... até quando eu saí de lá, ficou. Bom, então, esse era o trabalho. A visitadora visitava... Tem uma região chamada Pontal, tem uma região chamada... Como é que é aquele negócio? Ilhéus é uma cidade muito espalhada, né, então... Tinha... tinha o morro... tinha o Morro da Conquista, que as visitadoras (?) visitar. E as meninas eram de uma dedicação incrível. Elas entraram, vestiram a camisa do trabalho e faziam o trabalho muito bem.

CF – Quantas visitadoras, mais ou menos, d. Elza?

EP – Eu devia ter umas 8 visitadoras. A gente calculava, mais ou menos, de acordo com a população, né?

CF – Ah, tá.

EP – *(Tínhamos um certo, um certo?) (falam ao mesmo tempo)*.

VB – E a senhora gostou de morar lá? Gostou da região, de estar ali?

EP – Gostei muito! Gostei muito de estar em Ilhéus, apesar do trabalho ser duro, as visitadoras eram ótimas. O povo era extremamente receptivo, sabe? Quer dizer, você chegava numa casa, batia na porta, abre a porta, te recebe com um sorriso, né, atende. Olha, um trabalho muito bom. Bom, mas aí surgiu a necessidade de organizar Itabuna. Itabuna tinha um hospital praticamente fechado, e tinha um postinho ruim também. Mas nessa... lá já tinha uma outra equipe, inclusive, com enfermeiras. Se não me engano, d. Rosali (?) estava nessa equipe. Organizaram o hospital lá porque Ilhéus não tinha hospital, não é, tinha um hospital antigo que não servia para nada. Itabuna tinha hospital e tinha um centrozinho de Saúde. Então, o trabalho... a equipe que foi para lá foi fazer a mesma coisa que a gente fez em Ilhéus. Aí já tinha mais gente e tal. Depois a gente organizou Boerarema...

CF – Boerarema?

EP – Boerarema e Ibicarai, que eram cidades pequenas que ficavam no sul da Bahia, né, tudo..., mas tudo na região do cacau. Bom, naturalmente que o trabalho era mais simples nessas outras unidades. Eu fiquei lá quanto tempo? Eu fiquei lá acho que uns 2 anos ou 3 anos. Bom...

CF – E qual é a maior incidência de (?), que a senhora estava falando do problema da cobra, de mordida de cobra, isso foi onde?

EP – Ah, sim, isso é basicamente em Itabuna. O grande número de pacientes no hospital era devidos a mordida de cobra, que no cacauero tem uma cobrinha sem-vergonha, que ela fica enrolada no galho. Então, quando o trabalhador vai retirar, eles não usavam luva, usavam... não tinham nem uma proteção, entendeu? Pegava, ela picava. Onde ela picava era uma coisa terrível, eles tinham que ser amputados.

CF – É mesmo?

VB – Ah, é?

EP – Havia uma quantidade enorme de gente com amputação por causa de picada daquela cobrinha que era uma coisa terrível. Bom, bom, aí...

CF – E aí, como é que se... aí como é que era o trabalho nesse caso específico? Tinha alguma medida viável de prevenção desse tipo, ou não?

EP – Não, tinha...

CF – É só... só tratamento (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Era um trabalho... A gente tinha que fazer um trabalho junto com os agrônomos que trabalhavam... porque lá tinha agrônomo, né, não era com gente...

CF – Não era do SESP.

EP – Não era do SESP. E a gente... Mas não tinha como, quer dizer, a cobrinha, ela é *habitué*, ela... o *habitat* dela é o cacauero, o cacaual. Então, o máximo que a gente podia fazer era sugerir que as pessoas usassem luva, sapato, que as pessoas trabalhavam de... Era uma pobreza aquela região, incrível! Em algumas áreas eles tinham muito... Lá tem muita jaca, pé de jaqueira. Tinha muita gente que se alimentava de jaca só, de jaca, porque não tinha outra coisa para comer. Era uma pobreza muito grande ali, uma coisa terrível. Bom, ao lado da pobreza tinha a riqueza dos donos dos cacauais, né, donos dos cacauais, que tinham uma casa em Ilhéus, uma casa em Salvador, que mandavam os filhos estudarem na Europa, né?

CF – (*Mas?*) são os contrastes, né?

EP – Um contraste terrível. Aliás, o Jorge Amado, ele mostra muito isto no livro dele, o “Cacau”, né, ele tem um livro sobre o país do cacau. Bom, então, era um contraste muito grande entre como é que era tratado o pobre do trabalhador, né, como era... Eles tinham, às vezes, uma família em Ilhéus, uma família em Itabuna, não, e uma família em Salvador, os...

VB - ... fazendeiros.

EP - ... os proprietários. E era muito engraçado que as famílias, os filhos de Salvador vinham passar as férias em Ilhéus, entendeu, ou Itabuna. Era uma coisa incrível! Quando eu comecei...

quando eu vi aquilo: “Meu Deus! Mas o que é isso?” Inclusive eu tinha a visitadora minha que era filha de fazendeiro, que tinha esse... tinha outros irmãos.

CF – Ah, é?

EP – Era a pobreza, né, a pobreza era uma coisa incrível lá, então, a pobreza ainda facilita todas essas coisas. Bom, então, a gente ficou nesse trabalho um ano, dois anos, eu fiquei lá, né, acho que um pouco mais de tempo.

CF – E a senhora tinha autonomia, d. Elza, para decidir as coisas, ou tinha alguma supervisão de nível central do SESP...

EP – Ah, sim, foi ótima a sua pergunta.

CF - ... sobre seu trabalho?

EP – A gente tinha uma supervisora, eu falei para você, d. (*Hemengarda?*) de Faria Alvim, que era a chefe da seção de Enfermagem. Então, ela ia periodicamente, né, no posto...

CF – Ela ficava aqui no Rio?

EP – Ficava no Rio, mas ela dava supervisão. E supervisão foi uma... é uma coisa que o SESP tinha com muita sabedoria. As supervisoras eram ótimas, eram (?) ajudar a gente, a gente discutia os problemas com elas, né, elas davam a orientação necessária. Por essa época o dr. Cajueiro começou a achar que ele estava muito sobrecarregado. Estava porque ele tinha que atender as crianças, as gestantes, os doentes. Ele falou assim: “D. Elza, será que a senhora não podia atender os pacientes?” – (?) a tal da Puericultura – “Será que a senhora não podia atender as crianças saudáveis? A senhora sabe mais de alimentação infantil do que eu.” Eu andava com o livro do César Pernetta. Ouviu falar do César Pernetta?

VB – Já.

EP – (*risos*) Eu andava com o livro do César Pernetta embaixo do braço. “A senhora sabe mais de alimentação de criança do que eu.” Não sei. Então, ele atendia e mandava para mim. Ele disse: “Vamos fazer o seguinte? Eu mando direto para a senhora.” Aí é que a gente começou uma atividade que, depois, no SESP, passou a se chamar “consulta de Enfermagem”, entendeu?

CF – Ah, tá!

EP – Era esse tipo de atendimento. A gente atendia a criança saudável, pesava, media, prescrevia... prescrevia alimentação, controlava. Mandava para o médico quando a criança tinha alguma anormalidade, entendeu?

CF – Só ia para o médico se tivesse algum problema de saúde, então, senão...



EP – De saúde, exatamente, senão era com a gente mesmo, e ele não atendia: “Isso aí é com a d. Elza, você manda para lá, não (*atendo?*)” E começamos a fazer isso com gestante também. A gestante vinha, quando a gente (?) que estava passando bem, normal, ela era atendida pela enfermeira, que dava toda... A gente tinha um bom treinamento nesse negócio de (*Higiene?*) pré-natal. Então, ela também só ia para o médico quando ela tinha uma anormalidade que a gente detectava. Bom, esse trabalho, esse trabalho, realmente, para mim, na minha cabeça, começou em Ilhéus. E a d. Hemengarda, que era supervisora, chegou lá um dia e viu esse trabalho, e falou: “Não é possível, não é possível! Você está fazendo o trabalho do médico?” Eu disse: “Não, senhora, eu estou fazendo o trabalho da enfermeira de Saúde Pública, porque é isso que eu ensino nas casas, né? Eu não vou nas casas ensinar alimentação, cuidado, eu estou fazendo no posto. Uma vez por mês a criança vem, eu peso, eu meço.” Ela ficou... porque era um negócio de você estar fazendo... invadindo a área médica. A enfermeira... algumas enfermeiras tinham muito medo desse negócio. Eu nunca tive, o que eu podia entrar, eu entrava (*risos*). Naturalmente que não ia tratar de doente. Então, ela ficou, pensou...

CF - ... incomodada com aquilo, né?

EP – Ficou muito incomodada! Depois, com o tempo, ela acabou aceitando. Isso passou a ser uma norma, mais uma norma no SESP. E quem ajudou muito à gente para institucionalizar esse negócio foi Nelson Morais.

CF – Ah, é?

EP – Nelson Morais.

CF – Por que, d. Elza?

EP – Ele foi muito receptivo, ele adorou a idéia. Nessa época ele era diretor...

CF – Ele já era superintendente do SESP?

EP – Ele era... não, ele era diretor... se não me engano era da Divisão Médico Sanitária de um negócio qualquer. E quando ele soube do problema pela d. Hemengarda, ele ficou entusiasmado. Então, a gente começou uma atividade (*tosse*)... Deixe eu pegar um caramelo de mel aqui, senão vou tossir (?).

CF – Deixe eu dar uma paradinha (*pausa*).

EP – Bom, mas aí...

CF – A senhora estava falando do dr. Nelson Morais, que foi uma pessoa importante, né...

EP – Importante na...

CF - ... que ajudou a institucionalizar...

EP – É, e, depois, não é, é... o Nelson Morais sempre foi muito aberto, sabe, a qualquer coisa que a gente propunha, desde que fosse coisa razoável. Ele não era rígido não, ele achava... era formidável. Bom, então, outra coisa que eles desenvolveram lá, que eu ia me esquecendo, foi o trabalho das curiosas. As visitadoras começaram a visitar, começaram a descobrir curiosas, né? Aí a gente trazia as curiosas para o centro de Saúde, dava treinamento, treinamento simples, né, coisas de higiene: escovar a mão, lavar a mão, né, vestir uma roupa limpa para fazer o parto, né, não utilizar certos procedimentos, por exemplo, reconhecer até onde elas podiam ir, e quando elas tinham que chamar médico, né? Tudo isso...

CF – A mesma coisa que a senhora tinha feito lá, né, *(falam ao mesmo tempo)*...?

EP – É, a mesma coisa que a gente fazia lá.

CF – No Pará, né?

EP – No Pará.

CF – No Departamento Nacional de Saúde.

EP – O programa era basicamente o mesmo (?) no Brasil inteiro. Bom, então, a gente fez também trabalho (?) curiosas, que eram descobertas pelas visitadoras. As visitadoras é que traziam elas no posto.

CF – E tinham um bom relacionamento com as curiosas?

EP – Tinham um ótimo relacionamento! Então, elas recebiam também material para fazer o curativo do umbigo e, naquela época, não sei se ainda tem, acho que não, tinha uma... uma doença, uma infecção chamada “oftalmia purulenta”. O recém-nascido, quando a mãe estava infectada, tinha gonorréia, qualquer coisa dessa, a criança nascia...

CF – Ah, com a vista...

EP - ... com oftalmia purulenta. Se aquele negócio não fosse tratado a criança cegava. Os olhos da criança ficavam enormes, inchados, cheios de pus. E a gente tinha um... não me lembro agora, um colírio que a gente pingava quando a gente visitava o recém-nascido, que quando nascia uma criança a curiosa avisava a gente. A gente ia imediatamente visitar...

### Fita 3 - Lado B

EP - ... e nitrato de prata numa dosagem muito pequenininha, chama (*credé?*). Bom...

CF – Escreve assim mesmo, d. Elza, (*c-r-e-d-e?*), é isso?

EP – É, (*credé?*), é, é francês esse negócio. É *credé*, tem acento.

CP – Será que tem ‘x’, não?

EP – Tem, *credé*. Bom, a gente... as visitadoras tinham que fazer o *credé* também, né? Tivessem ou não tivessem infecção, nasceu a criança, (?) dava o *credé* como profilaxia, né?

CF – Entendi.

EP – Agora, quando... quando já encontrava a criança com a infecção instalada, aí tinha que trazer a criança ao posto, né, para o médico passar, então, a medicação conveniente, o antibiótico, essas coisas, porque tinha criança que perdia a vista. Antes de a gente ir para lá era uma coisa horrível. Bom, o que mais que tinha lá? Curiosa... Ah, e depois a gente desenvolveu um trabalho de higiene escolar. Lá tinha um belo centro... um belo grupo escolar, e a gente tinha trabalho nas escolas. As visitadoras visitavam, às vezes, uma vez por mês as escolas para conversar com as professoras, então, um trabalho que procurava ser o mais amplo possível, né?

CF – Faziam um acompanhamento, então, também, na escola?

EP – Nas escolas, nas escolas.

CF – Quer dizer, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Vacinação, vacinação, né, sim, a gente vacinava as crianças com todas as vacinas que havia na época, né? Tinha o calendário de vacinação para ser seguido, então, isso era responsabilidade... Cada visitadora era responsável pela vacinação na sua área, né? Nasceu a criança ela tinha que acompanhar, aquele negócio todo. Bem...

CF – Mas a vacinação era feita no posto, ou a visitadora fazia...?

EP – Alguns casos... por exemplo, BCG você levava em casa, que BCG se dava em criança recém-nascida. O BCG, naquela época, era BCG líquido, acho que ainda era líquido nessa época. Bom, as outras vacinas, ou eram feitas no posto se a mãe era assídua, ou, se a mãe começava a faltar, você ia em casa e fazia. (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – O objetivo é o controle, né?

EP – O objetivo é que a criança não deixasse de ser vacinada, né? (?) por causa disso muita gente brigou comigo porque achava que a gente, com isso, desestimulava a vinda ao posto. Eu disse: “Não, você vai lá, vacina, e lembra que a próxima dose é no posto, né?” Mas, de qualquer maneira...

VB – (*falam ao mesmo tempo*) incorporar (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... você tinha... você tinha essa ligação.

CF – Mantinha um vínculo, né?

EP – Mantinha um vínculo. Bom, aí...

CF – E a senhora acha que isso deu certo? Conseguiu, assim, ampliar a cobertura às pessoas atendidas...?

EP – Bom, Ilhéus, aí começaram a construir um centro de Saúde próprio para Ilhéus. Uma beleza o centro de Saúde de lá!

CF – Do SESP?

EP – Do SESP. Um centro de Saúde enorme, muito bom... Bom, aí passa um tempo, que o meu trabalho era... Falar aqui em Reinaldo Ramos.

CF – Reinaldo Ramos?

EP – Reinaldo Ramos. (?)? Trabalhei com Reinaldo Ramos. Reinaldo Ramos era... Quer ver? Eu abri aqui e vi o Reinaldo Ramos. “Homenagem póstuma – Reinaldo Ramos”.

CF – Aqui no livro... Deixe eu só registrar aqui que a senhora está lendo o livro do dr. Nilo Chaves de Brito Bastos, né, sobre a história do SESP, né?

EP – É.

CF – Aí a homenagem que ele faz ao dr. Reinaldo Ramos.

EP – Reinaldo Ramos. Reinaldo Ramos era um médico... que o programa era assim: você tinha a sede do programa onde tinha o diretor do programa, que era o dr. Renato Caetano, e tinha o supervisor médico que era ele, que era o Reinaldo Ramos. Chegou uma época em que, como o posto estava funcionando muito bem, eu podia sair em viagem de supervisão para as outras unidades: Boerarema, Ibicaraí, sei lá o que. E eu ia muito... o Reinaldo Ramos ia muito comigo, a gente ia em equipe.

CF – Ele vinha do Rio para (*falam ao mesmo tempo*)...?

EP – Não, ele morava em... na Bahia

CF – Ah, ele também estava lá?

EP – Ele estava na Bahia, que a Bahia tinha um prédio onde era o programa, a sede do programa. Tinha o centro de Saúde, né, entendeu?

CF – A sede do programa era em Salvador?

EP – Não, era em Ilhéus.

CF – Em Ilhéus mesmo?

EP – Era... o programa era todo na região... na região sul da Bahia, né?

CF – Tá, estou entendendo. Mas aí o médico, aquele médico que a senhora faz referência, era o médico do posto? O dr. Reinaldo Ramos...

EP - ... era supervisor ligado à diretoria.

CF – Tá, entendi.

EP – Então, como eu já estava na parte de supervisão, ele... eu viajava muito com ele. Então, ele via a parte médica e eu via a parte de Enfermagem. E (?) viajava, constantemente estava viajando para o Interior.

CF – Como é que eram essas viagens, d. Elza? A senhora tinha contato... Como é que chegava nos lugares? Como é que fazia... A senhora tinha contato com o prefeito, com... com outros...?

EP – Tinha, exatamente.

CF - ... outros... outros funcionários da área de Saúde locais?

EP – Tudo, claro.

CF – Como é que era isso?

EP – Outros funcionários da área de Saúde não porque não existia, né, nós éramos os primeiros que estavam chegando lá. Agora, você fez uma boa pergunta. Quando a gente entrava em qualquer comunidade a gente tinha que falar com o prefeito, primeiro, né, não é? Então, você tinha contato com o prefeito e... para poder começar a trabalhar, não é? Então, a gente... íamos eu e o Reinaldo, né, a gente fazia contatos com as autoridades, esse negócio, e supervisionava essas unidades menores. Essas unidades menores, elas não tinham visitadora, só tinham um atendimento dentro do posto, né? Então, quando você tinha... De vez em quando você fazia uma campanha de vacinação. Aí você reunia um grupo de visitadoras e ia vacinar essas comunidades mais distantes.

CF – Entendi.

EP – Então, além do trabalho da gente na sede, a gente tinha um trabalho de penetração, né, para fazer vacinação daquela população, que não tinha serviço permanente lá, né?

CF – Então, o posto não fazia, por exemplo, um trabalho de puericultura, não fazia o trabalho de visitadora domiciliar, não tinha isso?

EP – Não, esses não tinham visitação domiciliar...

CF – (*falam ao mesmo tempo*).

EP - ... mas tinham médico que atendia, basicamente, os casos de doença e, naturalmente, gestante, criança, que aparecessem lá, né? Mas era um trabalho mais limitado.

CF – Porque tinha pouca gente.

EP – Porque tinha pouca gente, né? Então, os casos mais complicados eles mandavam para Ilhéus ou para Itabuna. Bom...

CF – Aí, então, a senhora viajou muito com o dr. Reinaldo Ramos (*falam ao mesmo tempo*)...?

EP – Mas muito, mas muito! Viajei muito pelo Interior. Conheço toda aquela região porque viajava muito. A gente tinha que dar supervisão naquela região toda. É uma região grande! Bom, depois dr. Reinaldo foi para São Paulo, e eu fui trabalhar... Ele foi para a Faculdade de Saúde Pública de São Paulo.

CF – Ah, é?

EP – É. E aí eu fui para o vale do Rio Doce.

CF – Aí, na Bahia, a senhora ficou quanto tempo?

EP – Nem sei, dá uma espiada aí porque tempo eu não sei.

VB – Aqui diz 49 a 51.

EP – 51. Eu fiquei 2 anos na Bahia.

CF – Aí... aí, em 51, quer dizer, em 52 que a senhora foi para... para Minas Gerais?

EP – Para Minas Gerais.

CF – Para o programa de Minas Gerais?

EP – De Minas Gerais.

CF – Aí eu fui para Aimorés, que o SESP...

CF – Aimorés?

EP – Aimorés, eu fui para Aimorés...

CF – É, dr. Cynamon (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... que é no vale do Rio Doce.

CF – É, dr. Cynamon esteve...

VB – (*Não foi Uchôa?*) que também falou em Aimorés?

CF – É, dr. Hélio Uchoa...

VB - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – É.

CF - ... e dr. Cynamon também, acho que ele esteve em Aimorés também.

EP – É, exato, é. Fiquei em Aimorés uma temporada, não sei quanto tempo, deve estar aí.

CF – Aqui: é de 52 a 55...

EP – É.

CF – ... como chefe do programa de Minas Gerais, de 52 a 1955.

EP – Chefe do programa?

CF – É, de Enfermagem.

EP – Enfermeira chefe. Ah, mas aqui é outra coisa, aqui é Belo... aqui já é Belo Horizonte.

VB – É, programa de Belo Horizonte.

EP – Aqui já é Belo Horizonte.

VB – Aqui é o original, que isso aí eu fiz uma... esse é (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Aqui é Belo Horizonte. Eu fui para... ei fui para enfermeira chefe do programa da Bahia, olha aqui, novecentos...

CF - ... de 49 a 51.

EP – É. Essa... Acho que eu passei em Aimorés, não sei porque não aparece, mas eu fiquei trabalhando na unidade de Aimorés por... Estava precisando de reorganização lá, né? Era uma unidade ótima. Aliás, no programa de... esse programa já era um programa estruturado, o programa de Minas já era um programa estruturado. O programa do vale do Rio Doce, que abrangia todas as cidades que ficavam ao longo da rodovia do Rio Doce, e aí a questão do minério de ferro, né, ia até Colatina. Colatina tinha um hospital muito bom. E eu fiquei nessa unidade de Aimorés eu não me lembro bem quanto tempo. Não fiquei muito tempo lá não. E o trabalho era basicamente o mesmo da Bahia. O trabalho do SESP é basicamente o mesmo, tem características regionais, né, tem algumas doenças que não tem num posto, não tem no outro...

CF – Mas a orientação, princípio, né, as diretrizes...

EP - É a mesma.

CF - ... são as mesmas.

EP – Exatamente. Você podia ir fazer supervisão sem susto que era a mesma coisa. Aimorés também tinha visitadoras, também tinha... Tinha um médico muito engraçado chamado dr. Maciel da Costa, que morreu, infelizmente, e a gente se dava muito bem. A gente trabalhava muito em equipe, entendeu, quer dizer, não tinha essa coisa de “eu sou enfermeira, você é médico”. Todo mundo era sanitarista. Então, a gente trabalhava muito em harmonia, sabe, muito bom (*o trabalho?*). Bom...

CF – Deixe eu lhe perguntar só mais uma coisa, d. Elza, que a senhora ficou falando tanto de Ilhéus, desse trabalho todo no sul da Bahia, e essa (?) que não tinha nada, só tinha o serviço do SESP, quer dizer, não tinha uma secretaria de Saúde...

EP – Tinha, mas não funcionava.

CF - ... do estado?

EP – Tinha um posto ruim que não funcionava. E foi por isso que o governo pediu...

CF - ... para o SESP ir para lá?

EP – ... para o SESP ir para lá.

CF – E por que é que o posto não funcionava, a senhora sabe, não? Não tinha... quer dizer, não tinha... o SESP não tinha contato nenhum com os funcionários de Saúde do Estado da Bahia, não existia isso?

EP – Não, não existia não.



CF – Não tinha nenhuma... nenhuma troca, nenhuma... nenhum programa conjunto que pudesse...?

EP – Não, nesse início não. Até a gente começar a sair de lá não tinha.

CF – Quer dizer, foi o próprio governo do Estado da Bahia que pediu para o SESP ir para lá?

EP – Que pediu, é, exatamente, para organizar o serviço lá. Bom, fomos para...

CF – Aí, então, a senhora fala que aí, depois, a senhora foi para Aimorés, ficou um tempo...

EP – Eu fui para Aimorés, passei uma... passei uma temporada em Aimorés...

CF - ... fazendo um trabalho, então, semelhante ao que a senhora fez...

EP - ... fazendo um trabalho semelhante, né? E, depois, eu fui ser... aí, de repente, me chamaram para ser enfermeira chefe da seção de Enfermagem...

CF - ... lá em Minas Gerais.

EP - ... do programa de Minas Gerais. Aí eu fui para Belo Horizonte, aí fui morar lá, fui morar em Belo Horizonte. O programa de Minas Gerais, o programa do Rio Doce, de Minas Gerais, ele tinha uma parte que era do Rio Doce, era Aimorés, era Conselheiro Pena, Colatina, Governador Valadares, onde o Cynamon trabalhou também, né...

CF – É.

EP - ... o Hélio Uchoa... Não, o Hélio Uchoa não trabalhou, o Hélio Uchoa trabalhou foi em Aimorés. Bom, aí... Onde é que eu estava?

CF – Aí a senhora ficou, então... aí... Ah, a senhora estava falando, tinha...

EP – Eu fiquei sediada em Belo Horizonte.

CF – Belo Horizonte. Tinha um programa do vale do Rio Doce...

EP - ... vale do Rio Doce e tinha um programa do São Francisco.

CF - ... vale do São Francisco.

EP – Vale do São Francisco. O vale do Rio Doce era um programa mais ou menos parecido com o programa que eu vinha... que a gente vinha desenvolvendo, né, mais ou menos. Já na região do São Francisco a coisa era mais complicada porque, naquela época, tinha uma comissão chamada Comissão do Vale do São Francisco, que havia construído uma série de hospitais naquela região: em Bocaiúva, em Pirapora, Montes Claros e Manga, né, e esses

hospitais estavam fechados. E aí o SESP foi encarregado de botar para funcionar. Aí você imagina a trabalhadeira.

CF – Quem havia construído esses hospitais?

EP – A Companhia do Vale do Rio Doce, digo, a Companhia do São Francisco. Construiu e deixou lá cada hospital enorme, né, deixou lá, né? Acho que não tinha mais... não tinham dinheiro, sei lá. Então, o SESP... A gente começou a organizar, aí começa tudo de novo: vai, treina pessoal, né, organiza o hospital... Aliás, a gente transformou... Nessa época o SESP começa a trabalhar com uma outra... a chamada “unidade mista”. O hospital era ao mesmo tempo unidade de internação e unidade de atendimento ambulatorial, entendeu, um pouco separado, mas era a mesma coisa. Às vezes, era em dois prédios diferentes, mas era a mesma coisa, chamada “unidade mista”. Então, tinha unidade mista de São Francisco, de Pirapora, que era muito boa, grande. Então, eu fui para lá com um grupo de enfermeiras para... Vocês estão vendo como é que eu fazia, eu ficava em Belo Horizonte, viajava para cá, para o Rio Doce, viajava para cá, para...

CF - ... para... para o São Francisco.

EP - ... para o São Francisco. Tinha (??) (*o programa?*). Então, eu levei um grupo de enfermeiras: Maria Borges Leal, que ainda trabalhou no SESP muito tempo, Rogéria, um grupo grande. E nós fomos para lá organizar os hospitais, né, em, Pirapora. E era a mesma coisa. A organização significa o seguinte: você procura o pessoal, treina pessoal, né, equipa o hospital, pede material, equipa o hospital, faz as rotinas, faz as instruções, os procedimentos todos que têm que ser feitos, né, e depois a gente bota o hospital para funcionar. Geralmente tinha... esses hospitais tinham uma enfermeira chefe do hospital e uma enfermeira chefe da unidade mista. Aí você já tem mais gente, né? Bom, então, você...

CF – De onde vinham essas pessoas? Tinha enfermeira em Pirapora? Não, ela tinha que vir de outro lugar.

EP – Não, não tinha do lugar, lá não tinha enfermeira, a gente trouxe enfermeiras.

CF – Trouxe de outros lugares.

EP – A Maria Borges era do Rio de Janeiro. Tinha uma chamada Neuzira, também, que era do Rio de Janeiro, outra que se chamava (*Seluta?*), que era do Rio de Janeiro, uma chamada Bárbara. Esse pessoal era recrutado no Rio e levado para lá, né, para trabalhar lá. Bom...

CF – E tinha recursos para isso, d. Elza, porque, pelo o que a senhora está falando, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – (*falam ao mesmo tempo*).

CF - ... contratar pessoal, formar pessoal...

EP – Sim, senhora.

CF - ... equipar um hospital...

EP – *(falam ao mesmo tempo)*...

CF - ... uma unidade... Tem que ter recurso, né?

EP – Sim, senhora, a Fundação bancava.

CF – Tudo bancado pela Fundação SESP?

EP – Tudo bancado pela Fundação SESP, com alguma ajuda de algum governo que podia ajudar.

CF – Estadual *(falam ao mesmo tempo)*?

EP – Estadual, né? Bom, então, a gente organizou Pirapora, depois nós fomos organizar Bocaiúva, Bocaiúva. Bocaiúva é uma cidadezinha muito curiosa.

VB – Fica na beira do rio, não?

EP – Ham?

VB – Fica na beira do Rio São Francisco?

EP – Não, não. Essa não é... não é...

VB - ... *(falam ao mesmo tempo)*...

EP – Ela fazia parte do *(programa?)*, mas é do outro lado.

VB – Certo.

EP – E Bocaiúva era uma cidade muito interessante porque, uma cidade tão pequena, todos os jovens saíam de lá. É uma cidade que só tinha velho. E, assim mesmo, foi construído um hospital lá muito bom porque o *(Alkimim?)*, tinha um cidadão chamado Alkimim, na época, que tinha nascido lá, que era o chefe (?) político daquela região.

VB – Era um político mineiro *(famoso?)*.

EP – Então, ele construiu o hospital em Bocaiúva para ter um hospital lá, né? Bom, então, nós fomos fazer a mesmíssima coisa: organiza, treina pessoal, faz tudo quanto é coisa que tem que fazer até o hospital começar a funcionar. E a cidade era curiosa pelo seguinte, porque não tinha jovem na cidade. Uma cidade onde não tinha nenhuma... nenhuma... condição de

trabalho para ninguém, os jovens saíam. Eles iam para Montes Claros, que era perto, relativamente perto...

CF – E era uma cidade mais desenvolvida?

EP - ... e a cidade só tinha velho. Era interessante aquela cidade.

VB – (*Então?*), os procedimentos médicos aí mudaram, no caso?

EP – Mudaram. Não, não mudaram não.

VB – Não?

EP – Por quê? Porque aí... engraçado é o seguinte, com a própria construção do hospital começa a haver uma movimentação da população para lá, a população das áreas próximas, que também não tinham recurso nenhum, entendeu? Aquela região não tinha recurso. Aí vinha muita gente das áreas próximas de Bocaiúva para ser internada lá. Bom, eu fiquei lá quanto tempo? Não sei. Bom, isso tudo é trabalho como chefe da seção de Enfermagem de...

CF - ... (?), de Minas, né?

EP - ... de Minas Gerais. Bom, depois, nós fomos fazer o quê? Ah, tem uma coisa muito curiosa, que a gente tinha... nós tínhamos uma supervisora de Enfermagem hospitalar no SESP, chamada Miss Beatriz (*Lenington?*). Engraçado que ela era brasileira, tinha sido criada nos Estados Unidos, fez o curso de Enfermagem lá, e veio para o Brasil, no SESP...

CF – Beatriz...

EP - ... Beatriz Lenington.

CF – Lenington?

EP – É. Então, a d. Beatriz, supostamente, devia dar orientação para a gente na parte de... de administração hospitalar, não é? E tem uma coisa muito curiosa, eu nem sei se vale a pena... Desliga esse negócio aí porque é uma coisa muito curiosa.

CF – Por quê? Pode deixar, d. Elza (*rindo*).

EP – Aí, a Miss Lenington era uma figura extremamente simpática, muito agradável, a gente queria muito bem a ela. Mas ela tinha... ela morria de medo de avião. E, naquela época, a gente viajava em uns aviões, se não me engano era Nacional que chamava, (?) (*risos*)... era assim, olha...

CF - ... subia e descia, subia e descia...

EP - ... subia e descia, e parava em tudo quanto era lugar para pegar, né, o povo... (?) qualquer buraquinho lá em baixo, e a gente... acenava, e pegava o pessoal. E quando nós... nós chegamos lá (*rindo*) no... tinha um belo aeroporto em Bocaiúva porque lá era ponto de estação meteorológica. Quando tinha eclipse vinham vários cientistas para lá que era um... Bom, então, a Miss Lenington salta do avião, já apavorada porque a viagem tinha sido terrível (*risos*), e ela vê o piloto saltar do avião, pegar uma corda – olha, parece piada – e pegar a hélice, que aquele avião é de hélice, né: ‘*pá, pá*’... Aí a Miss Lenington disse assim, ela ia voltar no dia seguinte: “Eu não volto neste avião de jeito nenhum!” (*risos*) E só ia ter avião daí a uma semana, (?) uma semana, passava um avião por lá. Aí ela veio, olhou o serviço, achou que estava tudo muito bem, bem organizado: “Então, vamos embora”. Eu já tinha terminado o meu trabalho, ia voltar. Iam ficar enfermeiras lá, as que estavam treinadas estavam todas lá. Tinha médico, tinha tudo, estava funcionando já o hospital, né? Aí a Miss Lenington resolveu vir de trem. Tem um trem do baiano que ele vem trazendo imigrante para São Paulo?

VB – Tem.

EP – Aí (?): “Miss Leninton, não dá para (?) esse trem, esse trem é horrível!” “Não, eu, de avião... nesse avião eu não volto!” Aí, vamos voltar de trem.

CF – Aí, voltaram de trem?

EP – Voltamos de trem. Olha, que experiência! O trem assim, cheio de gente com criança chorando, doente, não é? Eram retirantes mesmo, que vem (?) para lá e depois vêm para São Paulo. A dona da pensão onde a gente morava... Isso era outra coisa porque lá em Bocaiúva não tinha hotel, então a gente ficou numa pensão super precária, mas era a única coisa que tinha, a gente ficou lá. A dona da pensão, muito boazinha, fez um farnel para a gente.

CF – A senhora ia de Bocaiúva para Belo Horizonte?

EP - É, para Belo Horizonte, de trem! Aí, ela fez um farnel...

VB – Esse trem existe até hoje.

EP – Ham?

VB – Esse trem existe até hoje, é.

EP – Nossa, isso é longe como o diabo! Então, a Miss Lenington, além de tudo, tinha um problema no joelho (*rindo*), que ela não podia curvar o joelho, ela tinha que ficar com a perna estirada. Pegamos o trem. Minha senhora, o farnel que a gente tinha levado para comer na viagem foi para distribuir para o povo que estava em volta, né? (*risos*) Foi uma viagem terrível, terrível! Nós chegamos aqui, ela ficou com medo... Isso é uma coisa curiosa de lá.

CF – Quanto tempo? Levou o quê? Levava quanto tempo?

EP – Sei lá, a noite inteira. Saiu de Bocaiúva às 7 horas da noite, chegou aqui 8 horas da manhã, da noite, da manhã.

CF – Nossa, umas 12 horas de viagem?

EP – 12 horas de viagem!

CF – Aqui? Aqui?

EP – Não, aqui (*falam ao mesmo tempo*) ...

CF – Em Belo Horizonte.

EP - ... em Belo Horizonte.

VB – É.

EP – 12 horas de viagem nas piores condições possíveis!

CF – Nossa mãe!

EP - Cheio de pau-de-arara, cada criança chorando... Olha, foi uma experiência realmente interessante essa. Bom, mas isso é *en passant*. Bom, terminou a organização de Bocaiúva, vai ter que organizar Montes Claros. Montes Claros fica perto de (?). Montes Claros tinha um hospital lá, a gente não foi cuidar de hospital, a gente foi fazer o centro de Saúde em... em Montes Claros. Então, a gente organizou lá o centro de Saúde de Montes Claros. Depois, nós fomos organizar o quê? Januária. Então, foi assim, a gente foi pegando...

CF - Por que um centro de Saúde se já tinha um hospital? Era importante...

EP – Não, (*falam ao mesmo tempo*) ...

CF – Esse hospital não era unidade mista?

EP – Não, não. É diferente o trabalho, né, no hospital. O hospital cuida do paciente doente, né, da pessoa doente, e a unidade... e o centro de Saúde, para cuidar da população de um modo geral: vacinação, educação de criança...

CF – Um trabalho mais de prevenção?

EP – Mais de prevenção, basicamente. Bom, aí organizamos Montes Claros.

CF – Aí a senhora foi para onde?

EP – Aí voltei para Minas Gerais, porque eu ia... a gente viajava e voltava para a sede, né, voltava para a sede. Aí foram organizar Januária. Januária eu não fui, foi uma outra equipe, né? Januária também era da (?). E depois nós fomos para organizar Manga.

CF – Manga?

EP – Manga era um hospital pequenininho, fica lá no fim de Minas, perto da Bahia. E aí tinha uma enfermeira, essa enfermeira ainda existe, chamada Isabel Santos. Já ouviram falar de Isabel Santos não? Ela, atualmente, trabalha na OPAS.

CF – Ah, é?

EP – Ela é assessora lá. A Isabel tinha uma disposição para trabalhar! Viajava em boléia de caminhão, pintava! Ela... ela... acho que foi ela que... que organizou Januária e Manga. Ela viajava muito lá pelo Interior. Ela morava... ela era filha de Pirapora mesmo.

CF – Ah, é?

EP – Ela era de Pirapora. Bom, ela tinha estudado numa escola que tem em Minas Gerais, não sei bem o nome da escola.

CF – Escola de Enfermagem...

EP – Isabel Santos. Era bom se vocês conseguissem contatar Isabel.

CF – É.

EP – Ela tem uma história para contar enorme, né? Ela tem uma experiência de trabalho enorme! Valia a pena contatar Isabel.

CF – *(falam ao mesmo tempo)*, *(isso é?)*...

EP – Isabel Santos. Ela trabalhava com Roberto Nogueira, na OPAS, né, ela é assessora da OPAS. Bom, então, volta para Minas, volta para Belo Horizonte, tal...

CF – Quer dizer, isso... A senhora ficou aí, em Belo Horizonte, até 1955...

EP – 55.

CF - ... *(falam ao mesmo tempo)*, 52 a 55 fazendo esses trabalhos...

EP – É, esse trabalho todo.

CF - ... de supervisão em cidades mineiras.

EP – É, de organização e supervisão. Depois, eu fui... eu fui indicada para...

CF – Aí a senhora vem para o Rio...

EP – Pois é.

CF - ... porque está aqui: “Supervisora de Enfermagem da Seção...”

EP - “... da Seção de Treinamento...”

CF – “... de Treinamento...”

EP – “... da Divisão de Educação Sanitária e Treinamento do Rio.” Aí acontecia uma coisa muito engraçada. No SESP, você não... Você...você vê como é que foi a minha trajetória, né? Eu fui para uma unidade, fui para não sei o que, quer dizer, você vai acumulando experiência. E o SESP, ele tem uma coisa, ele valoriza muito a... valorizava, né, (??), a experiência, a dedicação, etc. Então, de repente, eu fui convidada para vir para o Rio, né, mesmo porque meu marido, nessa época, havia um marido...

CF - É, não, mas eu ia lhe perguntar...

EP - ... estava no SESP.

CF - ... isso, a senhora vai e seu marido foi também junto, viajando (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Não, eu é que fui atrás do meu marido (*risos*), quer dizer...

CF – (?) saiu da Bahia?

EP – (*Era?*), eu estava na Bahia.

CF – É.

EP – Aí, depois... Por que é que eu fui para... para...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*)?

EP - ... para o vale do Rio Doce? Porque o marido foi trabalhar em... em... Conselheiro Pena.

CF – Ah, tá!

EP – Aí, o que é que... Toda vez eu fazia o seguinte, eu pedia demissão (*risos*) porque eu não podia pedir transferência, né? Aí, o pessoal... as chefias eram sempre muito... muito receptivas, aí me transferiam.

CF – Ah, tá!



EP – Então, eu fiz todo esse negócio, parece que eu é que estava atrás de Gilberto... Gilberto atrás de mim, eu é que estava atrás dele. (*risos*) Bom, aí, Minas Gerais, Belo Horizonte, ele estava trabalhando num jornal em Belo Horizonte. Aí, eu sempre pedia demissão, né, eu chegava para o dr. Penido: “Dr. Penido, olha, eu tenho que pedir demissão porque meu marido foi não sei para onde.” “Não, senhora, a senhora não vai pedir demissão coisa nenhuma.” Então, vim para cá, para o Rio, por causa disso.

CF – Que aí ele veio para cá?

EP – Ele já estava aqui.

CF – Ah, ele já estava aqui?

EP – Já estava aqui. Bom, aí eu fiquei na divisão... na seção...

CF - ... na Divisão de Educação Sanitária?

EP – É, treinamento, né, (*negócio?*) de treinamento.

CF – Na Seção de Treinamento da Divisão de Educação Sanitária.

EP – É. Aí (*risos*), aí é que eu passei a viajar, porque era uma loucura, porque o SESP tinha treinamento no Brasil inteiro. Esse treinamento de visitadora, essas coisas que eu falei, todos tinham supervisão, né, você trabalhava, mas tinha supervisora que ia lá para ver como é que estavam as coisas. E aí eu estava nesse papel de supervisora desses treinamentos. Então, tinha, por exemplo... e aí o SESP começou a fazer uma... um programa no Rio Grande do Sul, lá na fronteira, né, Uruguaiana, Alegrete, aquela região. E a gente treinou pessoal... Eu ia para... para supervisão do pessoal. Tinha enfermeira lá para fazer o trabalho, eu ia para a supervisão, né? Bom, o que mais?

CF – Além do Rio Grande do Sul, que outros lugares?

EP – Além do Rio Grande do Sul: Bahia, Juazeiro. A gente tinha uma série... tinha uma série de treinamentos em Juazeiro, na Bahia, uma série de treinamentos no... no Rio Grande do Sul, né, e a gente se deslocava para... para seguir os treinamentos, né, que as enfermeiras estavam dando. Bom, isso, então, como (*falam ao mesmo tempo*) ...

CF – Aí, deixe eu só lhe perguntar uma coisa, d. Elza, quer dizer, aqui... isso era uma divisão de Educação Sanitária, quer dizer, esse trabalho que está aqui sendo chamado de “Educação Sanitária” ...

EP - ... é o treinamento.

CF - ... já é o trabalho que a senhora já estava... já vinha fazendo, já...

EP - ... já vinha fazendo.

CF - ... há vários anos, né?

EP – Treinamento... Era Educação Sanitária aquilo?

CF – É, Seção de Treinamento da Divisão de Educação Sanitária.

EP – Da Superintendência, é.

CF – Esse trabalho (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP – Seção de Treinamento é que eu cuidava, né, que era dentro da Divisão de Educação Sanitária, tinha uma seção de treinamento e eu era a responsável. Então, eu viajava que era um horror!

CF – E era esse trabalho, então...

EP – Era esse trabalho...

CF - ... de orientação...

EP - ... de orientação...

CF – E continuava o trabalho com as curiosas também, a mesma coisa?

EP – Não, eu não tinha (*mais nada que ver com?*) curiosas.

CF – Não, mas as pessoas que a senhora treinava (*para isso?*).

EP – Tinha, claro, sem dúvida nenhuma, isso continuava. Bom, então, eu fiquei em que período aí? Até...

CF – Até... A senhora ficou aqui de 55 a 56, um ano e pouco (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP – ... 56, um ano e pouco, é, pois é.

CF – Aí a senhora vai para...

EP – Depois teve umas coisas...

CF - ... vai para a Divisão de Enfermagem.

EP – Mas era respondendo pelo expediente, né?

CF – É. O...

EP – Os (?) da diretora da divisão. A diretora da Divisão de Enfermagem era Maria Rosa Pinheiro, que era... que era diretora da escola... tinha sido diretora da escola de São Paulo. E eu estava falando para ela, a Divisão de Enfermagem ela cuidava da... de escola de Enfermagem, ela dava assessoria às escolas de Enfermagem. O SESP tinha uma escola de Enfermagem em Manaus, por sinal muito boa mesmo, e a divisão cuidava um pouco disso aí.

CF – Disso... da... a divisão dava... dava...

EP - ... assessoria...

CF - ... assessoria.

EP - ... ajuda, né, na coisa. Bom, agora...

VB – Na verdade a senhora supervisionava o trabalho, vamos dizer, a... (?) as pessoas que estavam trabalhando...

EP – É, trabalhando.

VB - ... se aquilo estava de acordo...

EP – Claro, exato.

VB - ... (*falam ao mesmo tempo*). É isso?

EP – Com o que estava previsto, etc. Bom...

CF – Onde mais tinha divisão de Enfermagem, d. Elza, a senhora lembra? A senhora está falando dessa de Manaus, né?

EP – Não, aqui não é divisão de Enfermagem, não é em Manaus, é escola de Enfermagem de Manaus.

CF – Escola de Enfermagem.

EP – E a...

CF - Mas era do SESP essa escola de Enfermagem?

EP – Era do SESP, no princípio era do SESP. E também ajudava a escola de Recife, não é? Então, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Mas a escola de Recife era do SESP também?

EP – Não, não, não era não.

CF – O SESP só tinha uma escola de Enfermagem?

EP – Só tinha uma escola de Enfermagem.

CF – Em Manaus?

EP – Foi uma época, depois, acho que até acabou. (*interrupção na fita*)

#### **Fita 4 - Lado A**

CF – ... que a gente estava... a gente estava retomando, quer dizer, falando do seu trabalho como, né, supervisora...

EP – É, supervisora.

CF – ...atividades que a senhora fez, desenvolveu, né, na divisão de Enfermagem. Esse... esse ponto aqui que a senhora cita no seu currículo, isso é uma referência interessante, d. Elza...

EP – Muito, muito.

CF - ... até porque a gente tem uma... nós temos uma pesquisadora, a Tânia Fernandes, que está trabalhando com a história da campanha de varíola.

EP – Ah, é?!

CF – É. E essa...

EP – A gente participou disso aí.

CF – Pois é, era interessante... certamente ela vai querer conversar com a senhora.

EP – Quem é... quem era o... dr. Emerson, acho que o dr. Emerson é que era o coordenador desse grupo, e a gente fez esse trabalho.

CF – É porque aqui a senhora está fazendo referência, que a senhora participou desse grupo...

EP – Fez parte do grupo de trabalho.

CF – ... da Fundação SESP que estudou o método simplificado, né?

EP – (*falam ao mesmo tempo*) para a vacinação...

CF – Como é que foi essa experiência?

EP – ... com a vacina... vacina liofilizada, que a vacina era aquela vacina que vinha num tubinho, e... Você não pegou isso, você é muito moça. E aí estava se estudando como é que se ia... podia vacinar em massa com essa vacina liofilizada, né? E esse trabalho, se eu não me engano (*falam ao mesmo tempo*) ...

CF – Como é que foi esse grupo de trabalho?

VB – (*falam ao mesmo tempo*) vários técnicos do SESP participaram.

EP – É, vários técnicos. Tinha o dr. Emerson, (?) tinha, tinha médico, tinha enfermeira, né, tinha o... o epidemiologista, naturalmente, né, e... e depois eu acho que teve, teve sim, teve uma aplicação disso aqui. A gente aplicou num grupo... Como é que chama? (*Testemunha?*), né, grupo testemunha, você aplica para ver como é que a coisa...

CF – Para fazer uma avaliação (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Para fazer uma avaliação. Esse trabalho foi muito importante.

CF – E por que é que... A senhora lembra por que é que o SESP participou disso, porque isso não era uma iniciativa do SESP? O SESP...

EP – Ah, é. Não, não é, mas o SESP tinha muito trabalho de pesquisa, o SESP fazia muita pesquisa.

CF – Ah, é?

EP – O trabalho não era um trabalho só rotineiro, pelo contrário, a gente estava sempre tentando inovar alguma coisa. O dr. Emerson era um cara, era um epidemiologista...

CF – Emerson... A senhora lembra o sobrenome dele?

EP – Deve estar no livro lá.

VB – Eu vejo no livro (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Com toda a certeza está no livro.

CF – ... eu vejo...

EP – É, Emerson. Se não me engano era Emerson Ferreira. Foi ele que coordenou (?). Bom, está (*falam ao mesmo tempo*)?

VB – Tá.

CF – Mas, aí, então... Mas, aí, então, o SESP foi chamado a participar dessa discussão sobre a nova metodologia de (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – O SESP foi quem fez, quem estudou o método simplificado...

CF – Ah, foi o SESP que estudou!

EP – ... para a vacinação antivariólica em massa. A vacina já existia, mas não tinha sido ainda... – como é que diz? – aplicada em massa. Então, foi isso que aconteceu.

CF – O SESP tinha um setor de pesquisa, d. Elza...

EP – Não, se...

CF – ... de departamento ou...?

EP – ... se fazia pesquisa em tudo quanto era área do SESP, pesquisa é inerente ao trabalho do SESP. Cynamon não falou isso não? Pesquisa é uma coisa inerente ao trabalho do SESP, não é, você não trabalhava só rotineiramente, você trabalhava procurando formas novas de atacar os problemas, né? Aquele negócio que eu falei pra você de consulta de Enfermagem, foi uma coisa nova.

CF – De quê?

EP – Consulta de Enfermagem.

CF – Ah, sim.

EP – Foi uma coisa nova, né? E (??).

CF – É, porque eu tinha... eu tinha vontade de entender melhor como é que se dava essa atividade de pesquisa no cotidiano, no dia-a-dia de um trabalho, né?

EP – Pois é, fazia praticamente...

CF – Tinha grupos de estudo? As pessoas faziam leituras sobre...?

EP – Não, você organizava um grupo e dizia: “Nós vamos estudar tal coisa assim, assim...”, não é, e aí as pessoas se engajavam ou não no projeto.

CF – E aí vinha a supervisão do nível central pra discutir essas questões?

EP – Não, isso aqui... isso aqui é trabalho do nível central.

CF – Essa de vacina, né?

EP – Isso é trabalho de nível central. Não é o campo que faz isso, o que faz aqui é nível central (?). Isso aqui não tem muita importância porque (?) (*ocupando?*) (?) de enfermeira, ‘tá, rá, rá...’.

CF – Ah, é? Porque daqui pra à frente a senhora está falando do... a partir de... de 56, né, que aí a senhora continua desenvolvendo atividades, né... Aí a senhora vai para... vai em 60, fica como enfermeira do Ministério da Saúde, né...

EP – É.

CF – ... porque tem uma legislação que muda (*essa?*) ...

EP – Tem uma legislação que muda, é, que muda.

CF – Entendi. Deixe eu lhe perguntar outra coisa, d. Elza. Nesse período, quer dizer, quando o SESP...

EP – Olha aqui, olha aqui outra coisa importante.

CF – “Participou do projeto piloto da vacina Sabin.”

EP – Projeto piloto da vacina Sabin. Isso foi feito em Petrópolis...

CF - ... em 51.

EP - ... em 51.

CF – Mas aí é um convênio da Fundação SESP com o... com o... algum órgão do Ministério...

EP – O Ministério da Saúde.

CF – Porque o SESP é do Ministério da Saúde.

EP – É, é.

CF – Mas tinha...

EP – Bom, mas é... essa história do SESP ser do Ministério da Saúde... o SESP era e não era do Ministério da Saúde porque o SESP tinha uma estrutura própria, métodos de trabalho próprios, né, e a gente não seguia muito a rotina do Ministério da Saúde, entendeu, a gente tinha... Depois, as próprias condições em que a gente trabalhava não permitiam muita burocracia, né, então, você tinha formas diferentes de atuar, né? Tinha uma coisa muito interessante no SESP, que a gente tinha um salário melhor que os outros funcionários do Ministério da Saúde. Isso dava uma ciúmeira! Mas, veja bem, você entrava pra o SESP e você podia ser transferido a qualquer hora pra qualquer lugar que o SESP achasse importante. Você tinha que trabalhar horário integral. Você tinha dedicação exclusiva, você não podia

ter outro emprego. Então, isso fazia uma diferença muito grande, você tinha que ter algum tipo de compensação pra isso, né? Então, nosso salário era melhor, e isso dava uma ciuemeira danada com o pessoal do Ministério da Saúde.

CF – Com os outros médicos, sanitaristas, enfermeiros...

EP – Médicos... É, exatamente, é.

CF – ... quer dizer, com as outras... os outros funcionários do Ministério, né?

EP – Os outros... do Ministério. Mas era completamente diferente o regime de trabalho a que a gente era submetido. Você tinha que viajar hoje. “Amanhã a senhora vai não sei para aonde, a senhora vai não sei para aonde”, né, não tinha (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Mas tinha que ir, né?

EP – Tinha que ir, a não ser que você estivesse doente, uma coisa qualquer, mas você tinha, né, uma...

CF – É, o dr. Cynamon chegou, inclusive, a nos contar que, em função dessa exigência de tempo integral e dedicação exclusiva, que ele chegou a dar consultoria para algum projeto, e o dinheiro que ele recebia ele tinha que devolver, né...

EP – Exatamente.

VB – (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Está vendo?

CF – ... porque ele não podia ficar com...

EP – Não podia receber. Você não podia receber além do seu salário, né? Foi até bom ele ter falado isso.

CF – Ele lembrou (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Então, você, não é, você tinha um regime completamente diferente, não é? Você trabalhava na Unidade Sanitária, na Unidade de Saúde, três expedientes, sujeita a trabalhar fora do expediente se fosse necessário, né? E a gente tinha muito trabalho de campo, de... de uma penetração pra a vacinação, né? Então, sábado e domingo, sábado e domingo você armava as equipes e ia vacinar o povo no Interior, quer dizer, é muito diferente do trabalho rotineiro, né, de outros funcionários do Ministério da Saúde. Isso dá um... uma ciuemeira.

CF – Agora, os médicos, os médicos sanitaristas, tanto do Departamento Nacional de Saúde, como, nessa época aqui, a gente já tem o DNERu, o Departamento Nacional de Endemias Rurais, eles também tinham essa exigência, né...



EP – Não, mas... é... o DNERu...

CF - ... de viajar...

EP - ... o DNERu também ganhava mais.

CF - ... né, também tinham... tinham que ter...

EP – Um regime diferente.

CF - ... dedicação exclusiva, né...

EP – Exatamente, (*falam ao mesmo tempo*) órgãos especiais, né, como se fosse órgão de combate. O DNERu é uma coisa fantástica, eu acho, gostava muito (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – E havia... havia cooperação entre o SESP e o DNERu?

EP – Muita, muita, muita cooperação, a gente trabalhava muito junto. Tinha os guardas, os guardas da malária, os guardas da lepra, né, que trabalhavam junto com a gente.

CF – É?

EP – Era muito bom o trabalho, (?) eu não me lembro...

CF – Então, essa... essa ciumeira que a senhora fala, ela também era restrita a determinados setores...

EP – É, claro.

CF – ... porque se havia essa cooperação com o DNERu, não é?

EP – Claro, é.

CF – A senhora lembra de alguma coisa, de algum trabalho conjunto que tenha sido feito, do SESP com o DNERu?

EP – Não...

CF – A senhora lembra do Pinotti? Porque o Pinotti...

EP – Me lembro muito do Pinotti.

CF – ... (*falam ao mesmo tempo*)... Mário Pinotti.

EP – Me lembro. Mas a gente... Eu sei... eu sei que a gente trabalhava em conjunto... por exemplo, notificações, né? A visitadora descobria um caso de malária, desconfiava que era

malária. Aí a gente encaminhava ao DNERu, ao pessoal do DNERu, não é? O pessoal do DNERu – eu não sei se é o pessoal do DNERu, é sim – fazia tratamento de lepra no interior do Amazonas, entendeu, porque a gente... era regiões difíceis, né, de acesso, e os guardas conheciam aquela região toda. Então, eles levavam a medicação. Eles eram treinados...

CF – Os guardas de onde, do SESP ou do DNERu?

EP – Não, do DNERu. Eles eram treinados porque eles iam aos lugares mais distantes. Eles eram treinados para reconhecer...

CF – ...lepra.

EP – ...lepra, e para medicar. Eu não sei se isso foi escrito em algum lugar, mas esse foi um trabalho muito bom que foi feito pelo pessoal do DNERu, muito tempo.

CF – E o SESP colaborou com isso?

EP – Colaborava bastante.

CF – Colaborava como? Mandava guarda do SESP junto também...?

EP – Não, não, guarda do SESP era guarda de Saneamento.

CF – Era só de Saneamento?

EP – Era guarda pra o pessoal de água e esgoto, esse negócio, né? Basicamente água.

CF – Ah, então, o guarda do SESP só trabalhava nessa área de Engenharia Sanitária?

EP – De abastecimento.

CF – Ah, tá, não era como o guarda sanitário do (DNES?)...

EP – Não.

CF - ... porque tinha, no Serviço Nacional da Peste tinha guarda sanitário...

EP – Pois é, exatamente.

CF – Aí era outro trabalho.

EP – E esses guardas foram, no meu entender, funcionários exemplares no trabalho que eles fizeram no Brasil. Também acabaram com o DNERu, não acabaram?

CF – Acabaram, o DNERu....

EP – Acabaram com tudo, eu nunca vi uma coisa dessas!

VB – É mesmo.

EP – Acabaram com o DNERu, acabaram com o Serviço Nacional de Tuberculose, acabaram com o Serviço Nacional de Lepra!

CF – Não, acabou tudo, acabou o SESP, acabou...

EP – Acabou com o SESP, poxa, não é? (*risos*) Então, vamos embora. Então, esse projeto de lei que foi muito interessante, a gente...

CF – Não, é... não, é importante... Eu só estou querendo registrar isso, d. Elza, porque é importante chamar a atenção pra essa colaboração, porque a gente vê muita gente falando dessa disputa, da não integração...

EP – Não é verdade.

CF - ... entre o SESP e o Ministério...

EP – É, não é verdade.

CF – Não é, isso pode acontecer em determinados setores, mas em outros...

EP – Exatamente, coisas isoladas, coisas isoladas.

CF - ... houve uma cooperação, né?

EP – É, claro que teve.

CF – Essa referência que a senhora está fazendo do trabalho do SESP com o DNERu é uma referência importante...

EP – Uma referência muito boa, né?

CF - ... até para a gente investigar depois, em detalhes, como é que se deu essa colaboração...

EP – O pessoal que trabalhava no campo, esse pessoal que desenvolvia essa atividade no campo, era... colaborava muito um com o outro. A briga era aqui em cima, né, era num nível mais... superior.

CF – Na supervisão de direção, né?

EP – Mas no pessoal de campo havia uma colaboração... total.

CF – Mas essa briga era só por uma questão de divergência financeira ou... porque a estratégia de atuação era a mesma.

EP – Era dinheiro só, eu acho. Depois tem aquela história que o SESP era americano, né, “o SESP era americano, porque o SESP era americano...”, (?) esse negócio.

CF – Como é que a senhora vivenciou isso? A senhora acha que...

?? – Briga por espaço político também, né?...

CF – Ham? É, isso é (*falam ao mesmo tempo*) político.

?? - ... briga por espaço político.

EP – É, espaço político.

CF – Como é que a senhora vivenciou isso, d. Elza? Havia muita influência americana no trabalho do SESP?

EP – Quando eu entrei não, quando eu entrei, eu acho que (*rindo*) a ...

CF – Que a senhora entrou em 49.

EP – 49. Eu acho que o SESP foi fundado em 42, por aí...

CF – 42, (?).

EP – Aí já... como eu disse pra você, você tinha enfermeiras consultoras...

CF – ... norte-americanas...

EP – ...consultoras, o negócio era a parte técnica onde elas se metiam. Elas se metiam não, elas davam consultoria quando a gente pedia. E tinha engenheiro também. Tinha um engenheiro chamado Montanaro, que era consultor de Engenharia de Saneamento. O Cynamon não falou nele não, né?

CF – Assim eu não lembro, pode ser que ele tenha falado...

EP – Montanaro.

CF - ... e eu não me recordo agora...

EP – Pois é, então, havia... havia consultor médico, né, consultor de Enfermagem, mas eles só se metiam na parte técnica quando eles eram solicitados. Agora, uma referência muito importante é esse negócio das... O pessoal “taca” muito o pau nas americanas, as americanas eram ótimas, para mim... Eu tinha uma irmã... eu fiquei grávida (*rindo*) várias vezes durante a minha vida, né, 4 vezes, e as supervisoras do SESP – duas eu estava no SESP, duas eu estava no SESP – uma delas, a Miss Williams era uma pessoa maravilhosa. Eu estava de

licença em Belo Horizonte da minha filha que nasceu em Belo Horizonte, a Alice, e a Miss Williams viajava pelo Interior no meu lugar, via os problemas, trazia pra mim, a gente sentava, discutia, né, eu apontava as coisas que eu achava, e depois disso ia pra a diretoria, quer dizer, havia um entrosamento muito grande entre a gente, não havia imposição, entendeu? Eu acho...

CF – Era uma colaboração, né?

EP – Uma colaboração. Eu acho que a Miss Williams foi a melhor supervisora que já vi na minha vida. Tinha a Miss (?), tinha... tinha outras.

CF – E elas faziam essas viagens para a senhora porque a senhora estava grávida...

EP – Porque estava grávida.

CF - ... e era mais difícil...

EP – Exatamente. Ela vinha do Rio, ia pra o Rio Doce, ia pra o São Francisco, né, tomava nota tudo direitinho, não dava orientação – vê só! – ela observava, trazia para mim, a gente discutia o que é que a gente achava, né, e depois disso ia pra a direção, ia ser discutido no grupo de supervisão que tinha o Antônio Jorge, que eu falei pra você, né, e depois é que essa coisa ia para o campo, quer dizer, ela não chegava no campo e mandava fazer as coisas, entendeu? Ela tinha muita sensibilidade.

CF – Isso tudo era discutido com a equipe brasileira.

EP – Com a equipe brasileira. Uma velhinha de cabecinha toda branca igual a minha está agora, maravilhosa a Miss Williams! Então, eu tenho a melhor lembrança das... das consultoras. Tinha uma meio maluquinha que era consultora de Psiquiatria (*risos*). É de entender, né? Como a gente não tinha...

VB – (*falam ao mesmo tempo*) de acordo, né?

EP – ...a gente não tinha Psiquiatria no nosso coisa, eu não sei por que ela veio para o Brasil, mas ela era meio maluquinha. Tinha uma consultora de... de hospital, que era a Miss (?), que era camaradíssima, e junto da Miss (?) tinha uma especialista em Administração Hospitalar, que é a (*Georgette?*) Teixeira, também já morreu.

CF – Mas essa era brasileira.

EP – Brasileira! Pois então. (??) assim, você tem uma americana e você tem uma brasileira junto na direção aqui, né? Você tinha a Miss (*Albott?*). A Miss Albott era do quê? A Miss Albott era de Saúde Pública também.

CF – Ah, eu já vi referência a ela, Miss Albott.

EP – É, Miss Albott, Margareth Albott, não é? Mas era assim, a gente trabalhava, sabe, não tinha imposição, mesmo porque os brasileiros não aceitariam, né? Eu, então...

CF – A senhora acha que os brasileiros não aceitariam?

EP – Eu jamais aceitaria imposição, a gente... tudo nosso era discutido, com certeza. Se alguém aceitou foi porque quis, né, porque tinha espaço pra você discordar, concordar, né? Eu até dizia: “Eu não quero mais essa consultora comigo”, né? Eu nunca fiz isso porque as minhas sempre foram ótimas. Bom, o que mais que...

CF – Quer dizer, então não tem essas críticas que fazem ao SESP, que o SESP era uma instituição americana, né, que o modelo do SESP era um modelo que seguia, né, os padrões norte-americanos, não era adequado à realidade brasileira... né?

EP – (??) que era.

CF – Não era assim, né...

EP – Não era assim não.

CF - ... porque tem uma colaboração, tem uma discussão local...

EP – Tinha uma discussão local, tinha, e as coisas eram adaptadas às situações locais, não é? Eu nunca senti oposição no SESP, nem no pessoal americano, nem no pessoal brasileiro. A gente sempre trabalhou muito unido, muito junto, sabe? As equipes brasileiras de superintendência, de chefia, Brito Bastos mesmo, Brito Bastos era um cara legal, né, você discutia as coisas com Brito Bastos. Ele era meio... meio brigão certas horas, né, ele tinha um gênio assim...

VB – Quem?

CF – Brito Bastos.

EP – Brito Bastos.

VB – Ah, tá, entendi Murilo.

EP – Murilo Bastos, conhece Murilo Bastos?

VB – (?).

EP – Adoro Murilo Bastos. Ele foi meu professor na ENSP.

VB – É?

EP – Mas ele era do INANPS, né?

VB – É, exato, eu o conheci...

EP – Adoro ele.

VB – Falante, né, animado.

EP – Ele... é, o Gentil de Melo, né?

VB – É.

EP – Ah, que gente maravilhosa! Bom, mas, então, é isso aí. Essa é a minha posição pessoal, eu não acho que havia imposição, né, que as coisas eram... eram... – como é que diz? – ... ajustadas à situação brasileira. Não havia nem uma técnica, nem uma coisa que fosse...

CF - ... rígida.

EP - ... impossível, rígida, né, que você não pudesse modificar. Agora, havia isso, havia uma disciplina de trabalho. Talvez esse que o pessoal reclamava, disciplina de trabalho. Você tinha que cumprir seus horários, né, você tinha que... Você era supervisionada, né? Não sei por que é que o pessoal reclamava isso, eu... eu tenho a melhor... pra mim eu acho que eu tenho a melhor lembrança de todo o lugar por onde eu passei.

CF – D. Elza, e, aos poucos, né, o... a participação americana no SESP vai sendo reduzida, né?

EP – Foi diminuindo, vai diminuindo muito!

CF – A senhora consegue identificar quando isso acontece? Quer dizer, a senhora entra em 49, né, quer dizer, a partir de quando, mais ou menos, que é durante a década de 50, 60..

EP – É.

CF – A senhora consegue lembrar?

EP – Eu acho que quando eu entrei a influência já não era tão...

CF - ... como era em 42.

EP - ... (??) em 42. 42 era instalação, né, assim mesmo, em 42, eu acho que tinha enfermeira brasileira sim, d. Rosaly, tinha enfermeira brasileira na equipe. Agora, tinha a parte médica, Mr. (Sopper?), parece que era...

CF – É, Sopper, dr. Sopper era o diretor.

EP - ... Sopper, dr. Sopper era o diretor, não é?

CF – É.

EP – E foi isso aí.

CF – Então, a senhora não... não... a... quer dizer, a partir de 60, d. Elza, quer dizer que a senhora... aqui a gente está recuperando um pouco em cima da... né, com as referências que a senhora apresentou, né? Quer dizer, a senhora fica... a partir da década de 60, a senhora continua como supervisora da seção (*falam ao mesmo tempo*), né...

EP – É. Aqui tem uma coisa que acontece antes... Supervisora do Serviço Técnico da Diretoria...

CF – Regional.

EP - ... Regional da Guanabara. Isso aqui foi o seguinte, eu viajava muito nessa seção aqui...

CF - ... de Enfermagem.

EP - ... como eu disse pra você, que o treinamento eu vivia...

CF - ... viajando...

EP - ... viajando no treinamento o Brasil inteiro. Aí a minha filha, essa que é juíza agora, Alice, começou a ter uns comportamentos estranhos quando eu voltava de viagem. A mãe dela só vivia fora, né? Aí eu fui consultar a (*Riva??*), que era... que era psicóloga ligada à gente do SESP. Ela disse: “Olha, você tem que parar de viajar. A sua filha está sofrendo muito...” Aí, bom, aí eu fui (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Estava sentindo sua falta, né?

EP – Estava sentindo a minha falta. Aí eu digo: “Bom, então eu tenho que largar esse negócio aqui, não posso.” Aí o dr. Penido disse: “Não, senhora, nós vamos criar uma... uma diretoria (*geral?*) na Guanabara e a senhora vai ficar aqui.” Então, fiquei um bom período sem viajar, (?) diretoria do Guanabara abrangia aquela região de Campo Grande, Santa Cruz, né? A gente chegou a fazer um programinha lá, mas a coisa não foi muito adiante não, foi muito pouco tempo.

CF - Por que, d. Elza, a senhora lembra? Não deu pra...

EP – Não, eu...

CF – Chegou a instalar posto de Saúde, Centro de Saúde?

EP – Já tinha centro de Saúde, né, a gente foi dar apenas uma assessoria, era uma coisa mais de assessoria, mais de melhoria, né...



CF – Entendi.

EP - ... do trabalho de treinamento de pessoal, essas coisas (*falam ao mesmo tempo*).

CF – Isso já em 1962?

EP – 62.

CF – 62?

EP – 62.

CF – 62, é, 1962, né?

EP – É.

CF – Porque aqui tem uma referência, que aí, depois disso, a senhora vai fazer um trabalho na Divisão de Saúde da (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Divisão de Saúde da Comunidade é a divisão que era dirigida pelo Nelson Morais, né, então, tinha uma seção de enfermagem. Tinha a Divisão de Enfermagem que era uma coisa, e tinha uma seção de Enfermagem que fazia parte da Divisão de Saúde da Comunidade.

CF – O que é que essa Divisão de Saúde da Comunidade fazia?

EP – Ela fazia toda a parte de instruções, né, pra o... os serviços.

CF – Ah, tá, era uma... era uma...

EP - ... uma (*normativa?*).

CF - ... normatização.

EP – Era uma (*associação?*) normativa. O Nelson Morais é que era o... o diretor.

CF – Ah, tá. Definia todas as regras...

EP – É, exatamente.

CF - ... as normas de funcionamento de todos os serviços do SESP.

EP – É, do SESP, né?

CF – Entendi. Aí, então, a senhora, aqui, foi... a senhora foi trabalhar, então, agora numa função mais técnica, mais... né...

EP – Mais técnica, quase burocrática, né, mas era mais técnica.

CF – Quer dizer, saiu da parte de campo...

EP – Saí, exatamente...

CF - ... pra poder...

EP - ... agora estou na parte mais técnica.

CF – Entendi. Aí a senhora ficou aqui até 65, né? E aqui tem uma referência, acho que a senhora participou...

EP - ... (??)...

CF - ... de reuniões, de seminários, né?

EP – É. Aqui (??).

CF – É, assistência técnica...

EP - ... da Divisão de Saúde...

CF - ... (*da Divisão?*) de Saúde...

EP – Criaram esse negócio, fui ser chefe.

CF – Quer dizer, esses anos todos...

EP – (*falam ao mesmo tempo*) assim... é.

CF - ... 65, 66, a senhora está trabalhando aqui...

EP - ... e dentro do... é...

CF - ... dentro dessa (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... na parte normativa, etc.

CF – Essa parte... aqui tem, olha: “Revisão das Normas e Instruções...”

EP – Está vendo? É.

CF – “... de Assistência Médica e Sanitária”, né...

EP – Exatamente, é, a gente fez isso.

CF – “... do SESP”, não é? Aqui, a senhora...

EP – Agora, aqui começa, se eu não me engano, aqui começa a... O dr. (Aldo?) Villas Boas parece que... nessa época que ele é... que ele é superintendente do SESP. O dr. Aldo Villas Boas, ele... ele... – como é que diz? – instituiu umas reuniões nos estados, pra discussão.

CF – Ah, tá.

EP – E a gente ia daqui, toda a equipe do... do Rio ia reunir com as equipes dos estados.

CF – Entendi.

EP – É isso que eu digo aqui.

CF – Aí, aqui, tem uma reunião em Belém do Pará...

EP – É, Belém. Depois tem outras reuniões...

CF - ... *(falam ao mesmo tempo)* em 66, né?

EP - ... tem outras reuniões.

CF – Quer dizer, eram reuniões da equipe técnica pra discussão...

EP - ... da equipe técnica do Rio de Janeiro com as equipes locais, né?

CF – Entendi. Quer dizer, isso foi iniciativa do dr. Aldo?

EP – Promovida pelo dr. Aldo Villas Boas.

CF – Entendi. Aqui também, né? “Os diretores regionais de Saúde...”

EP – Está vendo? Pois é. Depois fui chefe do setor de Enfermagem até 1968.

CF – É, até 68. Quer dizer, a senhora está na chefia do Setor de Enfermagem, em 68, quando é feito o convênio da Fundação SESP, né...

EP – Exatamente...

CF – ... com...

EP - ... Fundação SESP *(falam ao mesmo tempo)*.

CF - ... a Fundação Ensino Especializado em Saúde Pública.

EP – É, mas aí já é outra (*falam ao mesmo tempo*).

CF – Chegamos à ENSP (*rindo*).

EP – Aí chegamos na ENSP. Vamos deixar para outro dia porque já é uma hora, né?

CF – Aí, agora, nós vamos começar, né...

EP - ... na Escola.

CF – É, vamos começar a sua história lá, como é que foi a sua ida pra lá... Isso tudo é importante, d. Elza, por quê? A gente acompanhou a sua formação, como é que foi a sua experiência no SESP, pra entender quando a senhora chegar na Escola, quer dizer...

EP – É, exato.

CF - ... tudo que a senhora levou da sua experiência para a Escola, né, quer dizer...

EP – Exato, exato.

CF - ... isso tudo a senhora vai poder contribuir com toda essa experiência, essa formação, no trabalho que a Escola vai desenvolver, não é?

EP – Claro, claro, sem dúvida.

CF – Por isso que é importante essa recuperação.

EP – Tem uma coisa que não aparece aqui nesse coisa, que é onde estão os cursos, que eu fiz Saúde Pública... curso de Saúde Pública na Escola de Saúde Pública em... Que ano que foi? Não, isso a gente vê na próxima vez, tá?

CF – É, eu posso dar... a gente vê. Aí já...

EP – É, porque (*falam ao mesmo tempo*)...

CF - ... porque a senhora já está na Escola, né?

EP – É, porque quando... eu já...

VB - Aqui nessa síntese, talvez.

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*) porque a gente vai mudar de coisa agora, né?

CF – Tá, então eu vou parar agora, a gente retoma.

EP – Quando eu fui... (*interrupção na fita*)

\*A Fita 04 não foi gravada integralmente (aproximadamente 25 minutos do Lado A).

Data: 07/05/2004

### **Fita 5 - Lado A**

CF – Bom, vamos dar início, então. Hoje, dia 7, né?

EP – 7 de maio.

CF – 7 de maio de 2004. Vamos dar início à terceira entrevista com a dra. Elza Paim para o projeto sobre os 50 anos da Escola Nacional de Saúde Pública. Hoje presente a pesquisadora Cristina Fonseca. Bom, d. Elza, vamos... vamos começar, então... A gente tinha parado na nossa última conversa exatamente quando a senhora ingressou na ENSP.

EP – É.

CF – Só que a gente estava lembrando dos cursos que a senhora fez, né, quer dizer, na realidade, seu 1º contato com a Escola Nacional de Saúde Pública...

EP – (??), é...

CF - ... foi anteriormente, quando a senhora fez o curso de Saúde Pública, né, em 1959, né?

EP – Exato.

CF – Nessa época, quer dizer, quando a senhora foi para a ENSP fazer o curso, a senhora já trabalhava no SESP, né?

EP – Não, eu já trabalhava no SESP...

CF – Porque a senhora tinha entrado...

EP - ... eu trabalhava no SESP desde 49.

CF – É, em 49 a senhora entrou... a senhora entrou no SESP. Aí, em 59, a senhora foi fazer o curso na ENSP.

EP – É, pois é, exato.

CF – Aí, queria que a senhora contasse um pouquinho sobre isso, quer dizer, como é que foi essa idéia, como é que surgiu essa idéia de fazer o curso?

EP – Olha, o negócio é o seguinte, o... a Fundação SESP tinha um programa de... a gente podia chamar de “educação continuada”. Então, os funcionários do SESP, todos, eles passavam por vários treinamentos internos, não é, e também externos, né? Então, a gente

tinha... tinha muita oportunidade de assistir congressos, seminários, tudo isso, como... como uma parte do programa de educação continuada, né? Então, você participava de congressos, de seminários, né, de... fora do SESP e dentro do SESP. O SESP promovia muita atividade (?), dentro mesmo, para melhorar o seu pessoal, né?

CF – Mas aí eles chamavam pessoas de fora, professores para dar curso...?

EP – Às vezes, chamavam. Por sinal foi boa a sua pergunta porque nós tivemos uma... um... nós tínhamos um curso de visitadora, lembra que eu falei para você?

CF – Lembro.

EP - Depois, quando já estava aqui no Rio, nós começamos a achar que o curso de visitadora precisava de sofrer alguma modificação, né, atualizar em termos de didática, pedagogia, essas coisas. Então, nós conseguimos uma... uma consultora... não é consultora, é professora de Didática, dona Simone (*Rivera?*). Nós fizemos um curso de atualização didática para o curso de Enfermagem, de visitadoras, né? Nós trouxemos várias enfermeiras que estavam no Interior, responsáveis por cursos de visitadoras, né? E nós tivemos, se eu não me engano, durante um mês ou dois meses, um seminário sobre didática aplicada ao curso, né? Então, a partir daí é que a gente fez uma reformulação muito grande - aliás o Brito Bastos fala nisso - no curso de visitadora, que passou a ser, no lugar de ser por matérias, passou a ser por unidade didática, né?

CF – O que era essa unidade didática? Como é que era isso?

EP – Só se eu... Quer que eu pegue o livro do (?)? Está lá. Unidade básica é assim, em lugar de você ter, por exemplo, deixe eu ver, Anatomia, Fisiologia, (?), você tinha várias unidades que agrupavam esses conhecimentos, mas de uma forma mais integrada, sabe, de uma forma mais... até acessível, mais inteligente de ser feita. Bom, então, nós tivemos a Simone Rivera e a (*Ribabáusia?*), que era psicóloga que dava Psicologia Educacional.

CF – Antes não tinha curso de Psicologia, ou já tinha?

EP – Não, não.

CF – Já tinha no (?)? Nesse curso não, né?

EP – Não, não...

CF – Aí é que entra a Psicologia?

EP - ... não, (*falam ao mesmo tempo*) para a gente era a Psicologia da Aprendizagem, era para preparar gente de uma forma mais... mais completa para o... para os cursos. Depois a gente pode ver no livro do Brito, porque ele dá toda a descrição do... do curso, como é que ele ficou...

CF - ... desse curso?

EP - ... desse curso como é que ele ficou. Então, as enfermeiras vieram do Interior, né, responsáveis pelos treinamentos. E elas fizeram aquele treinamento, elas... não só elas, mas também os engenheiros, que os engenheiros também davam curso para os auxiliares de Saneamento, não é?

CF - Ah, tá!

EP - Então, esse curso reuniu as enfermeiras e os engenheiros que trabalhavam em cursos, né?

CF - Entendi.

EP - Foi muito bom, foi de uma extrema valia o curso, para todo mundo. Quando terminou elas voltaram para o campo, e cada uma foi desenvolver o curso, porque o curso... o curso foi formulado durante o nosso treinamento, entendeu? Quer dizer, você tinha as disciplinas e, de acordo com a orientação da dona Simone e da Ribabáusia, a gente organizava, né, os assuntos. Era uma coisa muito boa mesmo, muito interessante.

CF - E elas eram, a Simone e a Ribabáusia...?

EP - Não, a Simone é professora de Didática da...

CF - Mas ela...

EP - ... universidade.

CF - Ah, era da universidade...

EP - Era da universidade.

CF - ... não era do SESP?

EP - Não, não era do SESP, mas ela passou a integrar o SESP como consultora, uma coisa qualquer. E a Ribabáusia é... Não sei como você não conhece a Ribabáusia, era professora de Psicologia Educacional. Também participou nesses cursos José Artur Rios.

CF - Ah, tá! (*Artur Rios?*)...

EP - Ele era sociólogo, trabalhou no SESP uma temporada.

CF - Ele participou do... do curso também?

EP - É...



CF – A senhora chegou a (*conhecê-lo?*)?

EP - ... rapidamente, a parte de Sociologia, deu uma boa sugestão.

CF – Ele dava... deu aula para a senhora, então?

EP – É, para o nosso grupo. Bom, mas, então, terminado o curso... Eu estou dando como exemplo de um tipo de treinamento que o SESP dava para melhorar a qualidade do seu pessoal, treinamento interno. Tem outros cursos também que a gente fez. Além desse, ele fazia... dava muita oportunidade de você participar em congressos, né, você deve ter visto aí meu currículo, participar em congressos, seminários, né, então, a gente estava sempre sendo atualizada, entendeu, o SESP sempre (?) preocupação em atualizar pessoal do campo, né, e o pessoal do... O campo a gente chamava “nível local”. O que era o nível local? Nível local eram as unidades de Saúde, eram os centros de Saúde, os hospitais, as unidades mistas. Então, desde esse pessoal que estava na linha direta de atenção ao público, até o pessoal que estava nos programas, que era um nível intermediário, até o pessoal da superintendência. Então, era um negócio muito...

CF – Todo mundo passava (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Todo mundo recebia treinamento e tinha oportunidade de participar de congresso, de seminário, dessas coisas todas. Bom, e aí, as enfermeiras eram... os enfermeiros, os engenheiros, eram muito encaminhados para fazer curso de Saúde Pública nos Estados Unidos. O curso nos Estados Unidos durava um mês, um ano. E eu tinha família, então, eu sempre me recusei a ir fazer curso que durasse um ano. Eu saía daqui para fazer um seminário... para assistir um seminário no Exterior, mas era coisa de uma semana, não é? Eu fui a vários seminários lá, seminários sobre planejamento familiar que a gente fez... que a gente fez, não, promovido pela OPAS...

CF – Onde foi esse?

EP – Foi em Trinidad Tobago, foi muito interessante também, e outros seminários. Mas era coisa assim, de uma semana, eu ia e voltava, né? Agora, um ano?

CF – Era o tempo de um congresso, quase, né?

EP – O tempo de um congresso. A gente ia muito a congresso também. Agora, um ano? Eu sempre me recusei. Vinha a bolsa: eu não vou.

CF – E era para onde? Era sempre para a Johns Hopkins?

EP – Para os Estados Unidos, era, era sempre para a Johns Hopkins.

CF – Era sempre para a Johns Hopkins.

EP – Então, iam os engenheiros, iam os dentistas, iam as enfermeiras. Muitas enfermeiras foram, brasileiras, foram fazer curso no Exterior, e eu ficava esperando que surgisse um curso no Brasil, né?

CF – Porque a senhora não queria se afastar da família, né?

EP – Não, era muito... era muito tempo, não era? Era uma violência muito grande que eu ia fazer...

CF – E as outras que iam, como é que iam? Elas (*falam ao mesmo tempo*)...?

EP – Olha, a maioria delas era solteira (*rindo*).

CF – Ah, tá!

EP – Era. A (*Georgete?*)...

CF – Isso facilitava, né?

EP - ... a Georgete Teixeira era solteira, foi fazer Administração Hospitalar; Maria de Lurdes Rodrigues era solteira... A grande maioria era solteira, né? E a d. Hemengarda de Faria Alvim, que era chefe de Enfermagem, ela era casada, mas era só ela e o marido, não tinha filho. Então, ela ia a toda hora não sei para onde, tal, (??) problema. Bom, então...

CF – Isso que a senhora está colocando é importante, d. Elza, que eu fico pensando assim, é um outro lado dessa história toda, né, que a gente pode também ir conversando aos poucos, que, de alguma maneira, quer dizer, a senhora também acompanhou, participou de um período em que a mulher está começando a ingressar no mercado de trabalho, né?

EP – Ah, sem dúvida nenhuma!

CF – Então, isso também tem uma série de mudanças, né...

EP – É, claro.

CF - ... tanto na...

EP – Até com a família, né, principalmente com a família, você...

CF – É, como conciliar, né, quer dizer...

EP – É, exato.

CF - ... tem muita gente estudando, hoje, isso, né, quer dizer, assim... (?)... Naquela época da senhora, que a senhora é da geração que começou a mudar...

EP – Exatamente.

CF - ... essa... essa lógica, né?

EP – E havia gente... A gente ficava num conflito terrível, né? Você tinha que viajar e você estava com um filho doente, não é? Aí como é que você fazia, né? Mas o SESP sempre foi muito... compreensivo...

CF – Como é que a senhora fazia? (*rindo*)

EP - ... compreensivo, né? Aí eu falava: “Fulano está doente, eu não posso ir agora, e tal, mas...” Porque também eu sempre correspondi, entendeu, precisava, eu estava lá.

CF – Então, nessas situações críticas tinha como... como conciliar...

EP – Como conciliar.

CF – ... adiar uma viagem para quem tem um problema em casa?

EP – É, claro.

CF – Conseguia fazer essas (*falam ao mesmo tempo*), né?

EP – Na medida do possível, né? Tinha gente, às vezes... Bom, então, aí... havia uns cursos de Saúde Pública, pequenos, no Departamento Nacional de Saúde, mas eu ia como professora. O SESP também deixava muito a gente participar contando a experiência da gente nos vários cursos que havia, pequenos, no país. E eu dei várias aulas...

CF – E esse curso do DNES (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Eram cursos rápidos sobre vários assuntos, né, Enfermagem de Saúde Pública, Enfermagem...

CF – Deixe eu só dar uma paradinha, dona Elza?

EP – Tá. (*pausa*) Aí... Posso começar?

CF – Pode. Quer dizer, aí a senhora estava falando dos cursos do DNES.

EP – É, do DNES em que a gente participava, a gente (?) (*do SESP?*) participava, mas mais como professora, né, para discutir os assuntos de Saúde Pública e tal. E eu sempre esperando que me aparecesse um curso no Brasil, porque era a coisa mais estranha, chegava alguém do Exterior, começava a discutir currículo: “Onde a senhora fez o curso de Saúde Pública, d. Elza?” “Eu não fiz.” (*risos*) Eu já tinha atingido todas as escalas, né, do SESP, eu já tinha... Eu já estava num nível... num nível central.

CF – É, a senhora já estava aqui, né, no Rio de Janeiro.

EP – Eu estava no nível central, quer dizer, eu aprendi... A dona Maria Rosa Pinheiro dizia: “A d. Elza aprende na prática, a Elza aprende sem precisar de curso.” Bom, mas eu sentia falta de uma base teórica, né, melhor. Aí, a Escola Nacional de Saúde Pública...

CF – ... em 1959.

EP - ... 1979, né...

CF – ... 59, né?

EP – ... 59, né, ela... ela aparece, a oferta de curso, e aí eu não tive dúvida, fui falar com a minha chefe: “Olha aqui, eu vou fazer o 1º curso, eu vou fazer.” O curso era um ano, né, (?). Aí: “Ah, tá bom! Que ótimo! Você vai.” E quem organizou a parte de Enfermagem, que o 1º curso de Saúde Pública era Curso Básico de Saúde Pública para Enfermeiras...

CF – Era separado, né?

EP –Tinha Curso Básico de Saúde Pública para médico, tinha para engenheiro, tinha para dentista, isso tudo separadinho. Bom, então, quem organizou o curso foram duas enfermeiras brasileiras, que eu me lembre: d. Emengarda de Faria Alvim e d. Haydé Dourado. Já ouviu falar em dona Haydé Dourado?

CF – Não.

EP – É uma figura muito importante na Enfermagem, mas eu acho que ela nem está viva mais, dona Haydé Dourado. Elas participaram ativamente na elaboração desse curso.

CF – É Haydé?

EP – Haydé.

CF – Haydé.

EP – A, h... não, h, a, y, d, e, acentuado. D. Haydé Dourado.

CF – As duas eram do SESP?

EP – Não, a Haydé não era, a Haydé era da universidade, ela era da Escola de Enfermagem Ana Néri.

CF – Ah, tá, e a d. Emengarda era do SESP?

EP – A dona Emengarda é que era do SESP. As que eu me lembro que participaram, (*naturalmente?*) que houve outras, né?

CF – Esse foi o 1º curso na ENSP?

EP – O 1º curso básico de Saúde Pública, foi o 1º. Aí eu consegui, né, fui fazer o curso durante um ano...

CF – Onde que eram as aulas, porque não existia ainda (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Ah, minha filha, isso é uma boa pergunta! Ainda não tinha a (*sede?*), né? O dr. Blois ficava num... numa sala, o dr. Blois era o diretor, ficava numa sala ali no... Eu lembrei o nome, era Arthur Bernardes o nome do hospital Fernandes Figueira...

CF – Sim, sim.

EP – Arthur Bernardes. Ele ficava numa sala e... e não tinha... A gente tinha aula, por exemplo, Microbiologia, a gente tinha aula lá na universidade, com Paulo de Góis; aula de (*Citologia?*) a gente tinha aula...

CF – Lá na Escola Ana Néri?

EP – Não, na universidade mesmo...

CF – Não, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – ... na Escola da Faculdade de Medicina...

CF – Tá.

EP - ... com Paulo de Góis. Tinha um professor de Parasitologia cujo nome eu não me lembro, mas que era excelente, também lá na... na...

CF - ... na Faculdade?

EP - ... na Faculdade de Medicina. Nós tínhamos aula (*rindo*)... Tinha um professor chamado (*Dério?*), Dério era alemão, que dava aula de Educação Sanitária para a gente, sabe onde? Em Niterói. A gente tinha que pegar a barca para ir lá em Niterói.

CF – Nossa!

EP – E tinha... a gente tinha uns lugares... A gente ia ter aula nos lugares onde estavam os professores, sabe, porque não...

CF – Quer dizer, não tinha um centro...

EP – Não, não tinha...

CF - ... um local onde os professores iam dar aula?

EP - ... não tinha, não tinha.

CF – Não, os alunos é que iam aos professores.

EP – Os alunos iam onde estavam os professores. Então...

CF – E o Blois, dr. Blois, ficava...

EP - ... ficava...

CF - ... no Hospital Arthur Bernardes?

EP - ... no Arthur Bernardes.

CF – Numa sala do Hospital Arthur Bernardes.

EP – É. Tem até um negócio engraçado. Uma época ele... ele ficava, se eu não me engano, no 4º ... 3º ou 4º andar, e aí ele não queria subir as escadas, ele não podia. E aí, as pessoas... o... alguns funcionários botavam cadeirinha para ele... para subir (?) (*risos*). Engraçado. Dr. Blois era uma...

CF – (*falam ao mesmo tempo*) ele não podia subir escada?

EP – Dr. Blois era uma figura, nossa mãe! Bom...

CF – Engraçado?

EP – Muito engraçado, mas ele era extremamente empreendedor, né, um cara formidável o dr. Blois!

CF – A senhora acha... Ele teve um papel importante, né?

EP – Muito importante, muito importante mesmo! Bom, então, depois, a gente tinha reuniões lá, ele tinha uma salinha de reuniões também, em que a gente se reunia para dizer como é que estava o curso, esse negócio. Mas a gente era fora de lá. Tinha aula até na Rua das Marrecas. Eu não sei, ou não sei exatamente onde, mas a gente tinha aula numa salinha na Rua das Marrecas. Bom...

CF – A senhora lembra de mais alguém, ou algum, mais algum professor?

EP - Me lembro. Desse curso?

CF – É, desse 1º Curso Básico de Saúde Pública.

EP – Eu me lembro desses dois, me lembro do Délio Camarão, me lembro de quem?

CF – Délio Camarão dava aula de quê?

EP – Educação Sanitária.

CF – Educação Sanitária.

EP – Era lá em Niterói, por sinal (?) era chatíssima.

CF – (*falam ao mesmo tempo*) (*rindo*).

EP – (*rindo*) Mas, então... Não me lembro no momento, mas, provavelmente, vou me lembrar de mais alguém. Bom, então...

CF – E como é que foi... teve uma seleção, d. Elza, para entrar para esse curso?

EP – Teve, mas era entrevista.

CF – Era entrevista?

EP – Entrevista, né? Você vai lá faz uma entrevista...

CF – (*E só enfermeiros*)?

EP – E havia indicação... havia indicação dos serviços.

CF – Ah, tá!

EP – Isso era fundamental, que houvesse indicação dos serviços.

CF – Aí vinha... Mas aí era... Tinha muita gente do SESP ou tinha mais gente (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Não, (?) do SESP só eu que fui fazer, não tinha mais ninguém do SESP.

CF – As outras suas colegas enfermeiras vieram de onde?

EP – É, todas eram do estado, do município, enfermeiras de Saúde Pública.

CF – Trabalhavam em serviços?

EP – É, trabalhavam em serviços. A grande maioria era enfermeira de serviço.

CF – Entendi. Não de hospital, de serviço mesmo...

EP – Não, não, de serviço de Saúde Pública.

CF - ... de centro de Saúde, de (*curso?*)...

EP – O curso era de Saúde Pública, né, então, era para Saúde Pública mesmo.

CF – Não, porque não tinha ainda Administração Hospitalar, essas coisas, né, não tinham nessa época.

EP – Não, não, naquela época não tinha na Escola, né? Bom...

CF – E o curso durou um ano, né?

EP – O curso durou um ano. Foi um curso ótimo, muito bem dado, muito... uma cobrança terrível, a gente tinha que estudar prá burro! Eu me lembro que eu vinha para casa, de noite eu ficava estudando até não sei que horas porque todas as disciplinas tinham prova, né, tinham prova escrita, tinham prova oral. Era... foi um curso pesado, mas foi um curso muito bom. Bom...

CF – Deixe eu só tirar uma dúvida aqui, d. Elza.

EP – Diga.

CF – Se eu não me engano, quando a gente estava falando, quando a senhora fez seu curso de Enfermagem, mesmo, na Escola Ana Néri, a senhora chegou acho que a comentar que tinha tido aula com... também com o dr. Paulo de Góis.

EP – Tinha, (*ele?*)...

CF – Quer dizer, então, que a senhora teve aula com ele (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Com ele, é, e na pós-graduação...

CF - ... curso de Enfermagem, e, depois, (*nessa?*)...

EP - ... na pós-graduação, né?

CF – Interessante isso...

EP – Muito interessante!

CF - ... como algumas pessoas eram referência direta...

EP – É, eram referência. Paulo de Góis era uma referência em Microbiologia, né?

CF – Nessa... e na formação de Saúde Pública.



EP – Na formação de Saúde Pública.

CF – Agora, tinha muitas coisas semelhantes, quer dizer, entre o curso que a senhora fez de Enfermagem na Escola Ana Néri e esse curso de especialização tinha coisas (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Olha, mais uma...é como se fosse, vamos dizer, uma... uma revisão do que você tinha dado, não é, uma... uma... um... Porque nem todas as enfermeiras tinham o mesmo preparo, então, não é...

CF – (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Eu... eu senti que o curso de... de Microbiologia, como o de Parasitologia, era... a gente dava muita coisa que tinha dado no curso de Enfermagem, não é, mas com um enfoque mais... mais para a Saúde Pública, sabe, que eles já... eles davam esse enfoque. Bom, mas os cursos eram ótimos...

CF – Mas, aí, essas enfermeiras todas que vieram dos serviços, elas também tinham passado pelo Ana Néri, não...

EP – Não, não, não...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) feito curso...?

EP - ... enfermeiras de várias escolas, enfermeira da Hadock Lobo, né, enfermeira da (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Hadock Lobo era onde (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Aqui, no Rio de Janeiro.

CF – Também tinha uma escola de Enfermagem?

EP – No Rio de Janeiro, tinha. Depois (?)... depois... tinha, já tinha, nessa época, Escola Alfredo Pinto, né, já tinha a Hadock Lobo, já tinha a...

CF – Hadock Lobo eu não conhecia. Onde é, na Rua Hadock Lobo mesmo?

EP – Não, a Hadock Lobo... eu não sei onde é que ela está atualmente, era na Tijuca.

CF – Pois é, porque a Rua Hadock Lobo é na Tijuca, né?

EP – É na Tijuca.

CF – A escola era lá, na própria (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Era na Tijuca, na Tijuca. Alfredo Pinto é aqui, né, na... ali na Praia Vermelha (*ali atrás?*). Era ali porque antes não tinha (*a sede?*), era (*não sei onde?*). Bom, então...

CF – Então, essas enfermeiras não tinham... não vinham necessariamente da Ana Néri, quer dizer, tinha pessoas... enfermeiras (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Não, não, enfermeiras de várias escolas, né, (?)...

CF – Agora, basicamente...

EP – ... (*falam ao mesmo tempo*) era basicamente a mesma.

CF – E, basicamente, todo mundo do Rio de Janeiro, ou tinha gente de outros estados? Tinha...?

EP – Do Rio de Janeiro. Esse primeiro, que eu me lembre, só tinha gente do Rio de Janeiro. Bom...

CF – Aí, então, a senhora fez... fez o curso...

EP - ... Curso de Saúde Pública... Bom, no final do curso nós fizemos um trabalho muito interessante. Tinha que ter um trabalho de fim de curso que não era uma monografia, tinha que ser um trabalho... um trabalho de aplicação prática do que a gente tinha aprendido. E aí (*rindo*) nós fomos fazer um estudo... A dona Emengarda, que morava lá para Jacarepaguá, conhecia uma região que corre atrás do Recreio dos Bandeirantes - tinha até ônibus que passa na porta – onde tinha um centro de Saúde chamado Samuel (*Libanio?*), Samuel Libanio. Não era um centro de Saúde, era um posto, não é, era um posto que ia um médico uma vez por semana, que tinha uma ambulância na porta, que os enfermeiros levavam os pacientes (?) para o... para aqueles hospitais que ficam mais lá para perto, (*não me lembro?*), Getúlio Vargas, parece. E a dona Emengarda teve a idéia de a gente fazer um trabalho de campo, de aplicação, realmente, do que a gente tinha aprendido.

CF – Nessa região?

EP – Mas foi ótimo, é. Nós fizemos um... Primeiro, começou por um levantamento da... de toda população, né, que morava ali.

CF – É uma área mais rural, né?

EP – Uma... Aquela área, naquela época, era predominantemente rural. Então, a gente tinha que caminhar, às vezes, um quilômetro para chegar numa casa, né? Então, a gente fez um levantamento das condições de saúde, de saneamento... Veja, a gente estava aplicando o que a gente tinha aprendido no curso, né?

CF – Mas aí, só as enfermeiras ou os engenheiros também (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Não, a gente... a gente... não, esse trabalho nós fizemos só... só o grupo de enfermeiros, né? Os engenheiros, não sei o que eles fizeram, e os médicos, também não sei o que eles fizeram. Nós fizemos esse trabalho. Então, nós fizemos o levantamento, identificamos uma porção de doenças, foi interessante pra chuchu. Lá tinha até lepra, tinha lá.

CF – É mesmo? Isso, também, no mesmo esquema, entrando, batendo na casa das pessoas, (*falam ao mesmo tempo*)...?

EP – Batendo na casa, perguntando, né... se apresentando: “Eu sou aluna da Escola de Saúde Pública, né? Nós estamos fazendo um estudo para a gente reativar o posto.” Que a idéia da dona Emengarda era, depois, aquele posto virar um centro de treinamento da ENSP. A ENSP ainda não tinha a unidade de treinamento dela que tem atualmente, também não tinha nem (*sede?*).

CF – Mas o posto estava fechado? Não, ele funcionava.

EP - Não, funcionava, mas desse jeito, precariamente.

CF – Precário, né?

EP – O médico ia lá 3 vezes por semana, ou ia e não ia, não é, só para atender, e tinha a tal da ambulância na porta para levar os casos de urgência. Então, foi ótimo esse trabalho. A gente pôde aplicar praticamente o que a gente tinha aprendido, né, e...

CF – Aí como é que era? Fala um pouquinho, d. Elza, como é que isso... Eu tinha vontade de visualizar como é que isso funcionava, assim, na prática. A senhora ia na casa...

EP - ... ia na casa...

CF - ... das pessoas...

EP – Aí a gente fazia um levantamento da família, né? Quantas pessoas moravam na casa, né, pai, mãe, quantos filhos. A gente via as condições de habitação: se tinha água, não tinha, se tinha esgoto, não tinha, não é? E a questão de vacinação: se as crianças eram vacinadas, ninguém era vacinado, não é? Se a mulher tinha tido quantos filhos, se ela perdeu quantos, né, quantos seus filhos... quantos seus filhos morreram, morreram de que, morreram de diarreia, morreram de sarampo, não é? Então, a gente conseguiu ter um retrato muito... muito próximo da realidade, né, daquela... daquela situação, daquela região que a gente estava trabalhando. E a gente começou a querer descobrir as curiosas da região. (?) nessa região não tem médico. Aliás, tinha um médico que, é engraçado, depois eu conto a história desse médico, morava lá há muitos anos. Então, a gente começou a tentar encontrar as curiosas, né? “Quem é que faz os partos da senhora?” “A d. Margarida.” “Onde é que a d. Margarida mora?” “Mora em tal lugar, assim, assim.” “A outra quem foi?” “A d. Francisca, a dona não sei o quê.” Então, a gente se reunia no fim da tarde, as enfermeiras, e dizia: “Bom, a dona fulana mora na área que você está levantando, né? (*tosse*) Dá um jeitinho de procurar dona (*fulana?*).” Tinha uma... uma... uma parteira chamada d. Virgínia, que era a líder das parteiras.

Ela tinha uma influência enorme, a d. Virgínia. Uma mulher extremamente simpática, inteligente! (*tosse*) Então...

CF – Ela meio que supervisionava o trabalho...

EP – (*tosse*) Não, supervisionava não, ela tinha um bom entendimento com elas, mas ela não tinha nenhum trabalho de supervisão. Desliga um pouco?

CF – (?) beber uma água. (*pausa*)

EP – Bom, então, o que é que nós fizemos? Todas as (?) curiosas falavam da d. Virgínia: “D. Virgínia é muito boa. Quando a gente tem problema a gente corre para a dona Virgínia.” “Então, vamos embora descobrir a d. Virgínia.” E quem descobriu a d. Virgínia fui eu...

CF – Ah, é?

EP - ... na minha área. Ela morava numa casinha que ficava na beira da estrada. Bati na casa para fazer o levantamento da casa. Chego lá, na parede tinha uma porção de retrato de criança. Disse: “Gente, aqui é casa de parteira, de curiosa.” Aí, começa a conversar para lá... “Como é seu nome?” “D. Virgínia.” Ela já sabia, mais ou menos, que a gente estava atrás dela. Aí ela disse: “Está me procurando? Por quê? O que é que vocês querem comigo?” Bom, aí eu contei para ela que a gente ia fazer um trabalho lá para, depois, ter um trabalho permanente, né, naquela região, que era uma região totalmente desassistida, e a gente queria conhecer todas elas. Por quê? Porque elas conheciam toda a área, conheciam as mulheres, né, elas sabiam os problemas... Então, fiz, assim, um (*negócio?*) para ela ficar muito... realmente era isso que a gente queria.

CF – Valorizada?

EP – Valorizada, né, muito valorizada. Então, a d. Virgínia ficou encantada com o que eu contei para ela, e me deu informação sobre outras parteiras da região, não é? Aí ela foi uma porta para encontrar as outras. E aí, tinha umas parteiras engraçadíssimas.

CF – Todas tinham boa receptividade no trabalho?

EP – Todas. Nenhuma delas nos tratou mal...

CF – (*falam ao mesmo tempo*) resistência, né?

EP – Não, nenhuma, nenhuma, porque a gente... Sei lá, a gente chegava, se apresentava, que a gente estava querendo... Dizia assim: “Olha, a gente está querendo ativar aquele posto, né, fazer o posto funcionar.” Elas sentiam uma falta enorme de qualquer tipo de assistência, inclusive de assistência no momento que elas tivessem algum problema. Elas não tinham para quem recorrer, não é, a não ser sair correndo para o posto, ver se a ambulância estava lá para levar a mulher. Então, elas foram muito receptivas, ajudaram a gente até a entrar... a encontrar mais pessoas, né, foi muito bom.

CF – Quer dizer, não havia uma resistência?

EP – Não.

CF – Porque tem gente que fala...

EP – Não.

CF - ... que fala sobre uma disputa dessas...

EP – Minha filha...

CF - ... dessas curiosas...

EP – Não.

CF - ... com os médicos, que os médicos iriam estar tirando (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Que... Gente, é uma outra clientela, não tem nada a ver médico com curiosa! Imagina se médico ia fazer parto lá naquelas brenhas, não é? As mulheres iam qualquer dia, a qualquer hora da noite! A d. Virgínia tinha um filho que tinha uma motocicleta, e ele levava a mãe dele naqueles lugares mais distantes. Não é...

CF – Na hora que precisasse, né?

EP – ... não é clientela para o médico, qualquer hora do dia ou da noite, né? As... aquelas mulheres, realmente, elas prestaram um trabalho inestimável ali. Bom...

CF – E aí, então...

EP – Ali ou em outro qualquer lugar onde elas trabalharam, que eu sou fã das curiosas com que eu trabalhei minha vida inteira. Bom, então, nós conseguimos fazer o levantamento, né, e aí a gente passou para a fase de... estudar a reorganização do posto, né, como é que a gente vai fazer isso aqui funcionar, que a gente prometeu para todo mundo que a gente ia trabalhar ali, né, ia ser um posto de... da Escola.

CF – Quer dizer, então, primeiro, faz um levantamento para entender como é que a região... né, as precariedades, as necessidades...

EP – Exato, exato...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) (*região?*)...

EP - ... conhecer um pouco os hábitos das pessoas, o que é que as pessoas pensam de saúde, de doença, esse negócio todo. E... foi muito bom aquele trabalho. Bom, aí, o que foi que

aconteceu? Terminado o levantamento, né, a gente se reuniu de novo com dona Emengarda, ela (?) todo dia, a gente ia lá, explicava o que a gente estava fazendo, tudo. Então, vamos... vamos reativar o posto. O que é que vamos fazer? A Escola vai entrar em contato com o município para pedir se eles emprestam o posto para a gente por alguns anos, para a gente reativar. O município adorou, né, porque não tinha o que fazer com aquilo, né? E era muito interessante, eu não sei até se ele ainda existe. A construção dele era uma construção assim...

CF - ... plana?

EP - É, plana, horizontal, né, plana. E tinha várias salas de consultório. Era uma pena aquele negócio não funcionar! Já tinha sala de consultório, tinha laboratório, tinha tudo, só que não funcionava.

CF - Nada, não tinha ninguém, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - Tinha até uma bela de uma cozinha lá.

CF - Mas não tinha ninguém, ou tinha gente só de vez em quando? Não?

EP - Não, tinha gente de vez em quando, o resto do tempo...

CF - Mas o laboratório funcionava, ou não funcionava nada?

EP - Não, não funcionava, estava lá, mas não funcionava. Bom, aí, nós começamos a fazer o quê? O que é que vamos trabalhar aqui? A Escola... a Escola conseguiu, né, a... (?) que o município cedesse para a gente, para a gente trabalhar, e a gente passou a fazer uma espécie de um programa, o que é que a gente vai fazer aqui, né? Identificação. Tem muita criança, tem muita criança doente, tem muita criança desidratada... Lá eu vi uma coisa que eu nunca tinha visto no Interior, é (*cachiocor?*). Cachiocor é uma distrofia proteico-calórica que mata as crianças, as crianças vão ficando secas, secas, secas. É um negócio... Eu vi lá...

CF - Nossa!

EP - ... dois ou três casos de cachiocor naquela região.

CF - E por que é que a senhora acha que isso...?

EP - (*falam ao mesmo tempo*) muita desnutrição, muita diarreia, né? As gestantes não tinham onde fazer o tratamento, né, tinha gestante à beça...

CF - (?) um pré-natal, né, um acompanhamento?

EP - Aí a gente... Hein?

CF - Um pré-natal, não tinha um pré-natal?

EP – Não, não tinha nada. Aí a gente pensou exatamente isso: vamos fazer um trabalho de assistência à criança, né, um trabalho de assistência à gestante, pré-natal. Vamos fazer... vamos tentar controle de doenças transmissíveis, não é, ativar o laboratório, não é, ver se a gente consegue um dentista para cá. O dentista não era do SESP. E aí a gente começou a fazer uma programação para a área. Fizemos a programação, apresentamos lá para a Escola, e o diretor topou.

CF – Dr. Blois...

EP – O dr. Blois topou, né?

CF – E a Escola tinha recurso para poder fazer isso, levar (*falam ao mesmo tempo*)...?

EP – A Escola tinha recurso, mas o SESP também entrou nessa.

CF – Ah, tá!

EP – Bom, entraram o SESP e a Escola, e o município, que continuava...

## Fita 5 - Lado B

EP - ... da gente, né?

CF – Quer dizer, toda a elaboração do trabalho, o planejamento...

EP - ... foi feito pelo grupo...

CF - ... foi feito por vocês, né?

EP - ... foi feito pelo grupo de enfermeiras do curso de Saúde Pública que estava... que tinha terminado, naturalmente, com a assessoria de dona Emengarda. O (*Bichat?*) Rodrigues participou - o Bichat, nessa época, era professor da Escola - também participou nisso. Não me lembro qual era o engenheiro que participou com parte de Saneamento... Então, a gente procurava o recurso onde a gente podia encontrar, mas a gente fez, realmente, um planejamento muito bom, sabe, desculpe a modéstia. Aí...

CF – Não, não é modéstia, (*falam ao mesmo tempo*) (*rindo*)...

EP - ... a d. Emengarda - a gente trabalhava no SESP num sistema de ficha de família, pasta se família - ela resolveu que a gente ia fazer pasta de família lá. Eu já tinha tido experiência de pasta de família e achava que aquele negócio não ia dar certo: “Ah, d. Emengarda, vamos fazer ficha única, cada paciente tem sua ficha? Que esse negócio de... de... a gente já tinha experimentado na Bahia, não deu certo, era muita complicação.”

CF – Por que não dava certo, d. Elza?

EP – Olha, porque você tinha que trabalhar... Você tinha que ter uma pasta onde você colocava todas as pessoas da família, né, e era... era muito complicado porque, quando vinha uma pessoa da família, você tinha que tirar uma pasta com tudo aquilo, né...

CF - ... e localizar as informações...

EP - ... para atender uma pessoa...

CF - ... daquela pessoa dentro da família.

EP - ... né, uma pessoa. Bom, essa ficha de família, ela tinha também informações sobre a parte de saneamento... Mas eu digo assim: “Isso não precisa porque a gente já tem, né, um levantamento das condições de saneamento. É tudo a mesma coisa. Você não vai repetir numa ficha, né, o que você levantou no geral porque é tudo... tudo igual.”

CF – Na região como um todo, né?

EP – É tudo igual. Bom, então, passamos para a ficha única...



CF – Aí, (?) ficha individual, então, né?

EP – É, ficha individual, cada paciente tinha a sua ficha. Aí, o que é que a gente fez mais?

CF – Dona Elza, e esse levantamento, o que me chama a atenção é uma coisa, é... não tinha uma participação direta de engenheiro, nem de auxiliar de Saneamento?

EP – Eu falei, a gente pedia... a gente tinha a assessoria do engenheiro, não me lembro qual engenheiro.

CF – Mas o levantamento todo foram vocês que fizeram (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Nós, as enfermeiras, nós que fizemos tudo. Quer dizer, a gente fez um levantamento na medida dos conhecimentos da gente, que a gente também teve Saneamento no curso, então a gente tinha noção, né, e tinha prática de serviço.

CF – Mas aí, na hora que começou esse convênio entre o SESP e a Escola, e o município, dentro do posto, aí veio o engenheiro, veio o auxiliar de Saneamento também para trabalhar?

EP – Não, nesse momento não. O que é que a gente fez? O que é que a gente fez?

CF – Só tinha uma supervisão de um engenheiro?

EP – É. A gente precisava preparar pessoal. Aquela era uma região muito distante para ter pessoal que não fosse da própria área, né? E, também, porque uma filosofia do SESP era sempre trabalhar com pessoas da própria comunidade. Então, a gente, no levantamento que a gente tinha feito, a gente até tinha identificado que havia lá dentro pessoas alfabetizadas, né, que podiam ser treinadas para serem atendentes, para serem visitadoras, para serem... basicamente atendente e visitadora. Atendente era a pessoa que atendia nos consultórios, não é, dava injeção, essa coisa. E a visitadora ia fazer o trabalho de campo, que era o trabalho, tradicionalmente, da enfermeira. Nós fizemos um (*recrutamento?*), conseguimos umas meninas ótimas, formidáveis as garotas. Fizemos um treinamento que durou 3 ou 4 meses, né, desse pessoal.

CF – E aí, e essas meninas... Ainda existia aquela preocupação em tentar selecionar meninas de Escola Normal, professoras? Não, porque nesse lugar não tinha?

EP – Não, não tinha como lá. Lá não tinha jeito.

CF – Aí não, era só...

EP – Lá (*falam ao mesmo tempo*). A pessoa alfabetizada, sabia ler, escrever, né... E a gente fez várias entrevistas para ver a pessoa como é que era. E era importante porque elas conheciam a comunidade, né, elas iam com a maior facilidade para todo lugar.

CF – Não, isso eu acho importante, d. Elza, porque tem... tem... quer dizer, existe um padrão ideal, né, quer dizer, contatar professoras, não é...

EP – É, é, mas isso (*falam ao mesmo tempo*).

CF - ... mas a partir do momento que não tem...

EP - ... você trabalha com quem você acha, né, desde que sejam pessoas... Você sempre tinha uma entrevista, via como era aquela pessoa, e o treinamento era... e o treinamento era um treinamento muito bom. A gente aplicou lá esse curso que a gente tinha feito no SESP, esse curso por unidades.

CF – Sim, entendi.

EP – Bom, aí... Naturalmente que ao alcance do pessoal, né...

CF – Claro.

EP - ... dava a (*aula?*) de acordo com o pessoal. Terminado o curso a gente conseguiu – que foi a Escola que admitiu – que a Escola admitisse esse pessoal para trabalhar lá porque o município não queria gastar dinheiro. Bom...

CF – Agora, isso já foi depois porque o seu curso da Escola de Saúde Pública, na Escola (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Esse é o final do curso.

CF – ... esse... o curso termina em novembro de 1960.

EP – Exatamente.

CF – Isso foi durante o curso, ou foi depois que o curso acabou?

EP – Não, isso aqui foi depois do curso...

CF – Depois que o curso...

EP - ... isso é trabalho de final de curso. Bom, então, a essa altura o curso já tinha terminado, ficamos eu... eu e a outra enfermeira, chamada Judith Feitosa. Nessa época eu estava no SESP. Eu fui lá no SESP pedir para me deixarem ficar lá que eu queria participar do trabalho. O trabalho era interessantíssimo, uma região como eu nunca tinha visto, com problemas... olha que eu trabalhei no Interior, em muitos lugares. Eu nunca tinha visto uma região tão pobre, tão desassistida, com tanto problema como aquela, aqui...

CF – Isso é importante, pois é, d. Elza, até deixar registrado, né, porque...

EP - ... aqui, no Rio de Janeiro.

CF - ... a gente falou tudo sem gravar, quer dizer, era a região de Vargem... que a gente, hoje, conhece como Vargem Grande, né?

EP - Vargem Grande, hoje Vargem Grande, é, aquela região.

CF - Que a senhora falou: “Vai de Curicica...” né...

EP - ... até, não sei bem onde é que termina.

CF - Até ali, a ponta do Recreio (?)?

EP - É, por ali, vai embora. Bom...

CF - E a senhora estava falando, então, que nunca tinha visto uma região tão...

EP - ... tão pobre, tão desassistida, né...

CF - ... e tão perto, né, do Rio.

EP - ... só... Tão perto do Rio, quer dizer, aquilo, para a gente, foi uma descoberta enorme, né? Bom, então...

CF - Aí, então, a senhora ficou cedida pelo SESP para trabalhar...

EP - ... pelo SESP para trabalhar lá. E a Judith também era do SESP, a Judith... Ah, também a Judith era do SESP nessa época. Eram duas do SESP, então, eu e Judith Feitosa, pode corrigir. Então, a Judith ficou também, né? Então, ficamos as duas lá...

CF - A Escola contratou essas... essas...?

EP - Não, a gente conseguia receber, (*continuava?*) ... Era parte do... era parte do SESP.

CF - Não, mas as... as visitadoras?

EP - Contratou.

CF - Aí a Escola...

EP - A Escola contratou as atendentes, as visitadoras, né? E aí a gente começou a sentir muita falta de laboratorista. Que é que a gente faz com laboratorista? Não tem laboratorista. E lá havia uns guardas antigos da malária que...

CF - ... trabalhavam no posto.

EP – Tinham trabalhado, que aquela região era uma região também que tinha tido muita malária.

?? – (D. Elza?), (?) (*cafezinho?*)?

CF – (*Vou tomar?*).

EP – Então... então, começa a fase de procurar um...

CF - ... laboratorista.

EP - ... laboratorista. E tinha um cidadão, um dos guardas, que, de vez em quando, ele passava por lá, seu Antônio.

CF – Quer dizer, eles tinham trabalhado na malária, mas não era... não trabalhavam (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP – Não, não estavam mais, já tinham acabado. Aquela região (?) uma região, parece que ela tinha... era fortemente... tinha muita malária por lá, né, mas aí, nessa época, a malária estava mais ou menos controlada naquela área e eles estavam... eles tinham se demitido, não sei o que aconteceu. Mas o seu Antônio me procurou e eu falei: “Sr...” “Eu queria trabalhar aqui.” “Ah, mas aqui não tem lugar para guarda, sr. Antônio.” Eu perguntei (?): “O senhor gostaria de fazer um curso de laboratorista?” Ele disse: “Posso tentar, né, dona Elza.” “Tá bom.” Aí ele veio, acho que ele foi treinar foi na Escola. Eu sei que a gente conseguiu um cursinho de laboratorista para ele, para aquelas coisas práticas, né, as coisas mais simples. Por exemplo, fazer exame de fezes, fazer exame de urina das gestantes, né? O exame de sangue ele não fazia lá, a gente coletava o material, mas não fazia lá, ia para o hospital.

CF – Que hospital, para o...

EP – Para...

CF - ... para o Arthur Bernardes?

EP – Não, para esse... para esse que tinha convênio lá com a gente, que era do município. Como é? Acho que era o...

CF – Ah, que a senhora falou...

EP - ... (*Carlos Chagas?*).

CF - ... que (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – É.

CF – O Getúlio Vargas (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Bom, então, a gente fazia... É. A gente fazia lá exame de... exame de... de urina da gestante, né, exame de fezes das crianças, dos adultos, que era uma infestação terrível lá de... de tudo quanto é verminose que você podia pensar. O seu Antônio fez o treinamento, voltou entusiasmadíssimo, e foi um excelente laboratorista naquele posto (?). E era muito dedicado e tinha que fazer um trabalho muito bom, muito sério. A gente confiava inteiramente nele.

CF – O Departamento Nacional de Saúde não tinha curso de laboratorista mais nessa época, não? Porque antes tinha.

EP – Não sei, naquela época a gente não procurou ver. Bom, eu não sei exatamente como é que ele foi treinado, acho que ele veio... veio para a Escola, ele veio para a Escola.

CF – Ele fez na Escola.

EP – (*falam ao mesmo tempo*) acho que na Parasitologia, por ali que ele (*veio fazer?*).

CF – Mas onde, dona Elza?

EP – Não, mas não fez no... Eu estou... Eu tenho que me lembrar onde ele fez esse curso, não me lembro. Eu sei que ele fez o curso e voltou para lá, e fez um trabalho muito bom, né? E também a gente colhia lâmina para pesquisa de *tricomonas* nas gestantes, que tinha muito (?), né? Então, a gente colhia, a enfermeira mesmo colhia, e ele examinava. Aquele exame mais simples a gente fazia.

CF – O que mais? Quais as outras doenças transmissíveis, a senhora lembra, nesse levantamento...

EP – De lá?

CF - ... é, que a senhora fez na região?

EP – Olha, a gente achou dois ou três casos de lepra, achou alguns casos de tuberculose, que as pessoas pareciam que estavam tuberculosas, mas, basicamente, nas crianças, era desnutrição e verminose, desnutrição e verminose. Era uma coisa assim, incrível

CF - Alta, de alta incidência, né?

EP – Ham?

CF – De alta incidência.

EP – Alta incidência, toda a região.

CF – E de adulto, nos adultos, a senhora lembra, assim, qual era a doença de maior incidência?

EP – Não, os adultos... não me lembro de ter encontrado outro tipo de doença lá não. Também eles eram... coitados, havia muita, também, desnutrição no adulto, né, porque eles comiam muito pouco, então, a desnutrição era geral ali.

CF – As pessoas viviam de que naquela época?

EP – Ham?

CF - Viviam de quê?

EP – Olha, a região, aquela região lá do centro, lá tinha uns roçados, pequenas roças, né...

CF - ... de subsistência?

EP – ... pequenas roças de subsistência. (?) eles não tinham outra coisa, eles só... eles só plantavam para comer, né? E aquele solo, uma parte dele, é de turfa.

CF – O que é turfa?

EP – Turfa é um tipo de carvão vegetal que é... que é muito baixa caloria, né, e tem naquela região toda. E aquilo era muito ruim para eles plantarem, né?

CF – Ah, não sabia não.

EP - Turfa. Ah, eu aprendi um bando de coisa lá (*risos*). E tinha os morros também, né, tinha vários morros. E tinha muita plantação de banana, nos morros tinha muita plantação de banana, né, e...

CF – Mas aí as pessoas viviam de quê? Não tinham um trabalho, uma atividade, de um modo geral, não?

EP – Tinha, algumas pessoas saíam para trabalhar de lá, né, porque tinha o ônibus que passava. Mas, a maioria, realmente, era gente que trabalhava...

CF - ... que vivia...

EP - ... como podia na roça de... de coisa de subsistência. Bom...

CF – Bom, e aí? Aí, então, seu Antônio, é isso...?

EP – Seu Antônio.

CF - ... fez o curso de laboratorista...

EP - ... laboratorista e foi trabalhar com a gente.

CF - Aí começou o laboratório, voltou a funcionar?

EP – Começou a funcionar. Então, o que é muito interessante, isso é um parêntese, os filhos do seu Antônio, depois, eles todos vieram... vieram fazer curso na Fundação, de laboratorista, e passaram a trabalhar na Fundação.

CF – Ah, é, d. Elza?

EP – Sim, senhora!

CF – Já mais... já muitos anos depois?

EP – Muitos anos depois.

CF – A senhora lembra o nome deles?

EP – Não, não me lembro (*rindo*).

CF – Fizeram curso onde? Aí... lá na...?

EP – Aí já era ENSP, né...

CF - Já na própria ENSP mesmo.

EP - ... já era no (*curso?*). Mas eles trabalharam na Parasitologia, né, por influência de seu Antônio, quer dizer, o seu Antônio e a gente aqui, né, que entusiasmou para eles virem. Bom, aí começa a funcionar o serviço e a gente tinha uma frequência muito boa, né? As gestantes vinham mesmo, as crianças, elas traziam as crianças, vinham de longe, coitadas, com as crianças no colo, né, para serem atendidas. A gente começou o programa de imunização, né, programa de imunização, e a gente, eu e Judith começamos a pensar como é que a gente ia arranjar suplemento alimentar para aquelas crianças, porque não tinha como tirar as crianças da desnutrição, isso era no começo, e não tinha como tirar. Aí, a Judith disse: “Ah, eu vou... Tem um lugar chamado Caritas, sei lá, negócio com uns bispos, né...” Eu sei que a Judith é que fez isso. Ela foi lá, conseguiu uma doação de... de leite, de leite em pó.

CF – Para o posto?

EP – Para o posto. Então, a gente distribuía, né, a gente recebia acho que mensalmente uma cota e a gente distribuía para as crianças. A gente, primeiro, assim, incentivava o aleitamento materno até o máximo possível, né, e, depois, a gente entrava com o leite, com esse leite que a gente distribuía. As mães vinham buscar e a gente ensinava como é que preparava, aquele negócio todo. E o programa de combate à... diarreia e à desidratação, tinha muita desidratação, então, a gente tinha uma sala, uma salinha que a gente ficava com as crianças durante o dia para elas tomarem o soro, lá, soro... oral, né, que era água, era um pouquinho de sal...

CF – O soro caseiro (*que a gente conhece?*) (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... esse soro, né, que você conhece. Então, a gente tinha a salinha de re-hidratação, ficava uma atendente lá com a mãe, né? Ela ficava aprendendo como é que ela ia re-hidratar a criança. Bom, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Além disso, o que é mais que tinha no posto? Tinha um médico sanitarista...

EP – Ah, sim, (*falam ao mesmo tempo*).

CF - ... que continuava sua...

EP – Tinha um médico, o primeiro médico que foi para lá, chamava dr... dr. Isauro. Dr. Isauro era bem velhinho, ele vinha do Amazonas...

CF – Do Amazonas?

EP - ... do SESP, do SESP.

CF – Ah, era do SESP?

EP – O SESP é que botou ele lá.

CF – Porque antes desse convênio tinha o outro médico sanitarista que saiu...

EP – Tinha outro médico, mas o médico ia lá uma vez na vida, na...

CF – ... que era... que era o médico da prefeitura.

EP – Acabou saindo, acabou saindo, não quis ficar mais lá não, achou que era muito trabalho para ele. O dr. Isauro era uma pessoa que tinha um conhecimento da população incrível. Ele tinha trabalhado em zonas do interior do Amazonas, né? Então...

CF – A senhora lembra o sobrenome, Isauro (*de quê?*)?

EP – Não, só me lembro Isauro.

CF – Não tem problema, depois a gente acha.

EP – Bem velhinho, assim, o dr. Isauro. Bom, então...

CF – Aí o dr...

EP - ... dr. Isauro. Dr. Isauro era tão formidável, adorava ele, que ele fez amizade, assim como a gente tinha as curiosas, ele fez amizade com o curandeiro da região, que tinha um curandeiro. Então, quando o curandeiro estava doente ele ia se consultar lá no posto. E,



conversa vai, conversa vem, ela começa a trocar com o dr. Isauro receitas, né? Dr. Isauro descobriu que ele era...

CF – Ah, que ótimo!

EP - ... que ele era... ele era curandeiro. Aí ficaram amigos, né, ele encaminhava os... Aí, dr. Isauro dizia assim: “Olha, você pode dar o seu remédio que você (*faz?*), mas, se a pessoa não melhorar, você manda para cá.” Então, ele fez esse tipo de coisa como... para ver, né? “Você pode dar um medicamento ou...” medicamento não, ele dava era ervas, né, benzeduras, ervas, essas coisas, “..., mas se não melhorar você manda para mim, porque como é que você vem se consultar comigo?” Ele ia se consultar com o médico. Bom, então...

CF – E não manda os outros, né?

EP - ... então, essa troca ficou muito interessante porque o... realmente, ele se dava muito bem com o (?), assim como a gente se dava muito bem com as curiosas, ele se dava muito bem com... com...

CF - ... com o curandeiro.

EP – Aí, nós começamos...

CF – Inclusive, porque, d. Elza, se ele veio do Amazonas ele deve ter visto à beça isso lá, né?

EP – Claro, claro, ele conhecia o problema, né?

CF – Já tinha essa...

EP – Bom, então...

CF – Aí...

EP - ... começamos o treinamento de curiosas, né? Elas vinham toda a semana ao posto, traziam para a gente a notificação de nascimento das crianças que elas tinham atendido, não é? (*telefone tocando*) Mas quem é que foi que botou aquele telefone no lugar? Deixa para lá. Então...

CF – Quer ir lá atender, (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Não, não vou atender não. Então... (*falam ao mesmo tempo*)...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) começou o treinamento, então, elas... elas traziam...

EP – Começou o treinamento.

CF – Todo parto que elas faziam elas avisavam.

EP – Era obrigação delas trazer a... uma notinha. Primeiro, a gente não tinha nem uma... nem uma... nem uma impressa, elas traziam escrito em qualquer papel, né, o nome da mulher, o nome de onde... o endereço, o nome da criança, e aí a visitadora ia visitar, né? O treinamento durou, formalmente, durou parece que uns 4 ou 5 meses, mas ele não parou nunca porque elas vinham toda semana. Toda semana a gente discutia, né, os casos que elas tinham atendido. Elas aprenderam a aplicar o *credé*, que é aquele negócio que eu falei para você, de pingar no olhinho da criança, para não ter oftalmia. Receberam... elas receberam... no final do treinamento ela recebia uma bolsa, um bolsa com material para curativo de umbigo, né, para... uma escovinha para lavar as mãos... O treinamento era uma coisa muito simples, por exemplo, aprender que tem que cortar as unhas, que tinha curiosa que tinha a unha grande para romper a bolsa d'água, aquela unha imunda... Então, aprenderam tudo isso, que era importante e tal.

CF – Agora, e o pré-natal, quer dizer, não tinha, não tinha ainda... não fazia pré-natal ainda?

EP – Tinha como fazer, que quem fazia era o dr... dr... Dr. Isauro fazia tudo. O SESP... A gente não tinha um médico para cada coisa. Dr. Isauro atendia criança e gestante. Aí, depois, tem um outro lance que eu vou contar depois para a gente... como é que a coisa ficou. Bem, então, as...

CF – Então, o pré-natal elas faziam no posto, mas aí a curiosa era treinada para a hora do parto?

EP – Para a hora do parto, exatamente.

CF – E depois para notificar o posto depois que a criança nascesse...

EP – E a própria curiosa encaminhava a gestante para a gente. Ela descobria a gestante e encaminhava. Bom, e uma coisa importante é que quando... Ela aprendeu, inclusive, que havia um limite para a ação dela. Isso entra em todos os (?) de curiosa, que tem um limite para sua atuação. Passou de tantas horas o trabalho de parto? A mulher está sofrendo muito? Rompeu a bolsa d'água e o menino não nasce, né? Então, elas aprenderam quando... na hora de pedir socorro, né, e aí elas pediam ao posto (*rindo*) e a gente mandava a ambulância, né, para pegar a mulher para levar para o hospital. Isso deu muita segurança para elas também. Elas gostavam muito desse trabalho. Então, a gente trabalhava muito...

CF – As curiosas foram contratadas, também, pela ENSP, não?

EP – Não, não, não.

CF – Só as visitadoras?

EP – (*Elas não ganhavam*) coisa nenhuma. Elas só ganhavam experiência e melhoria do padrão do trabalho delas, né? Elas não ganhavam coisa nenhuma...

CF – (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... só uma bolsa, ganhavam a bolsa, né? E das famílias, o que é que elas ganhavam? As famílias eram muito pobres. Elas ganhavam, às vezes, uma galinha, uma abóbora, né? Elas ganhavam presentes...

CF - ... das famílias.

EP - ... das famílias. Muito raramente elas recebiam dinheiro. Era uma coisa impressionante a dedicação daquelas mulheres, né, se não tinha uma contrapartida de dinheiro, não tinha. E o SESP... e a gente... nem o SESP nunca pagou curiosa coisa nenhuma. Bom, então... então, o negócio estava entrosado: era a curiosa, a mulher que vinha para o pré-natal, o dr. Isauro, que fazia o pré-natal. E aí que a gente começou a achar que... por que a gente não pode fazer uma parte do pré-natal, nós, enfermeiras? Eu já tinha feito essa experiência no Interior. Conversei com dr. Isauro: “Puxa, mas que coisa boa, dona Elza!” Então, a gestante vinha primeiro com a enfermeira – nós éramos duas, eu e Judith – vinha primeiro com a enfermeira, a gente fazia a anamnese, quer dizer, preenchia a ficha dela, né, tomava os dados todos, né, e tirava a pressão, a gente tomava a pressão. A gente já pedia para ela trazer a urina para exame, né? A gente encaminhava para o laboratório qualquer outro exame. Exame de sangue a gente já encaminhava para ele tirar o sangue para encaminhar para exame. Então, só depois disso é que ela ia para o médico, a não ser que ela tivesse uma anormalidade. Se ela chegasse me contando que ela estava perdendo sangue, que ela estava sentindo dor, né, aí a gente já mandava direto para o dr. Isauro, mas, do contrário, todo o acompanhamento dela era feito pela enfermeira. Todas traziam...

CF – (*falam ao mesmo tempo*) pela senhora e pela Judith?

EP – É, toda vez que ela vinha, ela ia primeiro para a enfermeira, e aí a gente dava toda a orientação... (?) dr. Isauro dizia assim: “Olha, eu não sei orientar essas mulheres, não tenho tempo, né, então, manda para a gente só quando elas tiverem anormalidade.” Ele era formidável, o dr. Isauro. Então, eu e Judith fazíamos isso. Aí nós começamos a fazer isso também com as crianças sadias. A criança vinha, a gente pesava, né, a gente media...

CF – A mesma coisa que a senhora tinha feito no...

EP – Exatamente, a gente reproduziu lá. Isso a Escola está sabendo que a gente está fazendo, né? E a gente fazia exatamente o acompanhamento da criança como se fosse Puericultura. Quando a criança estava doente a gente encaminhava para o médico, não é? Quando a criança estava desidratada ela ia ao médico, mas, depois, ela vinha para a gente, para a gente dar orientação de como devia ser, né, o... a re-hidratação. Quando o caso era grave, ficava no posto, como eu disse para você. Bom, e teve um caso muito engraçado, a gente... a gente teve que começar a aprender a linguagem daquele pessoal que morava ali. Por quê? Ali não tinha relógio, não tinha relógio, ninguém tinha relógio naquela região. Como é que você ia ensinar para dar remédio, às vezes, antibiótico, de tantas em tantas horas? (*Como é que se fazia?*)? Bom, você tinha que... (*rindo*) você tinha que ter milhões de... de maneiras... Por exemplo,

você... De hora em hora passa o ônibus, o ônibus tinha horário, né? “Então, quando o ônibus passar, a senhora dá o remédio.” Para você ver que coisa mais precária, né?

CF – Ah, (*dona Elza?*)!

EP – E se o ônibus atrasa, né? (*risos*) Bom, é por aí.

CF – Mas era a referência de tempo, né...

EP – Referência...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... era a referência do tempo, né? Por exemplo, de manhã cedo. O médico, ele evitava muito dar remédio com muita... uma periodicidade muito grande. Dava assim: o remédio que desse de manhã, né, tomasse na hora em que você vai comer. Ah, mas a hora de comer deles, minha filha, era completamente diferente da gente. Eles comiam o que eles podiam comer bem cedo. O povo da roça almoça muito cedo, não sei se você sabe disso.

CF - É, porque acorda muito cedo, né, almoça...

EP – Acorda muito cedo, (?) negócio de café da manhã não tem, então, come logo, né, come de manhã, na hora da refeição. “Que hora que a senhora come?” “Ah, a hora que o marido vai para a roça.” Ah, (*meu Deus?*)! Ou, então, a gente tinha que achar meios e modos, né, de orientar de maneira que o remédio pudesse fazer efeito, algum efeito. E, uma vez, eu me lembro de uma coisa muito interessante. Eu estava orientando uma senhora a fazer re-hidratação oral. Eu falei: “Olha, dona Maria”, sei lá, “a senhora vai ter que dar uma colherzinha de chá de água fervida para o neném, assim, de vez em quando, é de vez em quando, não tem hora, não tem relógio, de vez em quando. De vez em quando a senhora vai lá e dá.” “Tá bom, d. Elza.” Daqui a pouco ela foi lá fora e voltou: “D. Elza, ainda que mal lhe pergunte, como é que se faz chá de água?” Chá de água! Por quê? Porque ela não sabia o que era colher de chá. O negócio era de uma pobreza tão grande que elas não tinham... às vezes, tinham uma colher em casa. Não tinham colher de chá. “(?) colher de chá? Não sei o que é colher de chá.” Aí, eu e Judith começamos a procurar...

CF – Nossa!

EP - ... né, negócio de colher de plástico, essas coisas, para a gente dar para elas para...

CF - ... distribuir, né?

EP - ... para distribuir. A gente... a gente...

CF – Nossa, d. Elza, são coisas que a gente na hora nem pensa, né?

EP – A gente não pensa! Como é que eu ia pensar que colher de chá... que a mulher ia interpretar chá de água, né? Colher de chá. “Colher de chá, aquela de chá, pequeninha.” “Não tem, d. Elza, só tem uma colherona.” “Bom, colherona, você dá só um pinguinho, não enche a colher, né?”, porque era um neném pequeno.

CF – Nossa!

EP – Olha, mas cada coisa que a gente aprendeu ali, e que a gente tinha que... que ter criatividade para a gente poder superar as dificuldades delas, né? Elas adoravam a gente. Chegavam lá e falavam: “Eu quero ir com a dra. Elza.” “Eu quero ir para a dra. Judith.” Dr... dr. Isauro morria de achar graça, ele dizia: “Vai direto na dra. Elza.” (*risos*) Ele era muito amigo da gente, (?). Bom...

CF – E o dr. Isauro, fazia o quê? Ele cuidava (*de quê?*)?

EP – Ele fazia... ele pagava todos os casos de pacientes que tinham qualquer problema: homem que estava doente, né, mulher doente, gestante com problema, criança com problema. Tudo a gente encaminhava para ele. Criança com bronquite. O que é que eu vou fazer com criança com bronquite? Vai para o médico, né? E a gente tinha uma farmaciazinha, farmácia não, uma salinha de distribuição de medicamento.

CF – (*Quer dizer?*), conseguiu isso...

EP – Então, a gente distribuía medicamento... Não adiantava você dar receita, ninguém tinha onde comprar. Então, a gente tinha uma lista de medicamentos, e o médico... receitava dentro daquela lista. E, muitas vezes, ele receitava, explicava, e mandava ela com a gente porque era difícil dela entender. Como ele tinha muito paciente para atender, ele mandava para a gente para a gente explicar. Então, a gente trabalhava muito integrado. E aí entra a visitadora. A visitadora vai em casa acompanhar os casos de criança doente, né? Uma criança que tem que ser re-hidratada, a visitadora vai na casa dela, morasse onde morasse, no alto do morro, lá não sei aonde, ela ia, né?

CF – Para ver se estava fazendo (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Para ver se estava fazendo... se estava fervendo a água, porque a água lá até era uma coisa também, aquela água de poço, não é? Então, a visitadora era um elemento de uma importância enorme lá. A visitadora também acompanhava a gestante, não é, orientava a gestante. E os casos de lepra que nós descobrimos lá, nós conseguimos internar naquele... porque lá perto tem um...

CF – Ah, tinha...

EP - ... um sanatório de lepra.

CF - Tinha o leprosário em Jacarepaguá.

EP – Em Jacarepaguá. E aí eu fui lá, disse: “Nós descobrimos dois casos de lepra, uma mulher (*foi levada?*)” Todos os dois moravam sozinhos, lá... (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Mas na mesma casa, não?

EP – Não, não.

CF – Em casas diferentes.

EP – Casas diferentes. Aí fui lá, perguntei se era possível, que era do posto, né? Aí, era: “Agora, a senhora tem que convencer a pessoa para ela vir, né?” Bom, uma delas... uma delas morava sozinha, não tinha problema. Eu falei com ela, disse: “Ah, que bom! Vou ter quem cuide de mim”, esse negócio. A outra tinha família.

CF – As duas eram mulheres?

EP – Mulheres. E aí...

CF – Já mais velhas, d. Elza, (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Já, pessoas já de idade. Uma tinha até uma... uma úlcera plantar. Sabe o que é... Você não sabe o que é isso...

CF – Não.

EP - ... nem eu vou entrar em detalhe (*rindo*). Essa já estava... essa era contagiante já, né, a outra não era. Mas, vamos lá, (*fala ao mesmo tempo*)...

CF – Aí, a senhora conseguiu levar...

EP – Levei, levei uma, levei lá, mostrei o que era, porque ela ia para lá e tudo, que ela ia ter tratamento. Naquela (*época?*) usava um negócio horrível chamado óleo de (?). Aquilo doía como o diabo, mas o paciente tinha que tomar. Deixei a paciente lá. E a outra tinha família, tinha um filho que não queria que a mãe fosse internada de jeito nenhum. E esse era o caso mais grave porque era a mulher que tinha úlcera plantar, né? Aí eu conversava com ele: “Olha aqui, a... esse negócio vai furar a perna da sua mãe, o pé da sua mãe. Sua mãe tem que ser tratada, ela vai morrer. Lá ela vai... vai fechar essa úlcera...”. Sei que foi uma luta danada até que ele conseguiu...

CF - Ele concordou?

EP – Concordou e eu levei. Esses casos a gente tinha que ter muito... conversar muito, né, e ter muita paciência, tinha que entender, né? Como é que o cara queria que a mãe dele fosse para o leprosário?

CF – Claro.

EP - Eles tinham pavor de leprosário! Consegui, internei as duas, aí não apareceu mais nenhum caso naquela região, porque elas moravam muito distante, graças a Deus. Bom, e a gente continuou trabalhando lá, né? Fiquei lá...

CF - E aí, o que mais? E as outras doenças, d. Elza, por exemplo, tuberculose? Encaminhava para um...

EP - Encaminhava.

CF - ... para um hospital, para...?

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*), sabe por quê? Tuberculose, naquela época, ainda não tinha as drogas, né, que tem hoje. Então, o negócio era uma coisa assim, meio paliativa: se alimente bem, (?) podia se alimentar bem, né, e...

CF - Mas isso já era em 60, né, d. Elza...

EP - Já era em 60.

CF - ... no final de 60, 61.

EP - É, (*falam ao mesmo tempo*) não tinha.

CF - Já não tinha ainda o medicamento não, né? É, talvez fosse uma coisa...

EP - (*falam ao mesmo tempo*), não sei, acho que não. Não, mas a gente não tinha, realmente a gente não tinha muito caso de tuberculose lá não.

CF - Não?

EP - Eu não me lembro, assim, na minha cabeça... Os que apareceram a gente encaminhou para tratamento lá no hospital, porque não era só medicamento, tinha uma série de exames que tinham que ser feitos, né?

CF - Claro.

EP - Bom...

CF - Além disso, quer dizer...

EP - Agora, casos...

CF - ... mais alguma outra...

EP - Hein?

CF - ... mais alguma outra doença (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Olha, o que eu... o que aparecia muito lá, que não é uma doença, mas é uma coisa que incomoda muito, é berne. A pessoa morava na roça... (*interrupção na fita*)

### **Fita 6 - Lado A**

CF – Se a gente parar para pensar, essa experiência de Jacarepaguá é a experiência pioneira que vai dar origem à unidade (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – É, exatamente, é.

CF - ... (*quer dizer?*), vamos entender, né, como é...

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*), é.

CF - ... a unidade da Escola. Foi importante isso para a Escola, né, então...

EP – É, foi muito importante. Bom, onde é que eu estava mesmo?

CF – A senhora estava falando do berne, que tem (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Ah, sim, o berne. Foi um caso muito interessante lá, de uma criança que apareceu com uma otite terrível, com muita purgação, muito pus, não é? E aí o dr. Isauro passava uma medicação, passava outra, passava outra: nada, nada, nada. E aí eu digo: “Vou levar essa criança na Policlínica do Rio de Janeiro.” A gente fazia muito dessas coisas, sabe, trazia o caso para (*cá?*). Isso é que era bom lá, puxa vida! Aí...

CF – Tinha... porque tinha...

EP – Você tinha que resolver, e aí você... você (*fazia?*) (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Tinha autonomia para resolver.

EP – Tinha autonomia. Quem é que ia mandar na gente? O dr. Isauro, que era unha e carne com a gente, né, e que sabia que a gente estava fazendo um trabalho bom. Aí eu consegui trazer a criança, trazer a criança para a Policlínica, eu, a mãe, né, e a criança, numa ambulância de lá. Aí...

CF – Policlínica de onde? Essa... essa Policlínica...

EP – Ali, do Rio de Janeiro...



CF - ... do Rio de Janeiro?

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*) (*central?*).

CF – Na Nilo Peçanha?

EP – É, fui procurar um bom otorrino, né? Aí o médico olhou, olhou, olhou, enfiou uma pinça e puxou um baita de um berne desse tamanho...

CF – ... de dentro, né?

EP - ... uma coisa horrorosa! Bom, disse: “Agora é isso aqui.” Aí deu medicação, a gente voltou para... para a unidade. Dois dias depois a mãe... Estou contando esse negócio para você ver o negócio da crença popular como é que é. Dois dias depois a mulher voltou ao posto e, conversando comigo, eu disse: “Como é que está a criança?” “Está ótima, d. Elza, está muito bem.” Eu disse: “(*Está vendo?*) como foi bom a gente ter levado no posto?” Ela disse: “Foi bom sim, senhora, mas o que foi bom mesmo foi a reza que a d. Maricota fez, porque foi depois que ela fez a reza que saiu o bicho.” Então, eu ia dizer o que para ela, né? Então, eu falei (?) para a senhora: “Leva para o rezador, mas traz aqui”, né? Eu não ia entrar em guerra com...

CF – Claro.

EP - ... com a rezadeira. Mas para você ver, quer dizer, para a mulher, ela viu o médico tirar com a pinça, mas ela disse que não, que era a rezadeira que estava... tinha resolvido. Bom, aí nós ficamos lá quantos anos? Sei lá. Eu fiquei lá. Nessa época era de muito difícil acesso. A gente tinha uma caminhonete...

CF - ... que levava (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... a Escola dava uma caminhonete, mas o SESP dava uma caminhonete.

CF – Era o SESP...?

EP – O SESP dava caminhonete. A gente... Ele pegava o dr. Isauro, me pegava, pegava a Judith, e a gente ia... a gente ia pelo... eu me lembro toda a minha vida, aqui, pela Zona Sul, que eu morava aqui na Zona Sul, né, (*o carro me?*) pegava (*a gente ia?*) pela Zona Sul.

CF – Aí pegava o quê? Niemeyer...

EP – Ah! Coisa linda! Só aquela paisagem já encantava a gente!

CF - ... a Estrada das Canoas...

EP – Agora... É, minha filha, mas depois estava em construção aquela Estrada da Barra. Olha, teve dia que a gente atolou porque não tinha... tinha... tudo cheio de lama. Era uma tragédia

ir para lá. Era bonito aqui, no começo, mas, quando chegava na estrada era aquele horror, mas a gente ia. Bom, isso durante muito tempo. Depois...

CF – Aí não era melhor ir por dentro, por Jacarepaguá, Cascadura?

EP – Mas é que...

CF – Era muito longe, né?

EP – Muito longe! Por aqui facilitava muito o trajeto. Uma vez ou outra a gente ia por lá, né, não digo que a gente não... às vezes a gente ia por lá. Bom, depois...

CF – D. Elza...

EP - ... começa um negócio que a unidade está custando muito... O interessante é que os alunos iam, eu ia me esquecendo disso, os alunos da Escola, no final dos cursos eles iam para lá, dos cursos de Saúde Pública, eles iam passar uma semana lá para ver o trabalho, né?

CF – Fazer um estágio, uma coisa assim?

EP – Mais ou menos um estágio. Eles viam o trabalho, né, (?) com a gente, conversavam com a população, então, ali, realmente, era um campo de estágio da ENSP, né?

CF – Mas aí... só de Enfermagem? Não, todos os (*alunos?*)?

EP – Não, não, todo mundo ia.

CF – Engenheiro, médico...?

EP – Engenheiro, médico, todo mundo ia conhecer a unidade e o trabalho que estava sendo efetuado, tal. E a gente...

CF – Agora, deixe eu só perguntar uma coisa, d. Elza, o que me chama a atenção, que eu veja, é que tem uma concentração muito grande... Se eu tiver que parar para falar como é que era esse trabalho de Saúde Pública feito aí, há uma concentração muito grande na mulher e na criança, né?

EP – Sim, sim, é claro, é.

CF – É um (*foco?*), né? Eles... eles eram, realmente, prioridade...

EP – Prioridade.

CF - ... nessa política de Saúde Pública.

EP – Eles eram prioridade, a mulher e a criança. Bom...

CF – Talvez até porque... talvez porque não tenha uma incidência grande de doença transmissível (*falam ao mesmo tempo*) na região, não é?

EP – Eu acho que sim. Não, quando aparecia... Não, tinha doença transmissível, tinha sarampo, tinha varicela, tinha... tinha... e tinha isso que eu estou falando, tinha distrofia proteico-calórica, que de vez em quando me aparecia um caso terrível lá, né, mas que a gente conseguiu...

CF – Mas eu fico pensando assim, em termos da população adulta, né, dos homens adultos, quer dizer, de um modo geral...

EP – Eles tinham muita verminose, né, e... era basicamente verminose.

CF – E o dr. Isauro, quer dizer, dr. Isauro era um médico sanitarista, mas um médico clínico também, né...

EP – Clínico, ele era clínico.

CF - ... quer dizer, mas trabalhava num posto de Saúde, mas... né?

EP – Não, não, ele era clínico, ele era clínico, o dr. (?) era clínico.

CF – Então, fazia atendimento médico, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Médico, ele fazia atendimento médico, né, e a gente...

CF – E, no fim, da mesma maneira que vieram... veio a senhora e a...

EP - ... Judith.

CF - ... d. Judith, não veio nenhum outro...

EP – Não, não.

CF - ... não veio engenheiro, não veio médico...

EP – Não, não.

CF - ... específico da área de Saúde Pública?

EP – Não, não, a gente tinha, depois, um dentista, conseguimos um dentista não sei onde, dr. Monassa. Êta, figura!

CF – Monassa?

EP – Dr. Monassa, é.

CF – Acho que o dr. Hélio falou dele.

EP – Dr. Monassa. (*falam ao mesmo tempo*) deve ter falado.

CF – Dr. Hélio Uchôa acho que falou dele.

EP – É, dr. Monassa ficou trabalhando lá no posto. Acho que até o Hélio que orientou o dr. Monassa, foi qualquer... qualquer coisa nesse sentido.

CF – Mas aí atendia a população toda ou só as crianças?

EP – Não, atendia basicamente criança pré-escolar, né, pré-escolar e gestante, e um caso ou outro de... Não dava... não tinha... Um só para atender àquela população era impossível!

CF – Muita gente, né?

EP – Então, você tinha que ter prioridade, quem é que você atende. Mas lá tinha tanta verminose, mas tanta verminose, que, às vezes, você dava a medicação, e a criança, andando pelo posto, expelia verme.

CF – Nossa mãe

EP – Era! Estou dizendo para você (?) horrível! Você tinha um garotinho que a gente passava pela casa dele todo dia, de manhã – ele era... estava tão grave – passava pela casa dele de manhã, de caminhonete, trazia ele para o posto, ele passava o dia inteiro no posto, comia no posto, e, de tarde, a gente voltava com ele para a casa dele, né? Como é que é o nome dele? Não me lembro. E esse é um dos casos que tomou vermífugo e saiu expelindo verme pelo posto. É uma coisa terrível ali! Bom, mas...

CF – E aí, então, a senhora estava lembrando que os alunos da ENSP, durante alguns anos, iam para lá...

EP – É, eles iam para lá...

CF - ... no final do curso...

EP - ... iam para lá no final do curso, acompanhavam o trabalho da gente. E, uma vez, nós recebemos uma visita que nos honrou muito que foi do professor Mascarenhas, da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo. Ele tinha sabido...

CF – Raul Mascarenhas, não era, Raul?

EP – Não, era dr. Rodolfo... É Rodolfo Mascarenhas?

CF – Rodolfo.

EP – Rodolfo Mascarenhas. Fiquei tão assombrada quando vi o dr. Rodolfo Mascarenhas! (*Eu conhecia ele?*). Ele disse que estava... estava vendo, vinha ver a experiência da Escola, né, pioneira da Escola. Tá bom. Aí ele ficou um dia inteiro com a gente lá.

CF – Quem levou ele, d. Elza, a senhora sabe?

EP – Foi alguém da Escola.

CF – A senhora não lembra (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Acho que foi da Escola. Ele veio visitar a Escola, alguém falou, e ele foi. Mas ele me disse uma coisa que era verdade, disse: “Olha, d. Elza, isso aqui vai... vai permanecer enquanto a senhora e a d. Judith estiverem aqui. Quando vocês saírem daqui isso vai acabar, vai virar um posto de assistência médica de novo.” Eu digo: “Não, mas aí vêm outras enfermeiras no meu lugar.” Mas ele falou: “Não, mas é porque vocês têm... sei lá, vocês têm um espírito diferente.” E a gente tinha mesmo, sabe, a gente... a gente ia visitar com a visitadora... Se ela tinha um problema a gente ia com ela, longe, né? Mas aí começa a aparecer o negócio da despesa. Nessa época acho que era Oswaldo Costa que já era diretor da Escola, acho que era Oswaldo Costa. No tempo do dr. Blois tudo bem. Aí começou a achar que era... que era muito caro, que dava muito trabalho, que não sei o que, que não se justificava, que não sei o que, aí tive cada discussão com ele! Eu ia lá: “Não é possível, uma experiência tão interessante!” Não houve jeito. Aí começa: tira isso, tira aquilo, tira aquilo outro, né, tiraram...

CF – Mas e a...

EP - ... tiraram a caminhonete.

CF – A despesa da Escola era: pagar as visitadoras...

EP – É, o... a... atendentes, é...

CF - ... as atendentes e a caminhonete.

EP – Não, e o laboratorista, a caminhonete, e mandar medicamento e vacina...

CF – Ah, isso tudo a Escola que mandava?

EP – Tudo a Escola que mandava.

CF - Não era o SESP também não? Não tinha...

EP – Não, não, o SESP só tinha a gente lá, as três, duas enfermeiras e o doutor. Eu sei que começou um negócio, que aquilo é... “Aquilo é fora da realidade”, era a conversa (*deles lá?*)...

CF – O argumento.

EP – “... fora da realidade, que a gente vai acabar, porque não sei o quê...” Aí, acontece que, nesse período, também, o SESP achou que eu já tinha que voltar para o SESP - eu nem sei quantos anos que eu passei lá, eu passei alguns... dois ou três anos, eu acho, lá - que não, que estava precisando de mim, que não sei o que, aí, com a maior dor no coração eu voltei para o SESP, deixei (*falam ao mesmo tempo*) lá.

CF – A Judith também?

EP – A Judith também.

CF – O SESP chamou a senhora e a Judith?

EP – É, não, me chamou a mim e a Judith. Aí saímos. Aí a Escola mandou... Outra coisa interessante também, que eu ia me esquecendo, é que gente do SESP ia muito lá. Ah, uma coisa que eu ia (??), o SESP fez o projeto piloto da vacina de sarampo lá.

CF – Hum... Foi lá?

EP – Foi lá. E quem orientou, quem fez o trabalho foi Georgette Teixeira, que era enfermeira do SESP. Projeto piloto da vacina de sarampo foi feito em Jacarepaguá. Aplicava a vacina, depois tirava sangue para ver o negócio dos anticorpos, né? Isso é uma coisa muito importante!

CF – Quer dizer, Jacarepaguá, que a senhora está falando, é esse posto...

EP – Ah, mas Jacarepaguá, para mim, é lá.

CF - ... Samuel Libanio, né?

EP – É o posto Samuel Libanio, né? Bom, então, eu saí. Depois a Judith saiu do SESP também, foi para a prefeitura. Ela não queria ficar viajando. E eu fiquei no SESP. Aí o... a unidade ficou com quem, meu Deus do céu? Se não me engano foi com Basília... Dinalva, Dinalva, Dinalva. E o dr. Isauro também se aposentou...

CF – Também saiu?

EP – Também saiu, se aposentou. Foi o dr. Bezerra que também era outro boa praça, bom para chuchu. Bom, então, eu ia lá esporadicamente com a...

CF – Aí a Escola reduziu isso, mas manteve...

EP – Reduziu.

CF - ... reduziu alguns... alguns custos, mas manteve...

EP – Não, só tirar... só tirar a caminhonete...

CF – ... já dificulta...

EP - ... já matou a gente, né? Você já pensou ir daqui a Jacarepaguá sem... sem caminhonete? Às vezes, quando eu estava lá, eu... que eu não saí logo não, eu ia daqui, pegava um ônibus, ia até a Praça da Bandeira. Na Praça da Bandeira pegava o outro ônibus que ia para Vargem Grande, quer dizer, era um sofrimento enorme, não tinha cabimento esse negócio. Eu sei que eu voltei para o SESP, e o SESP continuou mantendo a... a Escola continuou mantendo a unidade, mas de uma forma mais precária, né, já não dava os recursos, aí... aí foi acabando, sabe? É exatamente o que o doutor...

CF - Foi, aos poucos...

EP – Foi aos... foi se emagrecendo, o posto foi emagrecendo, acabou. Bom, aí surgiu o negócio da unidade daqui, né? Isso já foi não sei em que ano que fizeram a daqui. Não me lembro de que ano que foi a daqui. Não, mas aí eu voltei para o SESP, né?

CF – A senhora voltou para o SESP, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Eu tive que voltar para o SESP para (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – D. Elza, vou dar só uma paradinha... (*pausa*)

EP – Eu sei que com o trabalho das curiosas, né, desapareceram os casos de tétano, desapareceram os casos de oftalmia purulenta, que havia muito, a gestante, a maioria das gestantes, a maioria das gestantes deixavam de morrer de parto porque tinha assistência, não é? Só isso aí eu acho que já era uma coisa formidável, sabe? Só você já ter isso aí já é uma coisa formidável.

CF – Uma redução grande, né, de mortalidade (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Redução da mortalidade. Agora, isso que eu ficava (*danada?*) (?), porque ninguém nunca fez um estudo, né, disso aí, ninguém fez.

CF – É, do impacto, né, do serviço...

EP – Do impacto do serviço...

CF - ... como é que (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... nessa comunidade. E é interessante que a população gostava muito da gente, sabe? O que eu recebia de presente lá! Aquele pessoal tinha aquelas roças, e me traziam assim: um mamão verde, um abacaxi verde... Oh, meu Deus do céu! Elas queriam dar alguma coisa porque elas recebiam, né, achavam que a gente ajudava, então, elas... Quase... de vez... quase

de vez em quando aparecia em casa com um abacaxi (*verde?*): “Onde você arrumou esse negócio?” (*risos*) “Ganhei, não posso deixar lá, não é?” E tem outra coisa também que a gente fazia muito lá: festa de Natal, a gente fazia muito. A gente pedia... pedia... pedia donativos, né, a gente era pidão, eu nunca vi, pedia donativos e fazia distribuição de brinquedos, não é, e, até um dia... fazia... procurava fazer um lanche, e aí vinha todo mundo. Você ouviu falar em Mário Magalhães da Silveira?

CF – Claro, claro.

EP – Pois é, Mário Magalhães da Silveira foi lá uma vez, numa... numa dessas festas da gente.

CF – De final de ano?

EP – É, final de ano. Aí disse assim: “Isso não leva a nada!” Ele era meio... ele era meio (*falam ao mesmo tempo*)...

CF - ... crítico?

EP - ... crítico. “Isso não leva a nada, isso é esmola.” Eu digo: “Não é esmola não, isso não é esmola não. A gente... Algumas coisas elas próprias trouxeram, né, e isso é uma forma de você congrega, né, a população, dar uma alegria para esse povo, pôxa!” Eu sei que ele ficou quieto, mas ele olhou, andava para um lado, para o outro, olhando. Eu gostava muito dele.

CF – Ele foi professor da Escola (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Foi. Eu gostei muito dele. Eu tenho um livro dele, não sei se vocês têm, chama: “Conferências Pronunciadas em mil novecentos e não sei quanto”, muito interessante!

CF – Ah, depois quero ver.

EP – Eu vou ver.

CF – Não, eu tenho uma... eu tenho uma xerox de uma conferência, mas não é um livro.

EP – Não, eu tenho um livrinho de conferências dele.

CF – Ah, isso é bom (*falam ao mesmo tempo*), d. Elza.

EP – Eu vou ver se eu encontro e eu passo para vocês.

CF – Ah, isso é importante.

EP – Aí eu... Ele era formidável, ele era assim, questionador, né, levantava as coisas. Eu gostava muito de Mário Magalhães.

CF – Mas ele achava que isso não era importante, né?



EP – “Não, mas que bobagem fazer isso!” “Isso não é bobagem não, isso aqui é uma forma de você dar um pouco de alegria para esse pessoal, né?” Roupa, a gente arranjava roupa, sapato, era um horror. Mas, enfim, acabou, voltei para a Escola, e aí a unidade foi definhando, né?

CF – Mas ainda durou muitos anos, né, d. Elza?

EP – Durou, durou, mas não...

CF – (*falam ao mesmo tempo*) dr. Celso Arcoverde, se não me engano, chegou a me falar, que eu acho que ele trabalhou lá também, numa época...

EP – É, né?

CF - ... quando ele era do DNERu, eu acho que ele chegou também a ir lá para o posto.

EP – Eu não sei. Eu não sei porque eu... eu ia assim, quando tinha... A Dinalva, que era... que era a enfermeira da Escola que foi para lá, era da Escola (*essa enfermeira?*), ela... às vezes, ela passava pela minha casa, eu morava ali na (?), e eu ia com ela até o posto fazer supervisão, né, ver como é que estavam as coisas. De vez em quando eu fazia isso. Eu não queria me desligar de lá, eu achei o trabalho muito bom. Mas depois eu própria entendi que aquela região mudou, né, a região mudou, então...

CF – Foi crescendo, né, se organizando...

EP – Foi crescendo. Você, hoje em dia, tem outros... outras solicitações, não é, mas eu acredito que ainda tenha gente morando, (?) uns morros, tem uns morros por ali, tem Grumari. Aquele... aqueles pés de... acho que ainda tem, pés de banana, tem gente morando por ali tudo, sabe, acho que ainda tem esse pessoal. Mas eu não sei, eu perdi o contato com o posto, voltei para o SESP, né?

CF – E aí, a Escola..., mas a Escola, de qualquer maneira manteve gente lá?

EP – Manteve por algum tempo, depois, aos poucos, ela vai tirando, vai tirando, vai tirando. Acho que até...

CF – Assim, não tinha pessoas específicas da Escola, vinculadas ao posto, não, que pudessem (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Não, não, tinha as visitadoras e as atendentes, que foram demitidas, né?

CF – Não, depois, quando...

EP – Aliás, elas não foram demitidas, elas foram cedidas para o Serviço de Tuberculose.

CF - Ah, é?

EP – Acho que elas foram trabalhar em Curicica. Elas eram muito boas, muito boas mesmo. E...

CF – Quer dizer, então, deixaram de fazer um trabalho no posto, saíram de lá?

EP – Saíram de lá (?) algum tempo depois, né, muito tempo. Você está dizendo que há pouco tempo você foi lá, ainda tinha alguma coisa, né?

CF – É, se eu não estou confundindo...

EP – É, e lá tinha uma cozinha, a gente almoçava lá, tinha uma cozinheira... A gente passava o dia inteiro. A gente chegava lá às 8 da manhã, chegava aqui, de volta de casa, às 5 horas da tarde! Funcionava de manhã e de tarde o posto, né?

CF – Direto, né?

EP – E tinha... e tinha afluência, sabe, o povo vinha mesmo! A gente começou a fazer um trabalhinho, também, lá, de... No centro tinha dois grupos escolares próximos. A gente também tentou conseguir alguma coisa com as professoras, né, (?) as crianças...

CF - ... para fazer uma integração...

EP - ... fazer integração. Ver se a gente conseguia fazer alguma coisa de (*higiene?*) escolar, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – D. Elza, mas, e a unidade? Quando a unidade da Escola foi criada, tinha alguma interligação entre... entre o posto de Jacarepaguá e o trabalho da unidade...

EP – Não, eu não me lembro.

CF - ... alguma troca de experiências?

EP – Eu não me lembro, até posso perguntar isso para a Antonieta, que a Antonieta é a enfermeira que organizou essa unidade daí, Antonieta (*Prado?*). Mas isso eu já estava na Escola, né...

CF – É.

EP – ... quando foi inaugurada eu já estava na Escola. Mas foi acabando, foi acabando, foi acabando, acabou a unidade. É uma pena...

CF – E a justificativa era muito em função da... da despesa, de custos, né?

EP - De recursos, e também porque era uma...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... era um trabalho fora da realidade brasileira...

CF - Por que é que era fora da realidade brasileira?

EP - Sei lá, eu não sei, aquilo era a realidade brasileira no Rio de Janeiro!

CF - É.

EP - Eu sei que eu tive discussões homéricas com o dr. Oswaldo: “Dr. Oswaldo, é importante aquilo. (?) da população vai ficar desassistida, né?” Bom, mas depois, realmente, eu tenho que reconhecer...

CF - E ele era contra?

EP - Ele era contra. Depois, quando... Também eu entendo que aquela região mudou, não é, mudou mesmo. Agora, você chega lá, tem cada mansão enorme, né? O dr. (*Bezerra?*) tinha comprado uns terrenos lá também. Então, a região mudou. Talvez não houvesse mais necessidade, realmente, de um tipo de trabalho daquele. Eu tenho dúvidas, só indo lá para ver de novo (*rindo*) como é que está. Mas foi muito bom o trabalho, (?).

CF - É, uma experiência importante...

EP - Foi muito... A experiência... a experiência foi ótima.

CF - ... né, que a senhora (*falam ao mesmo tempo*). Acho que isso é uma coisa... né? Quer dizer, aí a senhora sai, quer dizer, esse... esse foi, d. Elza...

EP - (*falam ao mesmo tempo*) eu voltei para o SESP.

CF - ... quer dizer... isso tudo... é, não, isso tudo, essa conversa toda que a gente começou porque a senhora estava falando do seu curso básico de Saúde Pública na ENSP...

EP - Foi, trabalho de fim de curso básico...

CF - ... né, que...

EP - ... que aí (*entra?*) pela unidade.

CF - ... redundou nisso, né? A senhora, depois, vai fazer um outro curso na ENSP, que é um curso de especialização em Planejamento.

EP - Ah, mas... mas isso... é, mas isso já é muitos anos depois, não é não?

CF – Em 68.

EP – Sim, aí eu voltei para a Escola, voltei para o SESP, né, continuei meu trabalho normal no SESP. Alguns anos depois...

CF – Como é que surgiu essa...?

EP - ... começa o curso de Planejamento na Escola: Oswaldo Campos, Oswaldo Costa, não sei mais quem foi. Ah, o pessoal da OPAS também, é muito com o pessoal da OPAS. E a 1ª turma foi... Eu fui da 1ª turma do Curso Básico de Saúde Pública, né, que depois mudou o curso, depois passou o curso... o curso passou a ser igual para todo mundo. Esse curso de Saúde Pública passou a ser igual para todo mundo: médico, enfermeira, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Deixou de ser separado por categoria, né?

EP – Deixou de ser separado, num certo momento todo mundo fazia o mesmo curso. Bom, mas aí...

CF – E outra coisa, d. Elza, só para... para juntar com a história da ENSP, quer dizer, a senhora fez o 1º curso básico, começou esse trabalho em Jacarepaguá, mas a senhora também dava aula no curso básico da ENSP, né?

EP – Dava.

CF – Quer dizer, a senhora fez o curso e depois começou a ser professora no próprio curso.

EP – Assim que eu fiz o curso, no ano seguinte, eu já comecei a ensinar na Escola. A d. Emengarda era a titular da... da cadeira, e eu era assistente dela. Depois, a d. Emengarda saiu, que ela tinha muito trabalho no SESP, e eu fiquei no lugar dela...

CF - ... dando o curso (*falam ao mesmo tempo*).

EP - ... dando curso... dando aula na Escola de Saúde Pública.

CF - Quer dizer, a senhora (*falam ao mesmo tempo*) o curso...

EP – Quer dizer, eu já tenho... eu já tenho uma ligação com a Escola muito antiga, muito antes de ir para lá, né?

CF – De entrar formalmente na Escola...

EP – É, de entrar formalmente.

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) a senhora já estava lá. E esses... esses cursos, a senhora falou do 1º ano, quando a senhora fez, contou que era... em vez dos professores irem para...

EP – É, (*falam ao mesmo tempo*), é.

CF - ... para um lugar mais definitivo, os alunos é que iam.

EP – É.

CF – No ano seguinte, quando a senhora começa a dar aula, como é que é isso, ainda é assim, quer dizer, os alunos vão...?

EP – Eu não sei em que ano que foi, eu tenho que me lembrar em que ano que foi inaugurada a Escola.

CF – Mas, não, mas, nessa época, a senhora... quando a senhora começa a dar aula, a senhora ainda...

EP – Ainda é, ainda é (*pulando?*) assim.

CF – E aí ia lá no Hospital Arthur Bernardes (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – É.

CF – Ainda dá aula lá (?), onde era o Fernandes Figueira, né?

EP – Bom, mas, depois, eu não sei em que ano que a Escola foi inaugurada, você sabe?

CF – Sei.

EP - Que o curso de Planejamento já foi na Escola.

CF – Já, é 68 o curso de Planejamento.

EP – É, então, tem que procurar essa referência, né, porque foi uma coisa muito importante a criação da Escola. E o ministro, na época, era o ministro... Raimundo de Brito, né?

CF – Ah, eu não sei de cor agora, d. Elza, mas eu tenho...

EP – Era o Raimundo de Brito. Ele era muito amigo do dr. Blois...

CF - ... isso aqui anotado.

EP - ... e aquele prédio lá era um prédio que estava mais ou menos abandonado, eu acho, e aí ele... ele cedeu para a Escola, e a Escola... acho que foi a Escola que fez a reforma, não sei, aí começa a funcionar lá. E aí é outra...

CF - ... é outra (?), né?

EP - ... é outra coisa, né? É outro (?).

CF - Muda... muda tudo.

EP - É.

CF - Que aí muda... vira Fundação Ensino Especializado em Saúde Pública, né...

EP - É, mas isso já é mais tarde...

CF - ... *(falam ao mesmo tempo)*...

EP - ... primeiro, a Escola. Mas aí...

CF - ... que tem uma...

EP - Bom, aí você faz o...

CF - E a... quer dizer, aí, então, em 68, a senhora... a senhora vai... vai dar aula no... vai fazer o curso de Planejamento também, né?

EP - É, em sessenta e... O 1º curso de Planejamento foi feito... A d. Emengarda fez, a chefe da minha seção, e mais uma porção de gente do SESP. Estou dizendo para você que o SESP dava abertura para você fazer tudo que aparecia de novo, você ia fazer. Bom, aí ela fez o curso. Quando ela voltou, no ano seguinte teve outro curso, e aí ela me indicou, aí eu vim fazer o curso de Planejamento. Foi muito bom também, e tinha professores, assim, maravilhosos. Eu me lembro...

CF - Quem eram, por exemplo?

EP - O Oswaldo Costa, o Oswaldo Campos, o Carlos Gentile de Melo, o Murilo Bastos... Olha, o curso foi muito bom mesmo para mim. Bom, terminado o curso...

CF - O Carlos Gentile dava aula de quê?

EP - Ham?

CF - A senhora lembra? O Gentile dava aula de quê?

EP - Fundamentos Sócio-Econômicos do Planejamento. E ele dava aula junto com Murilo Bastos. Eles davam aula em...

CF - ... na mesma disciplina?

EP – Eles davam na mesma hora, eles davam... Os dois entravam na sala de aula, e um dava um aspecto, outro dava outro aspecto. Era uma aula maravilhosa, eu adorei... eu realmente adorei aquele curso. Bom, terminado o curso eu volto para a Escola, e eu volto para o SESP, naturalmente, né, continuar essa colaboração eventual.

CF – E tinha muita gente do SESP fazendo esses cursos, d. Elza?

EP – Hein?

CF – Tinha muita gente do SESP que vinha fazer os cursos da Escola?

EP – Tinha, continuou a ter muita gente, não me lembro quem, mas eu sei que o SESP continuou mandando, mesmo porque a gente estava querendo entrar mais a fundo nesse negócio de Planejamento, tá, o SESP estava querendo, realmente, entrar nessa parte. Bom, aí fiz o curso, voltei para o meu lugar no SESP, e aí, de repente, o dr... o Hugo Alqueres, que era o... eu soube isso depois, que era o chefe do Departamento de Administração da ENSP, da Escola, teve um enfarte. Nessa época eu já era... eu já era membro do Conselho Diretor da Escola. Eu fui membro do Conselho Diretor da Escola muitos anos. O dr. Blois me conhecia, tanto dos cursos, como da... do Conselho, né, ele é que tinha me indicado, eu não sei... dr. Blois foi comigo, sei lá. Então, o dr. Hugo Alqueres teve... teve um enfarte, teve que largar o Departamento, né, Departamento docente de Administração, e eu não sei por que cargas d'água eles resolvem me... pedir para o SESP para eu ir para lá. Tinha convênio, tinha não sei o quê, e tinha que ir, e eu não queria ir. Eu disse: “Eu vou continuar a minha colaboração com a ENSP...” Mas, quando você é do SESP você é como se fosse de uma família. Eu ia largar a minha família para ir para a Escola. Eu gostava muito da Escola, (?) (*muitos anos?*), mas eu não queria ir de jeito nenhum! Digo: “Eu continuo dando colaboração eventual, o que quiserem, mas eu não quero deixar o SESP.” Aí, o Nelson Morais, que era o meu chefe, me chamou, disse: “Olha, não tem jeito, é pedido do ministro...” O dr. Blois tinha ido no ministro pedir para eu (?) para o SESP.

CF – A sua transferência do SESP para lá.

EP – Do SESP para lá. Aí: “Não tem jeito, é convênio, você vai. Se você não se der bem você volta, né?” E aí, eu não tive outro jeito, fui para lá.

CF – Mas a senhora foi, então, sem querer ir, né?

EP – Eu não queria ir porque eu era uma pessoa extremamente integrada no SESP, né? O SESP era uma família, era outra família para mim. Aliás, essa coisa de família tem muito entre os sespianos. A gente tinha um (??) muito grande, né, a gente era muito... sei lá, era o... Eu nunca tinha trabalhado...

CF – (*falam ao mesmo tempo*) que a senhora atribui isso, porque isso eu já percebi, (*falam ao mesmo tempo*) (*todas pessoas?*)...?

EP – Eu não sei, o SESP tinha uma... tinha uma doutrina, né, essa coisa de você trabalhar com as populações, né, mais... mais desfavorecidas, eu não sei, eu sei que essa coisa empolgava a gente de um jeito que, a gente era sespiano e estamos conversados. Eu não queria deixar isso, né? Bom, mas aí eu tive que ir para a Escola...

CF – Mas assim como a senhora vieram várias pessoas do SESP para a Escola, né?

EP – Vieram. Eu acho que quando eu fui para o SESP, para a Escola, o Cynamon já estava lá.

CF – Isso não ajudava, não ajudava de alguma maneira também?

EP – Acho que o... acho que o Cynamon já estava lá.

CF – Hélio Uchôa também já estava, não estava?

EP – Não, Hélio Uchôa foi depois de mim, ele foi bem depois de mim. Trabalhei muito com Hélio Uchôa no SESP. A gente fazia... a gente era da equipe de supervisão da... da superintendência, e a gente viajava muito junto para o Piauí, para... Eu conheço esse Brasil de ponta à outra, do... o Interior, né, que a gente viajava muito junto. Bom, mas aí, eu tive que vir para o SESP, vim...

CF - ... veio para a ENSP, né?

EP - ... para a Escola, vim para a Escola. Vim transferida, de mala e cuia, tive que vir mesmo. Fui lá, falei: “Dr. Blois, como é que o senhor faz um negócio desse comigo, né? Pôxa, eu gosto tanto do SESP.” “Não, minha filha, mas a gente está precisando muito de você aqui...” E eu acho que ele tinha perguntado qualquer coisa sobre o curso de Planejamento, como é que eu tinha ido no curso, né? E o dr. Oswaldo Costa, Oswaldo Campos, foram muito gentis comigo, sabiam que eu tinha sido uma excelente aluna, não sei o quê, ele achou que eu podia ser...

CF – Aí queria que a senhora (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... que eu podia... que eu podia ser coordenadora de um departamento docente da ENSP. Lá fui eu. E aí foi esse meu começo na Escola.

CF – É, porque aí a senhora vai para... foi quando a senhora entra na ENSP, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – É, quando eu entro informalmente...

CF - ... informalmente, né...

EP - ... informalmente.



CF - ... quer dizer, na realidade, a senhora já está lá, né, há muito tempo, né?

EP – Já! Eu...

CF – Isso é uma coisa super importante, né, d. Elza, para mim, essa estreita relação, né, cooperação entre o SESP e...

EP - ... e a Escola.

CF - ... a Escola, desde o seu início, né?

EP – É, muito grande, muito grande. (?) o SESP tinha... ele tinha uma colaboração muito grande também com as escolas de Enfermagem do Brasil. Ele ajudou muito. Eu falei para você outro dia, né?

CF – Falou, falou.

EP – A escola de Manaus ele construiu, a escola de São Paulo, mandou as enfermeiras de São Paulo fazerem curso no Canadá para voltar (?) escola. O SESP sempre teve uma política de colaboração com as escolas de Enfermagem no Brasil, influência das enfermeiras americanas, hein, que a Enfermagem americana é muito bem situada nos Estados Unidos, era, pelo menos, naquela época. Então, elas ajudaram muito esse negócio, essa colaboração. (Então?), foi isso aí, (??) na Escola. O princípio não foi... o princípio foi bom, o dr. Blois me apoiava muito. Quando eu entrei no Departamento havia dois professores no Departamento. Olha o tamanho do Departamento o que era!

CF – Era o Departamento...

EP – O Marco Antônio Fiori...

CF - ... de Administração ou Planejamento?

EP – É, naquela época era só Administração, depois é que muda. Marco Antônio Fiori, que depois foi ser até reitor não sei onde por aí, e um outro baiano, cujo nome eu não me lembro, dois professores.

CF – (*ruído*) (?) isso eu vejo, a gente tem uma...

EP – E eu tive que me virar com isso, hein?

CF – A gente tem uma lista, eu vou tentar localizar o nome do professor...

EP – Ah, sim, do outro, né?

CF - ... que agora eu não sei de cor, é.

EP – Era um baiano, que, aliás, ele não ficou muito tempo na Escola, ele voltou para a Bahia.

CF – Como é que foi a sua relação com eles? Como é que foi essa sua...

EP – Olha...

CF - A senhora já conhecia, né...

EP – Não.

CF - ... já os conhecia, não?

EP – Já... (*interrupção na fita*)

## Fita 6 - Lado B

EP - ... o Marco Antônio entra, ele é alto, forte, diz assim: “Quer dizer que agora a senhora vai ser minha chefe, é?” (*risos*) Eu digo: “Começou.” Aí eu falei: “Não vou ser sua chefe não, nós vamos trabalhar juntos, né? Você me ajuda, eu lhe ajudo. Vamos botar esse departamento para funcionar e tal.” Eu sei que esse moço ficou tão meu amigo! Trabalhamos muito bem juntos, depois, o tempo todo. E aí, aos poucos, o departamento foi crescendo, fomos conseguindo trazer professor, né, porque a maioria dos professores era de fora, eles vinham dar aula na Escola, né, tinha muito isso.

CF - Não eram do quadro, né?

EP – Não eram do quadro.

CF – Da mesma maneira que a senhora, né, a senhora era do SESP e vinha dar aula.

EP – É, exato, não eram do quadro. Então, a gente tinha muito professor da Fundação... Fundação Getúlio Vargas, que dava a parte de Administração, né? A gente tinha professores de vários lugares, sempre... sempre para a área de Administração, né, que era a área da gente. E engraçado que a gente ficava com o coração pequenininho, me lembro que em dia de aula eu ficava vendo se o professor chegava. Meu Deus do céu, se o professor não chegava como é que vai ser? (*rindo*) Mas foi... foi bom, eu fui... aos poucos eu fui... eu fui me adaptando, né, o dr. Blois me dava um apoio fenomenal, ele era muito meu amigo, e...

CF – Mas, a partir dessa época, a senhora acha que houve uma mudança, assim, uma política de... de contratar professores...

EP – Sim, depois, aos poucos...

CF - ... efetivos para a Escola?

EP - É, depois, aos poucos, começa a... a entrar gente sem concurso, né? Nessa época já estava lá o Luís Fernando... O Blois tinha uma equipe que ele tinha trazido maravilhosa, né? O Luís Fernando, o Arlindo... Quem mais que estava já nessa época lá, antigo, antigo, antigo?

CF – Quais eram os departamentos? Tinha o Departamento de Administração...

EP – Na minha época acho que tinha Administração, tinha Educação Sanitária, que era a Acácia, era a mulher do Hélio...

CF – Não era Ciências Sociais, na época, a Acácia (*não era Ciências Sociais, era Educação?*).

EP – Era Ciências Sociais sim, era Ciências Sociais a Acácia, Ciências Sociais... Tinha Epidemiologia, Epidemiologia (?), tinha Ciências Biológicas...

CF - ... que era o Luís Fernando, né, (*falam ao mesmo tempo*).

EP - É.

CF - Epidemiologia quem estava, a senhora lembra? Já era Eduardo Costa, já?

EP - Não me lembro, naquela época não me lembro não.

CF - Já era o Eduardo Costa, né?

EP - Não.

CF - Ainda não era não?

EP - Que nada, (*falam ao mesmo tempo*) ...

CF - Eduardo Costa fez o mestrado em 68, é.

EP - Eduardo Costa foi meu aluno lá.

CF - É, em 68, (*falam ao mesmo tempo*).

EP - Ele... foi outra coisa. Se eu não me engano, era dr. Joir Pontes.

CF - Joir?

EP - Dr. Joir Pontes.

CF - Quer dizer, então, aos poucos, a Escola vai mudando...

EP - Vai mudando.

CF - ... esse perfil, né, de professor colaborador, para começar (*a ter?*) ...

EP - É, é, ela começa a formar seus quadros.

CF - ... uma equipe própria, né?

EP - É, que ele levou para lá já uma equipe que era de gente que ele conhecia, né? Luís Fernando era uma autoridade na área, na especialidade dele, Arlindo... Quem mais que ele levou, meu Deus? Depois veio Cynamon para a parte de Saneamento e...

CF - E havia uma integração, d. Elza, ou cada departamento trabalhava do seu jeito?

EP - Não, a gente tinha... não...

CF – Tinha uma... uma estratégia única?

EP – Não, a gente trabalhava muito integrado e não tinha outro jeito porque era... nós éramos poucos, né? Então, a gente também tinha uma relação muito boa. A gente tinha um conselho departamental que se reunia uma... uma vez por mês, parece. E o dr. Blois era tão maluco no negócio da gente trabalhar que ele fazia reunião de noite porque durante o dia a gente estava trabalhando, não podia fazer reunião. (*risos*) Então, tem reunião de noite, lá naquelas brenhas. Já pensou? Mas, depois, ele mandava a caminhonete levar a gente em casa, né, mandava o pessoal levar em casa. E aí a... a reunião não tinha hora para começar, não tinha hora para acabar! Ele... ele era... Como é que chama, uma pessoa que é viciada no trabalho?

CF – Ah, *workaholic*, né?

EP – *Workholic*, ele era exatamente aquilo, (*falam ao mesmo tempo*).

CF – Vivia para o trabalho?

EP – Oh! Mas ele era maravilhoso, o dr. Blois (*também?*). E era assim, ativo... Ele... ele entrava no gabinete do ministro, conseguia o que ele queria, né? Ele tinha, sei lá, uma personalidade muito... muito interessante o dr. Blois. Tem muita gente que toca o pau no dr. Blois. Eu acho que ele foi uma peça chave na... na estruturação da Escola, sabe, eu acho. Ele teve um papel muito importante (?).

CF – Mas criticam ele por quê? Por ser uma pessoa...?

EP – Não sei, eles achavam que ele era muito... impositivo, né, muito ditatorial. Era mesmo, o que ele queria, queria.

CF – E tinha que fazer?

EP – E tinha que fazer. Quando ele queria... Ele quis organizar a cozinha... Mas a cozinha da Escola como é que foi? Ele trouxe uma pessoa e pediu que queria a cozinha organizada em 3 dias. Também ele dava os recursos, né? A Escola tinha...

CF - ... tinha (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... tinha uma cozinha ótima naquela época. E, de repente, ele resolveu, o negócio da unidade Germano Silval Faria, ele resolveu que queria a unidade pronta em uma semana...

CF – Nossa mãe!

EP - ... e chamou a Antonieta. A Antonieta Siqueira... Siqueira Prado, essa minha amiga, ela era da Tuberculose e estava lá cedida, né? E...

CF – Era do Serviço Nacional de Tuberculose (?)?

EP – É, o Serviço Nacional de Tuberculose, ela estava... Divisão Nacional de Tuberculose, na época, Serviço, né? Eu sei que ela estava cedida lá na Escola, e tinha muita gente cedida ainda. E aí ele chamou a Antonieta e disse: “Olha, eu quero essa unidade funcionando em uma semana.” A Antonieta é tão doida quanto ele, né? (*risos*). Aí, minha filha, foi um negócio para conseguir botar... organizar a unidade...

CF – Ela conseguiu em uma semana?

EP – Ela conseguiu, Antonieta é terrível. Mas tinha gente para trabalhar com ela, tinha o Tomassini, né? Você conheceu o Tomassini, Hugo Tomassini?

CF – Conheci.

EP – Tomassini, tinha gente (?) para ajudar. Mas aí foi aquela mesma... aquele mesmo negócio de Jacarepaguá: você tem que treinar o... tem que treinar o pessoal, né... Não, nessa época as visitadoras já estavam treinadas. A gente já tinha feito um curso de visitadora aqui, pensando já na... na unidade, né, já estavam treinadas.

CF – Ah, (*falam ao mesmo tempo*)!

EP – Um pessoal ótimo que a Antonieta mesmo tinha selecionado e tal. (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – A Escola já tinha dado o curso?

EP – Já.

CF – A Escola...

EP – Quer dizer, organizar quer dizer o quê? Fazer as rotinas, né, colocar o material, né, botar o pessoal nos lugares, e... é isso aí. Então, ficou tudo pronto! É incrível o que a Antonieta conseguiu! Ela está muito doente, atualmente, a d. Antonieta. Desliga aqui um pouquinho. (*pausa*) ... a unidade, a unidade começou a funcionar, Germano Sinval Faria, e aí... que a unidade é muito boa, né, muito boa, muito grande, tem todos os serviços. Aí tinha tudo, tinha médico, né, tinha... tinha pediatra, tinha obstetra. A obstetra, se não me engano, era até... Como era o nome dela, uma médica alta, morena? Sei lá. Mas... mas começou a funcionar para aquele... aquela população ali.

CF – Daquela área, né?

EP – Daquela área, né? E...

CF – E tinha, já, desde o início da unidade, já tinha integração com os cursos, quer dizer, os cursos...

EP – Não. Eu acho... o que eu acho é o seguinte...

CF - Tinha algum tipo de estágio (*falam ao mesmo tempo*)...?

EP - ... eu acho que os cursos utilizaram muito pouco a unidade, né, eu acho. Quer dizer, toda aquela riqueza de dados epidemiológicos tinha... na minha impressão foi muito pouco usado. A gente dava estágio lá também (*rindo*) para as alunas... Nessa época, também, eu ajudava na Escola de Enfermagem Ana Neri. O 4º ano eu e Antonieta que demos, demos lá na Escola. O dr. Blois concordou e as alunas iam ter aula lá na Escola.

CF – As alunas do Ana Néri iam para lá...

EP – É, lá na Escola de Saúde Pública, mas o curso era do Ana Neri.

CF – Qual era o curso? Qual o curso que elas faziam?

EP – O 4º ano de... que era Enfermagem de Saúde Pública, né?

CF – Ah!

EP – Então...

CF – Interessante isso, d. Elza!

EP – Não, minha filha, eu não sei, eu acho que foi muito interessante mesmo. Elas tinham aula lá... Tinha uma enfermeira coordenadora do curso chamada Isabel Dantas, mas a Isabel só ia com elas. Quem orientava tudo éramos eu e Antonieta. E depois elas fizeram estágio na unidade, elas aproveitaram muito. Dois ou três anos elas fizeram estágio na unidade, que era uma coisa ótima para elas. E a gente visitava aquela área lá, né, tinha as visitadoras que visitavam. Mas, depois, o negócio começou a ficar lá tão violento que eu nem sei se as visitadoras ainda visitam aquela região, mas...

CF – Não, ainda tem, até hoje, tem...

EP – Ainda tem, né?

CF - ... um trabalho com o pessoal da própria comunidade lá.

EP – Tem. Mas o pessoal vai à comunidade ainda?

CF – De vez em quando vai, vai.

EP – Porque a gente ia permanentemente, né?

CF – Vai, vai sim, vai.

EP - Um trabalho muito bom.

CF – Até..., mas tem, ainda tem...

EP – Bom... Ainda tem o trabalho, né?

CF - ... um trabalho com o pessoal, os... agora são os agentes comunitários, né, que chamam, né?

EP – Agora o quê?

CF – Agente comunitário.

EP – Agora mudaram de nome, né?

CF – É, mas tem o... mas tem o (*contato?*).

EP – É, né, tem (*contato?*) esse. Eu não sei, eu estou... eu estou... eu estou aposentada já há 20 anos, 20, 20? Não, o que é isso, Elza, 13 anos. Eu perdi um pouco de contato. Mas aquela unidade, também, ela... ela seguia mais ou menos o padrão de Jacarepaguá, mas muito mais ampliado, né? Lá tinha tudo, tudo quanto era especialidade tinha lá, e um laboratório excelente, né, um bom laboratório. Mas, de repente...

CF – E aí, essas pessoas da unidade eram todos funcionários da Escola já...

EP – Da Escola.

CF - ... ou ainda eram (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Não, não, da Escola.

CF – Eram funcionários da Escola?

EP – Da Escola.

CF – Todo mundo contratado da Escola.

EP – Só quem era do SESP era... Não, a Antonieta era da Tuberculose, e tinha duas enfermeiras do SESP que trabalhavam lá, que o SESP emprestou, eram Basília e Cândida. Elas trabalharam muito tempo lá em... lá na Germano Sinval Faria...

CF – Ah, tá.

EP – ... até o SESP, até a Escola admitir, né, mais pessoal para (?) para o SESP. Mas, aí, quando entra o... o Vinícius, que foi diretor da Escola, foi presidente da Fundação, o Vinícius inventou de acabar com a unidade de treinamento...



CF – Por quê?

EP - ... que não tinha cabimento, que... que aquilo era uma situação falsa, a mesma coisa, uma situação falsa...

CF – Os mesmos argumentos do dr. Oswaldo Costa...

EP – Os mesmos argumentos, é.

CF - ... para acabar com...

EP – Caro, muito caro... Ele não via nenhuma utilidade naquilo, e aí eu entrei na briga de novo, né? Tivemos várias reuniões com ele, eu, o Sérgio Arouca, o Tamassini, na época, o... lá no Castelo. Nessa época ele era ainda chefe de departamento. Eu fui lá, disse: “Não senhor.” Aí fui mostrar para ele, né, a importância daquela unidade de treinamento, e outra coisa, o trabalho que estava sendo desenvolvido naquela comunidade que não podia ser jogado fora! Você abre uma unidade, você levanta uma expectativa enorme numa comunidade, né, e depois você fecha em nome de uma economia idiota? Economia para quê? Eu sei que nós tivemos várias e várias reuniões, e a unidade permanece até hoje (*rindo*), né?

CF – Conseguiu manter, né, d. Elza?

EP – Conseguimos manter. Sérgio Arouca também ajudou...

CF – O Arouca, nessa época, já estava lá, mas já era...

EP – Já estava na história.

CF – Estava no quê? No PESES, no PEPE, né?

EP – Estava na Escola. O PEPE, né?

CF – É, né?

EP – Estava no PEPE. Mas é isso, aquela unidade está lá até hoje prestando um serviço inestimável, né, àquela comunidade.

CF – É, (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Eu sempre achei que a Escola tinha que ter uma unidade de treinamento, sabe, acho importante. Agora, eu acho que a Escola usou, não sei se está usando pouco, mas usou muito pouco aquela unidade. A gente usava com as alunas da Escola Ana Neri que vinham fazer estágio lá, e com as alunas do... as enfermeiras que faziam curso de Saúde Pública, a gente sempre levava para lá, né, para acompanhar o trabalho e tudo.

CF – D. Elza, me diga uma coisa, quando juntou, quer dizer, que a gente... a senhora estava lembrando, né, quer dizer, quando a senhora fez o curso de Saúde Pública, o curso básico de Saúde Pública era um curso para enfermeira. Depois a senhora começou a dar aula também. Ainda era um curso só para enfermeira...?

EP – Ainda era, ainda era.

CF – Depois, a senhora lembra que vai juntar, né...

EP – Que vai juntar.

CF - ... vai deixar de ser por categoria profissional...

EP – Exatamente.

CF - ... passar a ser um curso geral.

EP – Curso geral.

CF – Como é que foi essa passagem? A senhora acha que isso foi uma coisa boa, ou uma coisa ruim?

EP – Eu acho que foi uma coisa ótima!

CF – Por quê?

EP – Porque você tem muito maior integração entre os vários profissionais, né? Os profissionais aprendem a entender o trabalho dos outros. Era muito interessante isso aí. Não tinha cabimento você ter um curso só para enfermeiras, as enfermeiras faziam o curso, no final as disciplinas eram basicamente as mesmas, né, a única... a única coisa diferente era o estágio. Mas, então, vinha o Paulo (*Góis?*) dar aula para a gente, depois vinha dar para os médicos... Não está certo esse negócio.

CF – Até para os próprios professores era uma coisa ruim ficar dando (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Claro, era ruim estar repetindo! Então, eu acho que foi... foi da maior importância pela integração dos vários profissionais, né? Você começa a discutir os problemas em conjunto. Não é Enfermagem discutindo Enfermagem, o médico discutindo a parte médica, né? Aí havia a discussão dos problemas de Saúde Pública na visão de todos os profissionais, né? Era muito, muito interessante isso aí. Tanto deu certo que nunca mexeram, né?

CF – É, ficou...

EP – Daí em diante em todos os cursos entravam todos os profissionais. Planejamento eram todos os profissionais, né? Eu acho que foi uma... foi uma... foi uma coisa muito boa isso, sabe, muito boa mesmo, interessante.

CF – E por que é que a senhora acha que quando começou, começou assim, separado? Porque...

EP – Sei lá, acho que tradição, né, de você fazer um curso para cada profissional.

CF – Porque não... não só dentro da Escola, mas em outros lugares...

EP – (*falam ao mesmo tempo*) pouca gente.

CF - ... também era assim, não era?

EP – Era, era assim.

CF – O próprio Departamento Nacional de Saúde fazia os cursos separados, né?

EP – Era, exatamente, exatamente. Então, a Escola copiou essa coisa do Departamento Nacional de Saúde.

CF – Depois é que eu acho que vai começando a se rever, né...

EP – Depois, vai começar... é.

CF - ... uma lógica (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Eu acho que o maior ganho foi a integração dos profissionais. Você tinha um problema, vamos dizer, de desidratação. Isso era discutido pela enfermeira, pelo médico, pelo... pelo engenheiro, né, pelo dentista, por toda a equipe. Cada um via um aspecto, né?

CF – Claro. Enriquece, né?

EP – Enriquece muito! Eu acho que foi um ganho enorme para a Escola esse curso, acho que foi muito bom.

CF – Além do que racionaliza o próprio processo de ensino (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Claro, sem dúvida.

CF - ... uma... né?

EP – É.

CF – D. Elza, a senhora está cansada, né? Quer parar? Eu queria só lhe perguntar como... terminar hoje com um... com uma coisa que a gente começou a falar no começo, que eu não insisti em perguntar para não lhe interromper, mas a senhora falou, quer dizer, que antes da senhora fazer esse curso básico de Saúde Pública a senhora já dava aula nos cursos do Departamento Nacional de Saúde.

EP – Já, no Departamento Nacional de Saúde, para as enfermeiras.

CF – Que curso... Para as enfermeiras, né?

EP – Para as enfermeiras.

CF – Era curso de que, (*para as visitadoras?*)?

EP – Enfermagem de Saúde Pública.

CF – Enfermagem, mesmo, de Saúde Pública?

EP – É, Enfermagem de Saúde Pública.

CF – E onde eram esses cursos do DNES?

EP – Eram dados na sede do DNES, que eu não me lembro exatamente onde era, mas era lá. Lá tinha a sede (*rindo*), a Escola é que não tinha sede.

CF – E aí a senhora dava aula de Enfermagem?

EP – De Enfermagem de Saúde Pública.

CF – (*falam ao mesmo tempo*) enfermeira de Saúde Pública?

EP – É, Enfermagem de Saúde Pública.

CF – Que era a mesma coisa... porque eu... é porque eu fico tentando montar a lógica dos cursos, né, mas é... que aí, quer dizer, tinha a enfermeira (*falam ao mesmo tempo*) (*Saúde?*)...

EP – Não, eram cursos rápidos.

CF – Pois é, porque a enfermeira de Saúde Pública tinha o curso dela de Saúde Pública se ela fosse...

EP - ... na Escola.

CF - ... fazer a Escola Ana Néri, né...

EP – É, em qualquer escola tinha, o 4º ano sempre era de Enfermagem de Saúde Pública.

CF – Mas, além disso, então, teria esse curso do Departamento Nacional de Saúde...

EP – É, aí já era uma espécie de especialização que a gente dava.

CF – Que aí aprofundava mais?

EP – É, eles não davam só para enfermeira, eles tinham o curso para médico, eles tinham vários tipos de curso.

CF – Como vai ter na Escola depois.

EP – É, exato.

CF – Mas, aí, o curso da enfermeira, quer dizer, ela aprofundava o que ela via no 4º ano...

EP – Exatamente, é.

CF - ... no Ana Néri, aí era o curso do DNES...

EP – E depois tinha outra coisa, que você estava dando para gente que já estava em serviço, então, é diferente do curso que você dá para aluno, né?

CF – Entendi, que está ainda se formando.

EP – Então, você discutia muito esse problema de campo, né, que cada uma delas tinha.

CF – Entendi.

EP – Era essa a visão.

CF – Ela trazia a experiência dela de serviço...

EP - ... para a discussão.

CF - ... para a discussão.

EP – Um curso muito em cima de discussão do... da própria vivência de trabalho delas.

CF – Eram os problemas que elas estavam enfrentando...

EP – É.

CF – E esse curso seguia essa... a mesma lógica dos outros que a senhor falou, d. Elza, quer dizer, é uma preocupação com a formação de visitadora, de uma... de atendimento pré-natal, atendimento à mulher...

EP – Isso, isso, exatamente, criança...

CF - ... à criança, era a mesma coisa?

EP – Mais ou menos a mesma coisa, a Enfermagem de Saúde Pública na parte de doenças transmissíveis, que lá tem um papel importantíssimo também, né, na parte de Bio-Estatística... Agora, você me perguntou o nome de professor? Aquiles Scorzelli Júnior...

CF – Sim, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... era o nosso professor de Bio-Estatística. Dr. Lincoln de Freitas foi professor nesse curso de Saúde Pública, dr. Lincoln... Dr. (*Lincoln?*) ainda é vivo?

CF – Não.

EP – Já morreu, né? E doutor... e dr. Aquiles?

CF – Dr. Aquiles também já faleceu.

EP – Dr. Aquiles também era engraçadíssimo! A gente tinha aula em uns lugares... Agora que você falou, eu falei no... dr. Aquiles, a gente tinha aula... Sabe onde é o Serviço Nacional de Tuberculose?

CF – Não.

EP – Um prédio enorme na Rua do Resende?

CF – Ah, sei, sei!

EP – A gente tinha aula lá, eu me lembro. Tinha aula do dr. Lincoln de Freitas, a gente tinha aula lá, tinha aula do...

CF - ... dr. Aquiles?

EP - ... dr. Aquiles. Para você ver como isso...

CF – Isso no curso que a senhora fez da ENSP?

EP – Da ENSP, no 1º (?). Eu me lembrei, de repente, um lugar também que a gente tinha, a gente ia. Então, a gente, olha, era assim.

CF – Ficava rodando, né?

EP – Ficava rodando.

CF – Essa questão da Bio-Estatística, ela é muito importante, ela ganha força nesse período.

EP – Muito importante, mas muito importante mesmo!

CF – Começa a crescer, né, a...

EP – É, e foi uma coisa, para mim, mais ou menos nova, né, porque...

CF – No SESP a senhora ainda não tinha visto isso?

EP – Não, eu tinha... já tinha porque a gente lidava muito com dados estatísticos, né? A gente... O SESP tem toda a parte de produção dele bem... bem...

CF - ... documentada.

EP - ... documentada, né? Mas eu não sei, eu acho que o dr. Aquiles Scorzelli deu... abriu... abriu uma luz, assim, né, a importância da Bio-Estatística no trabalho de Saúde Pública, né?

CF – Isso é uma referência importante.

EP – A parte de... de... nascimento, registro de nascimento, né, tudo isso ele abordava depois com a gente, que a gente já tinha a prática de campo, mas ele dava essa outra parte, (*falam ao mesmo tempo*).

CF – É como... sistematizava, né, o conhecimento, né?

EP – Sistematizava o conhecimento que eu já tinha da prática, não é, então... Aliás, o curso de Saúde Pública, para mim, ele serviu para isso, sistematizar muita coisa que eu já tinha da prática.

CF – Da sua experiência, né...

EP – Da minha experiência prática.

CF - ... desses anos todos de SESP.

EP – É, de SESP, eu tinha muita. Então, eu intervinha muito nas aulas, né, eu perguntava que era um horror: “Elza, você não para de perguntar!” Mas é porque eu já tinha uma experiência, não é, que me permitia querer saber um pouco mais.

CF – Claro.

EP – Era muito bom.

CF – Agora, me tire uma dúvida, d. Elza, fechando essa questão dos cursos. Quando começa o curso na Escola Nacional de Saúde Pública, esse curso básico de Saúde Pública, os cursos do DNES, eles continuam também?

EP – Eu acho que eles não continuam não. Eu... eu até posso ver isso com o Humberto. Não sei se ainda tem, a Escola tinha todos os arquivos do DNES, eu acho que (*falam ao mesmo tempo*).

CF – Ah, é?

EP – A Escola tinha. Eu vou perguntar para o Antônio Humberto se ele ainda tem.

CF – Os arquivos do Departamento Nacional de Saúde foram para a Escola?

EP – Eu acho que foram para lá, eu acho que foram para lá, há muitos e muitos anos, depois que acaba.

CF – Porque... porque o curso seria mais ou menos... seria a mesma coisa...

EP – Claro.

CF - ... porque o curso do DNES estava formando enfermeira de Saúde Pública...

EP – É, é claro.

CF - ... e a Escola...

EP – Sim, mas eram cursos rápidos, no DNES eram cursos rápidos.

CF – Rápido o quê, de...?

EP – Dois meses, três meses, curso de atualização, não é, que a gente fazia lá, muito diferente.

CF – Claro, uma especialização curta, né?

EP – É, muito diferente do curso da Escola.

CF – Porque o da Escola ia ser um curso de que? Um ano?

EP – É, um ano, um ano inteiro, depois com uma parte prática muito grande também, né, que a gente fazia (?) de Jacarepaguá que o nosso... nosso (*curso?*) fez.

CF – Mas, quer dizer que então, o que a senhora acha é que quando começou o curso na Escola o curso do DNES pára (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Deixou de existir, eu acho que sim.



CF - ... aí a Escola passa a ser a referência, então, nessa formação...

EP - Exato, nessa parte.

CF - ... dessa especialização, né? É, porque isso é uma coisa importante que eu fico querendo entender, como é que...

EP - É, eu ainda vou procurar... O Humberto deve saber porque o Humberto, Antônio Humberto, que era da secretaria, eu sei que ele tem... ele tinha os arquivos. Também eu não sei se os arquivos da Escola ainda continuam lá, continuam?

CF - Não, muita coisa foi para lá...

EP - Já foi para lá.

CF - ... para o nosso arquivo, para...

EP - Ah, é, né?

CF - É, lá para a Casa de Oswaldo Cruz, para o Departamento de Arquivo. Agora, eu não... eu não tinha essa idéia de que os arquivos do Departamento Nacional de Saúde estavam...

EP - Eu acho que foram para lá, eu acho que foram para lá.

CF - ... na ENSP. Isso é uma coisa importante.

EP - Eu tenho essa... eu tinha essa idéia.

CF - Porque a gente pode localizar na própria documentação...

EP - (*falam ao mesmo tempo*), é.

CF - ... da ENSP, se está lá, que foi... que essa é uma referência importante.

EP - Pois é.

CF - É, aos poucos a gente vai... vai montando, né...

EP - Vai montando, é (*rindo*).

CF - ... a... todo esse processo, né, de formação de especialização, né, (??) (*inaudível*).

EP - É, claro.

CF - Vamos parar por hoje...

EP – Vamos.

CF - ... que a senhora está cansada, né?

EP - Meio-dia!

CF – Obrigada, dona.... (*rindo*) (*interrupção na fita*)

\* A Fita 06 não foi gravada integralmente (aproximadamente 51 minutos).

Data: 12/05/2004

### Fita 7 - Lado A

CF – Vamos dar início então hoje, dia 12 de maio de 2004, à nossa 4ª entrevista com a dra. Elza Paim pra pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, Cristina Fonseca. D. Elza, só um instante... Bom, vamos então d. Elza. A gente tinha na na última entrevista, a gente tinha falado basicamente da sua experiência no curso Samuel (*Libano?*), né, que é um trabalho muito rico... foi importante pra gente recuperar como é que surgiu esse convênio, né, da Escola...

EP – ...com o SESP.

CF – ...com o SESP. Com o SESP e com o governo do Estado da Guanabara, né? Mas vamos hoje tentar recuperar um pouco a sua trajetória especificamente na Escola, né? Os cursos que a senhora, quais os cursos que a senhora participou, as disciplinas, né, que a senhora lecionou... Quer dizer, a sua entrada na Escola vai se dar com o seu curso básico de Saúde Pública, né...

EP – Saúde Pública e Planejamento.

CF – ...e aí, a partir daí, a senhora já começa a dar aula, a senhora se formou no curso e já começou a dar aula...

EP – É, exato.

CF – ... e ser professora das novas turmas de Enfermagem, né? Então vamos começar a falar um pouquinho disso, depois a gente fala sobre o... o seu curso de Planejamento quando a senhora fez o curso de Planejamento.

EP – O que acontece é que, quando terminado o curso, a titular de Enfermagem de Saúde Pública no curso, era a d. Hemengarda de Faria Alvim. Então eu fui nomeada assistente dela, né, então eu dei aula alguns anos na qualidade de assistente e depois a d. Hemengarda teve que se afastar porque ela tinha muito trabalho no SESP e aí eu fiquei como titular... no curso, né?

CF - ...do curso. Do curso básico de Saúde Pública para enfermeiras.

EP – ...enfermeiras. Sim, mas quando muda o curso básico de Saúde Pública pra todo mundo, juntando todos os profissionais – que eu já falei sobre isso na vez passada, eu acho – (*pigarro*) eu continuo, né, continuo dando aula pra o curso de um modo geral. Aí você vê que não só de Enfermagem em Saúde Pública, mas começa a aparecer outras disciplinas, né, um pouco pela necessidade. Eu disse pra você que a Escola quando começou, ela tinha poucos

professores, né, então de repente surgiu uma necessidade de um de nós estudar um assunto pra entrar nos cursos. A gente sempre tinha esse propósito.

CF – Havia antes de o curso ser integrado, quer dizer, enquanto o curso ainda era separado por categoria profissional, né, pra: médico, engenheiro, enfermeira... havia integração entre os professores, os professores discutiam um conteúdo comum, semelhante...?

EP – Ah, sim! Claro, claro... Isso havia muito. E havia também aulas conjuntas, entendeu, o curso não era totalmente separado. Algumas disciplinas, a enfermeira tinha junto com o médico, né, algumas disciplinas a enfermeira tinha aula junto com engenheiro... Então sempre houve um certo entrosamento sempre sendo um curso básico especializado pra cada categoria profissional, sempre havia um espaço em que os... os alunos trabalhavam juntos. E essa coisa da discussão que você está falando, dos professores, isso sempre foi uma marca da escola, né? A gente sempre fez reunião pra discutir conteúdos, né, pra discutir até avaliação de alunos... Então sempre houve uma integração muito grande entre o corpo docente, né, entre si e os alunos entre si também.

CF – Quer dizer, então não ficava uma coisa fechada...

EP - ...completamente separada...

CF – ...na especialização, né?

EP – Não, não.

CF – Quer dizer, a enfermeira ia conversar com o engenheiro, ia conversar com o médico...

EP – Claro. Inclusive tinha aulas juntas, algumas aulas juntas. Bom, depois...

CF – Aí quer dizer, a senhora ficou então ao longo desses anos: 71, 72, 73; dando aula no curso de enfermeira na Saúde Pública, né?

EP – É.

CF – Aí a senhora foi fazer o curso de Planejamento...

EP – Planejamento, é.

CF – ...especialização em Planejamento, né?

EP – 68.

CF – Isso em 68, isso.

EP – 68.

CF – É. Como é que surgiu essa idéia, como é que...?

EP – Olha, o primeiro curso de Planejamento em Saúde foi dado na ENSP, foi trazido pra Escola pelo Oswaldo Costa, Oswaldo Campos e eu não sei mais quem foi o outro professor. Eles organizaram o curso, né, foi um curso muito bom, e a primeira turma foi constituída pelo primeiro escalão dos serviços. Então no SESP foi por exemplo, a d. Hemengarda de Faria Alvim, que era chefe da seção onde eu trabalhava, né? foram... foram vários alunos, eu não me lembro exatamente o nome, mas foram vários alunos da ENSP, da... do SESP, profissionais do SESP. O SESP estava muito interessado em que a gente entrasse mais a fundo na área de planejamento em saúde, né? então foi a d. Hemengarda, foi... não sei mais quem foi (??)... Foram vários profissionais do SESP.

CF – A senhora acha que foi uma preocupação geral dentro da área de saúde pública ou foi uma coisa específica do SESP? Os funcionários... *(falam ao mesmo tempo)*

EP – Não, eu acho que já era uma área... a preocupação da área de saúde, né? Começava a trabalhar com a área de planejamento.

CF – E vieram pessoas de outros serviços, né?

EP – Vieram. Vieram pessoas de outros serviços também. Então a primeira turma foi o pessoal ‘top’, quer dizer, quem estava na frente dos serviços.

CF – Quer dizer, incluindo os próprios professores que davam aula nos cursos da ENSP, né?

EP – Professores... claro. Exatamente...

CF – Mas além dessa Hemengarda...

EP – Eu não consigo me lembrar dos outros, mas eu sei que tinha muita gente do 1º escalão fazendo esse curso, né? Terminado o curso, né, d. Hemengarda voltou pra o SESP, gostou demais do curso, já começou a... a implantar coisas que ela havia aprendido, né, no Planejamento...

CF – E quem dava aula nesse curso? Veio gente, vieram pessoas de fora?

EP – Muita gente de fora. Veio gente da OPAS, né, veio gente... Não, era o Oswaldo Campos, Oswaldo Costa daqui, que eu me lembre, do Rio. E tinha gente de fora, evidentemente. Porque eles estavam preparando o pessoal, né? Veio gente de São Paulo, veio gente... acho que foi da OPAS sim... Bom, no ano seguinte houve o 2º curso, né, e aí eu consegui, eu fui indicada pra fazer...

CF – ...pra ser professora.

EP – Não, pra fazer o 2º curso! Ainda não tinha feito.

CF – Ah, a senhora não foi no primeiro...!

EP – Não, eu não fui no primeiro.

CF – Esse curso de 68 já foi o 2º ...

EP - ...o 2º curso de planejamento do setor saúde lá.

CF – Ah, entendi!

EP – Bom, então nesse tinha... eu fiz... e fizeram alguns, alguns profissionais do SESP já não do nível central, eu já era do nível central. Mas gente por exemplo, do nível distrital, dr. Maciel da Costa – me lembro muito bem do dr. Maciel no curso – e outros profissionais. Então você já começou a introduzir o planejamento não só na equipe central, mas já na equipe distrital, né, que era um outro nível de ensino.

CF – O dr. Maciel era o quê? Era diretor de (??)...

EP – Ele era... tinha sido, chefe da unidade sanitária de Aimorés.

CF – Ah, tá!

EP – Maciel da Costa. Parece que ele morreu também. E... quem mais? Outros também que fizeram. Bom, terminado o curso, né...

CF – Quer dizer, esse curso, pelo que eu estou vendo aqui, ele durou 4 meses, foi de junho a setembro...

EP – É, exatamente.

CF – Junho, julho, agosto, setembro.

EP – Claro.

CF – Era um curso bem...

EP – De especialização, especialização.

CF - ...bem...

EP – Bem concentrado até. Bom, aliás esse curso foi excelente, foi muito bom, abriu muito a cabeça da gente, eu acho que foi uma beleza de curso.

CF – E nesse segundo curso ainda tinha gente de fora ou já tinha os professores que tinham feito o primeiro curso e davam aula...?

EP – Não... havia muita gente de fora ainda. Esse curso durante muito tempo contou com a participação de gente, de outros profissionais. Se eu não me engano, até o Carlyle – ouviu falar no Carlyle?...

CF – Ouvi!

EP - ...Carlyle...

CF – Também deu aula.

EP - ...foi professor, né? Você deve ter no material da ENSP a relação dos professores dos vários cursos, né?

CF – É, eu vou tentar localizar isso.

EP – Com certeza você encontrar. Bom, aí...

CF – Como é que foi pra senhora? Foi importante esse curso? Assim, a senhora acha que isso interferiu no seu trabalho (??)...?

EP – Não, eu acho que foi muito bom! A gente aprendeu a... a planejar melhor o trabalho da gente, né? Até isso foi levado até do grupo central, até o nível local. Entendeu? Você entendeu que a gente tinha vários níveis de atuação no SESP: nível central, né; um nível distrital e o nível local que eram as unidades. Então esse conhecimento, ele foi repassado pelos outros níveis e todo mundo já começou a trabalhar já utilizando as ferramentas desse planejamento no seu trabalho.

CF – Por exemplo, d. Elza, me explica um pouquinho, o que é que era, o que é que vinha de novo, que ferramentas de planejamento eram essas? O que é que...?

EP – A gente começou a trabalhar muito com programação, né? O SESP tinha suas normas... a gente começou a introduzir os conceitos de programas num trabalho... trabalho rotineiro, né? Não me lembro exatamente como é que essa coisa foi introduzida, mas... por exemplo: você começa a quantificar mais as ações, né? Então você começa a trabalhar numa localidade levando em consideração não só as informações epidemiológicas, né, mas também a gente começa a programar as ações... por exemplo – deixa eu ver se eu me lembro – visita... o programa de materno-infantil, foi (??), né? A gente começa a introduzir uma... uma maior racionalidade na oferta de serviços. Então você tinha aquela coisa de quantas... quantas ações são necessárias pra você cobrir o... o... – como é? – cobrir o programa pra gestante. A gente começa a quantificar mais as ações que antes a gente não tinha muito essa preocupação. A gente trabalhava com o que a gente trazia, né? Aí a gente começa a quantificar, a ter metas, a gente começa a ter metas no serviço. Além os objetivos, a gente começa a ter metas, essa é a grande... a grande mudança que se faz, né? Então a meta, por exemplo, era o seguinte: atingir 80% do grupo de gestante. A gente começa a quantificar, né? Você começa a, por exemplo, atingir 100% de crianças com vacinação. Você começa a trabalhar muito com números, né, quantificar as ações. E a cobrar o cumprimento dessas metas. Então você

estabelecia as metas de trabalho e você seguia o cumprimento das metas e cobrava inclusive das visitadoras. Até a visitadora sabia quais eram as metas que ela tinha que cobrir 100% da área dela... ela tinha que cobrir 80% das gestantes da área dela, né, que ela tinha que vacinar 100% das crianças com vacina Sabin, com (*DPT?*), com isso tudo. Então a gente começa a trabalhar com números, começa a quantificar as ações da gente, tá? As ações que a gente desenvolvia com as comunidades. Primeiro era assim, primeiro você tinha as normas do SESP, mas você não tinha muita preocupação da quantificação. E aí não, aí a gente começa a estabelecer metas e a cobrar o cumprimento das metas. Isso a gente aprendeu muito no Planejamento.

CF – É uma mudança muito importante, né?

EP – Muito importante. A gente tinha não só objetivos, mas tinha metas. E quantificava os seus objetivos. E a gente... e isso era muito importante, por exemplo, para cobertura de imunizações, né? Cobertura de imunizações. E de doenças...

CF – E não era só... quer dizer, não era só uma questão de orientação de metas. Quer dizer, o retorno desses dados também traz informações...

EP – É... exato. Pra fazer a avaliação.

CF - ...pra fazer a avaliação. (*CF fala algo*) Avaliação de cobertura. De como era trabalhar com conceito de cobertura, né? Por exemplo: eu queria ter uma cobertura de 80% das gestantes da minha área e você trabalhava pra perseguir o cumprimento dessas metas, dessa cobertura. É mais ou menos por aí.

CF – Então a gente pode dizer que no caso a ENSP foi a instituição responsável pela sistematização desse tipo de conhecimento pela aplicação e introdução disso nos serviços?

EP – Ah, pode! Sem dúvida nenhuma! (??)

CF – Isso não existia, por exemplo, em São Paulo? ...

EP - ... Não sei, mas eu acho que não. É uma mudança muito grande no trabalho, sabe?

CF – Isso é uma coisa importante. Quer dizer, é um dado...

EP – É muito importante!

CF - ...referente à Escola Nacional de Saúde Pública que é singular. Quer dizer, (*falam ao mesmo tempo*)

EP – Uma contribuição muito importante para o desenvolvimento dos serviços, pra você ter uma avaliação, né? Você começa a trabalhar muito com conceito de cobertura de avaliação, né? E interessante que indo, voltando dos cursos, a gente passava esses conhecimentos pra o pessoal de campo. Sempre teve essa preocupação no SESP: você fazia um curso, você não



ficava com o conhecimento pra você, você passava, né, pra as... pra os outros profissionais, dos vários níveis, né? O pessoal todo começava a falar a mesma linguagem, né?... *(pausa na gravação?)*

CF – Então, quer dizer, esse curso... *(falam ao mesmo tempo)* a senhora, como os outros funcionários do SESP, vão começar a aplicar...

EP – Exatamente.

CF – ...e repassar...

EP - ...e repassar para os outros funcionários.

CF – Como os outros que vieram de outros serviços.

EP – Pois é. A idéia era essa, né? Era multiplicar o conhecimento, você tinha o conhecimento, não ficava pra você. Você tinha que multiplicar esse conhecimento pelas outras pessoas com quem você trabalhava.

CF – Por exemplo, quer dizer, isso foi em 68, quer dizer...

EP – 68.

CF – É. A senhora lembra de ter alguém do Departamento Nacional de Endemias Rurais por exemplo? O DENERu? *(falam ao mesmo tempo)*

EP – Provavelmente sim. Isso você pode pegar lá.

CF – Porque aí a senhora está dando um exemplo do que a senhora levou pra o SESP, né? Fico imaginando: e no DENERu, será que houve...?

EP – Com certeza.

CF - ...né, será que isso foi levado pra lá, pra os serviços....

EP – Com certeza. Você pode propor... a Escola deve ter na relação dos alunos, todos, né,...

CF – É, eu vou dar uma olhada.

EP - ...a procedência. Dá uma espiada lá. E tem muito mais gente do SESP que fez esse curso do que eu. (???)

CF – E aí d. Elza, quer dizer então, depois desse curso a senhora...

EP – Aí eu volto pra Escola, pra o SESP, começo a trabalhar levando essa coisa nova, né, mas aí...

CF – Mas a senhora continua na Escola, continua dando aula.

EP – Eu nunca deixei de trabalhar com a Escola, jamais. Mesmo trabalhando intensamente no SESP – a gente viajava muito, né, no SESP, uma coisa louca! – a gente continuava colaborando com o SESP, com a Escola, e não só com a Escola, escolas de Enfermagem, você vai ver aí, né? Até a escola de Ribeirão Preto a gente colaborou...

CF – E aí, quer dizer, a senhora já começou a... depois que a senhora fez esse curso, a senhora vai começar também a atuar na área de administração, de Planejamento, quer dizer...

EP – É...

CF - ...vai começar a dar aula...

EP – Exatamente. Então você também está aplicando o que você aprendeu, né? Você começa também a atuar nisso aí, você começa a crescer. Você não dá só Enfermagem em Saúde Pública, né, você começa a dar... Essa coisa de administração era muito em função da necessidade mesmo da Escola, né? Porque a Escola não tinha professor na época, né? Então a gente estudava (?), a gente usava muito os professores da Fundação Getúlio Vargas, da parte de Administração, Departamento Pessoal, Administração de Material... veio muita gente da Fundação Getúlio Vargas.

CF – E aí a partir daí a senhora já começou. Porque a partir de 70, 71, a senhora já está (*telefone*) lecionando, a senhora é responsável pela Unidade de Ensino de Administração... (*pausa na gravação*)

EP - ...muito interessante quando a gente começou com o programa de metas no SESP, houve um pouco de resistência do pessoal de campo achando que a gente só estava preocupado com números, né? Então a gente tinha que provar pra eles que os números estavam relacionados à eficácia do serviço, né, eficiência e eficácia. Então esse, bom, foi assim: você chegou, manda o pessoal quantificar, o pessoal fica todo feliz. Não, começa a questionar, né? “Poxa, por que é que agora a gente tem que ter esse negócio de cobertura de não sei quanto...?” Então a gente tem de colocar esse conhecimento mostrando que não era só o número, é que o número significava qualidade. Né? Você tinha 80% das gestantes inscritas, né, você tinha um negócio de valor. Quanto de cada ação a gente tem que desenvolver pra poder atender, pra poder o serviço ser eficaz. Então, muito o conceito de eficiência, de eficácia, isso começa a entrar. E o interessante é que a gente fazia isso com as visitadoras, né? Então as visitadoras ficavam entusiasmadíssimas! Elas tinham que dar cobertura de tanto na área delas, né? então “Eu tenho de cobrir... 100% das crianças recém-nascidas...” Quando você viaja em supervisão, né, esse negócio era cobrado! “Como é que está a sua área?” Né? “Qual é a cobertura que você conseguiu?” E elas começam a falar essa linguagem também: cobertura, metas, né?... Foi um negócio... eu acho que foi uma contribuição enorme que esse curso deu, viu?

CF – E é um fator de estímulo, né? Porque a pessoa fica, ela tem uma...

EP – Estímulo, claro!

CF – Ela tinha uma meta pra ser cumprida, né?

EP - ...cumprida. então, o problema todo, a vacinação, por exemplo, você tinha que cobrir 100% das crianças com vacina BCG, né? Você tinha que cobrir 100% das crianças, das gestantes com vacina antitetânica... – porque a gestante fazia vacina antitetânica (?). Então essa coisa deu uma outra dimensão, eu acho, aos serviços. Você começa a trabalhar preocupada com os resultados, não é? Muito preocupada com os resultados.

CF – Agora, isso que a senhora está falando também é uma coisa importante. Quer dizer, não é simplesmente a senhora chegar lá e passar uma nova metodologia de trabalho.

EP – Não, não.

CF – Na realidade tem que também, as pessoas têm que entender...

EP – Exato, exatamente.

CF - ...o que é que isso representa. Que é uma mudança de concepção, né?

EP – Mudança muito grande.

CF – De forma de trabalhar, né?...

EP – Uma mudança muito grande, mas uma mudança que, vencidas as primeiras resistências, né, foi uma maravilha, né, uma maravilha! O pessoal entrou mesmo nisso... foi muito bom.

CF – E a senhora acha que foi rápido essa resistência...?

EP – Foi, não houve muita... muita demora entre a proposta, né, da mudança e a efetivação dessa mudança no trabalho de campo. Então é muito engraçado você ver a visitadora chegar e dizer: “Tô com 100% das minhas crianças vacinadas!” né? É uma beleza ver isso! “Eu tô com 100% dos meus tuberculosos sob controle...” né? Então elas ficavam realmente... houve uma motivação maior também, eu acho, né? Eu acho que o planejamento foi uma... Incrível, em 4 meses, né, ele conseguiu introduzir (*falam ao mesmo tempo*) a metodologia inteiramente interessante...

CF – Agora, mas depois aumenta, a senhora lembra a duração do curso aumenta ou ele se mantém...?

EP – Não, eu acho que ele se mantém nesses 4 meses. Eu acho que sim.

CF – D. Elza, me diz uma outra coisa, antes de a gente continuar essa coisa do ensino na área de planejamento, esse ano que a senhora faz, 1968, que a senhora faz o curso, a Escola

também já está com mestrado. A senhora lembra alguma coisa? Porque a Escola teve um mestrado...

EP – É, que depois acabou, né?

CF – É, só durou dois anos. Ele acaba, eu acho que é em 67 ou 69. A senhora lembra alguma coisa dessa época, d. Elza?

EP – Não. Eu acho que eu nem participei nesse...

CF – Do curso, né?

EP – ...desse mestrado. Porque eu saí do curso e voltei pra o SESP.

CF – Pra o SESP, né? Então foi só uma coisa muito...

EP – Foi uma coisa, eu acho... eu não me lembro muito do mestrado.

CF - ...muito localizada. E o curso? Quer dizer, aí a senhora continuou dando aula, né, d. Elza...?

EP – Sim, a vida inteira! (ri)

CF - ...dando aula na área de Administração também, né?

EP – É.

CF – E esse curso de administração era pra todo mundo. Não era mais só pra enfermeira...

EP – Não, não, era pra todo mundo!

CF - ...era geral, né?

EP – A gente fez alguns cursinhos, rápidos, de Administração, na Fundação Getúlio Vargas. Eu acho que nem está aí.

CF – A senhora fez, como aluna.

EP – É, como aluna.

CF – Pra complementar o curso...

EP – É. Era um cursinho rápido, né? Curso de uma semana, que a gente fazia.

CF – E aí ia complementando o curso que a senhora tinha feito antes, né?

EP – É, exatamente. Acho que nem botei aí porque é uma coisa mais como... sei lá, uma atividade paralela, né, que a gente fazia.

CF – E a senhora acha, d. Elza, que a senhora consegue lembrar assim alguma mudança ao longo desses anos, de algum marco importante nesse processo de ensino? Porque isso continua durante a década de 70, 71, 72... né? A senhora está dando aula nessa área de Administração, né?

EP – É.

CF – Né?... a senhora está dando aula nessa área de administração.

EP – É, exato.

EP – A senhora consegue identificar aí algum momento assim de mudança, como é que eram os alunos, continuavam vindo pessoas de serviços...?

EP – Sim... a Escola sempre foi voltada para uma... uma clientela de serviços, né? excepcionalmente tinha alguém de ensino. A maioria de alunos sempre foi de serviços, né?... Quer dizer, a Escola era voltada para a maioria dos serviços.

CF – E vinham Secretarias de Saúde ou eram de Serviços...?

EP – Não...

CF – ...mais nacionais...

EP – Basicamente o pessoal das Secretarias de Saúde, né?

CF – Mas só do Estado do Rio ou vinham do...

EP – Não, não! Já vinha muita gente do interior.

CF – De outros estados.

EP – De outros estados. Do interior dos estados. Todos os cursos da Escola sempre houve gente de outros estados, né? O SESP fazia, a Escola fazia uma boa divulgação... sempre vinha, às vezes vinha um ou dois, mas não era uma coisa assim muito... havia mais alunos da... talvez do Rio de Janeiro. Porque era sediado aqui, né?

CF – E tinha algum contato com os professores de São Paulo?

EP – Muito! É uma boa pergunta a sua. A gente trabalhava, a gente tinha várias reuniões... – eu acho até que tem aí alguma coisa – a gente tinha várias reuniões com o pessoal de São Paulo, basicamente o professor Mascarenhas, né, ele vinha na ENSP... a gente teve reuniões...

CF – Ah, é?!

EP – É.

CF – Ele tinha uma colaboração...

EP – Tinha uma colaboração intensa. Vinha professor de São Paulo também...

CF – Pra dar aula na ENSP?

EP – Pra dar aula na ENSP. (*CF fala algo*) E ia professor daqui pra lá. Eu nunca fui dar aula lá. Fui lá pra concurso.

CF – Mas também ia professor daqui pra lá.

EP – Ia professor daqui pra lá.

CF – Pra dar aula lá.

EP – É. Aliás o Oswaldo Campos, ele veio da Escola de Saúde Pública, da Escola de São Paulo pra Escola... pra nossa escola. Que foi uma aquisição assim... maravilhosa. Você nunca ouviu falar nele não, né?

CF – Já, já!

EP – Então havia uma colaboração muito grande...

CF – Mas eu não sabia que ele tinha vindo de São Paulo.

EP – Ele veio de São Paulo. Ele veio da Escola de São Paulo.

CF – É interessante isso. Porque na realidade são as duas únicas escolas em...

EP - ...saúde pública.

CF - ...do Brasil, né?

EP – É. Mas também São Paulo recebia alunos de outros estados.

CF – Também, né?

EP – Também.

CF – E a senhora acha que esse tipo de ensino, a metodologia, o programa, era semelhante ou tinha diferenças? A senhora lembra?

EP – Não, eu acho que eram mais ou menos semelhantes. Eram semelhantes. Mas, sei lá, a Escola eu acho que era... mais aberta. Não sei se eu estou sendo... a Escola de São Paulo era, pelo menos no início, uma escola mais tradicional. A ENSP era mais inovadora. Também, com o dr. Blois na direção, né?! (*risos*) O Luis Fernando, (??) Arlindo, né, tinha que ser inovadora. A Escola estava sempre inventando coisas novas, né, discussões novas.

CF – Isso é importante, d. Elza.

EP – Muito importante sim. A Escola era altamente inovadora.

CF – Agora, engraçado, porque tem um vínculo assim, pelo que eu sei, tem um vínculo do SESP muito com a Escola de São Paulo.

EP – Também...

CF – E a senhora está falando pra mim uma coisa importante, que é essa coisa dos...

EP – Também tinha. Nós tínhamos uma enfermeira – não sei se ela ainda está lá – Maria de Lurdes Rodrigues, que ela foi cedida, ela fez o curso lá em São Paulo... O SESP não mandava só pra cá, mandava pra São Paulo também, tinha gente formada em São Paulo. Maria de Lurdes fez o curso em São Paulo e ficou trabalhando em São Paulo, como eu fiquei na ENSP depois, né?

CF – Entendi.

EP – Então, também, a gente tinha...

CF – E qual era o critério? Quem ia pra São Paulo e quem vinha pra cá? Tinha algum critério pra isso? Não.

EP – Acho que não. Acho que não havia alguma coisa específica assim não. ... Alguma coisa esquematizada pra isso não, né? Mas eu sei que havia gente de São Paulo lá. A gente ficava brincando que a Escola de São Paulo era tradicional, né, que a Escola de Saúde Pública era inovadora, era mais nova, não sei quê..., mas a gente tinha muita reunião aqui com o pessoal de São Paulo, vindo pra cá pra gente fazer reunião, pra discutir currículos, né, assim... não ficar fazendo um ensino muito diferente deles... Sempre tivemos essa preocupação.

CF – Uma integração efetiva.

EP – Uma integração efetiva entre as duas escolas. Havia uma certa... (*ri*) Como tem rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo até hoje, havia um pouquinho assim, mas a gente realmente compensava isso.

CF – E isso foi durante toda a década de 70, né, d. Elza?

EP – É.

CF – Agora deixa eu lhe perguntar outra coisa, que é uma coisa que pra mim também é importante. Quer dizer, a Escola na realidade, ela é criada, ela começa a funcionar num período político muito conturbado, não é?

EP – Muito conturbado.

CF – Quer dizer, ela vai pra o campus da Fiocruz em 1966, né, quer dizer, já depois do Golpe Militar de 64, né? Como é que é... a senhora lembra qual foi o impacto desse contexto político na Escola...?

EP – Eu não sei, eu acho que o... eu acho que não houve nenhuma interferência direta, né, na ENSP. Houve sim, houve algumas coisas – não sei se é hora de falar nisso – por exemplo, eu fui indicada pra fazer um curso em... foi na Dinamarca, um negócio qualquer desses. Era um curso de atividade de enfermagem domiciliar que eles têm muito boa. Bom, aí o processo correu todo, né, eu ia pra lá...

CF – A senhora já era professora (??)...?

EP – Já era da ENSP.

CF – Já não era mais funcionária do SESP.

EP – Não, já era da ENSP. O diretor concordou e tudo: “Você vai, vai ser uma coisa muito importante...” Aí vem uma ordem de que eu não podia ir. O diretor na época já era o dr. (*Lacorte?*) ...

CF – Em que ano foi isso, a senhora lembra?

EP – Não conhece o dr. Lacorte não?

CF – Já ouvi falar.

EP – (?) Lacorte, ele era diretor... não, não era ele não, nessa época ainda era... acho que o dr. Blois... não sei quem era na época. (*falam ao mesmo tempo*) Deu uma ordem de que eu não podia ir.

CF – A senhora lembra em que ano foi isso? Não.

EP – Não. Foi durante o período da Revolução. Acho que nem tem isso aqui.

CF – Já está depois de setembro já.

EP – Depois de setembro. Eu sei porque eu já tinha ido pra o exterior algumas vezes, né? Eu fui a um seminário de Planejamento Familiar... Eu falei de Trinidad-Tobago, está aí... fui pra outras viagens no exterior. Mas essa aí veio uma coisa que eu não podia ir.



CF – Veio uma ordem... (??)

EP – Uma ordem do Ministério da Saúde dizendo que eu não ia. Que tinha sido suspensa a minha bolsa. Já estava com bolsa e tudo. Aí eu fiquei pensando: “Bom, talvez eles queiram mandar alguém de serviços, né?” Eu estava no Ensino. Isso é uma coisa (??) eu... pensei o mais positivo possível. “Talvez tenha outros candidatos e tal...” Bom, quando o dr. Lacorte entrou, isso já muitos anos depois, conversando com ele, eu falei esse negócio que eu tinha sido cortada na bolsa... Ele falou: “Eu vou... eu vou investigar isso aí. Por que é que foi cortada a bolsa da senhora?!” Aí ele conseguiu no Ministério da Saúde, eu tinha uma ficha no Ministério da Saúde, (*ri*) que eu era um elemento altamente perigoso.

CF – É mesmo, d. Elza?!

EP – É. E a história, não sei se vale a pena desligar agora. A história é a seguinte, o meu marido, ele era do Partido Comunista...

CF – Sim, a senhora já tinha comentado...

EP – Ficou preso...

CF - ...a senhora já tinha falado...

EP – E eu às vezes participava, eu ia assistir as reuniões, achava um barato aquele negócio, mas eu nunca fui do Partido. E eu morei na casa do Rui Facó, que era um elemento...

CF – Ah, eu me lembro que a senhora comentou, a senhora falou deles.

EP – Pois é. Então, por conta disso, eu fui, eu estava... (*interrupção da fita*)

### **Fita 7 - Lado B**

CF – Ele é que descobriu isso.

EP – Ele é que descobriu. Ele disse: “D. Elza, eu disse que a senhora tinha sido aluna da minha mulher...” porque eu tinha sido aluna da mulher dele na Escola de enfermagem...

CF – Quem era a esposa dele?

EP – A d. Olga Lacorte. Ela foi da Escola de Enfermagem no tempo em que eu estava lá. “Eu conheço essa senhora há muitos anos, ela não tem nada de perigosa...!” Mas já tinha passado da época, né? Eu acho que ele até conseguiram tirar a minha ficha lá, um negócio qualquer assim.

CF – E quem dava essa bolsa? Era o governo da Dinamarca.

EP – Era o governo da Dinamarca. (???). Eu perdi minha bolsa, eu fiz até curso de inglês pra ir, porque o meu inglês estava muito ruim. (*CF fala algo*) Na hora do almoço eu saía do... – não, isso foi antes, foi antes... outra bolsa que eu consegui. – Mas então foi isso aí, eu não, eu perdi essa bolsa porque eu era um elemento extremamente perigoso. Foi a única coisa da Revolução que eu me lembro que me atrapalhou lá. Porque o dr. Blois, ele tinha muita... o dr. Blois estava na Escola nessa época da Revolução. Ele era uma pessoa muito firme, muito sério e ele não admitia, absolutamente, qualquer interferência na ENSP. Parece que houve umas investidas contra algum professor, mas ele não abriu mão. Não, de jeito nenhum. Só esse negócio que ele nunca contou. Devia ser alguma coisa que ele estava além, né...

CF – Que ele não podia...

EP - ...que ele não podia mexer. E foi durante, durante a revolução que a gente conseguiu a sede de lá, né?

CF – É, porque em 66...

EP – O Raimundo de Brito que era o... Porque antes, até o Humberto refere isso, a Escola estava programada, estavam construindo um prédio na Praia Vermelha... acho que na rua Xavier Sigaud, ia ser pra Escola. Escola de Saúde Pública. Mas aí a Célia... – como era o nome da diretora lá?... – Clélia, Clélia (*de Fontes?*), ela tinha muita influência, não sei a troco de quê, ela conseguiu que o prédio ficasse pra Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Até hoje está lá. O Humberto refere isso aí. Por isso eu acho que é importante o Humberto falar, sabe? E aí foi nessa época que o Raimundo de Brito... aquele prédio lá da Escola estava um prédio meio abandonado, né, abandonado totalmente e aí foi feita a reforma e a gente foi pra lá. Foi na época da Revolução esse negócio.

CF – Foi. Foi em 66 que inauguraram... 66.

EP – 66. Então eu acho que mesmo que eles tivessem que... gostado de interferir de alguma forma, o dr. Blois nunca abriu a guarda. Ele segurava o negócio lá (??) Era muito sério. Então...

CF – E assim... quer dizer, ao longo desses anos todos: 1970, 71, 72... a senhora acha que a senhora teve autonomia pra poder, os professores definiam...

EP – Sem dúvida! Inclusive eu era chefe de departamento... Quer dizer, mesmo com esse negócio, essa ficha suja, suja ou sei lá o quê, o... eu continuei chefe de departamento, né? Quer dizer, ele nem me destituiu por isso, nem me contou a história! Eu nem sabia desse negócio, soube muito anos depois pelo dr. Lacorte. Então eu acho que não houve, não houve... pode ter havido tentativas. Tinha um negócio interessante, uma vez entrou lá pra ser professor... foi um... um militar, não sei o que é que ele era. Aí o dr. Blois me chamou: “Esse senhor vai ficar no seu departamento, ele é...” – eu sei que ele era milico – “ele vai dar administração.” (??) Aí eu (?) quando o senhor entra e começa a dar aula, né? Eu vi esse

César Ladeira e achei um absurdo o que ele estava dando. Ele não tinha didática, ele não sabia o que ele estava falando, era uma loucura! Aí eu fui falar com o dr. Blois: “Dr. Blois, eu não quero esse professor no meu departamento. O senhor arranja pra qualquer... menos pra o meu.” Sabe o que é que o dr. Blois falou? “D. Elza, a senhora chama ele e despede.” (*risos*) E eu fiz isso.

CF – Passou pra senhora.

EP – É, eu chamei! Eu disse: “Olha, o senhor me desculpe...” os alunos também estavam revoltadíssimos com ele, não gostavam dele. Não é que ele desse nada da revolução não, ele simplesmente não tinha didática, não tinha conteúdo...

CF – Não tinha competência pra...

EP – Aquilo tinha sido um bico que tinham arranjado pra ele. Aí eu falei, disse: “Ó, o senhor me desculpa, mas nós não vamos ficar com o senhor na Escola, né? Os alunos não estão aceitando o senhor, eu também acho, porque eu assisti suas aulas...” Eu também era muito cara-de-pau pra dizer esse negócio de “Vai, não fica e tal...” E aí...

CF – Como é que ele reagiu?

EP – Ah, ele reagiu com muita tranqüilidade, né? Ele falou: “A senhora tem razão, eu pensei que eu ia dar conta e não dei conta...” e foi embora.

CF – Aceitou então.

EP – Aceitou e foi embora. Mas o dr. Blois tinha dessas coisas, ele te dava responsabilidade pelas coisas, né? Você tinha que... você tinha que encarar, você não podia “Ah, eu não vou, o senhor que vai demitir...” não senhora. “A senhora é o chefe do departamento, então a senhora vai chamar o professor e dizer que ele não serve.” Foi a única vez que veio alguém que eu não sei, parece que foi indicado por alguém da Revolução, eu não sei.

CF – E a senhora veio, teve alguma interferência no cotidiano...

EP – Eu acho. Porque houve alguma tentativa de (??). Não houve! Eu acho que não houve, basicamente o dr. Blois tinha muita firmeza, né, ele defendia a gente de unhas e dentes. O grupo dele, ele defendia contra tudo e contra todos. Ele era, realmente, dava muito apoio...

CF – Agora, ele tinha que ter algum respaldo político pra isso, né?

EP – Devia ter....

CF – Porque senão ele não ia ter... não ia conseguir...

EP – ...não ia ter respaldo político. Pra poder ter... não sei de onde, mas ele tinha.

CF – D. Elza, vamos falar um pouquinho especificamente dessa sua passagem do SESP pra ENSP, quer dizer, no caso a senhora deixando de ser funcionária do SESP e passando a ser funcionária da Escola...

EP – Desliga um pouquinho aqui. *(pausa na gravação)* Como é que foi a minha passagem?

CF – É. Como é que foi a sua passagem do SESP... a senhora... durante muitos anos a senhora estava trabalhando no SESP e dando aula pra ENSP, né? Até chegou um determinado momento que a senhora passou a ser funcionária...

EP – Não... eu fui colocada à disposição, mas eu continuava sendo funcionária do SESP, entendeu?

CF – Ah, é?!

EP – Primeiro eu fui colocada à disposição. É a tal história aí, né, aí eu fui nomeada, etc. e tal... Mas eu continuava, o meu vínculo era com a Fundação SESP. O meu vínculo profissional, era com a Fundação SESP, né?

CF – E a senhora sempre foi, quer dizer, eu achei que tinha chegado um momento que a senhora tinha perdido...

EP – Não, depois sim. Mas eu fiquei algum tempo, tanto que houve uma época que o SESP resolveu me chamar de volta. Mudou o superintendente, era o dr. Gastão e o dr. Gastão achou que eu já tinha ficado muito tempo na Escola e que ele precisava de... que eu voltasse pra lá. Aí... aí o dr. Blois foi no ministro de novo e falou que eu não podia voltar porque eu era... era importante, eu estava fazendo um trabalho importante na Escola e que... *(falam ao mesmo tempo)* não voltaria, né? Eu sei que dr. Gastão quase ficou de mal comigo por causa dessa história. Eu não fui porque o dr. Blois achou que eu não deveria ir. Bom, aí eu recebia o quê? Eu tinha um salário no SESP, eu recebia parece que uma complementação na Escola, não é? Financeira. Eu tinha uma pequena contribuição porque o nosso salário no SESP era muito bom, então eu recebia só uma pequena complementação. Depois chegou uma hora em que eu... o Hélio também já estava lá, o Hélio Uchôa, chegou uma hora que... não sei se alguém me pressionou na ENSP, na Fundação, não sei o que foi que eu resolvi que eu ia ficar definitivamente na ENSP. Aí eu simplesmente pedi demissão do SESP, pedi demissão.

CF – Foi uma decisão da senhora.

EP – Foi... se não me engano o Hélio Uchôa ele se aposentou, ele já tinha tempo. Eu já tinha tempo, mas eu não queria me aposentar. Tempo de serviço, né?

CF – No SESP. (??)

EP – No SESP. Então eu resolvi pedir demissão. Eu pedi demissão do SESP, né, aí eu fiquei definitivamente na Escola. Aí fui nomeada, entrei pra o quadro, né, porque antes eu não era do quadro da ENSP, (??)...

CF – E como é que foi isso, d. Elza, porque a senhora já estava no SESP há muitos anos, né?...

EP – Estava! Uma vida!

CF – O SESP sempre foi muito importante...

EP – Foi muito ruim, pra mim, pedir demissão, mas eu não tinha alternativa, ou eu pedia demissão ou eu voltava, e já tinha começado de novo o negócio de “confrontar, não sei quê, está muito tempo...” De vez em quando o SESP faz uma investidazinha. Mudava a chefia, “Cadê d. Elza?” “Está na ENSP.” “D. Elza está na ENSP?! Então traz d. Elza de volta.” Por exemplo, d. Hemengarda foi pra uma outra divisão, eles queriam que eu ficasse no lugar dela. Então, de vez em quando tinha esse tipo de coisa, sabe? Eu achei “Agora já chega!” Eu já tinha criado raízes na ENSP. Eu já tinha passado a gostar da ENSP tanto quanto eu gostava do SESP. Digo: “Não tem cabimento a essa altura, eu voltar pra o SESP. Eu quero ficar aqui, agora acabou-se.” Então realmente eu pedi demissão, está lá na minha carteira...

CF – Em que ano foi isso, d. Elza, a senhora se lembra?

EP – Está lá na minha carteira de trabalho. Quer que eu veja?

CF – Depois a gente vê... (??)

EP – É. Eu pedi demissão e aí assinei, né, pra ficar no SESP, fiquei na Escola mesmo. Funcionária da Escola. Foi isso aí, sem muito trauma não.

CF – Aí a senhora já era chefe do departamento de Administração...?

EP – Eu fui chefe desde o dia em que eu entrei lá até praticamente o dia em que eu saí. Eu nunca consegui me livrar da chefia do departamento da Escola. Cada vez que mudava um diretor, eu ia com a minha carta de demissão. (*risos*) “Eu quero, já chega...” “Não senhora! A senhora vai continuar.” Mudou, mudou de nome, né, era Administração, era não sei quê... eu fiquei em todas elas, nisso aí eu fiquei 15 anos. Eu fui 15 anos chefe de departamento da ENSP.

CF – 15 anos seguidos, d. Elza?

EP – E um chefe de departamento que dava aula pra burro, né? trabalhava mais do que outra coisa.

CF – 15 anos seguidos.

EP – 15 anos seguidos. Eu não consegui nunca interromper.

CF – E as outras pessoas? Quer dizer, a senhora foi uma das primeiras funcionárias nessa área, quem mais depois foi chegando, d. Elza?...

EP – Ih! Foi tanta gente! Quando eu cheguei no departamento tinha duas pessoas, né, eu falei pra você: Maria Antônia Fiori e um outro que você disse até que ia ver o nome dele, baiano.

CF – Ah, foi! A senhora comentou.

EP – Pois é, outras pessoas foram chegando.... eu não sei ... Um que ficou pouco tempo no meu departamento foi o Fernando Leitão, eu acho. Mas pouco tempo. Ele era da Unidade, foi pra o meu departamento...

CF – Nós vamos entrevistá-lo.

EP – Não me lembro não, no final quando eu saí, o Departamento era enorme! Era enorme. Veio um grupo muito grande... da Argentina: Mário Hamilton, foi do meu departamento, o (*Shorn?*), foi do meu departamento... umas argentinas também: Sílvia, Cláudia... Cláudia Simões. Você se lembra da Cláudia Simões?

CF – Não.

EP – Cláudia... não conhece a Cláudia não? Cláudia foi do meu departamento. Eu vou tentar depois lembrar...

CF – Todo esse grupo veio da Argentina.

EP – O grupo grande veio da Argentina, né?

CF – E como se deu essa articulação desse grupo com a Escola...?

EP – Muito bem, eles se adaptaram...

CF – Não, mas pra eles virem pra lá, como é que foi isso?

EP – Isso deve ter sido coisa da cúpula, né, da cúpula da Fundação. Nessa época, quando eles vieram, o Arouca já estava na Fundação. E foi o Arouca quem os trouxe, né? Eles entraram sem concurso. Depois que eles fizeram concurso lá. Mas...

CF – É porque o Arouca vem na época do PESES e do PEPE, né?

EP – É. Exato. Depois ele faz concurso, né?

CF – Já em 75 ele...

EP – ...faz concurso pra lá.

CF – E como é que foi? A senhora lembra um pouco dessa (?). O PESES e o PEPE também é uma marca na Escola, né? Porque ele traz muita gente, tem recurso...

EP – Não me lembro muito do PEPE/PESES não.

CF – Não?

EP – Eu acho que não tinha muita ligação com a gente não.

CF – Com o resto da Escola.

EP – Não. Não tenho muita idéia.

CF – Não teve uma repercussão na estrutura do ensino, nas aulas... isso era uma coisa bem separada.

EP – Eu acho. Na minha cabeça, era bastante separada. Mas depois o Arouca passou pra o corpo docente, né?

CF – Foi, foi.

EP – Foi o primeiro que entrou no corpo docente. Depois a gente fez um belíssimo concurso. Isso pra mim é uma das coisas também importantes no trabalho da gente lá na ENSP, foi a... foram os concursos, né, que foram realizados na ENSP, porque até então não tinha. Você entrava por indicação, né, você mesmo indicava, né? Eu... a gente tinha muita autonomia pra indicar os professores pra gente. Quer dizer, quem entrou, quem entrou por indicação: (??), que tinha sido minha aluna, Paulo Buss... Paulo Buss entrou no meu departamento como auxiliar de ensino.

CF – Ah, no seu departamento!

EP – No meu departamento. Ele tinha feito mestrado... – Não está ficando meio tumultuada essa conversa não?

CF – Não, não!

EP – Ele tinha feito mestrado na UERJ, né, e eu o conhecia muito pouco. Um dia ele foi lá, pediu, disse que queria conversar comigo e falou que ele queria vir pra Escola. Aí tivemos uma boa entrevista. Aí eu indiquei e ele entrou na Escola, ele entrou pelo meu departamento. E o Eduardo Maranhão que você também conhece, o Maranhão...

CF – Conheço.

EP – São mais ou menos da mesma época: o (?), o (*Alayde?*) ... As pessoas que também era m alunos de um grupo que a gente achava que tinha um potencial, a gente indicava, né? E a

gente tinha esse tipo de autonomia, a Escola tinha autonomia. Né? A gente ainda não tinha concurso, né? Entrava por indicação.

CF – E tinha recurso pra (?), né?

EP – Dr. Blois era um homem bom. Era uma onça pra conseguir recurso. Ele ia pra o gabinete do ministro, sentava lá e só saía de lá quando conseguia as coisas. Ele tinha muita influência lá no (*sul?*) Então...

CF – D. Elza, e assim como a senhora no seu departamento, os outros chefes dos outros departamentos também tinha essa autonomia...

EP – Todos, a mesma coisa. O Luis Fernando, Cynamon, que também acho que foi desde o início, a Cássia que era chefe do Departamento de Ciências Sociais, depois foi o Arlindo, né? Qual era o departamento que tinha lá? Olha, depois criaram um departamento chamado Metodologia do Planejamento, que era com o Oswaldo Costa, Oswaldo Campos... era outra... um departamento muito bom, muito forte também, né? Depois houve outra mudança e o meu departamento passou a se chamar Administração e Planejamento. Aí incorpora esse...

CF – Junta tudo.

EP – ...pessoal. Incorpora esse pessoal, mas eu é que fiquei chefe desse departamento! Quer dizer, parecia uma perseguição, eu não conseguia me livrar (*falam ao mesmo tempo*) (*risos*) é, um negócio que... Bom. Então, Oswaldo Costa, Oswaldo Campos... até o Arlindo foi um pouco, numa época, do meu departamento. (??). E quem mais, meu Deus do céu? Uma porção de gente, foi entrando gente, foi entrando gente. No final, quando eu saí tinha uma porção enorme de pessoas ali.

CF – D. Elza, e as atividades do departamento estavam concentradas pra área de ensino ou fazia-se pesquisa também?

EP – Pesquisa também. (??) uma área que a gente fazia pesquisa e fazia ensino. Tanto que aí tem algumas pesquisas que a gente desenvolveu lá, né? De Recursos Humanos... eu fui coordenadora de Recursos Humanos, patrocinado pela OPAS.

CF – Ah, é?!

EP – (???) Muito interessante essa pesquisa. Até saiu uma publicação. Você nunca ouviu falar não?

CF – Foi sobre o quê? Não.

EP – Uma pesquisa sobre recursos humanos pra saúde, né? Tá por aí.

CF – Numa... numa área específica?



EP – É.

CF – Pra uma área específica da saúde pública...?

EP – Não. Recursos humanos...

CF – ...em geral.

EP – ...em geral. Bom, então a gente tinha uma área de pesquisa juntos, né? Quer dizer, não separava muito o ensino e a docência, né? O ensino e a pesquisa.

CF – É, porque pra mim isso é uma coisa importante, porque quando eu começo a recuperar a história da escola, no começo a Escola está, ela vai se estruturando, mas uma questão mais imediata voltada para o ensino, né?

EP – Ensino, é.

CF – Quando é que começa a haver essa mudança na pesquisa...?

EP – Olha, eu sei que o departamento do Luis Fernando sempre teve pesquisa.

CF – Sempre. (*Do Cynamon?*).

EP – Do Cynamon sempre teve pesquisa. Que eram áreas que eram até mais fáceis de fazer pesquisa do que na minha área. A de Administração é uma área mais doida, né, mais difícil, mas a gente tinha uma pesquisa lá. Essa é que foi a mais importante, foi essa pesquisa sobre recursos humanos patrocinada pela OPAS, demorou eu acho que um ano... veio gente de fora pra lá... a Maria Helena, que você conhece... Então...

CF – Em que ano...?

EP – Maria Helena atualmente, ela não está na Escola, ela está, eu acho que cedida pra o Estado. Ou está no Ministério da Saúde...

CF – A senhora lembra em que ano que foi isso? Não, mas eu vejo aqui, isso não tem problema...

EP – Mas aí tem, ano está tudo aí. Bom, então você sempre teve o ensino ligado à pesquisa de alguma forma. Com ênfase maior em alguns departamentos do que em outros. Ciências Sociais também tinha muita pesquisa, né? Pela própria estrutura, pelo próprio objetivo do departamento.

CF – É porque de um modo geral, pelas referências que eu já vi... a área de pesquisa, muitas pessoas falam da importância do PESES e do PEPE como um momento onde houve um investimento maior na área de pesquisa. Começou a ter um maior investimento...

EP – Na pesquisa toda, né?... Pois é. Então, o PEPE e o PESES era pra pesquisa, né? Mais pra pesquisa.

CF – Mas é importante isso que a senhora está falando porque independente dessa área do PESES e do PEPE, quer dizer, os outros departamentos da Escola também vinham fazendo pesquisa...

EP – Exatamente! Sempre fizeram pesquisa. A gente sempre achou que o ensino dissociado da pesquisa era uma coisa... por exemplo, essas coisas que a gente fazia, a gente fazia muita... trabalho de campo. Pesquisa de campo. O que é que um levantamento a não ser uma pesquisa, não é? Quer dizer, você tinha uma pesquisa voltada pra prática, né, dos serviços. Nossa área de pesquisa era mais nessa área, voltada pra os serviços.

CF – Pra prática dos serviços.

EP – Pra prática dos serviços. Diferente do Cynamon, né? O Cynamon tinha pesquisa na área de água, saneamento... era outra área. E o Luis Fernando nem se fala, né? Hoje em dia o Luis Fernando faz pesquisa até de paleontologia. (*ri*) Paleontologia.

CF – Muito interessante o trabalho dele. D. Elza, e me diga uma coisa, como é que foi pra senhora essa passagem, hein? A senhora trabalhou durante anos ligada à área de enfermagem, formando visitadora sanitária, né, e aos poucos a senhora foi passando pra área de Planejamento e Administração, né?

EP – Eu acho que foi um processo normal da minha formação, né? Da minha formação e das necessidades da ENSP. A necessidade não faz o... aquele negócio, né?! Quando você tem necessidade de alguma coisa você começa a trabalhar naquele sentido, né? Então eu acho que foi muito... porque eu já ensinava, né, no curso de visitadora eu já tinha uma experiência de ensino da própria escola de Enfermagem, Ana Néri, né? Porque eu terminei o curso, eu fiquei lá uma temporada dando aula. Então eu acho que foi uma transição quase normal, né? Uma transição lógica. Eu caminhei nessa direção.

CF – Eu acho que uma transição que acompanhou as mudanças na saúde pública também, a senhora não acha?

EP – É, eu acho.

CF – Acompanhou uma mudança de uma maneira como se olhava a saúde pública...

EP – Isso.

CF – ...como se atuar na área da saúde pública, a senhora não acha...?

EP – Acho.

CF – ...que tem uma diferença da organização da saúde pública como ela existia nos anos 30, 40, 50 e como ela ficou a partir de 60, que começa a mudar? Porque a maneira como o SESP trabalhava em 40 e 50, era uma, aos poucos a introdução do planejamento...

EP – O planejamento já mudou a própria metodologia do trabalho, né? Eu acho que foi por aí, né? Agora, eu acho que me ajudou muito no ensino, a prática de campo que eu tinha.

CF – Que a senhora conseguiu conservar...

EP – A prática de campo do SESP foi extremamente valiosa pra mim. Porque no SESP além de você trabalhar, você tinha cursos, você tinha seminários, você tinha pesquisa, né? Então isso tudo foi formando, né, ... o negócio não foi: eu entrei na Escola e 'pá'. Não foi isso. Eu acho que a coisa vinha, né, e aos poucos ela foi se sedimentando.

CF – E foi se ajustando às mudanças também novas, né, como a questão do planejamento que a senhora trouxe, né, que é uma coisa importante. Que também voltou pra o SESP, né? Quer dizer, é uma coisa nova porque também repercutiu sobre o SESP.

EP – Muito! Muito, muito no SESP. Muito mesmo.

CF – É porque é importante, d. Elza, porque eu fico querendo entender, porque eu acho assim, a partir da década de 70, quer dizer, meados de 70, quer dizer, com o PESEs, com o PEPE, com a vinda do Arouca e do pessoal de São Paulo, com a vinda desse pessoal da Argentina, né... a Escola vai mudando, também as idéias...

EP – Vai mudando, vai crescendo!

CF – ...da saúde pública, as idéias, a maneira de olhar pra saúde pública vai mudando, né?

EP – É, vai mudando. E a gente acompanha, graças a Deus! Eu sempre procurei me manter atualizada, né? Tenho acompanhado, essa coisa toda.

CF – Pra mim... porque tem também uma questão importante que eu queria entender, d. Elza, que eu acho que está um pouco relacionada com o que a gente estava conversando, sobre as críticas que as pessoas faziam ao SESP, né? Que por um lado é porque muita gente não conhece até hoje...

EP – Não conhece!

CF – ...o que o SESP fez, né? Mas essas críticas, de um lado, a senhora acha que houve um embate... como é que se refletiu dentro da Escola? A senhora acha que havia realmente maneiras diferentes de se olhar pra saúde pública? Esse novo grupo, essa nova geração de sanitaristas (?) na Escola...

EP – Eu acho que houve uma questão política. Eu acho que havia uma questão política por detrás desse negócio contra o SESP.

CF – Por quê?

EP – Porque o SESP tinha sido fundado por americano e havia um clima contra americano no Brasil, né? Então primeiro teve o pessoal da Fundação Rockfeller com o negócio da febre amarela... Depois o SESP entra como...

CF – Convênio com o Instituto Interamericano.

EP – Exatamente. Então os primeiros profissionais que vieram pra o SESP eram americanos, né? Vieram enfermeiras americanas, vieram consultores, vários consultores em tudo quanto eram as especialidades, né, americanos. E aí começa a entrar o pessoal brasileiro e aí eu acho que é muito um problema ideológico. Por detrás da... da resistência ao SESP, muito problema ideológico contra a influência americana na saúde pública brasileira. Que foi uma equipe lamentável, né?

CF – Pois é, associaram ao SESP a... aos americanos...

EP – Exatamente.

CF – ...e isso causou uma interpretação deturpada da coisa.

EP – Exatamente. Eu vi muito disso inclusive na Escola. Nas salas de aula eu ouvia muito isso “você trabalhavam nos moldes americanos.” Eu digo: “Vocês nunca leram Barros Barreto?” né? Os americanos não tinham nada a ver com Barros Barreto. Barros Barreto tinha... a gente trabalhava dentro das normas do Barros Barreto. O que os americanos fizeram aqui... foi muito bom e o Brito Bastos fala muito no livro dele, eu acho importante, pra o desenvolvimento da enfermagem. As enfermeiras americanas, elas ajudaram muito nesse movimento da enfermagem no Brasil, né? Aliás, desde o início. A Escola de Enfermagem foi criada pelas americanas, né?

CF – É, a Escola Ana Néri... é.

EP – Escola Ana Néri. São Paulo o pessoal foi pra o Canadá se preparar pra (?) escola, então a gente sempre sofreu muita influência americana na área de enfermagem.

CF – E de uma certa forma os médicos também, porque muitos médicos foram pra Johns Hopkins, né?

EP – Claro, claro! Foram pra Johns Hopkins. Saneamento também teve muita influência americana, não sei se o Cynamon fala isso. Tinha um consultor americano chamado (??), até viajei com ele várias vezes no SESP.

CF – (*Montamaro?*).

EP – (Montanário?). É, Montanário. Então eu acho que o... mas aí a coisa americana não demorou muito tempo também, né? Aos poucos eles foram saindo, foram sendo substituídos pelos técnicos brasileiros. No final só tinha brasileiro lá, né, no SESP. Mas continuava o ranço contra o SESP. Cansei de ouvir em sala de aula...!

CF – E aí como é que a senhora reagia?

EP – Ah, eu reagia, explicava, né, procurava dizer: “Olha, não é nada disso. O SESP não é...” “Ah, porque o SESP é um serviço americanizado!” Não é! Não é americanizado. O SESP, ele apenas trouxe um conhecimento, né, trouxe dinheiro, foi muito importante, o SESP tinha dinheiro pra gente trabalhar, tinha recurso... e... eu posso falar (??) melhor maneira possível, mas eu dizia assim: “Sabe de uma coisa, com o tempo esse pessoal vai acabar entendendo?!” E realmente aconteceu isso. hoje em dia você vê uma porção de gente que falava muito mal do SESP, falar bem do SESP. Pessoas...

CF – ...com uma outra visão, né?

EP – Uma outra visão. Nos próprios, nas conferências nacionais de saúde... o pessoal do SESP ia, a gente sempre ia, fui não quantas vezes...

CF – O Mário Magalhães era um que criticava o SESP, não era?

EP – Muito! Por causa do negócio americano. Ele era um crítico do SESP! Por causa disso ele achava que o SESP trabalhava em moldes... muito caros. Não era... não era mesmo, a gente usava muita metodologia simplificada no trabalho então eu acho que...

CF – Como por exemplo?

EP – Eu acho que era ignorância, sabe? Era não tentar compreender o processo. Eu acho que era muito isso, não tentavam entender. Simplesmente eram contra por quê? Porque era um serviço que tinha começado com técnicos americanos. Então eu acho que foi isso, mais ou menos.

CF – Como é que a senhora acha que isso repercutiu na Escola? A senhora acha que isso interferiu nesse processo de formação...? Porque pelas coisas que eu leio, né, essa divergência está muito associada a concepções referentes à saúde pública. Né? Existem análises de gerações mais novas de sanitaristas, criticando o que tinha sido feito na Saúde Pública, não só com relação ao SESP, o próprio Departamento Nacional de Saúde, né?...?

EP – Sim... eu sei. Era...

CF – Dizendo que era um modelo não adequado à realidade brasileira...

EP – Pois é...

CF – ...um modelo que privilegiava doenças específicas ou concentrava em campanhas, né?... Então existem muitas críticas nessa direção, né, enfocando muito na linha do próprio Mário Magalhães...

EP – É.

CF – Que eu acho que a linha de argumentação do Mário Magalhães é essa, né, da importância de se levar em conta as condições sociais da população... as dificuldades econômicas... Como é que a senhora vê isso, d. Elza?

EP – Eu acho que é uma visão totalmente distorcida. Porque eu falei o seguinte: antes de você iniciar um trabalho em qualquer comunidade, ia uma equipe – a gente volta a falar do SESP, né? – ia uma equipe com um epidemiólogo, com sanitarista, com engenheiro, com médico, com estatístico... faziam um levantamento das condições da área, não só as condições de saúde, mas das condições econômico-sociais. Isso já indicava o quê? Indicava que você ia trabalhar de acordo com cada localidade, não é? Com cada realidade que você encontrava. Então depois desse levantamento é que o grupo se reunia pra ver por onde a gente vai começar por aquilo, né, quais são as ações que a gente vai implementar. Claro que tinha as suas bases que qualquer programa, que era materno-infantil, né? – isso aí tem que ter em qualquer programa – que era doenças transmissíveis, que era saneamento... Agora, eu acho que era adequado à realidade de cada região. Você trabalhar com curiosa, você quer uma coisa mais adequada à realidade?! Você trabalhar com pessoal da própria área, né, que você recrutava, você treinava, você admitia e o pessoal trabalhava com você. O que é isso? Você não mandava buscar gente no Rio de Janeiro pra ser visitadora em Aimorés! Você sempre trabalhou voltado pra isso. Pelo... pelos problemas existentes, né, os programas eram direcionados. E a gente sempre... por exemplo, uma tecnologia simplificada é trabalhar com curiosa! É trabalhar com curiosa. O trabalho da visitadora não é uma tecnologia simplificada? No lugar de se trabalhar com enfermeira de saúde pública que... aí sim, eu entenderia! O trabalho nos Estados Unidos não tem visitadora, tem só enfermeira. Mas aqui não, aqui desde o início... *(interrupção da fita)*

### **Fita 8 - Lado A**

CF – ...a gente tem que registrar essas informações, entendeu? Eu acho que é uma forma de se repensar sobre essas análises, essas críticas...

EP – O negócio das campanhas por exemplo, a gente tinha programa de imunização o ano inteiro, o ano inteiro. Quer dizer, não era campanha, era uma atividade de rotina da vacinação, não é? Era atividade de rotina, descoberta e tratamento de tuberculose. Era atividade de rotina, descoberta e tratamento de lepra... as endemias que existiam na época, né? A gente, você fazia o levantamento e indicava, né, e aí você tratava aquele pessoal. E tinha regiões por exemplo, que não tinha lepra, então não tinha Serviço de Lepra. Você não tinha ambulatório de lepra, né? Nos outros você tinha. Tuberculose tinha quase que no Brasil inteiro, né, era uma coisa terrível! Desnutrição era uma coisa que tinha quase que no Brasil inteiro. Quase

não, no interior desnutrição era uma constante nas crianças. Então você tinha um programa de prevenção de desnutrição que você desenvolvia em tudo quanto era Unidade. Você tinha a orientação das curiosas, você tinha orientação das mães, né, pra aprenderem a cuidar das crianças... O problema da introdução do... do soro caseiro foi feito no SESP, né? A gente introduziu no SESP. O programa de... de a criança ficar o dia inteiro numa salinha de re-hidratação, o SESP fazia isso, né? Eu acho que era muito mais adequado à situação de cada localidade do que o serviço de Saúde do estado por exemplo, do município. Era (*uma coisa assim:?*) do estado e do município vinha a norma e acabou-se, né? Na minha visão. (*falam ao mesmo tempo*)

CF – (??) centro de saúde e (???)

EP – É. E fazia o quê? Fazia o trabalho normal, né, mas de acordo com o Barros Barreto, né? Aquele negócio lá todo direitinho. Mas eu não sei, eu acho que não era... fora da realidade não era, mais caro não era, mais barato porque pagava mais barato à visitadora do que à enfermeira, né?

CF – Claro.

EP – Você tem auxiliar de saneamento, você tinha um engenheiro e um grupo de auxiliar de saneamento que era treinado pelo engenheiro, né? Então na localidade que você chegava, que não tinha água, você... a primeira coisa era o saneamento básico. Era fazer estação de tratamento de água, não é, tratamento de esgoto nem em todo lugar se fez, mas tratamento de água era obrigatório. Começou um programa, não tem abastecimento de água – o Cynamon deve ter falado nisso - ...

CF – Falou.

EP – Fazia o abastecimento de água, você não começava a trabalhar sem abastecimento de água, senão não adiantava nada...!

CF – É essencial!

EP – Não adiantava nada, as crianças continuavam morrendo de diarreia. Então eu acho que não é pertinente essa crítica. É uma crítica de quem não... de quem não viveu a realidade, quem não conheceu de perto, né? E muita coisa... de política contra os americanos, que é uma loucura esse troço porque os americanos vão embora daqui, né? Não tem mais americanos, né, uma vez ou outra, que vem um consultor.

CF – É uma questão ideológica, né? (???)

EP – É. Pra mim é muito uma questão ideológica, muito uma questão ideológica, sabe?

CF – Agora, a senhora acha que isso interferiu na Escola, assim na dinâmica da Escola, no currículo das disciplinas...?

EP – Se isso interferiu?

CF – É, essa interferência de opinião sobre saúde pública...

EP – Não, eu acho que é uma coisa assim: embate em sala de aula, que você começava a falar e os caras falavam essa coisa aí e tal... Eu sempre tentei dizer: “Olha gente, olha, como é que é... como é que é caro se você trabalha com pessoal auxiliar, você tem uma enfermeira numa Unidade, no hospital você tinha uma enfermeira, todo o resto era pessoal auxiliar... Por que é que isso é caro?” Pelo contrário, a gente procurava diminuir custos! A gente tinha muito essa preocupação de diminuição de custos, sem perder a qualidade, naturalmente. Porque havia uma coisa – isso sim, que era novo – era a supervisão. Você tinha uma equipe de supervisão tanto no nível central como no nível... regional, distrital, né, que ia pra as unidades, pra ver, pra seguir o trabalho...

CF – Ver como é que o trabalho estava sendo feito...

EP – ...pra ver como é que o trabalho estava sendo desenvolvido, se as metas estavam sendo cumpridas, né,... se estava havendo treinamento de pessoal... Então a gente, não era um trabalho, não podia... não era um trabalho mais caro! Como é que era mais caro?! Basta você dizer que se trabalhava só com pessoal auxiliar... se bem que o SESP sempre pagou bem o seu pessoal, mas tinha que pagar porque exigia trabalhar... o pessoal trabalhava 24... 8 horas por dia, era de manhã e de tarde, né?

CF – E era dedicação exclusiva, né?

EP – Dedicação exclusiva. Você não podia ter outro emprego. Não tinha essa coisa de ter outro emprego não. Geralmente tinha um médico numa unidade pequena, uma unidade maior já tinha um médico, chefe da unidade, que também dava consulta... Dr. (*Maciel?*) dava consulta na Pediatria... e... eu não acho, eu não consigo enxergar essa... essa visão de que era um serviço caro. Não era!

CF – D. Elza, e... quer dizer, ainda dentro da Escola, quer dizer, porque a gente está falando do SESP aqui com um outro olhar, né? Quer dizer, falando... olhando pra o SESP enquanto numa forma de trabalhar na saúde pública, né? Pensando nisso dentro da Escola, nesse processo de formação de sanitaristas, né? E como é que... dentro da Escola existia discussão, por exemplo de, com relação ao DENERu, ao trabalho das campanhas desenvolvidas pelo DENERu? Porque também tinha crítica, né, com relação a esse serviço.

EP – Havia... havia... O trabalho do DENERu era muito importante também. Porque tem umas coisas que têm que ser, né? Campanha contra bolba! Havia muita campanha contra a bolba, pra leishmaniose...

CF – Dr. Celso (*Arcoverde?*) fez campanha...

EP – Era um trabalho importantíssimo!

CF – ...contra o tracoma também...



EP – Tracoma também! Tracoma era um problema gravíssimo no Norte. Eu tive tracoma!

CF – É mesmo, d. Elza?!

EP – Mas peguei tracoma na escola, escola primária.

CF – Quando a senhora era pequena?

EP – Escola primária não, no ginásio.

CF – Ah, é?!

EP – Eu já tinha acho que 12 anos quando eu tive tracoma.

CF – E a senhora não sabia o que tinha?

EP – O tratamento era uma desgraça!

CF – Por quê?

EP – Porque viravam o olho da gente e passava nitrato de prata. ‘Há, há, há!’ Eu ia fazer o tratamento, quando eu voltava... – Não dá pra desligar não?

CF – Não, pode falar!

EP – Quando eu voltava vinha chorando no bonde. Eu me lembro que eu ficava na frente no bonde, abrindo o olho pra (?) porque tinha tracoma.

CF – Como é que a senhora pegou, como é que sabia que tinha tracoma?

EP – Porque eu comecei a sentir coceira no olho, né? Comecei a sentir uma irritação, fui no oculista e aí ele...

CF – ...diagnosticou.

EP – ...diagnosticou, diagnosticou tracoma. E muita gente teve tracoma! Vocês tinham...

CF – A incidência era alta, o dr. Celso comentou.

EP – Muito elevada!

CF – A incidência era enorme! Então você ia fazer o quê? Ações... parciais? Você tinha que fazer um negócio de massa. Sabe o que é guerra? Campanha é guerra! Campanha é guerra. Você tinha o inimigo, né, que tinha que ser atacado e vencido em pouco tempo. Campanha é guerra! Então até hoje não tem campanha de vacinação?! Tem campanha de vacinação! O

SESP não... o SESP tinha as suas vacinas na rotina, mas a gente saía muito pra o interior pra vacinar. Então você tinha a sede em Aimorés, você se deslocava pra as localidades próximas sábado e domingo, a gente ia vacinar aquelas populações que não eram assistidas. Então muita preocupação com vacinação, o SESP sempre teve, sabe? (??)

CF – E no DENERu, quer dizer, essas campanhas no DENERu eram... eram... elas eram já nessa época mais recente na Escola, elas eram criticadas por serem campanhas paliativas, muito concentradas, muito focadas numa...

EP – Mas tinha que ser! Olha, bolba por exemplo, né? O... no Rio Doce tinha muita bolba, era uma coisa bárbara. Aí eu acho que foi o DENERu que foi pra lá.

CF – É, dr. Celso também comentou...

EP – E aí ia pra o interior, os guardas iam pra o interior, traziam as pessoas pra Colatina, pra fazer o tratamento em Colatina.

CF – Como é que era a bolba? Eu não conheço...

EP – A bolba é uma doença que dá... dá na pele, né?

CF – É uma mancha?

EP – Uma bolba mesmo.

CF – Um caroço?

EP – Uns caroços, é. Dava no nariz... Era uma doença horrível, a bolba!

CF – E como é que ela é transmitida?

EP – Eles davam... Contato direto, né? Contato direto, dentro de casa... eles trabalhavam isso e a gente fazia também a profilaxia procurando ver... – não é a bolba que o cão transmite não, acho que é a leishmaniose, né, que o cão transmite – Então eles faziam um trabalho muito bom. Eu realmente era fã das campanhas. (ri) Também eu vivi na época! Agora, quem está criticando hoje... hoje é fácil criticar, né?! Não tinha penicilina naquela época! Não é? Quando começou. Mas depois não, tinha... tinha uns tratamentos incríveis com uns sais de mercúrio... umas coisas dolorosíssimas que faziam com essas campanhas.

CF – Agora... eu não sei, aí é a minha interpretação. Quer dizer, as ações do DENERu, elas não estavam restritas às campanhas, né?

EP – Não, não estavam.

CF – Quer dizer, tinha as campanhas, mas vocês tinham outras atividades...

EP – Não estavam...

CF – ...estavam sendo...

EP – Claro!

CF – ...estavam sendo desenvolvidas concomitantemente com as campanhas, né?

EP – Exatamente. Porque a campanha, você tem a continuidade do tratamento, trabalho, né? Eu... gostava muito... eu acho que aquele pessoal foi um pessoal que desbravou esse país, sabe? Ajudou muito. Malária! Malária vai combater como, com água com açúcar?! Tem que ter o guarda que vai pra lá, que borriфа, que faz isso, faz aquilo. Aliás, descobriram um medicamento novo, agora na China, contra a malária.

CF – Ah, é?!

EP – Artemísia, parece. É uma planta que tem no Brasil.

CF – É.

EP – Acho que tem no Brasil. Mas...

CF – Chagas também, né, d. Elza?

EP – Eu acho também que tem um momento, sabe, tem um momento pra cada coisa. Um momento, aquele, era pra campanha, né? Mas senão a coisa se alastrava porque você não tinha como evitar, né? Bolba não tem vacina, né?

CF – Você tem que conter a expansão.

EP – ...você tem que conter a expansão, senão como é que fica essa população, né?! Eu acho que tem um momento pra cada coisa. As campanhas tiveram um momento importantíssimo nesse país. Hoje em dia você ainda vê campanha, né?! Não tem a campanha de vacina contra a gripe?! (??) Eu acho que eles tiveram um papel importantíssimo na saúde pública brasileira. Hoje em dia é muito fácil criticar. Você está fora do contexto, está fora do contexto. Tem que criticar quando você está lá no contexto, está vivendo aquilo ali no momento.

CF – Claro!

EP – Eu acho esse pessoal do DENERu, dr. Arcoverde, uma pessoa incrível, sabe? Né? eles fizeram um trabalho muito bom.

CF – Um trabalho muito grande.

EP – Hoje em dia os guardas do DENERu, eu não sei se tem até hoje ainda, eles aprenderam a... – não sei se ainda tem isso – aprenderam a... diagnosticar lepra. É muito fácil você

diagnosticar lepra, né? Quer dizer, muito fácil, tem uns sinais... eles viajavam por aquele interior enorme do Pará, do Amazonas, e levavam medicação. Descobriam paciente de lepra, eles medicavam. Eles tinham autoridade...

CF – Os guardas.

EP – Os guardas da Malária. Febre amarela, como é que ia fazer? Como é o Oswaldo Cruz ia acabar com a febre amarela no Brasil se não fosse do jeito que ele fez?! Guerra! Guerra ao mosquito, né? Então eu acho que um pouco... um pouco lírico esse negócio. É muito fácil hoje em dia que você tem um arsenal enorme de medicamentos, de antibióticos, você fazer esse tipo de crítica numa hora em que o pessoal lutava, né, com o que tinha, com o recurso que dispunha pra poder pra livrar as populações do tracoma, por exemplo. Tracoma era uma coisa horrível, né?! Cegava, né?! Tracoma cegava. Belém tinha muito tracoma por causa da migração japonesa, eu acho.

CF – Ah, é?!

EP – Dizem que os japoneses que trouxeram, não sei se é.

CF – É, mas no Nordeste, de um modo geral, o dr. Celso fala...

EP – Muita... muita tracoma no Nordeste também, né?

CF – Muita tracoma, né? É porque é um contexto muito específico. Quer dizer, o quadro no zoológico do país também era outro, né, a incidência que tem até hoje...

EP – É muito fácil, é o que eu digo, você não pode criticar hoje certas coisas porque você está fora do contexto. Né? Você não está vivendo a situação que os sanitaristas de antigamente viveram! Né? Ora, eles foram uns desbravadores! Né? Eles foram desbravadores. Saíam por aí, andavam no mato... Poxa, olha o Oswaldo Cruz, olha Carlos Chagas... Negócio de chagas em Minas, né, foi em Minas teve um problema seriíssimo de chagas. É muito fácil. Hoje em dia eu estou bonitinha, aprendi uma porção de coisas... até político, né, e começa a criticar... Às vezes o que eles falam é muito bonito, essa gurizada fala! Eu dizia pra eles: “Vocês podem não saber fazer as coisas, mas falar, meu filho!” (*risos*) Aí eles achavam graça de mim.

CF – Mas d. Elza, eu acho que essas coisas são importantes porque elas mostram um pouco assim: existem concepções diferentes sobre saúde pública ...

EP – Existe!

CF – ... mas eu acho que é importante a gente entender que cada concepção, ela é gerada num contexto específico...

EP – Exatamente! Exatamente isso, né?! É um contexto e um momento. Contesto e momento, momento ali do que está acontecendo, né? Sei lá. Você viu, o SESP foi uma época pra o

Amazonas pra aquele negócio da borracha, né, pra sanear uma região que o pessoal estava morrendo de malária, disso, daquilo, aquilo outro. Então é um pouco isso: de se colocar... não me coloco 30 anos depois, né, que eu tenho uma outra ferramenta de análise – ainda tem mais essa, né, o pessoal tem uma ferramenta de análise hoje em dia completamente diferente, né, ...

CF – Claro.

EP – ...uma coisa até mais política. O pessoal é politizado, eu vi isso na... na Escola. (ri) O pessoal era extremamente politizado, mas era bom.

CF – Como é que a senhora vê isso? Porque isso também é uma coisa importante, né? Isso eu vejo muito assim em textos até de sanitaristas, desde o início do século, essa discussão de qual é a relação entre a área técnica da saúde pública e a área, a questão política. Como relacionar isso, muita gente criticando a interferência política na área da, no trabalho cotidiano, né?... (telefone) Como é que a senhora vê essa relação da política com a saúde pública?

EP – Eu acho que essa relação é quase inevitável. Quase inevitável, né? Desliga porque pode ser... (pausa na gravação) Essa ferramenta de análise, a gente não tinha antigamente não. Tudo isso é muito novo, né? Até essa coisa da análise sociológica, né? Eu acho que é uma coisa nova e o pessoal está usando isso às vezes com propriedade e às vezes não. Eu já assisti muita tese na Escola, de mestrado, que era um equívoco total! O pessoal pega Marx, né, e fica tentando colocar Marx num contexto completamente diferente, né? Então essas coisas que ... é a tal história, é como você falou: tem que estar no contexto, né? Você analisa pra aquele momento e só vale naquele momento. Amanhã, às vezes, não vale mais, né? Porque as coisas também se fazem muito rapidamente, eu acho. Mas é isso aí.

CF – Mudou muito, né?

EP – Mudou muito! Você tem que estar muito atenta pra mudança. E eu acho que isso a Escola sempre esteve, abe? A escola sempre esteve atenta pra mudança, né? A gente já teve uma época na Escola que você não podia falar em SESP. só faltavam te matar! Depois não, quer dizer, aos poucos, né, os próprios foram vendo que não era nada disso, que hoje em dia... Inclusive, engraçado, tacavam o pau no SESP e tinha eu, chefe de departamento, tinha vindo do SESP, o Cynamon tinha vindo do SESP, o Hélio Uchôa tinha vindo do SESP, fazia parte da Odontologia... Então eu acho que... sei lá. Mas é isso aí.

CF – Eu acho que as coisas aos poucos foram mudando também, né?

EP – As coisas estão mudando! As interpretações estão mudando! Hoje em dia tem novas ferramentas de análise, né? Você tem outras maneiras de enxergar, eu sei lá... Talvez antigamente a coisa fosse mais simples, mais direta, né? Era assim: tem um problema, qual era a solução? Pára, trata a solução, trata o problema, não é? Você não tinha muita preocupação sociológica, esse negócio todo. Mas foi um momento, hoje em dia as pessoas (??).

CF – Mas a senhora acha que a relação entre a saúde pública e a política, ela sempre foi a mesma ou ela também não mudou? O fato de hoje se ter mais discussão, com mais... mais elementos de análise política interferindo sobre a saúde ou a senhora acha que sempre foi assim?

EP – Olha, eu nunca pensei nisso nesses termos não. Eu acho que... por exemplo, eu vou falar em política ou em politicagem. Porque olha aqui, a Fundação SESP foi o que foi enquanto a política não entrou. Né? Mas isso é politicagem, né?

CF – Partidária, a senhora fala partidária, política-partidária.

EP – Política-partidária. Entrou... o (*Brito Bastos?*) faz uma análise muito boa no livro dele sobre isso. Entrou a política-partidária, acabaram com a instituição. Acabaram! Porque antigamente no SESP, não entrava ninguém por indicação política. Você entrava por mérito e acabou-se. Né? Depois começa a botar um superintendente que um cara indicado pelo deputado não sei das quantas. Acabou, mataram a instituição! Além de tudo, mataram a instituição por causa disso. Então eu acho que é importante, eu acho que a política é uma coisa extremamente importante na vida do cidadão, né, mas eu acho que ela está presente em tudo! Está presente em tudo! Quer dizer, não pode deixar de estar presente na área de saúde também, né? Quer dizer, então tem que levar esse negócio em consideração, né?

CF – É, porque eu fico pensando o seguinte, d. Elza, o SESP chega numa cidade do interior, como é que ele vai implementar um serviço se ele não tem, se ele não tiver uma relação, uma convivência do prefeito...

EP – É... é, inclusive...

CF – ..., né, e o prefeito tem interesses políticos mais diretos, imediatos... entendeu? Isso não interferia?

EP – Pois é, mas..., mas isso era uma coisa importantíssima que o SESP sempre exigiu que não houvesse interferência política-partidária.

CF – E conseguia se manter neutro dessa interferência?

EP – Conseguia! Enquanto existiu, conseguia. Não havia essa coisa não, a gente não... não abria. Quer dizer, entrava quem era técnico, né, e acabou-se. Não havia essa coisa.

CF – Mas e os prefeitos? Os prefeitos não se opunham ao trabalho do SESP?...

EP – Como houve na Escola, como houve na escola... Não! Porque a gente só ia trabalhar numa área quando era solicitado. A gente não chegava e “vim trabalhar aqui” né? (*falam ao mesmo tempo*) O governo do estado, a prefeitura pra determinadas áreas, né? Na área do cacau, na área da borracha, na área da mica... na área do Vale do Rio Doce, né? Era interesse...

a gente nunca... o SESP nunca entrou numa área sem ser solicitado, né? Então você tem uma visão, a visão do administrador da época era que conduzia... pedia o SESP pra lá.

CF – Quer dizer, ele era solicitado, mas não tinha nenhuma interferência sobre o serviço que era executado.

EP – Não, de jeito nenhum!

CF – Apesar de (??)...

EP – Apesar da solicitação não tinha essa história de “emprega meu filho, emprega meu sobrinho...” não. E essa era uma condição que era colocada de saída, né? Havia seriedade no trabalho. A mesma coisa que a Escola! Eu acho que a Escola também nesse ponto foi formidável, sabe? Eu não me lembro de ter entrado alguém na Escola porque um político pediu. Eu não me lembro. Dr. Blois queria saber, a primeira coisa que queria saber era se a pessoa era competente. Se não era competente ele fazia como fez com o professor que foi do meu departamento,...

CF – Um militar, né?...

EP – “Até logo, o senhor não deu certo e tal.”

CF – A senhora não acha que isso mudou depois, na Escola também? A interferência...

EP – Se mudou na Escola?

CF – É.

EP – Ah, não sei! Agora?

CF – (??) a política também, mais tarde, também não interfere...?

EP – Não sei. Eu acho que não. Não sei. Eu não posso te falar isso porque eu já não sei. (ri) Estou por fora da escola há quantos anos? Tem 13 anos que eu me aposentei...!

CF – É mesmo, d. Elza?!

EP – Não sei como é que eu ainda me lembro das coisas.

CF – Nossa, é muito tempo!

EP – 13 anos. Me aposentei em 90, na compulsória. (??)

CF – Em 90. D. Elza, e como é eu fui a sua relação com os diretores da Escola? Tinha algum diretor assim especial, que a senhora tinha alguma relação mais próxima ou alguém com quem a senhora teve algum atrito...?

EP – Não, atrito eu não me lembro de ter tido, a não ser com um, que não tinha nada... – depois, se quiser, eu posso contar isso, mas fora do gravador. (*pausa no gravador?*) Não, eu acho que o dr. Blois foi o diretor, talvez o maior que a Escola teve. Não sei. Mas pra época dele... Dr. Ernani Braga. Dr. Ernani Braga foi uma pessoa na Escola, olha...! Aliás ele vinha, ele tinha sido superintendente do SESP também, né, depois foi pra OMS. Né? OMS. E quando ele voltou pra Escola, era uma pessoa doce, doce, meiga, competente, amigo... olha! O dr. Ernani foi uma pessoa formidável! E extremamente competente, né, ele vinha da OPAS! Apoiava todas as iniciativas, era... Primeiro o dr. Blois...

CF – Porque a senhora... porque isso é uma coisa importante, recuperar um pouco o trabalho do dr. Ernani Braga na Escola.

EP – Eu acho. Ele fez um trabalho muito grande na Escola. Quem mais?

CF – A senhora se lembra de alguma coisa assim pontual, mais específica do dr. Ernani?

EP – Não, não me lembro não, mas posso me lembrar, numa outra oportunidade posso falar pra você. Porque de repente... como o negócio do Arthur Bernardes, de repente veio o nome do hospital.

CF – Veio o nome, né? ... Depois do dr. Ernani foi...?

EP – Mas... Bom, o dr. Ernani... o Luis Fernando! O Luis Fernando foi um diretor bom, com aquele jeitão dele (??) e... Oswaldo Costa, mais duro, mas foi bom diretor também... Arlindo! Acho que foi diretor numa época, o Arlindo... Quem mais? Teve um Sebastião... – Ah, meu Deus! Já ia me esquecendo do Sebastião! – Sebastião pra mim... – desliga esse negócio...

CF – Quem é o Sebastião?

EP – Teve um Sebastião lá, algum tempo. Não sei nem se tem, registro. Acho que o... – vou até perguntar pra o Humberto – Sebastião não sei de quê. Eu sei que ele era médico do... acho que era do Fernandes Figueira. Eu acho que foi numa transição quando o dr. Blois saiu... o dr. Blois saiu numa situação meio complicada, né? E eu acho que foi nessa época que ele substituiu dr. Blois por um tempo. (*falam ao mesmo tempo*)

CF – (??) o dr. Blois saiu ou tiraram ele?

EP – Tiraram ele, né? Tiraram ele. Uma situação muito complicada.

CF – É? ... Foi na Ditadura ainda.

EP – Foi uma pena. Mas..., mas o Sebastião teve uma época... vou perguntar, o Humberto Sales. Teve esse Sebastião que passou em brancas nuvens.

CF – Vou desligar aqui pra senhora (*pausa na gravação*)



EP – João Batista Rizzi, secretário de Saúde de Niterói que também foi um diretor que passou a parte administrativa, esse negócio, não deixou marca. Quem deixou marca realmente foi o dr. Blois, dr. Ernani deixou marca... dr. Oswaldo Costa... Luis Fernando... Pra mim foram esses, eu acho. O Luis Fernando era muito engraçado. Quando entrou o... desliga isso aí. *(pausa na gravação)* Eu sei que o Vinícius um dia mandou uma nota, ordem de serviço dizendo que os chefes de departamento tinham que permanecer na ENSP à disposição dele até a hora que ele saísse lá do castelo. Não podiam mais sair às 5 horas. Aí eu não tive dúvida, fiz um pedido de demissão, fui descendo de elevador... acho que era no 9º, quando eu chego no elevador, paro no andar do dr. Joir que era do departamento de Epidemiologia, entra o dr. Joir com um papelzinho na mão...

CF – Também...! *(ri)*

EP – Eu digo: “Dr. Joir, que papel é esse?” Ele caiu na risada! Vamos lá... o Luis Fernando é que era o presidente, diretor.

CF – Diretor da Escola.

EP – Chegamos lá: “Luis Fernando, nosso pedido de demissão do cargo, não fico aqui! Eu chego cedíssimo, fico aqui o dia inteiro, não vou ficar à disposição desse dr. coisa, depois de 5 horas da tarde de jeito nenhum!” Aí o Luis Fernando olha... olhou pra mim, olhou pra o dr. Joir, falou: “Olha, d. Elza, vamos rasgar esse papel? Esse negócio não vai dar em nada, nós não vamos dar pelota pra o...” *(risos)* – Por isso que eu queria tirar – “...nós não vamos dar pelota pra o Vinícius, isso é uma maluquice... nenhum de nós vai ficar aqui depois de 5 horas, a não ser numa emergência...”. Acabou (??)...

CF – Não levou adiante, né?

EP – Não levou adiante, não levou adiante! Numa época ele queria botar ponto, pra a gente assinar ponto! Que ponto, ninguém assinava ponto também, né?! Então o Vinícius teve umas coisas positivas, tem gente que só acha coisa negativa nele. Eu acho que não. Ele teve umas coisas positivas. Ele trouxe muito recurso aqui pra Fundação, mas ele tinha uns arroubos assim... de ditador. Queria todo mundo sob o calcanhar dele. Mas eu tenho a melhor lembrança do mundo do Luis Fernando como presidente. Porque era um cara que a qualquer hora você entrava, aliás qualquer um deles, né?...

CF – Como diretor na Escola, né?

EP – A qualquer hora você entrava no gabinete, não tinha esse negócio...

CF – Uma relação boa, né?

EP – O dr. Blois era bom era pra botar pra fora do gabinete dele quem... ele botava até assessor da ONU! O Luis Fernando conta isso nesse... no trabalho dele. Mandava sair da sala.

CF – D. Elza, deixa eu lhe perguntar uma coisa também, que a senhora está falando nisso, eu lembrei disso. E como é que era a relação da Escola com o IOC e depois com a Fundação, quando virou Fundação Oswaldo Cruz...? como é que foi...?

EP – Pois é... Primeiro a Escola era a prima rica numa época em que a Fundação Oswaldo Cruz estava lá embaixo, né, não tinha dinheiro, não tinha recurso, não tinha nada; a Escola era a prima rica, né? Então havia uma certa animosidade entre esse pessoal até brinca dizendo que o dr. Blois mandou fazer um muro...

CF – Pois é, todo mundo fala disso, de que tinha um muro...

EP – Um muro, tinha um muro...

CF – ...que separava a Escola do IOC.

EP – Tinha um muro, tinha um muro. Dizem que o dr. Blois mandou construir exatamente pra fazer a separação... Acho que era intriga da oposição esse negócio.

CF – Mas naquela época a senhora sempre entrava pela Leopoldo Bulhões, não é isso? Ninguém entrava pela Avenida Brasil.

EP – Não! Pela Leopoldo Bulhões. Você tinha que entrar pela porta da frente porque o resto era murado, né? E...

CF – E não tinha contato nenhum com os cientistas do IOC, com os pesquisadores de lá...?

EP – Não, tinha, tinha sim. Não tinha relação, acho que talvez, com a presidência. Não era o Rocha Lagoa que era o presidente?

CF – O Rocha Lagoa já é em 70.

EP – Terrível o Rocha Lagoa, nossa mãe! Mas não havia uma relação harmoniosa... eu acho que não havia entrosamento. Havia relação do IOC mais com o pessoal de Ciências Biológicas, né? Mas isso depois acabou. Depois eles levaram a patente de fundação da gente, né?

CF – É, porque era Fundação e Ensino Especializado, né?

EP – Levaram a Fundação. Mas depois essa coisa acabou. Pessoas de lá começaram a dar aula na Escola, né, o pessoal... Ciências Biológicas principalmente. O Luis Fernando sempre teve muita ligação com o pessoal do IOC, isso aí sempre se empenhou. Mas não era uma relação amistosa, né, a gente guardava uma certa distância assim. Depois não! Depois, hoje em dia, a gente tem orgulho de ser Fundação Oswaldo Cruz, né? Como a coisa virou, você tinha orgulho de ser ENSP, né, você era ENSP a todo pau, né? (*É da Fundação?*) “Eu sou da ENSP”. Agora você diz, uma coisa que eu achei interessante foi isso, como foi mudando. A

gente sempre falava que era da ENSP, hoje em dia a gente fala primeiro que a gente é da Fiocruz. Interessante esse negócio, né?

CF – É, realmente. É uma...

EP – ...uma mudança grande, né?

CF – E ao que a senhora atribui isso? a senhora acha...?

EP – O quê?

CF – Ao que é que a senhora atribui isso, essa mudança, né? Quer dizer, ...

EP – Não sei, eu acho que o maior contato entre os técnicos, né? Começou a haver um maior contato entre os técnicos e...

CF – A Fundação cresceu muito também.

EP – Cresceu, poxa! A Fundação hoje em dia é uma coisa fantástica, né?

CF – Porque a senhora também acompanhou isso, né? Essa mudança, né, nesse...

EP – Acompanhei! A Fundação teve um crescimento fantástico. Outro dia a gente teve aquela palestra lá, semana passada...

CF – Sobre Biomanguinhos...

EP – ...Biomanguinhos, eu fiquei... eu já não tinha a menor idéia de como é que estava Biomanguinhos! Biomanguinhos está uma maravilha! Um trabalho ótimo que eles fazem...  
(*interrupção da fita*)

### **Fita 8 - Lado B**

CF – A senhora não acha que o Arouca teve um papel nisso? Eu fico pensando nisso.

EP – Acho que sim.

CF – O fato de o Arouca ter da Escola, da direção pra presidência da Fiocruz...?

EP – Acho que isso foi muito importante...

CF – ...isso não contribuiu pra essa mudança?

EP – Acho que sim.

CF – ... pra essa sensação de a Escola Pública se sentir mais dentro da Fundação...?

EP – Não, mas essa coisa já vem antes do Arouca.

CF – É?

EP – Essa coisa de ligação com a Fundação, já vem antes do Arouca. Mas certamente que o Arouca contribuiu pra uma aproximação maior, né? O Arouca era uma pessoa formidável. Aliás eu consegui passar a chefia do departamento pra o Arouca, né?

CF – Ah, é?!

EP – A mulher dele, a Sara, escreveu um artigo sobre o Arouca e ela fala lá, quando ele voltou da Nicarágua, ele era pessoa do meu departamento, né, desde que ele foi pra lá eu falava: “Arouca, você não quer ser chefe do meu departamento? Eu estou cansada, não quero mais isso...” “Não, d. Elza e tal...”

CF – A senhora sempre teve uma relação boa com ele?

EP – Muito boa!

CF – Porque o Arouca sempre foi muito crítico. (??)

EP – Ah, mas eu tive uma relação excelente com ele, Arouca! Com o Mário Hamilton, com o Shorn... a gente se dava muito bem. E aí ele foi pra Nicarágua, né, quando ele voltou da Nicarágua eu achei que já estava na hora de o Arouca assumir o departamento. E a Sara diz isso no trabalho dela. “A d. Elza estava esperando o Arouca pra passar a chefia do departamento pra ele.” Está escrito, é verdade. Quando ele chega, eu digo: “Arouca, vem cá. Você já teve sua experiência, né, já foi pra fora... agora eu não fico mais nesse departamento, você vai assumir.” Era o dr. Ernani Braga que era o diretor. “Não, d. Elza...” “Não, agora não tem não. Eu vou descer hoje e falar com o dr. Ernani!” Disse: “Dr. Ernani, olha, eu vim pedir pra o senhor, pelo amor de deus, eu não posso, eu não quero ficar no departamento, está chegando na época de eu me aposentar. Eu quero começar a largar as coisas, né, pra poder na hora da minha aposentadoria não sofrer muito, né? E o departamento já está tão grande, já está tão complexo, que eu acho que merecia um outro chefe de departamento, né, com uma visão mais ampla, que era o Arouca. O Arouca tem uma visão de mundo, né?” Aí ele pensou “D. Elza, porque não sei quê...”. Porque ele era meu amigo mesmo, amigo de gostar da pessoa. Mas ele acabou aceitando e o Arouca passou a ser chefe de departamento. Foi ele que me substituiu na chefia.

CF – Mas a senhora ainda não se aposentou, a senhora continuou no departamento...

EP – Não, aí eu continuei no departamento, só que continuei fazendo essa coisa dessa pesquisa de Recursos Humanos, a coordenação de Recursos Humanos ficou comigo... Mas

aos poucos eu comecei a passar pra o dr. (??), passei a coordenação de recursos Humanos pra ele...

CF – Dr. Mário (*Saegue?*).

EP – Mário Saegue. E o Mário Saegue estava na época no Planejamento, né, quando ele voltou pra Escola, eu passei o negócio pra ele, (?) então...

CF – Quer dizer, nessa época já era Administração e Planejamento, já era tudo junto.

EP – Já era tudo junto. Administração e Planejamento. Mas ele estava no Planejamento da Superintendência, da Fundação, o dr. Mário Saegue.

CF – Ah, tá!

EP – Trabalhou muitos anos lá. Mas depois houve qualquer coisa, mudança, ele voltou, ele voltou, aí quando ele chegou eu disse: “Olha, Mário Saegue, fica com a coordenação da área de Recursos Humanos...” Ele era muito legal, está doente à beça.

CF – É, tá. Mas ele ainda vai lá.

EP – Ainda vai, é? Nossa, aquilo ali é um santo! Tem coragem na Escola...

CF – Tem um lugar lá (??)

EP – Mas ele não dá mais aula não.

CF – Não, mas eu sei que ele vai porque tem lá um lugar na porta da escola, no estacionamento, reservado pra quando ele for, pra poder parar o carro...

EP – Ah, é?

CF – É. Ele tem uma coisa...

EP – Uma pessoa muito boa também, né? olha, a ENSP só tinha gente boa, eu acho. Não tenho nenhuma queixa de ninguém. A não ser esse dr. Rizzi que você vai parar por aqui pra eu te contar uma história. (*pausa na gravação*)

CF – Vamos terminar hoje, d. Elza?

EP – Vamos.

CF – A senhora já está cansada também, né?

EP – Já.

CF – A gente fazer...

EP – Agora, eu gostaria muito de falar depois é nos estágios que a gente fazia no fim dos cursos, né, e nos concursos que a gente fez na Escola. É muito importante na vida da Escola.

CF – E nos cursos descentralizados, né?

EP – Pois é. Os cursos descentralizados, que era uma coisa, uma experiência enorme pra o SESP (??)

CF – A gente conversou um pouco com o dr. Hélio, ele coordenou...

EP – Ah, foi muito bom! Foi uma senhora experiência, viu?

CF – Acho que era importante a gente recuperar isso.

EP – Acho que a Escola cresceu depois que entrou nos cursos descentralizados. Porque houve uma troca muito grande, você ia aos estados, os estados ficavam conhecendo mais a Escola, a gente... a gente ficava conhecendo mais a realidade dos estados, né? Foi uma experiência fundamental. Eu acho que ainda tem hoje em dia. Não tem mais não?

CF – É porque agora mudou um pouco, né, porque tem (*falam ao mesmo tempo*) está mudando.

EP – Não, e as próprias secretarias de Saúde se organizavam pra ter seus próprios cursos. Teve isso depois. A gente... a gente fazia o curso e preparava o professor para dar o curso lá, né? A gente dava num primeiro momento, depois o professor seguia.

CF – Foi formando, né, um corpo técnico local, né?

EP – Foi uma experiência enorme. E a equipe que ia lá era o Hélio, eu, dr. Joir... eu acho que o Cynamon foi poucas vezes. Essa equipe era fixa. Muito bom.

CF – Então vamos deixar registrado porque aí a gente já... né?

EP – Vamos... é. Vai pegar (*falam ao mesmo tempo*) e os concursos da Escola. Eu acho que isso mais ou menos a gente fecha.

CF – Tá bom. Obrigada, d. Elza. (*interrupção da fita*)

\*Esta fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 35 minutos)

Data: 17/06/2004

### Fita 9 - Lado 1

EP - ... (?) (*a partir da data?*), (*a data?*) (?)

CF – Bom, d. Elza, vamos, então, iniciar hoje a nossa última entrevista para a gente finalizar nossa conversa. Eu fico com pena porque está... está... nossos papos estão ótimos (*risos*), muito interessantes. Hoje é dia 17 de junho de 2004, né? Então, vamos dar início, então, à entrevista com a dra. Elza Paim para a pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, Cristina Fonseca. Bom, d. Elza, nossa idéia era, hoje, a gente voltar só para a gente fechar algumas questões, né, que a gente tinha ficado de conversar especificamente sobre os cursos descentralizados, né, que a gente não conversou com mais calma sobre eles, que é uma experiência importante, né, é um marco na história da Escola, né? E era importante a gente ouvir um pouco a senhora, as suas... as suas... né, as suas lembranças, como a senhora viu esse processo, e vivenciou esse processo todo do curso, né, da implementação dos cursos, né?

EP – Quer dizer, esse processo na Escola começou, se não me engano, em 1975. A Escola... Mas, antes disso, isso que é interessante, é que o Departamento Nacional de Saúde já havia realizado – aliás está aqui – já havia realizado cursos descentralizados no Brasil inteiro, formando médicos... Aqui está, mas você pega por aqui, né?

CF – Ah, nesse artigo, né...

EP – É.

CF - ... que a senhora escreveu com dr. Hélio Uchoa, é. Isso a gente (?)...

EP – Então...

CF – Mas pode ir lembrando.

EP - ... já havia... já havia essa experiência. E a outra experiência, também, que eu já... também me referi, foi a experiência de preparação de pessoal auxiliar para o serviço de Saúde, que era feito pelas enfermeiras do DNES. Então, havia... houve, né, uma... um... um período em que houve cursos de Saúde Pública para a formação de médicos, não é, médicos sanitaristas, nos estados, e...

CF – Dados pelo Departamento Nacional de Saúde?

EP – Pelo Departamento Nacional de Saúde. Os médicos iam daqui, né, os professores iam daqui, faziam os cursos. E o curso... os cursos se destinavam à preparação de visitadora sanitária, que eu já me referi, né...

CF – É, porque a senhora fez um desses cursos, né...

EP – Eu fiz um desses cursos, é, é.

CF - ... na época do Barreto a senhora fez o curso, né?

EP – Claro. E até a diretora do curso que eu fiz chama (*Aliontina?*) Gomes. Então, as enfermeiras saíam daqui e ficavam 6 meses, 8 meses nos estados preparando o pessoal e ajudando na organização do serviço. Isso era uma coisa muito importante. Bom, (*mesmo assim?*), em 75, a Escola... Há também uma referência: o dr. Blois falou sobre curso descentralizado numa conferência nacional de Saúde, também.

CF – Ah, é?

EP – É, está aqui, está aqui no... no relatório, depois você pega. Bom, então, em 75, a Escola resolveu se engajar no processo de preparação de pessoal nos estados porque... principalmente porque havia uma procura enorme de vagas nos cursos da Escola, né, que a Escola não dava vencimento, havia muita... muita procura de todos os estados. Então, houve um... acho que um seminário, uma reunião na Escola, reunindo todo o corpo docente, né, procurando envolver todo o corpo docente no processo. Era um processo que não podia ser feito sem... sem o envolvimento total da Escola, né, e, realmente, ele envolveu muitos professores da Escola nesse (*processo?*). Então, houve uma... um primeiro... um primeiro... uma primeira reunião na Escola. Foi debatida a necessidade, né, do... porque é que se ia fazer e tudo, e traçada uma estratégia para a implantação, né?

CF – Agora, me tire só uma dúvida, dona Elza, que a senhora fez referência aos cursos descentralizados pelo... O DNES já fazia esses cursos. Mas, nessa época, em 70, o DNES ainda estava dando o curso?

EP – Não, não, não estava mais não.

CF – Não, não tinha mais?

EP – Nessa época não.

CF – Era só... só naquela época de 40...

EP – Só naquela época.

CF - ... anos 40...

EP – Acho que foi na década... foi na década de 40, por aí.

CF – Tá, é. Depois pára?



EP – É, depois pára, né, e fica a Escola, só, como a responsável pela preparação de pessoal de Saúde Pública. Bom, então...

CF – Então, havia uma demanda grande...

EP – Muita.

CF - ... que a Escola tinha que atender essa demanda nos estados.

EP – Exatamente, (*falam ao mesmo tempo*) (*era grande?*). Ao lado disso, havia um pensamento da Escola de que a gente precisava... fazer os cursos nos estados, até para preparar pessoal nos estados para assumir o curso de Saúde Pública, não é? E, então, houve várias reuniões, naturalmente, houve um... Eu acho que a Escola se engajou totalmente no... no processo, e os dois primeiros cursos, que eu me lembro, foram... as duas primeiras secretarias de Saúde que mostraram interesse - porque aí foi feito um contato com a Escola e as secretarias de Saúde, né, para saber do interesse das secretarias – as primeiras que se manifestaram, se não me engano, foram Belém, (*ou?*) Pará, né, e Rio Grande do Sul. Então...

CF – Pará quem era? Teve uma... Quem é que veio do Pará para cá? Veio uma pessoa do Pará para essa reunião que teve na Escola.

EP – Não, não me lembro. Talvez tenha nesse relatório, (*mas eu não me lembro?*) de quem veio.

CF – É, eu esqueci. Eu já... eu já vi. Eu acho que... eu acho que...

EP – (*falam ao mesmo tempo*).

CF - ... Luís Fernando ou Arlindo fazem referência na entrevista (*falam ao mesmo tempo*).

EP – É, talvez tenha isso.

CF – Mas foi Pará e Rio Grande do Sul?

EP – E Rio Grande do Sul, foram os primeiros que se interessaram, né, que as secretarias de Saúde abraçaram a idéia, né? E aí, segunda etapa, nós, da Escola, indo aos estados, né, fazendo reuniões com... com o pessoal da secretaria, e procurando envolver, desde o início, a universidade, né? Então, o trabalho era... era esse: a gente vender a idéia, (*vender?*) a idéia, né, ganhar o apoio do pessoal da secretaria e da universidade também, né? Então, houve o quê? A gente, nessas reuniões, a gente falava sobre o projeto, né, o que é que era importante, e, a partir de... de... Como é que diz? ... recrutamento das pessoas para fazer o curso, né, seleção dos candidatos. Então, a gente discutiu o curso em si, né, o... a proposta de curso da Escola, o... como devia ser feito o recrutamento dos alunos, né, e...

CF – A seleção tinha uma prova?

EP – A seleção tinha, tinha uma prova, uma prova escrita, primeiro, para ver os... os conhecimentos dos candidatos, uma entrevista, né, e tinha uma outra coisa, análise de currículo para ver a experiência que eles já tinham também.

CF – Dona Elza, e da Escola, era... era só a senhora e o dr. Hélio Uchoa...

EP – Não, não, não.

CF - ... ou tinha... tinha um representante...

EP – Olha...

CF - ... de cada especialidade?

EP – De cada... de cada departamento.

CF – Ah, tá.

EP – Então, o grupo básico, né, que saía para viajar, éramos: (?), o dr. Joir Fontes, que era da Epidemiologia, e Hélio Uchoa, que era o coordenador, eu, que era a coordenadora da área de Administração, eu acho que, algumas vezes, o Cynamon, como Saneamento, né, e Ciências Biológicas eu... eu não me lembro quem era, mas, geralmente, era um representante de cada... de cada... cada departamento.

CF – E de Ciências Sociais, ia também?

EP – Hein?

CF – Ciências Sociais também tinha?

EP – Ciências Sociais. Acho que nessa época já tinha Ciências Sociais... Eu acho que já tinha sim. Então, havia um representante de cada...

CF - ... de cada departamento.

EP - ... de cada departamento. Bom, então, (?) inicialmente, o curso foi bolado na Escola com a ajuda desse pessoal que veio de fora, do Pará, do Rio Grande do Sul, né, foram os dois primeiros. E aí, a gente... o grupo daqui, da Escola, participava desde a seleção do pessoal, a discussão com... com os docentes propostos, né, para... para discutir os objetivos do curso, etc., metodologia, o que é que a gente pretendia, e... Então, primeiro, havia essa reunião com todo o corpo docente, depois havia um segmento do curso, entendeu? Então, a gente... Naquelas áreas onde não havia professores específicos para determinada disciplina a gente é que ia dar. Então, os docentes da Escola participavam praticamente em todo o processo, né, na discussão inicial do curso, na seleção dos alunos, na seleção do corpo docente, isso é importante, a gente fazia entrevista com o corpo docente...

CF – Quer dizer, isso é interessante, que eu achei que o corpo docente fosse todo da Escola, mas não era, então, não. A colaboração...

EP – Não, não, a gente, desde o início, a gente tentou obter participação de... de docentes locais, até para a gente formar uma massa, né, de... de professores capazes de conduzir os cursos lá. Não era idéia da Escola eternizar, não é, era idéia da Escola começar o processo, né, botar o processo em andamento e... Agora, a gente viajava muito. Por exemplo, parte de Administração (*rindo*) geralmente quem ia era eu, eu ia muito para (?). O Hélio, além da coordenação, ele via a parte de Odontologia, né?

CF – Quer dizer, a senhora... a senhora via... atuava, supervisionava os cursos relativos à Enfermagem, mas... mas, também...

EP – Não, os cursos... os cursos não tinham nada com Enfermagem.

CF – Não tinham... não era separado como era (*falam ao mesmo tempo*) Enfermagem para...?

EP – Não, não era mesmo, o curso era (?) para todo mundo.

CF – Todo mundo junto.

EP – Era Curso Básico de Saúde Pública de um modo geral, né? Então, você tinha - interessante a composição - (*quer dizer?*), você tinha médico, tinha enfermeira, tinha odontólogo, como maioria, né, e você tinha alguns outros profissionais, por exemplo, assistente social. Mas era muito pequena a participação dos outros profissionais, a grande massa...

CF - ... predomínio...

EP - ... de candidatos era de profissionais da área da Saúde, e, bom, então, a gente participava.

CF – E a senhora, então, dona Elza, seu enfoque maior era sobre Administração, não é isso, área de Administração...

EP – Administração na área da Saúde.

CF - ... em Saúde Pública, né?

EP – De Saúde Pública, né, essa era a área que eu dava mais. E... bom, mas...

CF – Era um conteúdo, quer dizer, era... era uma...

EP – O mesmo conteúdo do curso da Escola, (*só que o curso?*) ...

CF - ... que sempre (*falam ao mesmo tempo*). O dr. (*Bichara?*) de Almeida Rodrigues sempre trabalhou nessa área (*também?*), né?

EP – É, dr. Bichara, exatamente. O curso da Escola, ele... ele sofreu também uma... uma remodelação porque não podia ser um curso muito grande lá, porque, se não me engano, foram 800 horas (*que?*) os cursos de... dos estados... Então, a gente... a gente fazia a... a gente só ia dar aula quando não tinha professor, mas, geralmente, a gente ia, logo no início a gente ia muito: Belém, né, Rio Grande do Sul, que foram os primeiros, mas aí o...

CF – É, porque não tinha gente lá, assim, habilitada, com essa... né?

EP – Não tinha. Pois é, mas aí, você, quando você começa a pesquisar, a fazer recrutamento, você descobre que, às vezes, tem gente até com doutorado na área de Saúde, gente que tinha feito cursos fora, talvez em São Paulo, né...

CF – Ah, tá.

EP – ... então, você tinha... ou, então, na própria Escola.

CF – Ex-alunos da Escola.

EP – Ex-alunos da Escola. Esse pessoal...

CF – E ex-alunos do DNES, daqueles cursos antigos do DNES, tinha também? Não?

EP – Não, acho que não...

CF – Já era coisa mais antiga, né...

EP – ... porque aquele era o pessoal para o trabalho, né, o pessoal era preparado para o trabalho.

CF – Tá, entendi, não era para formação.

EP – Não era para formação. Bom, então, a gente... depois, a gente supervisionava. Os cursos tinham prova, tinham avaliação, né, feita pelos alunos sobre o curso, e avaliação individual... Geralmente, a avaliação, no início, que eu me lembro, era em grupo. A gente começou com o negócio de que não valia a pena fazer avaliação individual, então, a gente fazia... dava nota em grupo. Depois, a gente descobriu, é fácil descobrir, né, que num grupo alguns trabalham e outros aproveitam o trabalho dos outros. Aí, os próprios alunos colocaram isso, né, nas avaliações. Aí, a gente começou a fazer avaliação individual: prova, entrevista, mas sempre houve avaliação, né? E, então, o trabalho da gente era esse, era: suprir necessidades docentes nos estados, supervisionar o andamento dos cursos, né, participar na seleção dos candidatos, participar na avaliação. E a gente tinha muito documento de avaliação. A avaliação geralmente era escrita, né, e a gente tinha essa avaliação. Eu acho que isso foi um... um período muito rico, principalmente o período de 75 a 80, né, que foi o período em que esses cursos se expandiram...

CF - ... começaram.

EP – Eles se expandiram, rapidamente eles se expandiram. Então, de vez em quando, você tinha curso... Bom, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – É, porque começou inicialmente em dois estados, rapidamente (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... rapidamente porque os outros... as outras secretarias viram, né, se interessaram, pediram para a Escola, então, a gente tinha uma trabalhadeira infernal, a gente tinha que atender não sei quantos cursos, né? (*Bom?*)...

CF – Agora, me tire só uma dúvida, dona Elza: essas pessoas que faziam os cursos nos estados, quer dizer, elas... Tinha pessoas que iriam trabalhar, quer dizer, eram pessoas voltadas para a área de serviço, mas tinha pessoas, também, que iam... iam atuar mais na área acadêmica...

EP – É.

CF - ... formando novos... Porque tem duas... né...

EP – É, (*dois?*) (*falam ao mesmo tempo*).

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) da gente pensar num curso de Saúde Pública, no investimento nessa área, e pode ter... ela pode ter dois braços, né?

EP – É, é exato.

CF – Ou uma ênfase numa área acadêmica, que vai caminhar para um mestrado, para um doutorado, ou uma ênfase na área de serviço...

EP – É, agora, a ênfase... Podia haver isso, mas a ênfase maior era para o pessoal para os serviços mesmo, né, (*falam ao mesmo tempo*).

CF – Mas, ao mesmo tempo, para preparar professores...

EP – Exato.

CF - ... tinha que ter uma... um... uma atenção com a área acadêmica...

EP – Claro.

CF - ... com a formação, né, acadêmica desses futuros professores, né?

EP – Claro, exato.

CF – Quer dizer, eles iam... eles iam...

EP – Esse também era um objetivo, né, que a gente queria que o pessoal estivesse preparado para ir substituindo a gente paulatinamente, para as... os estados terem autonomia, né? Mas isso demorou um pouco...

CF – É, né?

EP - ... demorou um pouco... Eu me lembro do... Houve um curso especial de... de... Brasília não estava incluída inicialmente, né, no programa, mas, depois o ministério pediu, e nós fizemos um curso especial para Brasília, fizemos 3 anos, e esse eu participei muito, fui muito lá. E Brasília... Bom, eram (*basicamente?*) (*cobertos?*)... Aqui (?) você tem, né, depois o...

CF - ... os detalhes no artigo, né?

EP - ... o (*quadro?*) todo, né? Um do... um dos últimos cursos que eu me lembro (*de um estado entrar?*) foi... foi Espírito Santo.

CF – Foi dos últimos a entrar, a participar?

EP – É, foi Espírito Santo, e, aliás, eu fui até com a Antonieta, fomos duas vezes lá. Antonieta participava também muito nessa... nessa coisa de... dos cursos regionalizados. Então...

CF – A Antonieta, vamos deixar registrado, né, o nome dela todo.

EP – É Maria Antonieta Siqueira Prado.

CF – Tá. Mas, depois, a gente até pode falar um pouquinho dela, dona Elza, falar do trabalho dela na Unidade, depois a gente recupera isso.

EP – É, é importante, tá. Bom, então, esse foi um processo que a Escola toda se engajou, como eu já disse, né, um entusiasmo grande pelos cursos... E eu não tenho idéia de quando os cursos terminaram, eu só me lembro do curso até 80, depois eu não sei se eles... Mas aí começou... os próprios estados começaram a se... se organizar para dar os cursos junto com a universidade. Isso é que é importante, é que houve uma... um interesse também da universidade de criar...

CF – Tá, aí essa ênfase na área acadêmica (*falam ao mesmo tempo*).

EP – É, exatamente. Então, os cursos passaram a ser mais... No início a participação da gente era muito grande na parte docente, e, depois, essa participação começa a ser mais na parte de supervisão, de avaliação, de discussão, né, e menos na parte realmente de... de sala de aula, de você estar em sala de aula. Eu acho que isso foi muito bom para os estados e foi muito bom para a gente da Escola porque a gente passou a conhecer a realidade das secretarias de Saúde do Brasil inteiro, entendeu? No lugar de você ter depoimento de alunos que vinham dos estados, a gente passou a ver, né, nós passamos a... a conhecer o processo de Saúde de

cada estado. Para mim isso foi um crescimento enorme, um crescimento muito grande (!) Já pensou? Você sai daqui de dentro, você está no Rio, né, está dando curso para gente que vem de fora. De repente, você vai ao encontro, né, você cresce muito!

CF – Vai conhecer *in loco*, né, (*a realidade?*).

EP – Nossa, você conheceu as realidades as mais diversas no Brasil inteiro, né?

CF – E o curso, ele... ele variava de acordo com cada estado?

EP – Não, o curso era o mesmo.

CF – Era o mesmo independente de você ter situações...

EP – Não, o curso era o mesmo.

CF - ... e realidades diferentes? Não?

EP – É, não, o curso era o mesmo, quer dizer, o núcleo do curso era o mesmo. Provavelmente havia alguma coisa ligada, né, a peculiaridades dos estados, por exemplo, na parte de Epidemiologia. Num estado que tinha maior incidência de esquistossomose, né, provavelmente havia uma ênfase maior na discussão de Epidemiologia da esquistossomose do que no outro estado que não tinha, entendeu?

CF – Entendi.

EP - Então, essa coisa, ela existe, né, mas as coisas, em geral, eram...

CF – Quer dizer, a estrutura básica era única?

EP – Era única.

CF – Ela vai variar... (!).

EP – É, e, basicamente, era na área de Epidemiologia...

CF - ... que variava.

EP - ... que variava mais, eu acho.

CF – A senhora não viu diferença, assim, por exemplo, (!) assim, nos próprios alunos? A senhora percebia diferença entre os alunos, dependendo da região, de (*formação?*), de...?

EP – Olhe, eu acho que os... de um modo geral, quem ia para esses cursos tinha um interesse muito grande. O que variava era, um pouco, o conhecimento básico que eles traziam, né? Por exemplo, o Rio Grande do Sul, o pessoal tinha uma... Não sei, acho que nem vale a pena falar

isso, porque o Rio Grande do Sul o pessoal tinha um nível melhor, né, até a secretaria... quando a secretaria era mais bem organizada, né, e havia secretarias que eram... estavam em início de organização. E uma coisa interessante...

CF – Precárias, né?

EP – É. E uma coisa interessante que aconteceu é que o curso se destinava, basicamente, a preparar pessoal para trabalhar na... no nível local, né, nas unidades, e etc. Mas, depois que eles se formavam eles eram... eles eram aproveitados pelos estados nos postos de chefia, né, eles iam trabalhar na Secretaria de Saúde, exercendo cargos, né, que não... que não no nível local, eles trabalhavam no nível central... Isso foi uma coisa muito interessante que a gente observou porque eles...

CF – Porque foi uma formação de peso, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Uma formação boa, eu acho, né, e... Bom, e aí...

CF – O que me chama a atenção, dona Elza, que eu acho que é interessante, assim, porque o Brasil é um país muito grande, de uma diversidade social, econômica, cultural muito grande.

EP – É, é claro, é.

CF – Então, isso deve aparecer, né, nesse processo de (?), né?

EP – Claro, (*falam ao mesmo tempo*).

CF - (*falam ao mesmo tempo*) são... né?

EP – Quer dizer, havia uma coisa básica que tinha que ser dada para todo mundo, e havia alguma coisa que era mais ligada, né, às condições locais. Acho que, basicamente, que eu me lembre, (*falam ao mesmo tempo*).

CF – A senhora lembra de experiências assim, de fatos, de coisas interessantes que tenham acontecido em cima desse... desse... que a senhora está levantando, da importância de... dos professores terem ido a isso, né, aos estados, né, e de conhecer a realidade, né, dos estados, né, quer dizer, é uma...?

EP – É claro. Eu acho que muda até a maneira como a gente via o pessoal que vinha fazer os cursos da Escola, não é? A gente passou a conhecer melhor, e talvez, identificar nos nossos cursos maior necessidade dos estados, basicamente isso aí. Agora...

CF – E as dificuldades, a senhora... a senhora lembra, assim, de... de problemas mais concretos que eram frequentes? Não?

EP – Não. Uma coisa que a gente sempre teve uma preocupação grande foi não deixar a questão política interferir, quer dizer, o candidato ao curso, ele tinha que passar por um



processo de seleção para a gente fugir da indicação política, entendeu? Eu acho que isso era uma coisa muito importante.

CF – Porque devia ser muito forte (*a nível local?*) (?)

EP – Muito forte, muito forte. Mas, como tinha o processo de seleção, e a Secretaria tinha se comprometido, né, a respeitar, não havia essa história do “meu candidato, o meu candidato a secretário” não, né, o pessoal passava pelo mesmo processo. Mas...

CF – Isso era uma preocupação que vocês tinham, de não... não ter uma interferência política?

EP – É, não ter interferência política.

CF – E conseguiram manter isso (*falam ao mesmo tempo*)...?

EP – Eu acredito que sim, na maioria dos casos acho que a gente conseguiu. Provavelmente passou um caso ou outro, né? Havia uma coisa também interessante: alguns alunos que não tinham nenhuma experiência, que fizeram o curso, não tinham emprego, gente que estava desempregada, e que a gente resolveu, depois da entrevista, achar que valia a pena investir, né? Pois essas pessoas, praticamente todas, foram absorvidas pelas secretarias.

CF – Quer dizer, fizeram o curso e depois conseguiram (*emprego?*)?

EP – Depois foram contratadas. Isso também é uma coisa importante, né?

CF – Quer dizer, a capacitação contribuiu para... para...

EP – Contribuiu, é. E em muitos desses cursos a gente fazia estágio em unidade do Interior. Eu me lembro da Bahia. De Salvador nós levamos os alunos para fazer estágio na... no... na zona sul da Bahia, Ilhéus, Itabuna, que tinha serviço do SESP lá, né? Então...

CF – A senhora já tinha passado por lá...

EP – Já, então...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) Ilhéus (*fala ao mesmo tempo*)...

EP – Eu já tinha trabalhado lá. Então, onde havia serviço organizado a gente levava os alunos para... para conhecer, para estágio, e fazia uma... uma parte de... o ensino de... mais voltado para a prática, né? Então, chegando numa unidade, os alunos - eles tinham aprendido toda a tecnologia, todos os conhecimentos e a tecnologia - eles vão aplicar no estágio o que eles aprenderam, né, basicamente, observar o funcionamento de uma unidade, por exemplo, né, que maneira essa unidade se relacionava com... com a comunidade, como é que os pacientes eram atendidos, né? Então, isso também era uma coisa que era muito enriquecedora, essa parte de estágio...

CF – E sempre faziam estágios? Sempre tinha estágios?

EP – Sempre que possível, que eu me lembre, basicamente... Houve um estágio... Sempre. Alguns a gente conseguiu acompanhar, outros não. Por exemplo, no Amazonas (*rindo*) o estágio era num lugar extremamente longe, né, longe prá chuchu, longínquo...

CF – Longe de Manaus? Era uma outra cidade?

EP – Fora de Manaus.

CF – Fora de Manaus?

EP – Fora de Manaus. E aí eles foram só com professores de lá, né, porque senão a gente ia passar um mês remando ou sei lá, viajando para dar um estágio, mas a maioria das vezes...

CF – Mas, aí, a senhora lembra onde foi? Não? Aí eram... eram postos...

EP – (*Não me lembro?*), (*falam ao mesmo tempo*)...

CF - ... de Saúde da própria Secretaria de Saúde do Amazonas?

EP – É, a Secretaria de Saúde geralmente é que indicava, né? Manaus a gente não conhecia nada no interior. Então, a Secretaria de Saúde gostaria de ter um estudo sobre a unidade da cidade tal, então, a pessoa ia fazer lá, né?

CF – Aí incluía isso no estágio dos alunos?

EP – Continua... No estágio, fazia parte do estágio, né? Mas esse eu não fui. Fiquei até com pena porque eu adorava ir para esses lugares que eu não conhecia, mas esse não dava para eu ir não, que a viagem era muito longa, muito difícil, sei lá, até no curso que essa menina fez, a... a Maria Auxiliadora. Belém...

CF – Dona Elza, e tinha... e tinha, assim, contribuição, por exemplo, com... com... Os locais de estágio não eram só os locais dos serviços de Saúde do estado, então, podia ser...

EP – Podia ser do município também.

CF - ... num posto do SESP...

EP – Podia.

CF - ... podia ser um...

EP – Podia porque...

CF - ... um Serviço do Departamento Nacional de Saúde...

EP – Exatamente.

CF - ... podia... Havia colaboração com essas (*unidades?*) (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Claro que havia. Esse estágio que a gente fez na Bahia, em Salvador, no curso em Salvador, a gente fez no sul da Bahia, que tinha serviço de SESP, entendeu?

CF – E em outros locais, a senhora lembra?

EP – Em outros locais, a maioria onde... onde não tinha serviço do SESP, fazia... Era muito importante o pessoal conhecer o serviço do SESP, era um serviço bem organizado, né? Então, onde tinha SESP, geralmente, a gente indicava para...

CF - ... para fazer o SESP.

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*) SESP. (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – E do Departamento Nacional de Saúde, ainda existia DNES (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Hã?

CF – O Departamento Nacional de Saúde? Nessa época já tinha... já não era mais a estrutura que era, né?

EP – Não, não. Agora eu ia falar uma coisa, espera aí.

CF – Ah, desculpe, eu lhe interrompi.

EP – Tinha uma coisa interessante...

CF – Em Recife, que a senhora estava falando?

EP – Em Recife. Não, em Recife nós fizemos... Não, não, eu ia dizer o seguinte: o curso regionalizado, ele abrangia vários estados. Por exemplo, o curso de... de Recife, não é? Ele... ele fazia... ele aceitava alunos de estados próximos que não tinham o curso, entendeu?

CF – Ah, tá, porque não era em todos os estados que tinha curso. Ah, tá.

EP – Pois é. Então, Belém, por exemplo. Belém, durante um período, ele atendia... clientes... alunos de Manaus, do Maranhão, nos primeiros, né...

CF – Tá, entendi.

EP - ... Ceará... Depois começa, cada... cada estado começa a se organizar, e aí deixa de haver esse... esse entrosamento, né?

CF – É como se fosse um núcleo, né, *(falam ao mesmo tempo)*...

EP – É, exato. Depois ele vai... depois ele vai se expandindo, né, e os... e os cursos vão sendo espalhados pelo Brasil inteiro. O curso de... de Espírito Santo nós fizemos estágio foi na... na área de... de... do SESP também, em Colatina, Aimorés, Valadares, né? Então, havia um entrosamento muito grande entre a Escola e o serviço, porque se o serviço não aceitasse o aluno como é que você ia fazer, né? Então, se a gente... E a gente, na Escola, a gente tinha uma ligação muito boa com todos esses outros serviços.

CF – E a senhora estava falando que o curso de Recife aglutinava, então, aluno de...

EP – Quer ver que te *(digo?)*? *(Está bem aqui?)*, *(???)*?

CF – Que a senhora estava... estava querendo lembrar de algum caso específico?

EP – É. Aqui, *(espera aí?)*. *(manuseando papéis)* Está aqui, *(eu vi outro dia?)*.

CF – Ah, depois eu vejo...

EP – Depois você vê.

CF - ... *(falam ao mesmo tempo)* *(for ver?)* o artigo direitinho, né?

EP – Depois você vê porque aqui dá muito claro isso, sabe? Bom...

CF – Mas, então, sempre que possível havia um... um intercâmbio com as unidades do SESP?

EP – Sim, sempre que possível, o SESP, a Secretaria de Saúde, né? O SESP tem secretarias estaduais e municipais. Porque, às vezes, você tinha regiões em que não tinha praticamente nenhum serviço que valesse a pena. Você vai levar aluno para estagiar num lugar que não tem o que ver, não tem o que fazer, né? Então, não, você tinha que selecionar também os... os lugares para os estágios. Bom, o que mais que pode falar sobre curso de Saúde Pública?

CF – E o curso, então, o curso durava, então, em torno de umas 800 horas/aula, é isso que *(falam ao mesmo tempo)*?

EP – É, 800 horas/aula, e distribuído, né? Geralmente o pessoal tinha aula de manhã, tinha aula de tarde. Quando a gente viajava a gente dava aula o dia inteiro porque a gente não podia ficar, né?

CF – Tinha que aproveitar, né, *(falam ao mesmo tempo)*?

EP – É, tinha outros compromissos. Agora, eu volto a dizer que para mim foi uma experiência muito interessante, não só para os estados, mas, sobretudo, para a Escola. Foi... Deu a visão, deu para a Escola uma visão que os... a maioria dos professores não tinha. Eu, por exemplo,

tinha sido de serviço, então, eu conhecia muito serviço. No SESP eu viajava muito para os estados, né? Mas tinha professor na Escola que não conhecia, né, e que aí foi tomar contato com a realidade (*brasileira?*), até para... para trazer contribuição para os próprios cursos da Escola, não é? Eu acho que essa coisa foi muito enriquecedora para a Escola. O curso de Saúde Pública, os (*básicos?*) foram importantes para os estados, foram importantes para a gente.

CF – De ter uma... uma (?)... ter uma aproximação maior com a realidade brasileira.

EP – Sem dúvida, sem dúvida.

CF - O doutor... o dr. Luís Fernando e o Arlindo, num depoimento que eles deram, eles contam uma história do dr. Blois, que o dr. Blois promovia viagens dos alunos da Escola a fazer excursões ao interior do Brasil, mandava para o Nordeste, porque ele (*apoiava?*) isso.

EP – É, mas isso foi antes, foi antes (*de eu entrar?*).

CF – Foi antes desse período, é. É, ele comentava isso, que era importante os alunos conhecerem a realidade brasileira.

EP – É. O dr. Blois tinha muita preocupação com essa coisa. Eu me lembro, eu não estava na Escola, mas eu me lembro, ainda não estava fixa, né, eu me lembro que eles fizeram uma excursão (?) para o Nordeste e fizeram uma para Minas, as duas que eu me lembro, (*da época?*). Mas eram... eram visitas, né, eles faziam visitas, né?

CF – Mas com essa preocupação...

EP – Com essa preocupação.

CF - ... a de aproximar os alunos da realidade.

EP – O dr. Blois tinha... o dr. Blois tinha uma... uma visão, né, de que o ensino não podia ser só acadêmico, o pessoal tinha que conhecer para poder dar um ensino que atendesse, né, realmente, às reais necessidades... (*interrupção na fita*)

## Fita 9 - Lado B

CF - ... (*sobre?*) a institucionalização de uma proposta, né, que já vinha (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Exato, já... já vinha por muitos anos.

CF - ... (?) isso, né?

EP – É, (?).

CF – Agora, como é que era para os professores? Dava para conciliar toda essa atividade no Brasil inteiro e ainda davam aula na Escola? Como é que...?

EP – Ah, minha filha, não tinha jeito (*riem*). Você tentava...

CF – Porque é muita coisa, né?

EP – Você tinha que fazer, não tinha (*jeito?*). A gente trabalhava que não era brincadeira naquela época. Agora, tinha muita... muita coisa interessante.

CF – Todo mundo gostava de viajar...

EP – Eu adorava.

CF - ... ou eram sempre as mesmas pessoas que iam? Como é que era isso? Havia uma... uma rotatividade?

EP – Olha, era um núcleo, tinha um núcleo básico, né, que viajava, mas, de vez em quando, um outro professor ia, se houvesse necessidade, né? Mas, geralmente, era o grupo (*rindo*)... o grupo de viajantes éramos nós. Agora...

CF – Quem eram? A senhora, o dr. Hélio, Cynamon...

EP – Que eu me lembre: eu, Hélio, Joir, Cynamon... Quem mais, meu Deus do céu? Eu vou até... eu posso até... Eu vou ligar para o Hélio porque o Hélio deve ter isso. É uma pena que o Hélio não... não escreveu isso no relatório dele, né, o nome das pessoas que participaram mais.

CF – Porque elas (?) (*falam ao mesmo tempo*), né?

EP – É. O dr. Joir é muito engraçado porque... Eu gosto muito de peixe. Pode entrar isso no coisa?

CF – Pode!

EP – Eu gosto muito de peixe. Então, quando a gente viajava, Ceará, Rio Grande do Sul... não, Ceará, Pernambuco, Belém, a gente ficava sempre no mesmo hotel, né?

CF – Já conhecia, né, o (*falam ao mesmo tempo*).

EP – E já era conhecido. E ali a gente... a gente ia almoçar, e eu só pedia peixe. Dr. Joir (*falava?*): “Dona Elza, eu não agüento! A senhora só come peixe?” (*risos*) (??). “Se eu estou na terra que tem um peixe maravilhoso e eu gosto de peixe, né?” Era muito... era muito bom. Além do trabalho a gente tinha momentos muito agradáveis também, né?

CF – Claro, (?).

EP – Houve uma época que a gente estava em Manaus, e nós ficávamos... ficávamos... A nossa diária não dava para hotéis muito chiques, né, tinha que ficar num hotel médio. E aí, nessa... nessa viagem o dr. Joir levou a mulher dele, a doutora... a dona... Como é o nome dela? Vou me lembrar. Aí, ele disse assim: “Vamos ficar um fim-de-semana?” “Vamos.” A gente não tinha nada para fazer sábado e domingo aqui, né? E nós vamos sabe para onde? Para o hotel... aquele Hotel Amazonas, aquele hotel chiquíssimo que tem lá.

CF – Ah, sei, aquele chique.

EP – Pagamos duas diárias, ficamos lá, mas foi ótimo! (risos) A Cibele, o nome da mulher dele era Cibele. Ficamos lá... A gente não roubou nada da Escola porque a gente estava...

CF – (*falam ao mesmo tempo*).

EP - ... era folga da gente...

CF – É, (*falam ao mesmo tempo*).

EP - ... e a gente que estava pagando.

CF – Aí aproveitou também, né?

EP – Aproveitamos. Às vezes a gente fazia isso, roubava... acabava o curso 6<sup>a</sup> feira, a gente fazia algum programa, né? E os alunos, de modo geral, eles ofereciam muitos... muitos programas para a gente. O pessoal da Bahia era tão festeiro! (risos) A dificuldade da gente era dizer: “Olha, a gente não pode ir para festa todo dia, minha gente!” (risos) Bahia é muito festeira, né?

CF – É, né?

EP – Então, era festa na casa não sei de quem, mocotó na casa não sei de quem, e a gente falava: “Gente, nós temos que trabalhar amanhã de manhã, né?”

CF – (*rindo*) (*falam ao mesmo tempo*) festa (*falam ao mesmo tempo*) (*rindo*)

EP – E o baiano não é muito pontual não, hein! E a gente: “Nossa, não pode, porque é tanta festa, porque a gente está com o tempo da gente, né, tomado aqui.” E aí foi... num curso da Bahia estava... num dos cursos eu estava com a Antonieta até. A Antonieta ficava desesperada com a falta de pontualidade dos baianos! (risos) Agora, depois que eles chegavam no curso eles não tinham hora para sair, mas eles ainda eram muito pouco pontuais, a maioria não. A gente tinha muito... essa preocupação de pontualidade, né, para a gente poder cumprir os horários, para a gente ter tempo para discussões, para fazer reuniões de grupo... (*Foi muito bom?*).

CF – Para dar tempo, né, de fazer toda... né, tudo programado.

EP – É, tudo programado. Foi muito bom. Eu acho que foi uma experiência enriquecedora para os estados e para nós.

CF – E para a Escola, dona Elza, como é que a senhora vê isso, porque todo mundo se refere à criação dos cursos descentralizados como um marco na história da Escola, né? Como é que a senhora vê, a senhora que já estava na Escola já há vários anos, né, quer dizer, como é que a senhora vê isso? O que é que mudou na Escola depois da criação dos cursos?

EP – Eu acho que pode ter mudado, basicamente, a visão dos professores no trato dos problemas regionais, né, quer dizer, eles começaram a dar mais atenção nos cursos aos problemas de cada... de cada realidade que eles conheciam, né? Acho que isso foi basicamente isso aí, muito... muito voltado para o estudo das realidades, das várias realidades que a gente (*tinha?*) (?). Agora, o curso da Escola, depois, você... O curso de Saúde Pública era como se fosse uma primeira etapa do... da formação, né? Depois, você tinha o curso de especialização. Quem fazia o curso básico depois vinha fazer a especialização.

CF – Aí a especialização era numa área específica, né...

EP – Numa área específica.

CF - ... era, ou Epidemiologia...

EP – Não, é, claro...

CF – ... não é isso? Era separado, né?

EP - ... era área específica. Não, não, o curso de especialização em Saúde Pública ainda era todo mundo junto.

CF – Era... era geral? Ah, tá.

EP – Só que era uma coisa mais aprofundada, né, com pesquisa, com uma porção de coisa.

CF – Ah, tá, mas também era todo mundo junto...

EP – Todo mundo junto.

CF - ... não era separado?

EP – Não. Eu não... eu não me lembro de curso separado. Havia, realmente, às vezes, um curso de Epidemiologia específico para uma determinada área, né, mas a maioria dos cursos era... A Escola tinha essa... criou essa tradição de não separar os profissionais, até porque era importante você ter esse conagraçamento, né?



CF – Essa integração, né?

EP – Essa integração. Se você ia trabalhar junto num trabalho, por que você ia fazer curso separado, né? Então, eu acho que é muito por aí.

CF – É, isso é uma coisa importante, né...

EP – Muito importante.

CF - ... que os cursos começam separados, e, depois, eles se (*falam ao mesmo tempo*), né?

EP – É, exatamente. Isso é muito importante, né, e foi uma etapa que a Escola... um salto de qualidade que a Escola deu, enorme, eu acho, porque, mesmo nesses cursos que eram separados, havia algumas disciplinas em que os cursos... as aulas, elas eram dadas em conjunto, algumas, às vezes, Saneamento, um pouco de Epidemiologia, mas, depois, passa a ser tudo... tudo junto.

CF – D. Elza, então, aí a senhora acha, então, que a... o impacto mais importante dos cursos, então, para a Escola, foi essa... essa maior proximidade com a realidade brasileira...

EP – Eu acho.

CF – ... em tomar conhecimento...?

EP – Eu acho que foi muito bom.

CF – E a Escola, com isso, ela (*falam ao mesmo tempo*) ...

EP – Ela (*deu?*) ... depois (*falam ao mesmo tempo*) (*deu?*) uma oportunidade... de... de você adequar o seu... o seu ensino, né, na Escola, ao que você viu, (*tosse*), né? Eu acho que é muito por aí.

CF – A Escola expande, também, né?

EP – Hum?

CF – Eu acho que também faz com que a Escola...

EP - ... expanda. A Escola cresceu muito, a Escola cresceu muito.

CF – Ela ganha uma dimensão nacional (*falam ao mesmo tempo*).

EP – (*falam ao mesmo tempo*)... É claro. (*pausa*) Os estados, depois, vinham fazer especialização, e, depois, o mestrado, mestrado e doutorado, né...

CF – Aí já iam...

EP - ... uma formação, né, quer dizer, uma linha de formação. Eu nem sei, os cursos... depois os cursos terminaram não sei por que. Ah, terminaram não sei por que, (?) sei, porque os estados começaram a ser auto-suficientes, né?

CF – Não precisavam mais da Escola, né?

EP – Não precisavam mais da Escola. Excepcionalmente, né, eles pediam à Escola e a gente ia, uma coisa... cobria uma coisa, mas eles passaram..., mas sempre com a universidade. A universidade também teve um papel muito importante nesse processo, eu acho.

CF – É, mas a Escola...

EP – A Bahia, então, ó, a Bahia, a universidade pegou mesmo, foi muito bom.

CF – É interessante, dona Elza, como se a Escola tivesse tido um papel, né, no processo: preparou, deu condições aos estados de formarem as suas próprias... né...

EP – ... (*e até logo?*). É, exatamente.

CF – Mas ela foi a grande...

EP – (*falam ao mesmo tempo*)...

CF - ... mentora desse processo.

EP – Não era... não era uma coisa... A gente tinha muito claro que não era um processo para ser permanente, era uma coisa transitória para você preparar o pessoal para os cursos.

CF – É, eu acho que isso... isso dá um... dá um papel à Escola de Saúde Pública...

EP - ... muito grande.

CF - ... muito grande, né?

EP – Muito grande.

CF – Eu acho que... eu acho que define bem, né, a importância da Escola como uma escola nacional, né?

EP – Escola nacional, exatamente.

CF – Não é uma escola local, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... fechada.

CF – Tem uma dimensão (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Foi muito bom.

CF - ... desempenhou um papel, né, importante na (*falam ao mesmo tempo*).

EP – É. E outra coisa é que você multiplicou o número de sanitaristas infinitamente, diferente da Escola, que dava, por exemplo, um curso com o quê? Quarenta alunos por ano, né? Então, isso também foi uma coisa importantíssima, até na reestruturação das secretarias de Saúde, que passou a contar com gente capaz de... de reestruturar as secretarias sem precisar... Outra coisa importante é que você não tirava o aluno do seu ambiente, né, o aluno continuava com a sua família, né, saía mais barato também. Então, eu acho que foi um processo bastante interessante esse, muito (?).

CF – É, porque trazer... trazer aluno para cá é (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... (*um ano inteiro?*), né?

CF – (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Puxa, você, às vezes, tinha um... um trauma na família, né? Vem uma pessoa passar um ano inteiro no Rio de Janeiro, não é, deixa seu trabalho lá, e deixa sua família. Então, não, aí, vamos lá, nós vamos preparar o pessoal lá para eles não precisarem se afastar da família também.

CF – É uma experiência muito interessante, acho que ela... ela...

EP – Foi muito interessante.

CF - ... tem que ser bem... bem resgatada, né, (?), porque eu acho que isso é...

EP – É um trabalho muito interessante.

CF – Agora, dona Elza, vamos falar um pouquinho, que a gente conversou sem estar gravando, né, vamos falar um pouquinho da dona Antonieta, o trabalho dela na unidade, né?

EP – A Maria Antonieta foi uma aluna, ela fez curso na... ela... Ela era funcionária do Serviço Nacional de Tuberculose. Viajou esse Brasil inteiro, tinha uma... uma atividade (?), né? Ela foi fazer o curso de Saúde Pública na Escola. E aí...

CF – Em que ano, a senhora lembra? Não? Ela foi sua aluna, então? A senhora já era professora?

EP – Ela foi minha aluna, ela foi minha aluna. Se eu não me engano, foi no 1º curso que foi dado na ENSP.

CF – Em 66, então?

EP – No 1º curso da ENSP a Antonieta era aluna.

CF – Já no prédio novo que a senhora fala, né...

EP – É, já no prédio novo.

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*) a partir de 66.

EP – Ela foi do 1º curso lá. Bom, terminado o curso ela... a gente falou com o dr. Blois, dr. Blois pediu para o Serviço de Tuberculose deixar ela à disposição da Escola. Ela... ela era um a pessoa que tinha uma experiência imensa de campo, né, muito... Tinha organizado dispensários de tuberculose nesse Brasil inteiro, fazia supervisão nesse Brasil inteiro. Então, ela tinha uma... uma experiência enorme para... para dar para a gente também, né? Bom, então, Antonieta ficou na Escola participando do ensino, né, e (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Aí já dando aula, então, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Ela dava aula, ela acompanhava aluno em estágio, essas coisas. E aí, o dr. Blois, um dia, o dr. Blois tinha uns repentes, queria a unidade porque queria, a unidade lá de baixo, a Germano Sinval Faria. Aí ele pediu para a Antonieta que ela tinha que organizar a unidade: “Você já está acostumada a organizar dispensário, então, você vai organizar a unidade.” Ela... ela pegou o negócio e fez realmente.

CF – Ela aceitou o desafio.

EP – Aliás, a gente já tinha, engraçado, a gente já tinha preparado as visitadoras, a gente já tinha dado curso de visitadora, que ela participou muito, e curso de atendente, já tinha pessoal auxiliar de laboratório preparado, então, a unidade já tinha o seu próprio pessoal preparado na própria Escola, né? E...

CF – Agora, esses cursos de visitadora, que a senhora falou que fazia estágio lá no Samuel Libânio? É isso...

EP – É, é exato.

CF – ... que ainda não tinha a unidade e aí fazia o estágio lá?

EP – É exato, (*falam ao mesmo tempo*) fizeram estágio lá. Bom, laboratorista, esse pessoal todo, estava preparada para começar a funcionar, né? Mas aí foi o negócio de conseguir material, né, fazer as rotinas, e a unidade começou a funcionar, e, durante algum tempo a Antonieta ficou na chefia da unidade. Depois ela passou, o dr. Blois criou um negócio chamado “áreas de treinamento”, que era para supervisionar as duas unidades, e ela passou a trabalhar...

CF - ... nesse setor?

EP - ... trabalhar na área de treinamento, né? Mas ela deu uma contribuição muito grande.

CF - Aí, ela... Então, na realidade, foi ela que montou a unidade?

EP - Ela que montou a Germano Sinval Faria.

CF - É ela que... É ela que criou, que organizou todo o início do trabalho (*na unidade?*).

EP - É, exato, foi ela quem fez. Naturalmente que ela teve colaboração, né, de (*falam ao mesmo tempo*).

CF - Sim, porque ela era responsável (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - Ela era responsável. Bom...

CF - Aí, depois, é que ela foi para essa área de treinamento? Isso era o quê, um departamento da Escola, (*ou?*)...?

EP - Não, criaram... Eu sei que foram criadas áreas de treinamento... Não era um departamento não, era alguma coisa mais.

CF - Era (*aquela?*) do lado da unidade?

EP - Era. Não, ele não era ligado à unidade, ele era ligado à direção da Escola, sabe, ela era responsável pela... para... para ver como é que estavam os serviços, se estavam funcionando... E tinha um outro professor também... Você ouviu falar no Tomassini? Você...

CF - Ouvi.

EP - Pois é. Foi você que entrevistou o Tomassini, não?

CF - Não, não, não (*entrevistamos ele?*) não.

EP - O Tomassini é dessa época da unidade também...

CF - É, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*) treinamento, né?

CF - Ele também trabalhou nessa área?

EP - Trabalhou, trabalhou nessa área.

CF – (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - O Fernando Leitão trabalhou nessa área também. Bom, então, ela ficou na Escola durante muitos anos prestando uma contribuição enorme...

CF – E sempre aí, trabalhando, então, nessa área de treinamento, (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Na área de treinamento, é. Ela via a parte de supervisão de Jacarepaguá, né, e acompanhando a aluna no estágio, né? Depois a Tuberculose a chamou de volta...

CF – Ah, tá!

EP - ... e aí ela foi embora (*rindo*).

CF – Ela voltou (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Mas ela deu uma contribuição muito grande. Eu estou querendo pedir para a irmã dela ver, mas (*ela?*) não teve coragem de mexer nas coisas dela, mas para a irmã dela ver...

CF – (*falam ao mesmo tempo*) com calma...

EP - ... o material que ela tem, né, porque ela tem muita coisa que até podia esclarecer um pouco mais sobre o papel dela na Escola.

CF – É, isso a gente pode ver depois...

EP – É...

CF - ... localizar e (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*) conseguir (*falam ao mesmo tempo*).

CF - ... a documentação dela e até (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – É.

CF - ... a documentação da ENSP que a gente tem, né, fazer uma... Agora, d. Elza, uma coisa que para mim é interessante e que ficou de toda essa história, de toda nossa conversa ao longo desses... desses vários dias é... e que, agora, a senhora falando da d. Antonieta, me veio à mente de novo, é a estreita colaboração, né, que tem entre a Escola, todo processo de criação da Escola e os serviços de Saúde...

EP – Exatamente.

CF - ... que compunham o ministério, né?

EP – Claro. Departamento de Tuberculose, Departamento de Lepra... o SESP, tanto que o SESP me deixou à disposição, né?

CF – Tantos anos.

EP – Tantos anos.

CF – A senhora e outros, né?

EP – E outros, né, o Hélio, o Cynamon...

CF – Todo mundo...

EP – Quem primeiro foi para lá foi o Cynamon, (?) Escola. Depois fui eu, depois foi o Hélio. E abrir as unidades para estágio, né? Foi... Havia uma colaboração enorme. A Escola... O Dr. Blois, realmente, ele teve bastante sabedoria para não querer ficar sozinho, né, ele trabalhou com todos os serviços, Secretaria de Saúde, escolas de Enfermagem, Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, não é...

CF – Também mandou gente (*para dar aula?*)?

EP – Também mandou gente. O... a... Até a Escola de Ribeirão Preto, né? A gente tinha uma...

CF – Escola de Medicina de Ribeirão Preto?

EP – É, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

CF – Ah, Enfermagem.

EP – A gente tinha muito contato, fui muitas vezes lá. Eu não sei é como é que eu fazia tanta coisa porque... (*riem*) vivia para lá e para cá.

CF – Porque eu acho que isso é uma coisa muito importante, né, para a Escola, essa... essa relação com (*vários serviços?*), com...

EP – Sem dúvida, sem dúvida. A Escola não teria crescido como ela cresceu, sozinha. O que é escola? Você abre uma escola? Não, não é isso, né? E soube aproveitar a experiência do DNES, né? O dr. Lincoln de Freitas, que veio para ser um dos primeiros diretores da Escola, o dr. Lincoln vinha do Departamento Nacional de Saúde. O Aquiles Scorzelli (?)...

CF – Também veio (*de lá?*).

EP - ... que era professor de Estatística, veio de lá, né? Então, houve toda uma...

CF – É, vários professores colaboradores, porque tem isso também, né, a Escola, quando ela começa, ela não tem um corpo docente fixo, né...

EP – Não, não tem, não tem, né?

CF - ... (*então, são?*) os profissionais dos outros serviços que (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Colaboradores, (*falam ao mesmo tempo*) (*era aluna?*), eu era colaboradora no princípio, né, o dr. Lincoln, o dr. Scorzelli... Depois é que, aos poucos, ele consegue recursos com o ministério para começar a admitir pessoal, né?

CF – Definir o quadro próprio, né?

EP – Porque, no princípio, foi na raça: começa com gente de fora, mas começa, né? Foi formidável.

CF – A senhora conheceu o dr. Scorzelli?

EP – Conheci, fui aluna dele!

CF – Foi aluna dele, né?

EP – Na Estatística.

CF – Como é que ele era, d. Elza?

EP – Ele era ótimo! Ele era muito rigoroso, mas era engraçadíssimo!

CF – Ah, é?

EP – As aulas dele eram divertidíssimas! Ele era muito (*mau?*), era rigoroso, você aprendia ou você tomava bomba mesmo, né? Dr. Lincoln não, dr. Lincoln era uma pessoa mansa... Conheceu o dr. Lincoln, não?

CF – Não, não conheci não.

EP – Dr. Lincoln era uma pessoa mansa... E tinha uma coisa muito engraçada (*rindo*). Quando eu fiz Saúde Pública a gente tinha aula lá no Serviço... lá na... na Resende, né? E o dr. Lincoln tinha um calhamaço, que, depois, a gente descobriu que eram as... as aulas dele, né? Ele tinha tudo...

CF - ... anotado.

EP - ... anotado. E cada vez que ele vinha dar aula ele abria um negócio daquele, tal. Então, eu acho que ele não... ele dava um curso sempre igual, sem nenhuma crítica, né, porque, naquela época, provavelmente, era o único... conhecimento que existia sobre aquilo. Era o Scorzelli...



CF – Ele dava aula de que, de Administração em Saúde Pública?

EP – Ele dava Administração, Administração de Saúde. Scorzelli dava Estatística, né, Bio-Estatística, e... que eu me lembre eram esses dois, que eram os mais antigos, né? Aliás, o Scorzelli, se não me engano, chegou a ser até diretor ou vice-diretor da Escola, uma época, logo no princípio, não foi?

CF – Foi, foi...

EP – Foi sim.

CF - ... foi, logo no início, né? É, eu acho que essas coisas são importantes porque tem... tem um... que a gente fica olhando para a Escola, algumas pessoas que nós entrevistamos chamam a atenção para isso, e a senhora... a senhora reforça essa interpretação, da Escola como um espaço de agregação, né, de união de várias pessoas diferentes, com experiências diferentes, né?

EP – É, é, claro.

CF – Em diversos momentos a Escola, ela é um foco onde ela agrega profissionais, né, diversos, né?

EP – É verdade.

CF – Eu acho que isso é um...

EP – Isso é muito importante.

CF - ... é um... é uma característica importante, é muito peculiar da Escola...

EP – É, é verdade, é.

CF - ... da história (*falam ao mesmo tempo*) da Escola.

EP – Eu disse para você, você tem um leque, né... Por exemplo, eu... eu... eu participava muito no ensino da Escola Ana Néri - já estava na Escola de Saúde Pública - Ribeirão Preto, participei de banca de exame em São Paulo, né, e os outros professores também. Quer dizer, a gente era chamado para bancas na... na UERJ, a gente tinha muita ligação com a UERJ, né, Nelson Morais, que essa época (?) da UERJ, e...

CF – Era uma ponte, né, uma (*falam ao mesmo tempo*).

EP – É. Então, a gente tinha... Era uma beleza, sabe? Acho que o trabalho foi um trabalho muito enriquecedor, tanto para a gente, como para os... os que colaboravam com a gente, né?

CF – É, foi um trabalho pioneiro, né, d. Elza, foi uma coisa (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Foi. Desliga um pouquinho que eu vou... eu vou... (*pausa*). Ela se expandia, mas era para o interior de São Paulo.

CF – A Faculdade de Saúde Pública (*falam ao mesmo tempo*) São Paulo?

EP – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Ela era restrita (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... Ribeirão Preto, por ali, era mais São Paulo. A gente é que ficou na... no Brasil inteiro, né, ficou no Brasil inteiro.

CF – São Paulo se... se deteve dentro do próprio estado, né?

EP – É, em São Paulo, é.

CF – Mas havia uma colaboração?

EP – Muito grande. A gente tinha reuniões com o pessoal de São Paulo, vinham aqui, ao Rio, eles vinham aqui, a gente ia lá, sempre houve.

CF – E a... e o... assim, a metodologia de trabalho, os princípios... normativos, eram...?

EP – Os princípios, eu te digo, os princípios eram os mesmos, agora, metodologia de trabalho, acho que era um pouco diferente, a Escola era mais... mais aberta, mais inovadora, sabe? Acho... acho que a Escola de São Paulo era uma escola mais tradicional. A Escola era muito inovadora, era muito aberta para a inovação, tanto era que a Escola criou um departamento de Ciências Sociais, né? (*rindo*)

CF – Que não tinha em São Paulo.

EP – Que não tinha em São Paulo. Então, era muito aberta para experiências novas... E, falando em experiências novas, houve uma época que nós fizemos no curso, já no curso de Saúde Pública do... daqui do Rio, nós fazíamos estágios fora do... do... do Rio, né, o próprio pessoal daqui do Rio. E, então, tem um... nós fizemos... tem uma experiência... Houve uma época que começou a se falar em regionalização de serviço de Saúde, né? Regionalização para cá, regionalização... Era uma palavra, uma coisa nova, e o secretário de Saúde de... da Paraíba, chamava Propício Caldas, era um cara muito... muito avançado, muito bom, muito... excelente técnico. Ele começou um programa de regionalização dos serviços da Paraíba, e...

CF – Em que ano era isso, a senhora lembra? Em que época que começou essa discussão sobre regionalização?

EP – Ah, não, a época eu não me lembro não.

CF – Sim, mas (*vamos lá?*) (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Mas eu vou me lembrar porque eu... eu tenho... eu tenho... eu tenho aqui, mas depois eu te dou porque... (*para não interromper?*), eu tenho aqui. Então, eu tenho até as fotografias de quando a gente (*foi?*), até mostrei para você as fotografias. Então, a gente... Ele... ele veio para a Escola fazer uma palestra sobre regionalização. Eu soube que ele estava fazendo esse... essa experiência, telefonei para ele (?) tinha disponibilidade (?). Ele veio para a Escola, fez uma belíssima palestra sobre regionalização, o que é que ele estava fazendo, e aí eu perguntei para ele se... se ele... ele topava a gente fazer um estágio do curso de Saúde Pública daquele ano na Paraíba. Ih, ele ficou encantado. (*Eu?*) disse assim: “E aí, como é que fica? A Escola não tem dinheiro para bancar.” Eram, se não me engano, eram trinta e poucos alunos, médicos, enfermeiras. Ele disse: “Olha, não tem problema, vocês arranjam transporte... e a Escola dá o transporte e eu consigo hospedagem lá, e viatura e tudo.” Minha senhora, nós fomos daqui com trinta e tantos alunos, de ônibus!

CF – Até a Paraíba?

EP – Até a Paraíba, e lá nós nos distribuímos, né, foram vários professores com a gente, vários professores. Então, um... Nós percorremos a Paraíba inteira! (?) não vai acreditar nisso, inteira, de carro, de caminhonete. Então, cada grupo ia, né, na... na caminhonete. Ele... ele traçou (*o?*) que ele queria, e nós visitamos todas as unidades que estavam em processo de regionalização.

CF – Interessante.

EP – Foi uma experiência muito boa, muito interessante! E...

CF – Como é que funcionava? Como é que era esse processo (*falam ao mesmo tempo*)?

EP – Processo de regionalização. Você... você tinha uma unidade, geralmente você tinha um hospital, que era o centro da regionalização, o centro, numa época, e esse atendia... atendia uma área determinada em volta dele, né? Entendeu? Bom, então, (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Além do hospital, o hospital era o centro, mas tinha...

EP – O hospital era o centro...

CF - ... mas tinha...?

EP - ... mas tinha unidades, tinha unidades de vários níveis: tinha unidade maior, tinha unidade pequena, tinha unidade apoiada por uma... uma atendente só, sabe? Era isso que a gente queria ver, como isso, na prática, esse negócio estava funcionando. Então, (??), essas... essas meninas ficavam nas unidades, elas desenvolviam algumas atividades simples como vacinação, né, vacinação, problema com as crianças, né, e... e encaminhavam, e tinham um sistema de encaminhamento. Era isso, você partia do mais simples, né, com o pessoal daquela região... O primeiro atendimento era dado ali, depois, essa menina encaminhava para os

vários níveis, até chegar no hospital, quando necessário, né? Então... Você não... você não tem nada lá sobre regionalização não?

CF – Não, deve ter, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Ah, mas é um material riquíssimo para você ver. Bom, então...

CF – E por que a senhora acha que isso começou na Paraíba? A senhora sabe por quê?

EP – Não, ela não começou na Paraíba. O secretário de... da Paraíba... Essa era uma coisa que já vinha da Organização Mundial de Saúde, né?

CF – Ah, tá, era uma proposta da OMS?

EP – Proposta da OMS.

CF – Ah, tá.

EP – E o Propício, ele... eu não sei se ele foi o primeiro, mas ele foi o (*homem?*) que fez na Paraíba inteira! Paraíba é um estado pequenininho, né? Precisava de que para isso? Precisava ter viatura, precisava ter supervisão, precisava ter treinamento de pessoal, né? Então, ele conseguiu fazer esse... E tinha um hospital, se não me engano tinha um hospital chamado (*Patos?*). Eu não me lembro muito bem as localidades, mas nós visitamos todas, todas as unidades, de caminhonete. Então, a gente viajava, às vezes de noite, para ir de uma localidade para outra a gente viajava de noite, né, para não perder tempo. No final a gente teve... no final a gente teve uma reunião enorme com ele. Os alunos colocaram o que é que tinham visto, né, fizeram uma exposição, (*ele?*) (?). Mas foi uma... foi enriquecedora, quer dizer, você pegou a teoria da regionalização e foi ver como é que estava funcionando num estado, né, pequenininho. Mas o Propício, realmente, era um homem...

CF – Muito interessante (*falam ao mesmo tempo*).

EP - ... extremamente inovador, sabe, ele é muito bom. Agora, e disse para a gente: “Olha...” Quando ele saiu acabou o programa. Por quê? Porque o secretário que veio, a primeira coisa que fez foi acabar com as equipes de supervisão. Matou o programa, matou o programa. Tirou as caminhonetes, tirou os carros, que eram importantíssimos, né, para as... para as equipes se deslocarem, acabou com as equipes de supervisão, e aí, lá se foi a (?). Uma experiência muito bem sucedida na Paraíba, eu sei porque eu vi...

CF – (*Que pecado?*)!

EP - ... fiquei lá algum tempo. Até a minha prima, Inês, foi com... foi com a gente também, ela fazia parte do curso. Então, essa... esse foi um estágio que a gente fez, né, totalmente financiado pela Secretaria de Saúde. Olha que colaboração! Ele deu hospedagem para a gente, alimentação, transporte, e um supervisor da... da... da Secretaria, que ia com a gente, entendeu? Então, a gente teve todo o apoio logístico, né, e toda a liberdade para entrar num

hospital, para perguntar o que a gente queria, como era feito o encaminhamento... Essa pessoa que ficava na unidade menor, ela fazia o encaminhamento dos vários níveis, né, até chegar no hospital, os casos... os casos mais graves tinham que ir para o hospital, né? E o hospital lá na localidade pequena também tinha... também tinha contato com o hospital maior de... de... da Paraíba, de João Pessoa, sabe? Então, era uma rede, era realmente uma rede...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*).

EP - ... de atendimento, né, que partia do mais simples até o mais complexo. Isso eu vi.

CF – Funcionando (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Uma experiência maravilhosa!

CF – E isso para os alunos foi uma coisa boa também, né, dona Elza, uma experiência (*importante?*).

EP – Foi muito boa, além de que, além disso, a gente viu muito os costumes da Paraíba, né? De noite tinha forró, tinha não sei o que, tinha fogueira, era uma beleza aquilo ali! E esse foi um estágio que a gente fez que eu considero extremamente importante porque foi em cima de uma experiência, né, (?). Outro estágio que a gente fez com o curso de Saúde Pública... Eu estou falando nos estágios porque eu acho que eram muito importantes (?). Agora não sei se ainda tem nos cursos de Saúde Pública. Nós fizemos um estágio a pedido do ministro da Saúde da época. (?) o nome dele está aqui, (?). Então...

CF – Mas quando, a senhora lembra, não, em que época foi?

EP – Desliga aí que eu vou ver se eu acho. (*pausa*) ... a... a operação, o ministro pediu que a gente fizesse um estágio para... de observação das condições de Saúde da Operação do Serviço de Saúde locais no Amazonas...

CF – Em Santarém, né?

EP – ... fazendo parte da Operação Oswaldo Cruz. Então, nós fomos... foram quatro grupos. Um grupo foi comigo para Santarém.

CF – Em 71, isso, né...

EP – (*falam ao mesmo tempo*) 71.

CF - ... novembro de 71, né?

EP – Exatamente. Tinha o Paulo... o Paulo...

CF - ... Sabroza.

EP - ... Sabroza, era meu aluno, e Margarida, Luísa, (*Neuza?*), quer dizer, eu fui com esse grupo aqui para Santarém. Passamos uma semana... uma semana lá, acho que foi mais de uma semana fazendo um estudo das condições de lá.

CF – Quer dizer, na... na região da estrada Transamazônica?

EP – É.

CF – Era estágio de observação das condições de Saúde e da operação dos serviços de Saúde locais?

EP – Operação dos serviços de Saúde locais.

CF – Quer dizer, era uma avaliação, né?

EP – (*falam ao mesmo tempo*) ... Nessa época estavam construindo a Transamazônica, né, e... (*interrupção na fita*)

### Fita 10 - Lado A

EP – (*Esse?*)...

CF - ... estava vendo que aí, o da Paraíba foi em 1972, é isso, o estágio?

EP – É, foi esse que nós vimos?

CF – Foi, que a senhora viu aí, né? O da Amazônia é de... de 71 (*folheando páginas*) e o da Paraíba foi 72, né?

EP – 72, Paraíba, 72. (???)

CF – Como é que foi a...

EP – Não, esse outro foi um pedido do ministro...

CF – E como é que foi essa experiência, essa estada em Santarém?

EP – Essa aí, nós ficamos na... em Santarém durante uma semana ou duas, não sei. Nós viajamos daqui em avião da FAB... Está ligando?

CF – Está ligado.

EP – Nós viajamos daqui em avião da FAB, e, como a gente ia para o Amazonas, o... tinha um cidadão chamado Coronel (?) (*Ramos?*), (?) Ramos, é, ele disse que a gente precisava

levar uma quantidade enorme de coisas para lá porque lá não tinha luz, não tinha isso, não tinha aquilo. Então, nós levamos uma porção de coisa, vela, vela, porque disse que lá não tinha luz. Fizeram um espanto para a gente da região de... de Santarém. Bom, então, em Santarém nós... nós fizemos um estudo sobre...

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

EP - ... as condições, as condições de serviços locais, que não tinha quase nada, né, mas que o mais importante foi o estudo do... do estado de nutrição das crianças de Santarém. Você conhece Santarém?

CF - Não, não conheço não.

EP - Hoje em dia deve estar muito diferente. Então...

CF - Quando a senhora chegou lá realmente era... não tinha luz, não era... era...?

EP - Não, conversa fiada. A gente não precisou usar vela, a não ser na volta da viagem de avião.

CF - Eles exageraram?

EP - Exageraram. Levamos coisas, levamos uma bagagem enorme...

CF - ... sem necessidade.

EP - Até, no dia da viagem, o avião estava tão sobrecarregado que... que eu falei para o dr. Furtado: “Olha, eu... nós vamos não nesse avião não. Não vou sair daqui com um bando de aluno com esse avião que eu vi (*tosse*) o piloto dizer que o avião estava superlotado.”

CF - Nossa, d. Elza! E aí?

EP - Aí tiraram uma boa parte das coisas para a gente poder viajar e as coisas seguiriam num avião a seguir. Bom, então, nós fizemos (*isso?*) em Santarém, nós visitamos vários domicílios, (*que é uma coisa?*) impressionante aquelas casas naquela região. Geralmente as casas não tinham nenhum equipamento doméstico, tinham uma rede na parede, pendurada num negócio, né, não tinha mesa, não tinha cadeira, a maioria da população muito pobre, mas muito pobre mesmo, né? Tinha o quê? Cozinhava num... numa trempezinha no chão... Era uma coisa muito... Como é? ... muito...

CF - ... precária.

EP - ... precária, muito precária mesmo. Mas o povo nos recebeu muito bem, né, a população nos recebeu muito bem. E a gente fazia... levava balança para pesar as crianças, para medir perímetro cefálico, isso para ver a parte de... basicamente de nutrição.

CF – Mas vocês foram com alguém da Secretaria de Saúde de lá? Como é que era (*falam ao mesmo tempo*), foram...?

EP – Não (*rindo*). Houve, naturalmente que houve um contato com a Secretaria, mas nós fomos...

CF - ... sozinhos?

EP - ... eu e os alunos. Bom, e... bom, aí a gente fazia... Uma coisa que eu achei interessante nesse estudo é que a gente verificou que as crianças de lá, apesar da pobreza, tudo descalço, não tinham... não tinham desnutrição. Aí (*começamos a pensar?*): “Por que é que esse pessoal não tem desnutrição? Como é? Aqui não tem leite.” Não tinha leite, então, era (??). A gente começou a ver o que eles comiam. Eles comiam mingau de farinha de mandioca com peixe, peixe!

CF – Muito (?).

EP – As crianças comiam peixe todo dia. Desde pequenininho, depois que ela, (*a mãe?*), (*desamamentava?*), ela fazia esse mingauzinho com farinha de mandioca e peixe, peixe cozido, bem misturadinho, né? Então, não tinha criança com desnutrição num quadro de pobreza como aquele, né, porque lá... a maior riqueza lá era peixe, o pessoal comia peixe. Mas foi muito engraçado.

CF – Interessante, né, dona Elza, isso.

EP – Muito interessante. Agora, eu não sei onde ficou esse relatório. A gente fez o relatório...

CF – Agora...

EP – Eu não sei se mandaram para o ministro... Nós não temos cópia do relatório.

CF – Talvez tenha na documentação (*da ENSP?*), né...

EP – Talvez tenha, é.

CF – ... é uma coisa que a gente pode localizar. Agora, a pesquisa foi só sobre condições... de Saúde...?

EP – De Saúde e Saneamento, mesmo porque serviço não tinha lá.

CF – Mas só do que, das crianças, não?

EP – Não, não...

CF – Da população em geral?



EP - ... a gente (*via?*) de um modo geral. A população, de um modo geral, tinha boa aparência porque... Você só podia pesar criança, né, que pesava naquela balancinha, mas os adultos tinham uma aparência boa. Por quê? Por causa da alimentação, que era, basicamente, farinha de mandioca, os frutos da... da região, né: açaí, tinha açaí, tinha pupunha, aqueles frutos regionais...

CF – Fortes, né, são...

EP - ... coisas (*alimentícias?*), e peixe. Agora, as pessoas cheiravam a peixe, as crianças cheiravam a peixe. (*rindo*) Impressionante, né, (?). Mas foi... esse foi um estágio também muito importante que nós fizemos lá. Nós voltamos... Nós fomos num avião da FAB e... O Cynamon foi com outro grupo num lugar... num lugar cujo nome eu não me lembro, sei que eram quatro grupos. Eu fui com um grupo (*tosse*).

CF – Ah, nessa mesma época?

EP – Na mesma época.

CF – Ah, cada um foi com um grupo para uma região?

EP – É, uma região...

CF – Ah, tá, (*falam ao mesmo tempo*).

EP – ... mas lá na Amazônia. A gente chegou a andar na mata, né, ver o negócio da... da construção mesmo, batalhão do Exército que estava lá trabalhando. Esse... Me marcou muito esse estágio porque a gente estava no... nós tínhamos ido ver um acampamento dos soldados - tinha muita malária nessa região dos acampamentos - e... e o comandante lá estava ouvindo rádio. De repente, ele falou assim: “Ih, vocês são do Rio?” “Nós somos do Rio.” “Acaba de cair o elevador da Paulo de Frontin.” Estava sendo construído, né? Foi exatamente nesse dia, a gente estava lá, no meio da Amazônia.

CF – A senhora lembra bem?

EP – É, eu me lembro muito bem. Então, os soldados... lá eles tinham ordem de ficar... de não ficar fora da barraca de noite, né, por causa do mosquito. E lá, anoitecia, o mosquito era uma coisa terrível lá!

CF – Mas onde a senhora estava, em Santarém, também tinha?

EP – Não, estava... em Santarém a gente estava hospedado... Ah, verdade, em Santarém tinha um hospital do SESP, tinha uma... tinha uma unidade mista do SESP, agora que (*me?*) lembrei, e nós ficamos hospedados lá porque lá tinha uma casa de visitadora...

CF – Ah, tá.

EP - ... uma casa em que eles faziam o curso de visitadora, de auxiliares, para aquela região, então, a gente ficou hospedado lá. E a gente comia lá, também, no hospital. O hospital era bom, (?) de bom padrão, mas eu já tinha me esquecido disso, (*passou assim?*). Então, era o único serviço que tinha lá, era a unidade mista de Santarém, mas tinha tudo que era preciso, né?

CF – E lá também tinha incidência de malária, alta, em Santarém?

EP – Tinha malária, mas lá no Interior.

CF – Só lá para dentro?

EP – Só nesse... lá para dentro, mas no (?) não tinha...

CF – Quer dizer...

EP - ... graças a Deus. Mas, quando a gente viajou a gente teve que tomar uma porção de medicamento: vacinas e mais vacinas, quinino, né?

CF – Ah, é?

EP – Esse... esse estágio foi um estágio muito rico, muito bom também. Que eu me lembre, esses dois me marcaram muito, que a gente...

CF – Quer dizer, o estágio da Paraíba e o estágio da... de Santarém?

EP – O que eu me lembro, (???) (*mais?*). Bahia a gente foi uma vez... Aí, assim que a gente contou com todo o apoio, né, apoio administrativo, apoio logístico... O Ministério da Saúde botou a gente num avião da FAB que não tinha nem banco, era aquele avião que tinha do lado, né? Eu te contei essa história, que o avião caiu?

CF – Não!

EP – Não, caiu não. (*risos*) Nós vínhamos, na volta, já da...

CF – Voltando de Santarém?

EP – É, de Santarém. Nós vínhamos... A gente vinha em plena Floresta Amazônica, uma chuva danada, né, aquele vento...

CF – Ai, d. Elza!

EP - ... o avião: *tum tum tum*. E eu vinha sentada ao lado do Paulo Sabroza, né, (*no?*) banquinho, (?) (*janela?*). E os outros alunos estavam... uma porção de alunos se enrolaram no cobertor e estava deitados, porque a gente tinha levado cobertor também, deitados no chão do avião. De repente, eu olhei para o lado, assim, e vi aquela carlinga do avião... Não tem um

negócio que cobre o motor? Fazia assim: ‘*puf puf*’. Falei: “Paulo, esse avião vai cair!” Ele falou: “O que é isso, dona Elza, estou cansado de viajar de avião, já cansado de ver... de ver isso.” Eu digo: “Olha, você nunca viajou mais de avião do que eu. Eu nunca vi isso! Vai acontecer alguma coisa. Fica quieto.” Daqui a pouco veio o sargento lá. Mandou todo mundo que estava deitado no chão se sentar e botar cinto de segurança, que a gente estava procurando um lugar para pousar que o avião estava com problema. Uma coisa muito engraçada: a gente tinha freira no ... no grupo, tinha uma freira... Nós tínhamos levado vela, eu te falei, né? Aí a freira foi lá... Foi tão engraçado! Ela pegou e ficou entregando uma vela para cada um de nós, né? Aí foi uma risada geral. Aí quebrou (*risos*)... quebrou aquele gelo, né? Todo mundo estava apavorado, mas aí...

CF – A tensão, né?

EP – É, a tensão. Mas, com a vela da freira todo mundo caiu na risada. Aí o piloto avisou a gente que ele ia descer. Consegui descer numa cidadezinha que ficava já, acho que era em Minas Gerais, mas bem encostando lá com... com aquela... aquela mata na... Aí, descemos, o avião conseguiu pousar normalmente, todo mundo estava inteiro, não aconteceu nada, né. Mas, do lado de fora (*rindo*), a gente olhou para (?), estava cheio de... tinha ambulância do lado de fora, esperando o avião. A população da localidade estava toda em volta esperando o avião cair. Foi engraçadíssimo.

CF – Nossa, d. Elza!

EP - Aí a gente ficou lá. O avião não pôde subir, estava... tinha fundido o motor, né?

CF – Nossa mãe!

EP – Se aquele negócio é 15 minutos antes ele tinha caído na mata.

CF – (*Não ia?*) (*falam ao mesmo tempo*).

EP – Aí deu tempo de chegar, né? E aí a gente ficou lá, dormiu lá num hotelzinho que tinha, e voltamos, nós voltamos de... de ônibus daquela região (*falam ao mesmo tempo*)...

CF – Ah, tá, lá do Norte de... de (*Minas?*)?

EP – É, lá de Minas. Passamos por Belo Horizonte... Aí foi um tal de tentar ligar para a família porque a gente tinha avisado à família, né, que a gente ia (?) naquele dia. Mas, no fim, deu tudo certo, não... ninguém morreu, né?

CF – (*falam ao mesmo tempo*), né? (*rindo*)

EP - Foi uma aventura, foi mais uma aventura.

CF – É, que faz parte, né, da (*falam ao mesmo tempo*).

EP – É, faz parte da vida. Mas foi isso aí.

CF – Ah, que bom, dona Elza. Tem mais alguma... algum estágio, assim, que a senhora lembre, alguma história desse período?

EP – Não, acho que não, acho que, basicamente... O que eu queria lembrar mesmo era a parte dos estágios, que (?), que eu acho que era importante. E os alunos também faziam estágio lá em Jacarepaguá, os alunos daqui, isso você sabe.

CF – É, isso a senhora contou para a gente, (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – É.

CF - ... Samuel Libânio, né?

EP – Os alunos daqui faziam e...

CF – Eu acho que isso é uma...

EP - ... da Escola... da... do Serviço de Tuberculose as alunas todas faziam estágio lá... As alunas não, as enfermeiras de lá faziam estágio lá...

CF – Lá na...

EP - ... para ver como era um serviço integrado, né, porque elas trabalhavam só em tuberculose, só para ver como funcionava um serviço integrado.

CF – Ah, faziam no Samuel Libânio?

EP – É. E eu gostaria muito que você conversasse com a Ieda. Vou tentar conseguir o telefone dela.

CF – É Ieda... Como é o nome dela todo, dona...?

EP – É Ieda Barreiro e Castro.

CF – Barreiro e Castro.

EP – Hoje em dia ela é professora da Escola Ana Neri, e ela também tem boas lembranças de... de Samuel Libânio.

CF – Ah, eu vou lá, eu vou conversar com ela. E eu acho que isso é importante (*falam ao mesmo tempo*).

EP – É, e eu vou... vou telefonar para ela para dar o (?) endereço para você, que eu não tenho.

CF – Tá, tá. Eu acho que ficou... fica... Eu achei bom, d. Elza, a gente poder lembrar um pouco dessa... dessas... dessas experiências porque eu acho que fecha, né, a trajetória, toda... tudo... toda nossa conversa, né?

EP – É, acho que sim.

CF – Acho que é um bom... é um bom fechamento para... para a história da Escola...

EP – É, eu acho.

CF - ... chamando a atenção para isso, que eu acho que é um... uma característica importante no trabalho da Escola de Saúde Pública, né?

EP – É, também acho.

CF – É... é o contato, a preocupação de ter um contato direto com a realidade brasileira...

EP – É, *(falam ao mesmo tempo)*.

CF - ... com as condições de vida da população. Eu acho que isso é uma... né?

EP – Com as várias instituições, né, a gente sempre trabalhou junto com as instituições.

CF – Um espírito agregador, né, *(que todo mundo fala?)*, então, acho que isso é uma coisa...

EP – É, é formidável. A Escola...

CF - ... importante, que eu acho que... acho que a gente fecha essa entrevista de uma maneira bonita, acho que é uma coisa...

EP – É, tá bom.

CF - ... fechando, destacando uma...

EP – Tá bom.

CF - ... um aspecto... Queria agradecer muito à senhora.

EP – Não tem nada que me agradecer...

CF – A nossa conversa foi muito boa, né?

EP – ... foi um prazer.

CF – A senhora tem uma experiência de vida muito rica, né...

EP – Ah, é verdade.

CF – ... tem muita coisa. Se a gente for pegar seu currículo aqui, a gente... (*rindo*)

EP – Tem muito, (*não fala?*), a gente não acaba hoje, nem hoje nem amanhã, nem nunca.

CF - ... (*falam ao mesmo tempo*), nem nunca (*rindo*), né, mas tem muita coisa boa.

EP – Uma coisa interessante, isso aqui pode... você pode desligar (?). Eu fui eleita para o Conselho Nacional de Enfermagem quando eu estava na ENSP ainda, e dr. (?) me liberou para todas as reuniões que eu precisasse, e viagens e tudo. Não é formidável isso?

CF – Para participar das reuniões como representante do Conselho de Enfermagem?

EP – Que eu era do Conselho. Eu saía da Escola... eu... Naquela época a gente tinha carro, eu saía da Escola, (*eu?*) tinha carro, e o... e o Conselho era lá no Largo da Glória. Eu saía da Escola às 5 horas, ainda ia para o Conselho para dar expediente lá. (?) mas para mim foi uma experiência também genial. Fui durante 6 anos conselheira do Conselho Federal de Enfermagem. Quer dizer, você vê que você tem, né, experiências as mais variadas. Isso era muito bom também.

CF – (*falam ao mesmo tempo*).

EP – E a Escola... Eu acho que uma coisa muito positiva da Escola era a participação da Escola nas Conferências Nacionais de Saúde, sempre, sempre a Escola se fez representar. A Escola, desde o tempo do dr. Blois... É muito bom.

CF – Sempre esteve atuante, né, quer dizer, a Escola sempre esteve presente (*falam ao mesmo tempo*)...

EP – Sempre, sempre...

CF - ... importantes, é.

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*) esses eventos, a Sociedade Brasileira de Higiene antes, né, depois, a ... a (?) Nacional de Saúde... Muita colaboração com o Ministério da Saúde também, em todas as áreas... Foi muito bom, valeu enquanto... enquanto durou (*risos*).

CF – Durou bastante, né, d. Elza?

EP – Durou, durou bastante...

CF – (*fala ao mesmo tempo*), né?

EP - ... (*falam ao mesmo tempo*) 50 anos!

CF – Não, e a senhora até hoje está lá, né, está na Fiocruz, está indo, tem reunião, *(falam ao mesmo tempo)*, né?

EP – Ah, eu estou lá na área, estou lá na... no... na (*SFOC?*). Na SFOC não, estou na (*UNIFOC?*), né? Aliás, hoje... Desliga aí. *(falam ao mesmo tempo)*...

CF – *(falam ao mesmo tempo)*.

EP - ... hoje eu tenho uma reunião lá. *(interrupção na fita)*

\*A fita 10 não foi gravada integralmente (aproximadamente 15 minutos do lado A).